

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM GEOGRAFIA - PPGG**  
**NÚCLEO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA**  
**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

## **Lugar e Memória:**

uma poética de Porto Velho em Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba



Tiago Lins de Lima

Dr. Josué da Costa Silva

**Porto Velho/RO**

**2017**

**TIAGO LINS DE LIMA**

**Dissertação de mestrado para defesa apresentado ao Programa de Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG da Universidade Federal de Rondônia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia.**

**Linha de Pesquisa: Território, Representações e Políticas de Desenvolvimento – TRPD.**

**Orientador: Prof. Dr. Josué da Costa Silva**

**Porto Velho/RO**

**2017**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Fundação Universidade Federal de Rondônia  
Gerada automaticamente mediante informações fornecidas pelo(a) autor(a)

---

L732I Lima, Tiago Lins de.

Lugar e Memória:: uma poética de Porto Velho em Ernesto de Melo e a  
Fina Flor do Samba / Tiago Lins de Lima. -- Porto Velho, RO, 2017.

235 f. : il.

Orientador(a): Prof. Dr. Josué da Costa Silva

Dissertação (Mestrado em Geografia) - Fundação Universidade Federal de  
Rondônia

1. Musica. 2. Lugar. 3. Memória. I. Silva, Josué da Costa. II. Título.

CDU 82-1(811.1)

---

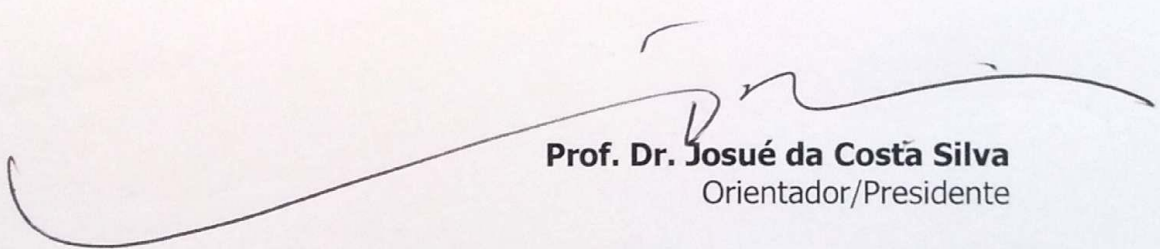
Núcleo de Ciências Exatas e da Terra  
Departamento de Geografia  
Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG/UNIR

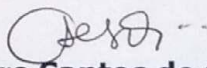
## **ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

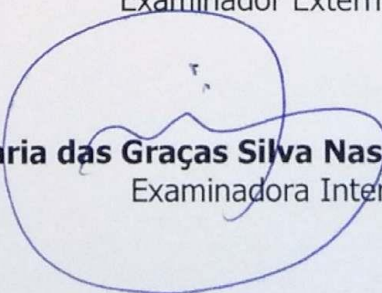
### **Tiago Lins de Lima**

A Banca de Defesa de Mestrado presidida pelo Orientador e Presidente **Prof. Dr. Josué da Costa Silva** e constituída pelos examinadores: **Prof. Dr. Alexandre Santos de Oliveira** – Examinador Externo/IFRO e **Profa. Dra. Maria das Graças Silva Nascimento Silva** – Examinadora Interna/PPGG/UNIR, reuniram-se no dia 15 de setembro de 2017, às 14h30min no Auditório Milton Santos/CEGEA/UNIR/Bloco 1T, para avaliar a dissertação de mestrado intitulada: **"Lugar e Memória: uma poética de Porto Velho em Ernesto de Melo e a Fina Flor do Samba"** do mestrando **Tiago Lins de Lima**, matrícula 201520120. Após a explanação do pós-graduando e arguição pela Banca Examinadora, a referida **DISSERTAÇÃO** foi avaliada e de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Programa de Pós-Graduação em Geografia foi considerada APROVADO. O candidato terá o prazo de até 90 dias para fazer as correções sugeridas pela banca e entregar as cópias definitivas de sua dissertação, sob pena de invalidação, pelo Colegiado, do processo de Defesa, conforme preceitua o § 3º do artigo 83 do Regimento Interno do PPGG, uma vez que o curso só finaliza com a entrega da Dissertação revisada.

Porto Velho-RO, 15 de setembro de 2017.

  
**Prof. Dr. Josué da Costa Silva**  
Orientador/Presidente

  
**Prof. Dr. Alexandre Santos de Oliveira**  
Examinador Externo/IFRO/Calama

  
**Profa. Dra. Maria das Graças Silva Nascimento Silva**  
Examinadora Interna/PPGG/UNIR

**Dedico este trabalho aos amigos da Fina Flor do Samba, que contribuem para manter vivo o samba, a memória e o desejo de uma cidade melhor.**

**“Se a Geografia como realidade é o ‘lugar’ da história, uma persistência que ultrapassa o acontecimento, as geografias como concepções do mundo circundante são testemunhos de épocas sucessivas onde elas eram a imagem admitida da Terra” (Eric Dardel).**

## **AGRADECIMENTOS**

A meus pais, Necy Maria da Silva Lins e Raimundo Jorge de Lima, por terem me ensinado, com palavras e exemplos, o caminho do bem.

A minha esposa, Xênia de Castro Barbosa e a minha filha, Sofia de Castro Lins, pela paciência e ternura.

Ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia, pelo acolhimento da diversidade.

Ao professor Josué da Costa Silva, pelas orientações, conversas e livros, todos fundamentais para este trabalho e para meu desenvolvimento como pessoa.

Aos professores, amigos e amigas que caminharam a meu lado ao longo do Mestrado, compartilhando alegria e conhecimentos.

**RESUMO:** Lugar e Memória: uma poética de Porto Velho em Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba teve como objetivo geral dar visibilidade a uma poética da cidade de Porto Velho a partir de nuances da obra de Ernesto Melo, um dos maiores nomes do samba amazônico. A hipótese, confirmada, foi de que a música produzida por Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba é uma forma de edificar como “monumentos da memória” os lugares de Porto Velho que foram marcantes nas experiências individuais e coletivas do grupo. A pesquisa foi desenvolvida com base no método Fenomenológico, utilizou-se de ferramentas e procedimentos da Análise do Discurso do Sujeito Coletivo, da História Oral e da Semiótica através das letras de músicas. Fundamentou-se, teoricamente em autores como Tuan (1983, 2012), Tatit (2001, 2010), Nora (1993), Von Simson (2000) e Kozel *et al* (2007). Como resultado, temos que Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba posicionam-se como o mais fértil grupo de samba da cena urbana de Porto Velho. Este samba, embora marginal em relação à produção nacional, é central para a preservação de uma história e de uma geografia da memória relativa à capital do Estado de Rondônia.

**Palavras-chave:** música; lugar; memória.



**RÉSUMÉ:** La place et la mémoire: une poétique de Porto Velho en fleur Ernesto Melo et Fina Samba visant à donner une visibilité à une poétique de la ville de Porto Velho de nuances de travail Ernesto Melo, l'un des plus grands noms de samba Amazon. L'hypothèse a été confirmée, c'était que la musique produite par Ernesto Melo et Fina Samba fleur est un moyen de construire des 'monuments de mémoire' du Vieux-Port de places qui ont été marqués dans les expériences individuelles et collectives du groupe. La recherche a été développée sur la base de la méthode phénoménologique, nous avons utilisé les outils et les procédures du sujet collectif Analyse du discours de l'histoire orale et Sémiotique à travers les paroles. Elle était fondée théoriquement sur des auteurs tels que Tuan (1983, 2012), Tatit (2001, 2010), Nora (1993), Von Simson (2000) et Kozel et al (2007). En conséquence, nous devons Ernesto Melo et Fina position de Samba de fleurs eux-mêmes comme les plus fertiles du groupe de samba scène urbaine de Porto Velho. Cette samba, bien que marginale par rapport à la production nationale, est essentielle à la préservation d'une histoire et une géographie de la mémoire sur la capitale de l'état de Rondonia.

**Mots clés:** Música, lieu, memoire.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

DSC – Discurso do Sujeito Coletivo

EMBRATEL – Empresa Brasileira de Comunicações

H.O – História Oral

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MPB – Música Popular Brasileira

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de localização de Porto Velho	p. 27
Figura 2 – Quadrado Semiótico – Tradição X Modernidade	p. 45
Figura 3 – Quadrado Semiótico – Morte X Vida	p. 52
Figura 4 – Quadrado Semiótico – Tradição X Modernidade 2	p. 57
Figura 5 – Quadrado Semiótico - Presença X Ausência	p. 64
Figura 6 – Quadrado Semiótico - Presença X Ausência	p. 70
Figura 7 – Quadrado Semiótico Tradição X Modernidade	p. 209
Figura 8 – Mapa do samba em Porto Velho, 2017.	P. 219

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 01 – Instâncias de enunciação e conceitos-chave da Análise Semiótica a partir de Letras de Música.	p. 32
Quadro 02 – Musicografia de Ernesto Melo, 2016	p. 40
Quadro 03 – Síntese das entrevistas, 2016	p. 194

## Sumário

APRESENTAÇÃO.....	1
INTRODUÇÃO.....	6
CAPÍTULO 1. GEOGRAFIA CULTURAL: O ESTADO DA ARTE.....	9
1.1 A Geografia Cultural no Brasil.....	11
1.2 A música nos estudos geográficos.....	15
CAPÍTULO 2: REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	25
2.1 Considerações sobre o Método.....	25
2.1.1 A Coleta de dados.....	26
2.1.2 A Análise dos dados.....	29
2.2 Aportes teóricas.....	33
CAPÍTULO 3. A MUSICOGRAFIA DE ERNESTO MELO E A FINA FLOR DO SAMBA.....	40
3.1 Análise semiótica da canção “Exaltação ao Triângulo”.....	43
3.2 Análise semiótica da canção “Arigolândia”.....	51
3.3 Análise Semiótica da Canção “Porto Velho do Guaporé”.....	56
3.4 Mercado Central, o clipe.....	63
3.5 Porto Velho, meu denço.....	69
CAPÍTULO 4. AS HISTÓRIAS DE VIDA E O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO.....	74
4.1 HISTÓRIAS DE VIDA.....	74
4.1.1 HISTÓRIA DE VIDA DE ERNESTO MELO.....	74
4.1.2 HISTÓRIA DE VIDA DE ÊNIO RICARDO.....	84
4.1.3 HISTÓRIA DE VIDA DE HERNANDES SALES GUERRA (PADOCA).....	93
4.1.4 HISTÓRIA DE VIDA DE SIRNEI DA SILVA FERREIRA (BARNEY).....	103
4.1.5 HISTÓRIA DE VIDA DE ÊNIO MELO.....	118

4.1.6 HISTÓRIA DE VIDA DE BETO RAMOS .....	133
4.1.7 HISTÓRIA DE VIDA DE ORISMILDE MIRANDA (KABEÇA).....	150
4.1.8 HISTÓRIA DE VIDA DE WILIAM COIMBRA .....	166
4.1.9 HISTÓRIA DE VIDA DE FRANCISCO LOBO .....	176
4.1.10 HUDSON MAMEDES .....	182
4.2 O Discurso do Sujeito Coletivo .....	194
4.2.1 Discurso de Ernesto Melo .....	195
4.2.2 Discurso de Ênio Ricardo.....	196
4.2.3 Discurso de Hernandes Sales Guerra (Padoca) .....	197
4.2.4 Discurso de Sirnei da Silva Ferreira (Barney) .....	199
4.2.5 Discurso de Ênio Melo.....	200
4.2.6 Discurso de Beto Ramos .....	201
4.2.7 Discurso de Orismilde Miranda (Kabeça).....	202
4.2.8 Discurso de Willian Coimbra.....	203
4.2.9 Discurso de Francisco Lobo .....	204
4.2.10 Discurso de Hudson Mamedes .....	206
4.2.11 O Discurso do Sujeito Coletivo“Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba” ..	207
4.3 Análise Semiótica do Discurso do Sujeito Coletivo .....	208
CAPÍTULO 5. Uma poética de Porto Velho em Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba .....	214
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	224
REFERÊNCIAS .....	228

## APRESENTAÇÃO

Sou Tiago Lins de Lima, nasci em Porto Velho e aqui constituí família e amigos, pessoas que compartilham comigo do ideal de um mundo melhor. Como portovelhense, aprendi a amar esta cidade, suas formas, seu rio, sua gente, amor que não impede de criticar determinados aspectos de sua cultura, como a passividade, o medo do novo e a forma como se comporta nos momentos de decisão política...

Trabalho como analista de tecnologia da informação no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, pai da Sofia e, nas horas vagas, sou musicista. A música sempre esteve presente na minha vida. Sou de família grande, onde mesmo o almoço mais simples se torna uma festa, devido a quantidade de pessoas, a alegria do convívio e as músicas que animam esses encontros cotidianos. O forró introduzido na família por meu avô nordestino se mistura ao samba, apreciado por minha avó afrodescendente, com as *disco dance* que minha mãe e minhas tias curtiam na juventude e o rock e a MPB que agradam a mim e a meus primos mais jovens, para mencionar alguns dos gêneros e estilos que ecoam em nossa casa.

O caminho que me trouxe à geografia foi também um caminho bastante musical. Há quase 10 anos, desde sua reabertura frequento o Mercado Cultural, no centro da cidade de Porto Velho e assisto às apresentações do grupo musical Ernesto Melo e a Fina Flor do samba. A qualidade das músicas: letra, melodia, arranjos sempre me agradou e também me alegrava ver a amizade entre os senhores integrantes do grupo, velhos amigos se divertindo descontraidamente nas noites tropicais de Porto Velho.

Um dos aspectos que mais me chamou a atenção na obra de Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba foram às referências à geografia do lugar. A obra se apresenta como um passeio pela cidade antiga, indicando os pontos onde as transformações urbanas foram mais intensas e apresenta em tom afetivo as memórias desses lugares. Essa geografia do lugar, apresentada por meio do samba me encantou e pensei comigo: se um dia eu for fazer um mestrado, quero estudar este tema.

O plano de ingressar no mestrado me parecia distante, em virtude do tema desejado e da minha área de formação (tecnologia de informação), mas a inquietação era tanta que criei coragem e escrevi o projeto para concorrer ao edital de seleção para ingresso no programa de Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia, no qual fui aprovado sob orientação do Prof. Dr. Josué da Costa Silva, com quem divido o resultado final do trabalho. O professor Josué criou as condições para que este trabalho fosse possível: me guiou com suas orientações, compartilhou livros, apresentou teorias e métodos, me deu liberdade para pensar e escrever. Desde que ingressei no Programa de Mestrado o que mais tenho feito são observações em campo, leituras sobre geografia cultural, geografia e música e o ensaio de textos sobre o assunto, que culminaram na dissertação aqui apresentada.

As disciplinas cursadas foram de vital importância para o processo de formação e construção do conhecimento, fornecendo base epistemológica para as discussões sobre o fazer e pensar a ciência geográfica, fornecendo um caminho teórico-metodológico fortemente marcado pelas contribuições de Husserl, Dardel e Bachelard, dentre tantos outros, fundamentais para o processo de construção desta dissertação.

A disciplina de Epistemologia da Geografia possibilitou aprendizagem significativa acerca dos fundamentos e desenvolvimento deste campo do saber. Na ocasião pude aprofundar leituras, conhecer os diversos métodos geográficos e reorganizar meu projeto de pesquisa.

A disciplina de Geografia e Gênero proporcionou o contato com as pesquisas desenvolvidas pelas colegas do mestrado que estudam o tema das relações de gênero, bem como conhecer relevantes estudos geográficos envolvendo as categorias gênero, mulher, e as diversas formas de violência que atingem as representantes desse gênero.

Ao cursar a disciplina de Populações amazônicas e Sustentabilidade tive um lindo encontro com o universo da cultura indígena, visitando a terra do povo Parintintin e pude perceber o importante papel que os povos tradicionais exercem para preservação da Amazônia. A disciplina resultou na publicação de um livro intitulado “Uma viagem ao mundo dos *Pykahu*-Parintintin: olhares, percepções e sentidos” (SILVA, *et. Al*, 2017).



Durante o período de curso, além das disciplinas e atividades de campo referentes à pesquisa, participei do Grupo de Estudos e Pesquisas em Culturas Amazônicas (GEPcultura), contribuindo com a criação de um site na internet para o grupo, com o endereço [www.gepcultura.org.br/site](http://www.gepcultura.org.br/site) e o registro fotográfico e audiovisual dos eventos relacionados ao grupo e ao período no período.

Por meio do GEPcultura participei da II Expedição Transamazônica, quando percorremos no ano de 2015, por estrada, a distância entre os municípios de Porto Velho-RO e Santarém-PA, com o objetivo de observar os processos de transformações e impactos na floresta e às populações amazônicas, como o povo Tenharim que possui suas terras cortadas pela estrada e as manifestações culturais da região.

O trabalho de campo na Transamazônica foi enriquecedor para minha formação. Com esse campo tomei contato com uma cultura amazônica rica e diversa, solidária e resiliente, capaz de transformar as adversidades em seiva de vida. Conheci homens e mulheres fortes: pescadores, agricultores, ribeirinhos, artesãs talentosas e mães dedicadas, músicos exímios e crianças inteligentes, que nos fazem ter esperança de um futuro mais harmonioso entre o homem e o meio ambiente. Descobri que na Transamazônica todo mundo se ajuda, e que essa ajuda é fundamental para que todos cheguem a seu destino.

Essa atividade resultou em artigo sobre o Espanta Cão, grupo musical tradicional da cultura santarena. O texto, intitulado “Espanta Cão, uma Leitura Geográfica” será publicado em livro sobre a expedição, que está em fase de cotação com editoras para publicação.

Participei da organização do “Seminário de Práticas tradicionais e os Saberes da Floresta”, ocorrido nos dias 19 e 20 de abril de 2016, na Universidade Federal de Rondônia – UNIR. O evento teve o objetivo de promover o conhecimento das práticas tradicionais de cura em saúde, através de experiências desenvolvidas por sabedoras e sabedores dessas práticas, como rezadeiras e rezadores, parteiras, erveiras e erveiros e pajés.

Também colaborei na organização do V Seminário Regional Norte-Nordeste de Pós-Graduação em Geografia (SERNNE), que ocorreu entre os dias 25 e 28 de maio de 2016. Particpei do XVIII Encontro Nacional dos Geógrafos – a Construção do Brasil: geografia, ação política e democracia, que ocorreu na cidade de São Luiz – MA entre os dias 24 e 30 de julho de 2016, quando apresentei o trabalho intitulado Geografia e Música: uma análise geográfica em Porto Velho, que foi publicado nos anais do evento.

Particpei do V Cepial, na Colômbia: denominado Mingas pela paz, bem viver e não violência que ocorreu entre os dias 20 a 23 de junho de 2017, na cidade de San Juan del Pasto, Departamento de Nariño, Colômbia, que buscou promover encontros de saberes e diálogos interculturais que mobilizem reflexões e processos que aportem processos de paz, o pós-conflito e o bem viver.

Para o encontro Cepial foi aprovado o trabalho intitulado: “El “Espanta Cão”: una lectura geográfica”, traduzido ao espanhol, em que abordo a relação do processo de colonização da Amazônia, miscigenação dos povos da Amazônia e o europeu colonizador bem como a miscigenação das culturas que influenciaram na produção musical, estilos, utilização e produção de instrumentos musicais utilizados nas festas religiosas e demais manifestações culturais.

No mês de julho de 2017 tive um artigo publicado junto com meu orientador na revista *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, intitulado de “Geografía e Música: notas introdutórias do Samba em Porto Velho-RO”, que pode ser acessado no endereço: <http://www.eumed.net/rev/cccs/2017/03/samba-portovelho.html>.

Realizei estágio docente no primeiro semestre de 2017, auxiliando meu orientador Prof. Dr. Josué da Costa Silva na disciplina de teoria em métodos em geografia, ministrada ao 3º período do curso de graduação em Geografia na Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

Esta dissertação apresenta o meu caminho de aprendizagem geográfica e nesse caminho posso dizer que fui feliz. Fiz o melhor estudo que poderia fazer, com um trabalho de campo agradável e músicos excelentes, que compreenderam a proposta de pesquisa e colaboraram com ela. Ouvi boa música, vivenciei intensamente um dos espaços públicos mais interessantes de Porto Velho e encontrei, por todo o percurso,

peças generosas que me ajudaram, tanto no campo quanto na Universidade, no GEPCULTURA e no GEPGENERO. Desejo que o trabalho apresente um pouco dessa agradável experiência que vivi e que incentive outras pessoas a se enveredar pela geografia cultural.

## INTRODUÇÃO

Em sociedades marcadas por cultura de massa, em que o capital padroniza a produção e o consumo estético e em que os antagonismos entre o local e global se intensificam ou se homogeneízam, conforme o contexto, estudar o lugar - com todas as complexidades que isso implica - revela-se um exercício salutar. Isso porque, além de expressar as contradições da modernidade, o lugar descortina lutas, estratégias de resistência, sistemas de trocas e atos de significação que, de outro modo, passariam despercebidos à Academia ou até mesmo ao saber comum, visto que o ritmo acelerado de vida deixa pouco tempo para a observação direta dos fenômenos e a reflexão sobre seus significados.

Lugar e Memória: uma poética de Porto Velho em Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba visa comunicar as ponderações realizadas no âmbito da pesquisa, no Programa de Mestrado e Doutorado e Geografia da Universidade Federal de Rondônia. Consideramos a música de Ernesto Melo e sua banda, “A Fina Flor do Samba”, uma ferramenta privilegiada para a compreensão “do lugar” e desse mundo vivido pelo grupo de sambistas, um mundo recomposto, recriado e reinventado no samba, como forma de perpetuação no tempo.

Ernesto Melo é compositor, poeta e sambista. Possui mais de 50 composições autorais e atua também como intérprete dos grandes nomes do samba brasileiro, sendo um exímio conhecedor desse gênero musical. Natural de Porto Velho, nasceu em 1951 e do alto dos seus 66 anos de idade, vive uma vida ativa e boêmia, sempre acompanhado da esposa e companheira, Senhora Maria Erenir Coral dos Santos Melo. Juntamente com seu grupo de samba, denominado “A Fina Flor do Samba”, Ernesto Melo ilumina, há mais de uma década, as noites de Porto Velho.

A Fina Flor do Samba se formou espontaneamente, a partir de roda de samba que reunia amigos na Praça do Palácio Getúlio Vargas, em Porto Velho. Em princípio não havia entre os integrantes o objetivo de formação de um grupo musical profissional, embora o talento de seus integrantes já apontasse para isso. Alguns desses integrantes já haviam tocado e cantado em outros grupos, trazendo consigo experiências anteriores. Na década de 1980 a maioria dos integrantes da atual Fina Flor do Samba se reunia em um grupo chamado Águas do Madeira. A partir de 2007, sob a liderança de Ernesto

Melo, o grupo mantém-se coeso e empenhado na militância a favor do samba, da cultura e da divulgação da história regional, sob o título de A Fina Flor do Samba. A performance de resistência do grupo e a produção continuada e de excelente qualidade de Ernesto Melo motivaram o desenvolvimento deste estudo. Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba elaboram, com melodia e letra uma delicada poética de Porto Velho, que procuramos captar neste trabalho de mestrado.

A problemática que nos ocupamos em investigar foi: que lugar Porto Velho ocupa na obra de Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba, e dialeticamente, que lugar Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba ocupam na cidade de Porto Velho? Com o estudo desta problemática buscou-se dar visibilidade a uma poética do lugar.

Em relação aos objetivos específicos buscamos investigar (1) Quais lugares cantados/vividos pelos artistas ainda possuem referente físico, e mapeá-los (2) Verificar, por meio de entrevistas como a música é interpretada/percebida/apropriada pelos artistas.

Trabalhamos com a hipótese de que a música produzida por Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba é uma forma de edificar como “monumentos da memória” (NOR, 1993) os lugares de Porto Velho que foram marcantes nas experiências individuais e coletivas do grupo.

As fontes do estudo foram entrevistas de História Oral de Vida, desenvolvidas ao estilo de Meihy (2005), a musicografia da banda e as anotações registradas no trabalho de campo.

A musicografia se mostrou rica em informações sobre a História de Porto Velho e suas transformações paisagísticas, apresentando também sofisticados componentes estéticos constituintes da música (melodia, harmonia e ritmo), além de expressarem uma poética do lugar, marcada por afetividade e críticas políticas, estas nem sempre explícitas. Tais fontes foram eficientes em possibilitar uma leitura sensível das transformações ocorridas no espaço de Porto Velho.

As entrevistas realizadas constituem um registro das experiências de vida que os colaboradores desejaram compartilhar conosco, de suas visões de mundo, suas expectativas e lutas. Essas entrevistas dialogam ainda com a obra musical do grupo, e em vários momentos fazem referência a espaços e lugares vividos e referenciados na musicografia.

O caderno de campo possibilitou registrar impressões, ideias, sentimentos bem como dúvidas, que foram posteriormente esclarecidas junto aos músicos ou mesmo no decorrer das observações subseqüentes.

A pesquisa configura-se como de perfil qualitativo e foi desenvolvida com base no método Fenomenológico (HUSSERL, 1990, DARTIGUES, 1992; BONOMI, 2009), utilizando-se de procedimentos como a observação participante, a pesquisa bibliográfica, a oitiva minuciosa das músicas e o destaque dos principais temas nelas expressos. Dentre as técnicas de análise, operou-se com a Semiótica Musical (TATIT, 2010) e o Discurso do Sujeito Coletivo (LEFÈVRE; LEFÈVRE; TEIXEIRA, 2000).

Este trabalho está organizado em cinco capítulos sendo o primeiro denominado “Geografia cultural: o estado da arte”, em que discorremos sobre os caminhos da Geografia Cultural, com ênfase para os trabalhos que abordam os temas relativos a nosso estudo: lugar, samba e memória.

O segundo capítulo: “Perspectivas teórico-metodológicas”, correspondem a uma apresentação dos principais conceitos e teorias que embasaram o estudo, e da metodologia e procedimentos utilizados, incluindo o registro de algumas experiências vivenciadas durante o trabalho de campo e que consideramos relevantes para subsidiar as análises, que serão apresentadas no capítulo de número quatro.

O capítulo três é composto por uma seleção de fontes primárias e secundárias, a saber, as entrevistas produzidas durante a pesquisa e a parte da musicografia de Ernesto Melo que selecionamos para análise. Foram entrevistados todos os integrantes do grupo que concordaram em participar da pesquisa.

O quarto e último capítulo é composto pelas análises referentes às entrevistas de História Oral de Vida (DSC) e da musicografia de Ernesto Melo (Semiótica através das letras).

## **CAPÍTULO 1. GEOGRAFIA CULTURAL: O ESTADO DA ARTE**

Se pensarmos a Geografia como uma árvore do conhecimento, podemos admitir que a Geografia Cultural é um dos seus ramos mais frondosos e carregados de frutos. Engloba, atualmente, um vasto temário, que compreende os aspectos clássicos da cultura material, como as técnicas, tecnologias, artes e modos de vida, e aspectos antes pouco valorizados pela Academia, referentes à cultura imaterial, como as religiões, as festas e os sistemas de crenças.

A Geografia Cultural teve sua origem na Europa do século XIX, em um contexto de definição da própria identidade da ciência geográfica e de acirrados debates entre os principais sistemas de pensamento vigentes no período: o positivismo e o historicismo.

Em termos sintéticos, positivismo e historicismo tinham as mesmas limitações políticas, a saber, as de promover um conhecimento (seja geográfico, histórico, econômico ou sociológico) capaz de conciliar as classes e promover consenso quanto ao modelo de desenvolvimento europeu e suas estratégias de ampliação de seus domínios culturais e territoriais. Do ponto de vista interno a eles, contudo, havia diferenças claras. O primeiro enfatizava a crença em uma razão neutra, irrefutável em função do rigor de seus métodos. Suas pretensões de verdade eram universalistas. Já o historicismo, fundado na Alemanha em um contexto de pressões políticas e étnicas para a definição de uma nacionalidade e formação do Estado Nacional, embora também professasse a fé no rigor metodológico e apresentasse o pesquisador quase que como um mero coletor e sistematizador de dados, mostrava-se mais disposto a análises não universalistas. Estas se centravam na escala do Estado-nação e, do ponto de vista histórico, eram abertas a uma multiplicidade de temas e problemas dos diversos tempos.

Em meio aos debates positivistas e historicistas, geógrafos começaram a perceber uma dimensão até então negligenciada: os diferentes comportamentos dos homens no espaço, os usos diferenciados que cada grupo fazia dos recursos naturais, das técnicas; os trabalhos, as festas, as interações sociais nas diversas escalas. Cada variação ou conjunto de variações formavam paisagens culturais diferenciadas – e estas passaram a ser objeto de interesse privilegiado de importantes geógrafos, como Vidal de La Blache, Jean Brunhes, Hahn, Sauer e Smith, dentre outros. É importante destacar que

muitos desses geógrafos estudavam também os aspectos materiais da cultura, como vestuário, ferramentas e utensílios de uso cotidiano de diversos povos.

Apesar do interesse prestado por prestigiosos geógrafos, as investigações culturais retrocederam no campo da Geografia, no período entre as duas guerras mundiais e o pós-guerra, só voltando a ganhar destaque a partir dos anos 1970, com Paul Claval. Em 1970, o mundo vivenciava a Guerra Fria e ouvia os ecos dos movimentos sociais da contracultura. As ciências começavam a repensar paradigmas e se mostrar mais dispostas a investigar as questões que estavam na ordem do dia, na vida das pessoas, para além dos temas políticos ou econômicos clássicos, que sempre tiveram e continuam a ter seu espaço na academia - embora nem sempre sejam suficientes para explicar os desafios da nova sociedade ou contemplar os múltiplos anseios humanos.

A partir do pós-guerra vimos nascer, portanto, uma Nova Geografia Cultural, mais atenta aos signos, representações, crenças e subjetividades, conforme apontou Frangelli (2012), apresentando-se de forma alternativa e heterodoxa à Geografia tradicional, e isso provoca reações variadas.

Na América, a Geografia Cultural ganhou corpo a partir de Carl Sauer, fundador da Escola de Berkeley. Esta, assim como a Geografia Cultural cultivada em solos europeus, pôs sua tônica na dimensão material da cultura, privilegiando, segundo Mikesell (1978) a seguinte quadra temática: áreas culturais, história da cultura no espaço, paisagem cultural e ecologia cultural. Somente a partir dos anos 1970 é que veríamos brotar uma Nova Geografia Cultural, significando, o adjetivo novel, renovada abertura para a investigação de temas não ortodoxos, renovados métodos e concepções, além de um novo diálogo com a filosofia.

Os trabalhos de Sauer foram criticados por Corrêa (2001) e Duncan (2002) como deterministas e de terem feito um uso tendencioso do conceito de cultura, aplicando-o “esquema classificatório para dividir pessoas em grupos bem definidos e classificar os espaços em áreas culturais” (DUNCAN, 2002, p. 66), destacando padrões, em vez de processos e as condições dadas ao desenvolvimento cultural dos diversos grupos.

Sem dúvidas a dimensão cultural traz grandes desafios à Geografia, tanto de ordem epistemológica quanto de ordem metodológica, gerando conflitos e disputas, todavia, reconhecemos, com Cosgrove (2000, p. 34) que,



Apesar de toda a divergência teórica, metodológica e de material perceptível em seus textos, os geógrafos culturais compartilham o mesmo objetivo de descrever e entender as relações entre a vida humana coletiva e o mundo natural, as transformações produzidas por nossa existência no mundo da natureza e, sobretudo, os significados que a cultura atribui à sua existência e às suas relações com o mundo natural.

A diversidade de perspectivas e esse ponto em comum entre os geógrafos da cultura, assim como a aproximação desses profissionais das demais áreas das ciências humanas torna fértil os debates e ampliam suas possibilidades de discussão.

### ***1.1 A Geografia Cultural no Brasil***

No Brasil, até o final da década de 1980 a Geografia Cultural foi “negligenciada e mesmo desconhecida pelos geógrafos brasileiros” (CORREA; ROSENDAHL, 2005, p. 97). Todavia, Claval (1999) esclarece que a cultura está presente nos estudos geográficos desde a chegada desta disciplina ao Brasil, na década de 1930, mas sem ocupar lugar proeminente. Seu crescimento só vai ocorrer após o final da década de 1980.

O desenvolvimento deste campo de estudos no Brasil foi processual e desafiador. Trata-se de uma conquista de intelectuais que se organizaram em grupos de pesquisa, como o NEER, o GEPCULTURA e o GEPGÊNERO, para assegurar o direito de discutir cientificamente problemas até então silenciados ou considerados de menor importância. Em informação verbal, a professora Maria das Graças Silva Nascimento Silva, da Universidade Federal de Rondônia explicou como foi difícil construir esse espaço na academia e na epistemologia da geografia, pois no início, trabalhos geográficos que abordassem temas como mito, religião, gênero ou elementos da cultura popular não eram aceitos nos congressos, e no caso de serem trabalhados em dissertações e teses, era árduo e desgastante o processo de convencimento dos pares. Com o crescimento dessas abordagens culturais, os congressos passaram a criar GTs e eixos denominados “Outros”, onde eram apresentados todos os trabalhos cujos temas e abordagens fugiam à lógica tradicional da geografia.

O entendimento político dominante à época era de que os cursos superiores de geografia deveriam centrar seus esforços na formação de professores secundaristas, entendimento esse construído em grande medida devido à influência do FMI na política educacional brasileira (SOUZA, 1981; FURTADO, 2008). Vigorava o entendimento de

que, para o desenvolvimento do país era necessária a formação de quadros técnicos para suprir a necessidade de mão de obra nos diversos setores. Não havia, portanto a preocupação acadêmica e política de tratar a cultura de modo consequente.

Não podemos esquecer que de 1964 a 1985 vivemos sob um governo militar caracterizado por forte repressão aos movimentos socioculturais, e que, por outra via, estimulava a construção de uma nova cultura de massa, com programas de auditório, shows de calouros e festivais de música. Havia na sociedade poucos espaços para as manifestações culturais genuínas da população brasileira e a Universidade era de certa forma, um reflexo dessa sociedade.

A progressiva distensão da ditadura militar no Brasil foi acompanhada de uma nova esperança de liberdade que se evidenciaria tanto no cenário social, com destaque para as universidades, como no cenário político. Com isso temas e problemas que foram suprimidos dos debates pela violência do Estado, voltaram a ocupar a cena pública, e a cultura que durante o período de trevas esteve marginalizada e sob censura, pode se reinventar. Desde então, mas não de modo linear e sem recuos, os estudos de Geografia Cultural vêm ganhando destaque, o que é favorecido não só pelas condições políticas favoráveis, como também pela quantidade de “ingredientes” que o país proporciona: suas paisagens, espaços, lugares, festas, religiões, relações de sociabilidade e a capacidade plástica de se moldar e renovar suas formas.

Em análise realizada por Claval (1999) sobre a geografia cultural do Brasil e sobre o Brasil (realizada por geógrafos e pensadores estrangeiros), o autor destacou quatro vertentes principais de discussão: uma que aborda a diversidade regional do país e a multiplicidades de suas tradições étnicas; uma que discute o caráter periférico do país em relação ao capitalismo mundial; uma terceira, que discute o tema da modernização em sua dimensão política, destacando as transformações que desencadeou; e a que trata da unidade territorial e social do Brasil, enfatizando contribuição das três matrizes que o formaram (indígena, africana e portuguesa). Para ele, a rica diversidade cultural do Brasil torna nossa Geografia Cultural promissora, contudo a descontinuidade desses estudos ao longo do tempo e sua marginalização por parte da comunidade geográfica são obstáculos a serem transpostos.

A dinamização dos estudos culturais em Geografia a partir da década de 1980 encontrou suporte em autores estrangeiros, suas teorias e métodos de análise

(CORREA; ROSENDAHL, 2002). As leituras e traduções revelaram novas possibilidades de atuação aos geógrafos brasileiros.

Dentre os estudos pioneiros da nossa geografia cultural constam a tese de Maria Cecília França (1975), sobre pequenos centros urbanos de função religiosa, e uma série de inventários produzidos pelo IBGE e publicados em coletânea denominada “Municípios do Brasil”. Essas coletâneas se tornaram fontes para pesquisas e assemelham-se às monografias regionais francesas, ao estilo de La Blache. Nelas são identificadas a extensão municipal, a caracterização de seu meio físico e construído e os costumes de seus habitantes, além de outros dados demográficos. Entretanto, logo esse tipo de análise já não seria mais suficiente.

O surgimento de novos movimentos sociais e a emergência de demandas reprimidas de ordem étnica, racial e econômica trouxeram novos desafios à Geografia Cultural, colocando a identidade e a cultura como questões centrais. À Geografia cabe estudar as espacialidades desses encontros e confrontos interétnicos (RATTS, 2004), e entre gêneros e classes.

Diante de novos atores e problemas, há séculos camuflados sob a ideologia da democracia racial e da mestiçagem, a Geografia Cultural brasileira ganhou contornos mais materialistas e críticos, sem desprezar, entretanto a dimensão simbólica que circunscreve as relações de produção e reprodução social.

Germinam no final do século XX e início do século XXI trabalhos como os de Cristofolletti (1982), Corrêa e Rosendahl (2001, 2003, 2004), Kozel (2007) e Serpa (2008), dentre outros. As obras introduzem o leitor na Geografia cultural, elucidam caminhos trilhados e desafios de ordem teórica e metodológica, e no caso dos trabalhos de Corrêa e Rosendahl (2004), Kozel (2007) e Serpa (2008), apreciamos análises específicas da espacialização das relações culturais em diferentes regiões do Brasil e com base em categorias e fontes variadas.

Em Rondônia, a Geografia Cultural tem sido promovida pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia, pelo Grupo de Pesquisa Modos de Vida e Populações Amazônicas (GEPCULTURA), pelo grupo Nova Cartografia Social da Amazônia, vinculado à Universidade Federal do Amazonas, dentre outros.

O GEPCULTURA tem promovido estudos sobre cultura amazônica, populações tradicionais e relações sociais de gênero, com ênfase em populações ribeirinhas. Parte

dessas reflexões está sistematizada nos trabalhos de Silva e Kozel (2007, 2009), na perspectiva da epistemologia da Geografia Cultural, Nascimento Silva (2000), sobre o espaço ribeirinho e Almeida Silva (2015), acerca das Territorialidades, identidades e marcadores territoriais Kawahib na Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau, em Rondônia.

O Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA) promove o registro da autcartografia de povos e comunidades tradicionais amazônicas, construindo um vasto acervo capaz de contribuir com o esclarecimento dos processos de ocupação deste território e valorizar os movimentos sociais de fortalecimento dessas identidades étnicas e lutas por cidadania.

Com a nova Geografia Cultural foi possível o desenvolvimento de ferramentas teóricas e metodológicas para o estudo de temas como a experiência, a subjetividade e outros elementos intangíveis da vida cultural. A cultura passou a ser abordada, portanto, não só em seus aspectos materiais e tangíveis, como em sua dimensão imaterial e simbólica. Ganhamos em sensibilidade e diversidade temática.

O que explica essa renovação da Geografia Cultural, segundo Cosgrove (1999), é o colapso das fronteiras intelectuais herdadas dentro da academia – que passou a exigir respostas intelectuais mais ousadas (menos restritas às tradicionais zonas de conforto). A busca por essas respostas promoveu maior flexibilidade teórica e empírica, flexibilidade esta que se polariza entre as críticas positivas e negativas que se faz ao pós-modernismo. As críticas a essa Nova Geografia Cultural questionam os limites de sua teoria e de seus métodos, a fluidez de seus objetos e a substituição de metanarrativas por verdades relativas e de menor abrangência. Aqui ocorre o inverso das pretensões positivistas, embora nem sempre se enfrente de modo radical as questões coloniais e pós-coloniais.

Em relação à crítica positiva que se faz a ela, destacam-se fatores como o polidiscurso, a preocupação acadêmica em efetuar análises a partir das posições subalternas e evidenciar as identidades em formação. Merece destaque ainda o fato de se analisar o social em suas relações com o meio ambiente e não restringir os estudos à socioesfera, puramente, ou ao ambiente como cenário e condicionante das experiências humanas, mas procurar evidenciar a dialética dessa relação homem-natureza.

Nessas observações, a categoria geográfica “lugar” tem sido bastante explorada, permitindo a formulação de explicações com base em referenciais empíricos, marcados pelas dinâmicas próprias da subjetividade e do cotidiano. O lugar congrega tanto o

espaço geográfico quanto as experiências temporais, a história, a memória, contribuindo para um conhecimento mais íntimo da humanidade.

Quando vinculamos nosso estudo à epistemologia da Geografia Cultural, efetuamos uma escolha teórica, metodológica e política com a pesquisa de temas e atores negligenciados, pouco valorizados pela Academia e pelo Poder Público. Essa escolha não implica em desprezo pelos outros temas e questões, também pertinentes e necessários de serem esclarecidos, mas implica isto sim, na convicção de que a cultura é uma dimensão fundamental da vida humana, sem a qual esta não poderia se realizar de modo pleno.

A cultura é direito humano salvaguardado legalmente pelo Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, do qual o Estado brasileiro é signatário, e regulamentado pelo Decreto n. 591, de 6 de julho de 1992. Abriga os modos de ser e proceder, os saberes e fazeres, as construções, reinvenções, memórias, lutas, resistências e sonhos. Compreender tais aspectos é indispensável para se compreender o Outro e estabelecer relações de convivência mais inteligentes e justas.

## ***1.2 A música nos estudos geográficos***

Antes de adentrarmos nas reflexões sobre a música nos estudos geográficos, apresentamos algumas considerações sobre o samba, objeto sobre o qual nos detivemos por maior período.

O samba é construção estética primordialmente ligada às classes populares. Sua formação é marcada por ritmos e melodias bantus, trazidas ao Brasil pelas populações escravizadas da África no período colonial, e em solo brasileiro mesclou-se com elementos da cultura européia e latino-americana.

O desenvolvimento do samba se deu entre o final do XIX e as primeiras décadas do XX, entre grupos afrodescendentes e marginalizados, que viviam em morros e favelas do Recôncavo baiano e do Rio de Janeiro. Em seus primórdios, configurou-se como gênero restrito a esses grupos sociais, mas como o desenvolvimento da indústria fonográfica e do entretenimento, a partir de 1920, passou por complexos processos de negociação e rearranjos até se tornar gênero expressivo da brasilidade.

Nesse processo, o samba “embranqueceu” e perdeu parte de sua força criativa, no entanto, obteve outras vantagens, como maior circularidade e reconhecimento

oficial, atingindo as várias classes sociais. Lira Neto (2017) informa, no volume um de sua trilogia que o processo de embranquecimento do samba se deu concomitantemente ao processo de embranquecimento nacional e de higienismo urbano, no qual se buscou adequar as diversas expressões da cultura (seja em suas formas materiais, seja em suas formas simbólicas) às novas concepções e valores do Estado brasileiro, que se coadunavam com os interesses capitalistas da época. A domesticação do samba foi procedida no mesmo tempo em que as reformas urbanas e sanitárias remodelavam a geografia das principais cidades do país e que a indústria do entretenimento se formava no Brasil.

Lira Neto esclarece sobre as origens do samba nos morros cariocas e sua nova configuração na Era Vargas:

Muitas aventuras e peripécias separavam a época dos terreiros das tias baianas daquele período histórico em que o Brasil estava vivendo – e que ficaria conhecido como a Era do Rádio. No rastro dos veteranos, Donga, João da Baiana e Pixinguinha, novas gerações de artistas tinham contribuído para a profissionalização definitiva da música popular urbana do país. A expansão progressiva do mercado fonográfico, o surgimento do rádio comercial e a consolidação do cinema – a gênese, enfim, da indústria do entretenimento – impunha, novas estratégias artísticas de produção, distribuição e consumo (LIRA NETO, 2017, p. 24).

A partir da Era Vargas se intensificou o processo de aproximação do samba com o capital, possibilitando novas relações, dinâmicas e cores. Carmem Miranda é o grande ícone dessa nova fase, em que o samba é apropriado pelo mercado para atender a gostos e interesses específicos. Não convém, contudo, tratá-lo como vítima ou fazer apologia a um purismo que nunca existiu. O samba entrou no jogo, ora defendendo posição de resistência cultural, ora cedendo às contingências e buscando os benefícios das adequações ao novo padrão exigido pela indústria. No que concerne às críticas à “descaracterização” e “contaminação”, esclarece-se que o samba sempre foi híbrido, formada a partir de elementos e influências variadas, e como toda manifestação da cultura, é dinâmica e em constante transformação. Nas palavras de Lira Neto (*op. cit.*, p. 25): “Desde que o samba, é samba é assim. A multiplicidade e a surpreendente capacidade de reelaboração fazem parte indissociável de sua natureza plural, absorvente, caleidoscópica”.

Durante a Ditadura do Estado Novo (1937-1945) o samba passou a fazer parte do projeto de identidade nacional e a partir dela tornaram-se evidentes as disputas de interesse sobre o samba, acirrando-se conflitos e impasses. E diante disso, considera-se

louvável a ação do Estado brasileiro na regulamentação do Decreto n. 591, de 6 de julho de 1992, que expressa o compromisso e o reconhecimento do Estado brasileiro em relação a esse gênero relevante na formação da cultura nacional. No entanto, percebe-se um hiato entre a letra e a prática. Não é de agora que se aprecia o samba e se lhe considera como “o gênero musical que é a cara do Brasil” (COSTA, 2000) (VIANNA, 2002) (TROTТА, 2011), todavia, negam-se as condições para o desenvolvimento dessa expressão cultural quando não se percebe potencial econômico na ação.

Exemplo disso é que o samba de enredo e o Carnaval recebem incentivos consideráveis, tanto públicos quanto de empresas privadas, ao passo em que sambistas e compositores empenhados em uma obra mais intimista, ou de crítica social, ficam limitados a uma circulação em espaços mais restritos (as rodas de samba, os bares, os palcos das cidades pequenas) e quase sempre sobrevivem com recursos próprios, tendo de realizar outros trabalhos para além do musical. Alguns estilos de samba atendem aos interesses mercadológicos e recebem investimentos vultosos, não necessariamente por serem feitos com esta intencionalidade, mas por serem assim percebidos por agentes do sistema produtivo em que vivemos. Outros, por não apresentarem esse perfil, seguem marginalizados e com poucos investimentos.

Além dos interesses econômicos, que investem em uns em detrimento de outros, nota-se ainda, oculto sob o manto do mito da democracia racial, formas de preconceito que reproduzem estereótipos como o de que o sambista “é preto”, “é malandro”, “é vagabundo” e que o samba, ao ser música de preto, seria uma música de menor valor. Assim, tanto os interesses econômicos quanto os preconceitos e estereótipos incidem, de alguma maneira, no campo cultural, ora tolhendo talentos, ora interditando os espaços da circulação cultural.

Mas o samba tem a sua força e existem aqueles que conseguem se sobrepôr às vicissitudes. Elza Soares, a menina oriunda do “planeta fome”, conquistou o mundo com sua voz, pelas ondas do rádio, revelando-se exemplo de luta pela justiça social e pela dignidade humana. Esta diva, hoje idosa, não se cansa de denunciar com seu samba os oportunismos políticos, a violência de gênero e as injustiças sociais.

Dentre seletos grupo de sambistas brasileiros, destaca-se também Martinho da Vila. Originário das profundezas da injustiça social, tendo sua ascensão e reconhecimento a nível internacional através do samba, em destaque no continente africano, em virtude da conexão entre as temáticas de suas canções e o período de

intensos conflitos pela libertação existentes no continente, pela exaltação da identidade negra, igualdade e amor. Martinho da Vila (1998) em sua autobiografia traz um belo exemplo do samba como gênero musical de “maior valor”, ao apresentar de forma integral, em sua obra, a Declaração Universal dos Direitos do Homem e destacar o ano de 1988 quando sua escola de samba, a Vila Isabel, pisou no sambódromo. Era o centenário da abolição da escravatura, e o desfile e o samba enredo fizeram uma crítica a escravidão colonial e ao *Apartheid* na África do Sul.

Angenor de Oliveira, o Cartola, de ascendência branca, mas condição social também humilde destacou-se como compositor, sambista, poeta e fundador da Estação Primeira de Mangueira. Sua obra é uma das mais sofisticadas do samba brasileiro e foi decisiva para a consagração do samba carioca como *modelo, padrão* nacional.

Em Rondônia, Ernesto Melo produz samba de excelente qualidade, no entanto, o fato de viver em Porto Velho, cidade amazônica, periférica aos grandes centros de produção e difusão cultural dificulta a circulação e reconhecimento de sua obra, fazendo com que permaneça marginal. São raros os sambistas fora do eixo Rio - São Paulo que alcançaram projeção nacional. Possivelmente o grande destaque, fora desse eixo, seja Alcione, a Marrom.

Por outro lado, destaca-se que a obra de Ernesto Melo se assemelha, dialoga e reproduz elementos do samba carioca, mas se diferencia por enfatizar elementos da história e da geografia local.

Pontos de semelhança entre a obra de Ernesto Melo e a de sambistas cariocas e paulistas são as referências ao Carnaval e mesmo a produção de sambas-enredo.

[...] Naquele tempo

Que a vida não repete

As batalhas de confete

Sábado de carnaval,

Na quarta-feira

Todo mundo se encontrava

Na Praça Marechal Rondon

Meu Deus,

Aquele era um tempo bom (*Porteiro Severino*, Ernesto Melo, 2007).



Ponderações sobre o samba e seu fazer também podem ser vistas em “Quando o samba não é samba”

O samba que não tem pastoras não é samba  
O samba que não tem pastoras não é samba  
É um samba que não tem pandeiro  
É um samba sem ter violão  
É um samba sem ter cavaquinho  
Sem ter um repique de mão  
O samba  
Tem que ter mais do que isso  
Ter o sabor do feitiço  
E uma grande interação  
Tem que ter  
Quem responda na cozinha  
cantando a letra inteirinha  
e batendo na palma da mão [...] (Quando o samba não é samba, Ernesto Melo)

Ao passo em que temáticas relativas ao amor e suas frustrações marcam a obra de compositores como Pixinguinha e Cartola, e que temáticas de crítica social assinalam as composições de Bezerra da Silva e Elza Soares, Ernesto Melo canta o amor à cidade de Porto Velho – é ela o objeto de seu amor. Expressa sentimentos variados em relação às transformações que o objeto de seu amor tem sofrido ao longo do tempo.

O amor à cidade é expresso de forma desmedida:

Porto velho, meu dengo  
desde que me entendo  
Tu és o meu caso de amor,  
O teu céu, o teu sol, o teu ar, teu perfume  
Tuas meninas em flor [...]  
  
O teu verde  
é o mais verdes dos verdes,  
Teu luar,

o mais belo luar,  
Quando se faz serenata  
tua lua de prata  
é um convite pra amar.

Teu rio, o belo Madeira,  
me traz o alimento na palma da mão,  
tuas matas guardando tuas caças  
que alimentou a minha geração,  
teu solo, teu rico minério,  
a tua fartura, teus frutos, teus grãos,  
por isso meu peito te encerra  
eu amo esta terra  
com toda paixão,  
Se eu vou cantar porto velho,  
te juro, meu velho,  
não paro hoje não (*Porto Velho, meu denço*, Ernesto Melo, 2007)

Além da referência ao lugar, uma das marcas de suas composições é a referência às pessoas desse lugar, sobretudo às ligadas ao universo boêmio. Os amigos de sua convivência são dádivas de tempo e espaço, e como se questionado sobre sua forma de proceder, o eu-lírico do poeta explica:

Cantei, porque tinha a missão de cantar  
eu tinha que valorizar  
o que o passado me deu,

Me deu Bainha, me deu Silvio e Manelão  
quanta conversa fiada  
lá na Vila Confusão

Alto do Bode, deu a feira e o Hotel Brasil,  
as escadas do Moreira  
e os tragos no João Barril [...] (*Canto Novo*, Ernesto Melo)

A força do samba está no talento e ousadia de homens e mulheres que resistem aos preconceitos, aos estereótipos, à pobreza e fazem da música ferramenta de crítica e de construção das utopias necessárias para suportar o fardo das lutas diárias.

Graças ao empenho desses sambistas, hoje o samba é patrimônio cultural brasileiro e um importante elemento referencial das culturas e identidades afrodescendentes que se desenvolveram no Brasil a partir do período colonial. Embora de caráter híbrido, tecido na interface das diversas culturas que afloraram em solo brasileiro, o samba é “eminentemente negro porque encontra nos batuques das culturas africanas sua principal referência” (CAETANO, 2014, p. 1). O autor destaca ainda que tal gênero musical apresenta potencial para o ensino curricular da Geografia e para o cumprimento da exigência legal do ensino de cultura afro-brasileira e africana nas escolas de Ensino Fundamental e Médio de todo o país.

Apesar da relevância do tema, ainda são poucos os trabalhos geográficos em língua portuguesa que tratam da música, em geral, e do samba, em particular. No entanto, o tema conta com importantes estudos nas diversas áreas das ciências humanas, merecendo destaque os de Alessandro Dozena (2010), Sandra Pinto (2011), Dmitri Fernandes (2011) e Antonio Risério (1993).

Não só o tema específico do samba ainda precisa de mais estudos, como a música, *lato sensu*, na perspectiva geográfica. Isso porque só recentemente a Geografia da Música tem recebido atenção especial dos geógrafos, e esse interesse mostra-se ainda bastante polarizado na Europa e Estados Unidos, com baixa penetração no mundo ibero-americano (PANITZ, 2012). Para o autor, Estados Unidos, Inglaterra e França são os centros mais avançados na discussão sobre o assunto, e nos países ibero-americanos o Brasil desponta como clara exceção, dispondo de um volume superior de produção bibliográfica sobre música, em abordagem geográfica.

No que concerne às publicações em artigos, são dignas de nota as reflexões promovidas por Castro (2009), que balizou a contribuição de George O. Carney e Lily Kong considerando as discussões referentes à geografia cultural tradicional e a geografia cultural renovada dos anos posteriores a 1970; Torres e Kozel (2010), que apontam as possibilidades da noção de “paisagem sonora” como recurso para a compreensão da cultura e do lugar; por Panitz (2012), que revisa a produção geográfica

acerca da música na Europa, Estados Unidos e América Latina, discorrendo ainda sobre a pluralidade de interesses que o tema tem despertado nos pesquisadores brasileiros. O que há em comum nesses trabalhos é o perfil de revisão literária.

A música foi trabalhada ainda, junto com outros temas, como literatura e cinema, nas coletâneas organizadas por Corrêa e Rosendahl (2007, 2008, 2009), e em dissertações e teses de doutoramento como as de Castro (2009), denominada “Heitor Villa-Lobos: a espacialidade na alma brasileira”, Correia (2009), intitulada “Representação e ensino, a música nas aulas de geografia: razão e emoção nas representações geográficas”, Costa (2010), que abordou a problemática da “Segregação espacial e música eletrônica: a cena cultural de Salvador e Camaçar”, e Dozena (2009), que tratou das “Territorialidades do Samba na Cidade de São Paulo”

A Geografia da música, segundo Panitz (2012), teve início com Ratzel e Frobenius, que ainda no século XIX desenvolveram estudos geográficos acerca das similaridades de artefatos da cultura material da África Ocidental e da Melanésia, como flechas, tambores e outros instrumentos musicais. Esses estudos possibilitaram o desenvolvimento da noção de Círculos Culturais (*Kulturkreis*), um conceito etnológico que se referiu, inicialmente, à difusão espacial de instrumentos musicais, evidenciando as influências de determinadas etnias sobre outras dispersas por espaços contíguos ou distantes.

Se pensarmos o samba elaborado no Brasil a partir dessa noção, podemos compreender que, a partir do litoral essa cultura musical se expandiu em círculos diversos por todo o território brasileiro. A ideia de círculo, aliás, representa bem a estrutura clássica do samba: a roda de samba. E essa forma geométrica e pulsante indica o caráter democrático daquela arte. Na roda todos participam, todos se vem e são vistos, e há sempre a possibilidade de se abrir a roda e incluir mais um. Seu caráter alegre, caloroso e ritmado desde cedo chamou a atenção, seja dos que a viam como ameaça ao trabalho e a ordem, seja dos que, inebriados com a musicalidade, sentiam-se impelidos a participar do grupo. Não demoraria muito tempo para o samba cair no gosto popular e se misturar à maior festa popular do mundo: o nosso carnaval.

Além da noção de “Círculos Culturais” - noção muito útil à Geografia, à Etnologia e à Etnomusicologia, a noção de “Paisagens Sonoras” também tem se destacado nos estudos geográficos voltados à cultura.

Para Torres e Kozel,

O conceito de paisagem à Geografia é aplicado para representar uma unidade do espaço, um lugar, e remete às percepções que se tem sobre ele. Cada paisagem é produto e produtora da cultura, e é possuidora de formas, cores, cheiros, sons e movimentos que podem ser experienciados por cada pessoa que se integra a ela, ou abstraído por aquele que a lê através de relatos e/ou imagens (TORRES; KOZEL, 2010, p. 124).

Ao defenderem a ideia de que a paisagem só é paisagem quando percebida, quando sentida pelos sujeitos, os autores acima citados expressam afinidade com uma concepção humanista-fenomenológica da Geografia, que transcende a uma descrição objetiva e positivista para promover uma descrição rigorosa a partir das sensações, conforme proposto por Claval (2004).

Com base nessa postura epistemológica é possível uma compreensão sistemática dos lugares e das condições sociais dos sujeitos que os produzem.

Para Schafer (2001), um dos pioneiros nos estudos das paisagens sonoras, o ambiente acústico geral de uma sociedade pode ser lido como um indicador das condições sociais que o produzem, revelando-se ainda uma ferramenta singular para a compreensão de sentido de lugar. Para Schafer (2001), paisagem sonora é um campo de estudo acústico, composto por três temas principais: os sons fundamentais, os sinais e as marcas sonoras.

O primeiro se refere aos sons produzidos pela geografia em seus elementos naturais: o barulho dos ventos e das águas, dos insetos, animais e aves. Esses sons tendem a ser camuflados pelos sons dos ambientes transformados pelos homens, e na vida moderna e urbana, nem sempre é fácil ouvi-los. Sua existência, contudo, por muito tempo foi um marcador importante das rotinas e modos de vida humanos. Sem dúvidas é diferente a vida e o ritmo de vida dos que acordam com o cantar de um galo em um sítio ou cidade interiorana, dos que acordam com o barulho do trânsito nas ruas de uma grande cidade.

Os sinais, no ensinamento de Schafer (*op cit.*), são sons que compõe o cotidiano de populações diversas e que são interpretados como alerta e aviso, como o sino que convoca para a participação dos cultos religiosos, a buzina ou a sirene de quem pede passagem, o apito do trem que informa de sua chegada ou partida.

Já as marcas sonoras, terceira temática discutida pelo autor, referem-se a sons que são específicos de dadas comunidades ou que sejam especialmente significativos para ela. As milongas, do Rio Grande do Sul, próximo à bacia platina, ou o forró, no

Nordeste e o Carimbó no Norte são exemplos de marcas sonoras da cultura musical dessas regiões. Essas marcas expressam um sentido de lugar próprio e de identidade. Tanto é que, as experiências auditivas vividas costumam ser marcantes ao ponto de que quando as pessoas migram, mantêm o hábito de tocar, cantar ou ouvir as canções peculiares de sua terra natal, e até mesmo criar clubes onde essa memória e essa identidade étnica possam ser vividas e compartilhadas, como os CTGs – Centro de Tradição Gaúcha, espalhados por todo o Brasil.

Por meio das paisagens sonoras podemos identificar culturas e lugares, reativar memórias e experimentar sentimentos e emoções variadas, desde afinidade e sensação de acolhimento, até mesmo sentimentos de repulsa e pânico.

A noção de paisagem sonora tem se mostrado uma noção fértil para os estudos geográficos de viés fenomenológico, no entanto, a compreensão de seu caráter e valor cultural, de demarcador de lugar e identidade trazem muitos desafios à Geografia, uma vez que sua compreensão não significa saber-fazer. Ou seja, a compreensão de seu significado é indispensável, mas ainda se fazem necessários recursos e estratégias variados para se poder captar a paisagem sonora de dado lugar. O que ocorre, muitas das vezes, é o pesquisador trabalhar apenas com os sons fundamentais, ou com as marcas e sinais, sem conseguir, entretanto, uma experiência abrangente da paisagem. E feito isto, resta ainda o problema de expressar essa experiência em linguagem geográfica. De toda sorte, trata-se de uma noção geográfica válida e desafiadora, que possibilita acesso privilegiado ao lugar e seus componentes, assim como a noção de círculos culturais permite o conhecimento dos lugares de difusão cultural e sua área de abrangência.

A música, em geral, e o samba, em particular, revelam-se, assim, uma fonte rica para o estudo do lugar, dos problemas que nele se manifestam e das relações nele engendradas. Uma fonte viável, portanto, para o trabalho geográfico.

## CAPÍTULO 2: REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Neste capítulo apresentaremos considerações sobre o método utilizado no desenvolvimento da pesquisa, no subtópico 2.1, e os principais referenciais teóricos que deram suporte às análises desenvolvidas, no subtópico 2.2.

### ***2.1 Considerações sobre o Método***

A pesquisa aqui apresentada teve caráter qualitativo e foi desenvolvida com suporte no método fenomenológico (HUSSERL, 1990, DARTIGUES, 1992; BONOMI, 2009). Este método implica em uma postura aberta e disposta a analisar o fenômeno da forma como se apresenta, apartando, tanto quanto possível, os conceitos, pré-conceitos e as definições apriorísticas. Essa escolha metodológica implica em uma relação horizontal com os sujeitos colaboradores da pesquisa, o tema e o contexto. No caso em tela, configura-se como uma relação entre sujeitos, na qual o conhecimento é produzido de forma colaborativa e dialógica.

Foi decisivo para a escolha desse método as reflexões estabelecidas na ocasião da disciplina Epistemologia da Geografia, ofertada pelo Programa de Mestrado e Doutorado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia, sob a regência do professor Dr. Josué da Costa Silva. Após a escolha do método procedemos a ajustes e redefinições do projeto.

O método fenomenológico procura apartar as definições apriorísticas acerca do ser humano, sendo essa ação, para Bonomi, sem conotação ontológica,

[...] uma *simulação metodológica*, com a condição de se entender, por esta expressão não apenas a simples purificação do que se revelaria prejudicial para a própria investigação (isto é, apenas um momento, poderíamos dizer óbvio, da redução: uma atitude implícita em todo conhecimento científico, ou mesmo natural, sempre que se tratar de isolar um certo âmbito de pesquisa, de recusar certas teorias, etc., tendo em vista precisamente aquele interesse particular), mas mais precisamente a constituição da *gênese constitutiva* das objetividades investigadas (BONOMI, 2009, p. 25).

Esse método vai de encontro com o fazer ciência baseado apenas em definições expostas nas prateleiras do conhecimento vigente, colide com as limitações do

empirismo e a falta de criticidade e reflexão, ao acatar certos pontos de um estudo como estáticos, verdades incontestes. Husserl (1990) orienta para observações sem a pressão de fabricar uma verdade positivista que, como uma peça de um quebra-cabeça, substitua a antecessora danificada.

O exercício fenomenológico desenvolvido no presente estudo consistiu na oitiva das canções, no registro das entrevistas, em tom dialógico, e no acompanhamento do grupo musical em suas apresentações e ensaios. Buscamos, acima de tudo, ouvir a música e apreciar as performances, apartando as ideias pré-concebidas, as rotulações e expectativas pessoais e acadêmicas.

### **2.1.1 A Coleta de dados**

A coleta de dados foi procedida mediante observação em campo, registro de entrevistas, transcrição das letras das músicas de Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba e leitura de textos jornalísticos, históricos e geográficos referentes a Porto Velho e Rondônia. As músicas foram coletadas com o próprio Ernesto Melo e mediante aquisição de CD do artista, com suas composições mais populares. Importante destacar que algumas canções até então inéditas, surgiram durante o trabalho de campo, sendo registradas em audiovisual.

As observações em campo foram realizadas nos espaços onde o grupo musical se apresenta de forma aberta ao público: Mercado Cultural, Bar do Pernambuco, Bar do Vasco e Casa de Cultura Ivan Marrocos. Além disso, acompanhamos outras apresentações nesses espaços para as quais fomos convidados, como as apresentações na festa de aniversário do sambista e compositor Bainha, a homenagem às pastorinhas, referência às três mulheres cantoras de samba da escola de samba Asfaltão, homenagem a Sílvio Santos, conhecido como “Zé Catraca”, todos personagens da cena cultural do samba de Porto Velho.

Nesses espaços também acompanhamos as apresentações de algumas escolas de samba de Porto Velho, dentre elas a Asfaltão, oriunda do bairro Santa Bárbara, Diplomatas do Samba do bairro Caiari, Unidos do Bairro São João Batista e Acadêmicos da Zona Leste. Acompanhamos ainda o desfile das escolas de samba do ano de 2016 em que os integrantes vocalistas da Fina Flor do Samba Hudson Mamedes e Ernesto Melo participaram como puxadores do samba enredo.



A área de estudo compreendeu a zona urbana do município de Porto Velho, conforme figura 1.

**Figura 01:** Mapa de localização de Porto Velho.



Fonte: Michel Watanabe, 2015.

As observações em campo foram anotadas em um caderno e transpostas para editor de texto. Procuramos realizar uma observação rigorosa dos fenômenos e promover uma descrição detalhada dos fatos observados, sem nos preocupar, no primeiro momento, com análises e conjecturas. A musicografia nos foi fornecida em *pen drive* pelo próprio Ernesto Melo, em arquivo do Word, mas também adquirimos os CDs, como forma de valorização dos artistas.

Outra ferramenta fundamental na coleta de dados foi a História Oral (H.O), desenvolvida na modalidade “história oral de vida” (MEIHY, 2005). Essa foi um recurso primordial para o registro das experiências de vida dos integrantes do grupo musical em suas relações com o lugar e a memória e possibilitou ainda acesso a informações específicas, capazes de elucidar pontos nebulosos da obra dos artistas, e de orientar para o entendimento da memória, da identidade e do mundo vivido daqueles colaboradores.

As entrevistas foram realizadas mediante consentimento dos colaboradores, expresso em TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecidos e obedeceram aos seguintes passos, previsto no Manual de História Oral (MEIHY, 2005):

**1. Pré-entrevista.** Momento de apresentação do projeto aos colaboradores, explicação de como será a entrevista, os recursos que serão utilizados (gravador digital e filmadora) e agendamento de datas e horários para a gravação da entrevista.

**2. Entrevista.** As entrevistas, gravadas em audiovisual foram realizadas de forma dialógica, sem roteiro pré-definido, uma vez que se trata de registro de histórias de vida, e com o mínimo de interferências do pesquisador a fim de não atrapalhar o fluxo narrativo do colaborador. Foram feitas, contudo, as perguntas indispensáveis para o aprofundamento e esclarecimento das questões levantadas pelos narradores ao final da arguição espontânea do colaborador.

**3- Transcrição.** A transcrição corresponde ao processo de transposição do que foi dito oralmente, para a o código escrito. As transcrições das entrevistas foram feitas de forma literal, mantendo, inclusive as reticências, repetições, marcadores conversacionais e regionais e eventuais gírias ou desvios da norma culta da Língua Portuguesa. Com a transcrição a busca é pelo sentido, pelo modo de dizer dos sujeitos, mais do que por uma gramática. Correções dessa ordem só foram feitas na fase da textualização, quando aceitas ou quando solicitadas pelos colaboradores.

**4- Textualização:** A textualização representa, de acordo com Barbosa (2015), o esforço de dar à entrevista um caráter de texto, inteiro, coerente, fluido, agradável à leitura. Na textualização, as indagações, respostas, digressões e afirmações são incluídas em uma única narrativa de modo a estabelecer um texto favorável à leitura, o mais livre possível de fragmentos, “reticências”, frases e pensamentos inconclusos. Os textos resultantes desse processo são os documentos básicos que fundamentam o projeto e dão suporte para o avanço da pesquisa, na medida em que apresentam problemas, ideias, representações e experiências.

**5- Conferência.** A conferência é o momento em que o pesquisador lê para o colaborador o texto resultante do trabalho de história oral, com o propósito de receber a autorização para uso. Nesse momento o colaborador poderá solicitar cortes ou acréscimos, corrigir informações, bem como ratificá-las.

**6- Transcrição:** corresponde a todo processo de trabalho com a entrevista. Seu objetivo é comunicar o sentido que o narrador quis expressar e que muitas vezes não é captável pelos aparelhos eletrônicos de gravação, assim, faz-se necessário que o pesquisador opere intervenções textuais de modo à melhor comunicar o sentido.

Após a conferência das entrevistas, e completadas as observações acerca do fenômeno iniciamos a segunda fase da pesquisa, a fase analítica, na qual buscamos interpretar os fundamentos daquilo que foi observado e do que foi dito nas entrevistas e musicografia. Além de fazermos nossas próprias interpretações, recorreremos à literatura especializada, com vistas a verificar se nossas interpretações se sustentam e são pertinentes.

O critério de inclusão utilizado para a gravação das entrevistas foi o de aceitação em participar da pesquisa e publicar a entrevista transcrita, mediante assinatura de TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Como critérios de exclusão utilizou-se a manifestação de vontade, por parte dos integrantes do grupo musical, em não conceder a entrevista e a não entrega do TCLE. O universo da pesquisa constituiu-se de 09 colaboradores, todos representantes do sexo masculino. Não há no grupo integrantes mulheres.

Em relação à musicografia, foram destacadas para compor esse relatório 04 músicas, no entanto a obra de Ernesto Melo é vasta, havendo mais de 60, das quais, a maior parte trata de Porto Velho.

### **2.1.2 A Análise dos dados**

Para a análise das narrativas utilizamos como ferramenta o DSC - Discurso do Sujeito Coletivo (LEFÈVRE, LEFÈVRE; TEIXEIRA, 2000), e para análise da musicografia a Semiótica Musical (TATIT, 2010). Essas ferramentas foram selecionadas no decorrer da pesquisa, conforme o corpus documental se constituía e conforme interpretávamos seus desafios. Para essas escolhas, foram decisivas, mais uma vez, as sugestões do professor orientador, que além de indicá-las e ensinar seus usos emprestou ainda obras bibliográficas de referência.

O DSC, segundo Fernando Lefèvre, Ana Maria Cavalcante Lefèvre e Jorge Juarez Vieira Teixeira (2000, p. 19-20),

É uma estratégia metodológica com vistas a tornar mais clara uma dada representação social, na medida em que ela aparece não sob uma forma (artificial) de quadros, tabelas ou categorias, mas sob uma forma (mais viva e direta) de um discurso que é, como se assinalou, o modo como os indivíduos reais, concretos, pensam

O DSC entende o discurso como signo de conhecimento dos próprios discursos, rompe, portanto, com a lógica quantitativo-classificatória. O DSC ao passo em que reduz a variabilidade discursiva empírica produz um discurso sínteses de todos os demais, um discurso que expressa as ideias centrais, as ancoragens e representações de cada um, individualmente. Para gerarmos o DSC das narrativas registradas por esta pesquisa seguir-se-á os seguintes passos:

- 1- Identificação das ancoragens.
- 2- Identificação da Ideia central;
- 3- Transcrição das expressões-chave;
- 4- Discurso do Sujeito Coletivo.

A título de esclarecimento, as ancoragens são as marcas lingüísticas explícitas de teorias, hipóteses, conceitos e ideologias existentes na sociedade, na cultura e internalizados no indivíduo (LEFÈVRE, LEFÈVRE; TEIXEIRA, 2000). Identificamos as ancoragens, após repetidas e minuciosas leituras, em que buscamos perceber as matrizes discursivas por traz de ideias e expressões utilizadas pelos colaboradores (entrevistados).

A ideia central é a afirmação ou conjunto de afirmações que possibilitam informar o essencial do conteúdo de cada discurso, é uma síntese de cada narrativa. Também para acessarmos às ideias centrais foram necessárias leituras minuciosas e reflexivas, para finalmente elaborarmos a síntese.

As expressões-chave são transcrições literais de partes dos discursos que esclarecem e atestam sua ideia central. São citações que a justificam e endossam.

Realizados esses três passos pode-se elaborar o DSC, que pode ser feito, basicamente, de duas formas: (a) analisa-se cada discurso/narrativa extraindo delas as ideias centrais e expressões-chaves diferentes, mas complementares ou equivalente. Em seguida agregam-se essas ideias centrais e expressões-chave para se obter o DSC.

Geralmente essa forma apresenta em quadro a soma dos “resultados”; (b) Analisa-se cada discurso/narrativa extraindo delas as ideias centrais e expressões-chaves complementares ou equivalente. Em seguida agregam-se ou encadeiam-se discursivamente essas ideias centrais e expressões-chave para se obter o DSC. Optou-se, neste trabalho, pela forma “b”.

No que diz respeito à análise da musicografia trabalhamos com a Semiótica Musical através da Letras, de Tatit (2001). Esta análise compreende três níveis: o fundamental, o narrativo e o discursivo e opera com o quadrado semiótico clássico, que destaca pares de opostos. Em Análise “Semiótica Através das Letras”, Tatit (2001) define o olhar semiótico como aquele que:

[...] detecta, detrás das grandezas expressas no texto, valores de ordem actancial, modal, aspectual, espacial, temporal, numa palavra, valores de ordem tensiva, mantendo – ou esboçando – entre si interações sintáticas. Essas grandezas constituem um micro universo semântico, uma espécie de ponto de partida para as descrições, cujo objetivo último é a revelação de uma forma semiótica [...] imanente ao texto ou, se preferirmos, a exposição das operações conceituais que atuam implicitamente no instante de sua compreensão (TATIT, 2001, p. 15).

O primeiro passo para a elaboração de análise semiótica através das letras de músicas é traçar o quadrado semiótico. Para isso é preciso definir um par de opostos semânticos (ideias ou expressões antagônicas presentes na letra da música, ex: vida X morte, belo X feio, justiça X injustiça). A identificação semântica dos opostos é o primeiro passo para a compreensão do nível fundamental de um discurso. O nível fundamental deve se atentar para a forma como os valores, os significados desse par de opostos é apresentado no texto, pois esses valores não são fixos e universais, podendo variar. Nesse primeiro nível busca-se, portanto, esclarecer quanto ao valores eufóricos (positivos) e disfóricos (negativos ou repulsivos).

O segundo nível é o narrativo e compreende a análise das ações dos sujeitos da narrativa, seus estados, contratos, ações realizadas e transformações sofridas. Esse nível da análise considera o enredo e busca localizar os processos que formam o “esquema narrativo canônico”, ou seja: o percurso da manipulação, o percurso da ação e o da sanção (BARROS, 2003, p. 191). Mesmo que esses percursos não sejam explícitos, é preciso depreendê-los.

O nível discursivo é o último nível da análise. Nele se discute como a história é modalizada actancialmente, como é “contada”. Nesse nível também se aborda como os elementos tempo e espaço são explorados pelo enunciado.

As principais instâncias de enunciação e conceitos-chave utilizados nessa análise estão descritos no Quadro 1.

**Quadro 01:** Instâncias de enunciação e conceitos-chave da Análise Semiótica a partir de Letras de Música.

Enunciado	Texto ou conteúdo comunicado. Resulta da interação entre enunciador e enunciatário.
Enunciador	Narrador, eu-lírico.
Enunciatário	Quem se põe em diálogo com o enunciador, equipara-se ao leitor, mas é um efeito do texto e não uma pessoa real, não o leitor real.
Actante	Sujeito que desempenha alguma ação
Valor fórico	Elemento que enuncia sentimento positivo ou de simpatia
Valor disfórico	Elemento que enuncia sentimento negativo, de antipatia ou aversão

Fonte: Tiago Lins de Lima, 2017

A análise semiótica trabalha com as instâncias enunciativas acima indicadas, desconsiderando qualquer consideração sobre o verdadeiro autor do texto, suas intenções, biografia ou personalidade (Fiorin, 2007, p. 29-30). Assim, quando analisamos as letras das músicas buscamos evidenciar o jogo entre enunciador e enunciatário.

Esse método de análise nos pareceu o mais adequado, por conferir ao analista iniciante maior segurança em seu trabalho.

A categoria de análise geográfica adotada para este estudo é a categoria de Lugar, o que implica considerar o espaço habitado, simbolizado e percebido de modo afetivo. Esse lugar é também ponto de articulação entre o local/regional e o globalizante, portanto, ponto de expressão de conflitos e tensões típicas da modernidade. Tais conflitos, tensões e

expressões topofílicas serão explorados mediante análise das histórias de vida e da musicografia selecionada.

## **2.2 Aportes teóricas**

A ciência normal (KHUN, 2013) possibilitou o avanço do conhecimento em diversos campos, no entanto, a fragmentação e a especialização do saber que a acompanham deixaram lacunas que precisam ser preenchidas. Na ciência contemporânea hegemônica aspectos relevantes das experiências humanas têm sido negligenciados ou abordados em perspectivas pouco adequadas a uma compreensão efetiva. Por outro lado, problemas e aspectos negligenciados apontam para novos paradigmas.

Preocupações sobre a produção do conhecimento, e sobre a produção do conhecimento proposto por este trabalho foram tecidas ao longo do Mestrado, tendo como ponto central do amadurecimento a disciplina de Epistemologia da Geografia, ministrada pelo professor Josué da Costa Silva.

Um dos teóricos que nos desafiou na pesquisa foi Bachelard (1988), que aos introduzir a preocupação sobre a construção do pensamento filosófico na forma racionalista da ciência contemporânea, propõe romper com a prática vigente e estudar problemas colocados pela imaginação poética. Para ele, “o esforço em apenas interligar e construir pensamentos é ineficaz, sendo necessário presenciar a imagem no minuto da imagem, pois havendo uma filosofia poética, esta deve nascer e renascer no momento em que surgir um verso dominante” (BACHELARD, *op.cit*, p.5). Imagem e poesia são legitimados pelo autor como objeto de reflexão

Heidegger (2012) endossa esse sistema de pensamento ao propor uma desconstrução crítica dos conceitos tradicionais, com vistas a favorecer o processo criativo. Propõe:

Uma desconstrução crítica dos conceitos tradicionais que precisam ser de início necessariamente empregados, com vistas às fontes das quais eles são hauridos. É só por meio da destruição que a ontologia pode se segurar plenamente de maneira fenomenológica da autenticidade de seus conceitos (HEIDEGGER, 2012, p. 39).

A busca pelo que está na base das experiências humanas em sua relação com o mundo: a palavra, a imagem, a linguagem também foi delineada no pensamento de Cassirer (1994). O autor discute o processo de desenvolvimento da linguagem humana, considerando as principais teorias concernentes à fala e à gramática. Para o autor, essa

filosofia da linguagem implica em reconhecer, primeiramente, que a Língua é processo que se desenvolve em tempo e espaço, apresentando-se, portanto, de forma diferenciada conforme a cultura de cada grupo, e em segundo lugar, que opera com uma estrutura simbólica de ampla aderência mediante sinais e símbolos. Estes, segundo o autor,

Pertencem a dois universos bem diferentes de discurso: um sinal faz parte do mundo físico do ser; um símbolo faz parte do mundo humano do significado. Os sinais são operadores e os símbolos são designadores. Os sinais mesmo quando entendidos e usados como tais têm mesmo assim uma espécie de ser físico e substancial; os símbolos têm apenas um valor funcional (CASSIRER, 1994, p. 58).

A obra de Cassirer deixa patente a importância dos sistemas simbólicos para a compreensão das complexidades culturais. A imersão nesses sistemas é um passo elementar para maior clareza em relação aos objetos e para a construção de relações menos verticalizadas, dispostas a conhecer e se reconhecer no outro.

De fundamental relevância para as análises construídas (para o exercício poético que buscamos explicitar com base na obra de Ernesto Melo) foi a leitura de Dardel (2011). Este geógrafo nos ensinou que

[...] é salutar que a geografia leve adiante sua tarefa de se dirigir, através dos inventários, das cartas precisas, das estatísticas mais aproximadas, à imagem mais exata e mais completa da Terra. Mas é bom nos recordarmos de que a objetividade por si mesma não é uma garantia absoluta de verdade, que ela falha se nos abandonamos sem reserva. [...] É para nós uma obrigação moral e um dever de probidade intelectual mostrar novamente à consciência que o homem moderno retira sua objetividade de sua própria subjetividade de sujeito, que é, em última análise, sua liberdade espiritual que é o juiz da verdade, e ele não pode, sem renunciar à sua humanidade, alienar a sua soberania (DARDEL, 2011, p. 93).

A leitura desses filósofos, ao longo da disciplina de epistemologia e concomitantemente ao trabalho de campo trouxe à tona a vontade de produzir um trabalho científico de perfil sensível, pautado nas inter-relações entre os fenômenos, entre o mundo e a linguagem, buscando captar o verso dominante da poética de Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba. A atitude do pesquisador foi de tentar esboçar a imagem do lugar e testar sua força poética.

No que diz respeito à categoria geográfica selecionada para o estudo – a categoria *lugar* – salienta-se que as concepções e usos sociais em torno dela, feitas por geógrafos e não geógrafos têm variado ao longo do tempo.

A princípio esta categoria foi utilizada com conotação locacional, como afirma Holzer (1999), e depois como artefato único, de caráter singular (TUAN, 1975), o que



mobilizou geógrafos a utilizarem teorias e métodos filosóficos, especialmente do campo da Fenomenologia e do Existencialismo. Essa imersão na filosofia foi uma postura de destaque da Geografia Humanista, na década de 1970 e ainda persiste em diversas universidades e regiões do globo, mas a partir da década de 1980, as reconfigurações do mundo pós-guerra fria, levou-a a conviver com novas abordagens e interpretações. Naquela década, a Geografia Econômica também passou a demonstrar interesse pela reflexão acerca daquela categoria.

Recentemente, a categoria lugar tem se destacado como fator crucial para a compreensão das problemáticas que desafiam o tempo presente, articulando questões de polos opostos, como globalização e identidade, homogeneização e diferenciação, marxismo e fenomenologia. Parece vigorar o entendimento de que, o lugar, por expressar tanto as demandas e percepções locais, quanto às marcas da política global, é uma base privilegiada para análises, intervenções e produção de conhecimento. O lugar é, portanto, ponto de articulação das energias locais e das energias de tendência globalizante, produzido material e simbolicamente sobre um espaço estruturado. Essa ideia é ratificada por Carlos (1993, p. 303), para quem o lugar é definido como “ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local, enquanto especificidade concreta, enquanto momento”. Também Duncan o entende como “especificidade manifestada dentro do contexto de processos gerais” (DUNCAN, 1994: p. 442).

No ensinamento de Tuan (1978) o lugar é um espaço estruturado, existente a partir da experiência de mundo de homens e indivíduos. Sendo espaço estruturado, não é, portanto, uma abstração ou um ideal; contudo, a subjetividade e a valorização simbólica lhe são elementos constituintes.

Conforme Santos (1996, p. 273) “Cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente”. Esse objeto adquire caráter especial, na medida em que, é a partir dele, que estabelecemos nossas revisões e interpretações de mundo, onde “o recôndito, o permanente, o real triunfam, afinal sobre o movimento, o passageiro, o imposto de fora” (SANTOS, 1993, p. 20).

Seja qual for o conceito adotado, é relevante destacar que, o lugar, assim como o território, tem como base o espaço. Ele “transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 1983, p. 6). Dessa feita, ele seria o produto resultante do espaço e da vivência social, articulando singularidades, sensibilidades e pressões de ordem externa.

No que concerne às diferenciações de perspectivas adotadas pela Geografia Humanista e pela Geografia Crítica, em relação à compreensão do conceito de lugar, nota-se que a primeira tem se sobressaído na busca de dimensionar o espaço a partir das experiências concretas das pessoas e, mais do que isso, de dar relevo às questões referentes aos sujeitos, nos diversos contextos em que vivem (BUTTIMER, 1985). Destaca-se, portanto, nessa corrente do pensamento geográfico, uma interpretação histórico-fenomenológica do problema, como pode ser observada abaixo:

O lugar é vivido a partir das experiências individuais e coletivas com os que partilham os mesmos signos e símbolos, é estruturado a partir dos contatos entre o eu e o outro, onde nossa história ocorre, onde encontramos as coisas, os outros e nós mesmos (LIMA; KOZEL, 2009, p. 207).

A Geografia Crítica, por sua vez, tem enfatizado a dimensão econômica e as estratégias da globalização do capital frente aos lugares e aos modos de vida das populações (HARVEY, 1996). Para Ferreira (2000, p. 66), o fato de essas duas acepções se mostrarem, ao menos na aparência, irreconciliáveis, tem feito com que alguns geógrafos tenham buscado uma perspectiva alternativa, que compreende o lugar como expressão das tensões da modernidade, dentre os quais, cita-se Entrikin (1997), Merrifield (1993), Oakes (1997).

Na escala de Porto Velho, estudos pioneiros como o de Josué da Costa Silva (1994) e Fabíola Holanda Barbosa (2001) apontam para a presença do espaço vivido na conformação da memória de narradores, sejam eles ribeirinhos nativos da Amazônia, sejam nordestinos que para cá migraram.

Os conceitos de memória e identidade e a noção de mundo vivido também são relevantes para o presente estudo, à proporção em que instrumentalizam a produção musical de Ernesto Melo e a Fina Flor do Sambo.

Embora se reconheça que a memória é seletiva e que se sujeita às necessidades do narrador, consideramo-la um conceito basilar para este estudo, pois possibilita o conhecimento das experiências vivenciadas pelo indivíduo, na interface do grupo do qual faz parte, na dimensão em que se propôs revelar por meio de seu relato.

Para Olga Von Simson (2000, p. 14), a memória é definida como “A capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos (voz, música, imagem, textos etc.)”. Em relação a seus referentes, a memória pode ser individual, coletiva ou subterrânea. Uma memória individual enfatiza as experiências pessoais do sujeito, embora estas sejam construídas

na interface com a coletividade. A memória coletiva destaca a perspectiva grupal das experiências vividas e torna-se, quase sempre, a memória oficial ou a História daquele grupo. Uma característica interessante desse tipo de memória é a referência aos espaços concretos, nos quais as experiências temporais tiveram suporte (HALBWACHS, 1990). Essa memória também costuma se expressar por meio de monumentos da memória (NORA, 1993), como memoriais, monumentos e obras literárias que “exprimem a versão consolidada de um passado coletivo de uma dada sociedade” (SIMSON, 2000). Há também uma memória que, devido a uma dinâmica desfavorável das relações de poder, é silenciada e posta no “subterrâneo”, circulando apenas entre o grupo, a exemplo das memórias dos judeus que sobreviveram a campo de concentração nazista, mas tiveram de continuar vivendo na Alemanha (POLLAK, 1989).

A memória pode ser percebida, na obra dos músicos, quando referencia tempos pretéritos e espaços e lugares que não mais existem, ou que estão passando por transformações em decorrência do próprio desenvolvimento urbano. O fato de as músicas reportarem a elementos da geografia e da história local, bem como apresentarem experiências vivenciadas pelos artistas, levam-nos a supor que, pelo menos parte dessa obra é de cunho biográfico. A valorização positiva de determinados lugares que compõe a cena de Porto Velho também nos levam a pensar que as composições expressam relações de topofilia (TUAN, 2012).

Para a compreensão da relação existencial estabelecida pelos artistas com os lugares cantados, é pertinente acionar o conceito de identidade e a noção de mundo vivido. A própria permanência da banda ao longo do tempo, composta, em sua maioria, por integrantes já idosos, revela o exercício de uma identidade estabelecida e negociada na relação daqueles sujeitos com o grupo que integram e com a sociedade. Embora se reconheça, desde a Grécia Antiga, que as identidades não são absolutas e indivisíveis, o advento da Modernidade, com a intensificação dos fluxos de comunicação, transporte, produção e consumo, tem apontado para a compreensão de que, cada vez mais, é difícil conceber um sujeito unificado e uma identidade estável. Para Hall,

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais ‘lá fora’ e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as ‘necessidades’ objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (HALL, 1998, p. 182).

Para compreender, portanto, o processo de construção e reconstrução da identidade do grupo “Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba”, se faz necessário uma investigação sensível sobre suas formas de vida, que refletem em alguma medida, em suas expressões artísticas. Precisaríamos entender, por exemplo, que formações e experiências a levou a escolher o samba como gênero musical favorito, em detrimento dos demais gêneros existentes, porque a opção por uma temática geohistórica específica, ao invés de temáticas “universais” como o amor ou a morte. Para essa investigação sensível, fenomenológica, é crucial a utilização da noção de “mundo vivido” (BUTTIMER, 1985). Este exprime as relações dos sujeitos com os espaços, suas maneiras de atribuir significados, valores e representá-los. Trata-se de uma noção essencial para a compreensão da identidade individual e coletiva e os significados dos ritos que compõem a experiência coletiva.

Na lição de Dardel (2011), lugar é lugar no mundo, é lugar habitado, experienciado. E essa relação primeira do homem com a terra, relação de enfrentamento, sujeição, admiração, de afetos, que está na base da construção do saber geográfico.

A noção de “representação social” também foi acionada nesta pesquisa, por entendermos que a relação entre as pessoas e o meio geográfico é uma relação perpassada pelo simbólico, e por entendermos que é próprio do ser a elaboração de signos, símbolos e representações.

Conforme Araújo e Reis Junior (2012), tempo e espaço são o substrato das representações e essas duas dimensões da experiência humana se fundem para dar lugar ao todo simbólico.

Para Gil Filho tempo e espaço são importantes na medida em que produzem certas formas de representação, mas é a dualidade entre o sujeito e o objeto que tem a capacidade de conceber todas as formas de representação (GIL FILHO, 2003, p. 1). O geógrafo conceitua ainda que “muito mais que uma observação ou opinião sobre o mundo, o ato de representar é a expressão de uma internalização da visão de mundo articulada que gera modelos para organização da realidade” (GIL FILHO, *op. Cit.*, p. 2). Assim, o mundo social do sujeito, suas relações estabelecidas, suas crenças e níveis de acesso à informação e ao conhecimento, à cultura, de modo geral são elementos conformadores das representações sociais. E por seu caráter social, coletivo, as

representações permitem um conhecimento mais detalhado das visões de mundo de um grupo.

Outro geógrafo que discutiu a questão das representações foi Lefebvre (1983), que as conceituou como produto do discurso e das práticas sociais, que se impõe simbolicamente entre a presença e a ausência, demonstrando, desta forma, um perfil de mediação. A representação não é cópia do elemento ausente e nem se coloca em seu lugar, é uma recriação, expressão discursiva, sígnica, que modela e explica algo, que dá ancoragem para as práticas sociais.

Tecidas as considerações quanto ao referencial teórico-metodológico, partimos para musicografia e as análises semióticas.

### CAPÍTULO 3. A MUSICOGRAFIA DE ERNESTO MELO E A FINA FLOR DO SAMBA

A musicografia de Ernesto Melo é composta por 57 canções, conforme arquivo disponibilizado pelo autor em 2016. Trata-se de uma das mais ricas e vastas obras de samba produzida em Rondônia, quiçá a maior. Referenciamos todas as composições no quadro 02, identificando as que tratam da temática da cidade e seus lugares, de moradores e outros temas. Em seguida apresentamos considerações gerais sobre a obra e iniciamos a apresentação de cinco letras da musicografia, intercaladas com suas respectivas análises semióticas.

O objetivo deste capítulo, que intercala fontes e interpretações é contribuir com a compreensão de parte da problemática do estudo, a saber: “que lugar Porto Velho ocupa na obra de Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba?” Em aditamento, a apresentação dessas letras visa contribuir para uma poética de Porto Velho e suas análises favorecerão o entendimento do que é este lugar, de como é percebido na experiência musical do líder do grupo.

A outra parte do problema central da pesquisa ocupa-se de compreender que lugar Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba ocupam na cidade de Porto Velho, e para isso tomaremos como base as histórias de vida dos integrantes do grupo musical, no capítulo 4.

**Quadro 02:** Musicografia de Ernesto Melo, 2016

	MÚSICAS	Cidade lugares	Moradores	Outros
1	TARDES DE AGOSTO	X		
2	BLOCO RIO KAYARI 2005 – NO TEMPO DO ESRON		X	
3	AMANHECER NO MOCAMBO	X		
4	BLOCO RIO KAYARI 2007 – PORTEIRO SEVERINO	X	X	
5	BLOCO O CANTO DA CORUJA 2006 – EXALTAÇÃO			X
6	EXALTAÇÃO AO TRIÂNGULO	X		
7	PORTO VELHO, MEU DENGU	X		
8	VELHO ÁLBUM		X	
9	O PREÇO DA INGRATIDÃO		X	X
10	ARIGOLÂNDIA	X	X	

11	NOTÍCIAS DA OLARIA	X	X	
12	NOS BRAÇOS DA TABA	X	X	
13	G.R.E.S. OS DIPLOMATAS 2006	X	X	
14	MERCADO CENTRAL, O Clipe	X	X	
15	MEU CAYARI, MINHA VIDA	X	X	
16	PORTO VELHO DO GUAPORÉ	X		
17	GLÓRIAS AO SAMBA		X	X
18	MINHAS EMOÇÕES			X
19	CANTO NOVO	X		
20	O SAMBA	X	X	
21	QUANDO O SAMBA NÃO É SAMBA		X	X
22	O BAINHA NA SEXTA		X	X
23	TRIBUTO A SILVIO SANTOS		X	X
24	ÁGUAS PASSADAS			X
25	A VOLTA DA BOEMIA	X	X	
26	F A V E L A	X	X	
27	ÁGUAS DO SAMBA			X
28	QUE BOM		X	X
29	NOS TEMPOS DO JOÃO BARRIL	X	X	
30	BLOCO RIO KAYARI 2006 – SALVE EURO TOURINHO		X	
31	MEMÓRIAS DE NADA			X
32	G.R.E.S. ACADÊMICOS DO SÃO JOÃO BATISTA CARNAVAL 2003 “SILVIO SANTOS, O MENINO DE SÃO CARLOS QUE SE FÊZ ZÉKATRACA”		X	
33	HORA DE SER FELIZ			X
34	VELHO ÁLBUM		X	
35	INSENSATEZ			X
36	PARTIDO ALTO		X	
37	FOLHAS DE OUTONO			X
38	AO MESTRE DA SALA E DO SAMBA (ou Tributo a Sebastião Araújo da Silva, o Babá)		X	
39	MEU ZUMBI CABEÇA DE NEGRO (ou Tributo a Jesuá Johnson, o Bubú)		X	
40	BAINHA E O DECRETO		X	
41	CANÇÃO PRA NINAR LUCAS HENRIQUE			X
42	G.R.E.S. “ASFALTÃO” SAMBA DE ENREDO PARA O CARNAVAL DE 1997 ENREDO : “BRINCANDO DE FAZER ARTE, FIZ ASSIM MEU CARNAVAL”			X
43	AO POETA DO SAMBA ( ou Tributo a Orismilde Miranda, o Kabeça)		X	
44	TUA VISITA			X
45	ESPECIALISTA EM MIM			X

46	EU SOU O BOM (ou Conversas do Kleber Salvador)			X
47	TARDES DE AGOSTO	X		
48	COMO É BOM (Nos Meus Lençóis)			X
49	SEXTA FEIRA, LUA CHEIA E VIOLÃO		X	X
50	A DOR DE UM VIOLÃO ou TRIBUTO A JORGE ANDRADE		X	
51	EXALTAÇÃO AO TRIÂNGULO	X		
52	G. R. E. S. “OS DIPLOMATAS” SAMBA- EREDO 1.984 "VERIANA, SUA VIDA, SUA GLORIA"		X	
53	G. R. E. S. OS DIPLOMATAS CARNAVAL 1987 “SIMPATIA E QUASE AMOR” AUTORES: ERNESTO MELO e OSCAR DIAS KNIGHTZ			X
54	G. R. E. S. “UNIDOS DAS CASTANHEIRAS”, SAMBA DE ENREDO PARA O CARNAVAL DE 1995 TEMA: UMA NOITE NO CIRCO			X
55	G. R. E. S. OS DIPLOMATAS, SAMBA DE ENREDO PARA O CARNAVAL DE 96 “SUA MAJESTADE O SAMBA” AUTORIA: JORGE BOLA 7 COMPOSITORES: BABÁ E ERNESTO MELO	X		X
56	VELHO TEMPO			X
57	O TRIÂNGULO NÃO MORREU	X	X	

**Fonte:** Ernesto Melo, 2016.

Considerando que não seria viável apresentar, no espaço desta dissertação todas as músicas do brilhante poeta, compositor e músico Ernesto Melo, e considerando que este estudo não tem ambição amostral, mas se importa justamente como o singular, apresentar-se-á cinco músicas do conjunto da obra, entremeadas com as análises semióticas que elaboramos.

As análises que serão apresentadas a seguir concentraram-se sobre cinco músicas do cantor e compositor Ernesto Melo. Foram realizadas à luz de Luiz Tatit (2001) e em diálogo com Diana Barros (2003) e Jacques Fontanille (2011). Optou-se por análises de nível básico, centradas no plano do conteúdo dos textos, “lugar em que a semiótica concentrou seus mais produtivos esforços de modelização ao longo desses anos” (TATIT, 2001, p. 14), desse modo, não adentramos nas discussões de poética sonora ou artística e nem na identificação de elos entre melodia e letra - exercício que realizamos anteriormente, em artigo apresentado no Encontro Nacional de Geógrafos (LIMA; SILVA, 2016) mas que não seria viável nesse momento.

O modelo proposto por Tatit (2001) baseia-se no de Greimas (1973; 1986), com o diferencial de que efetua uma crítica ao que a semiótica denomina “nível fundamental ou profundo do discurso”, alinhando-se assim à Escola de Paris, que postula que o enunciador faz seleções de valores em todo o estrato gerativo, e não apenas no nível



profundo do discurso. Destaca-se no modelo proposto por Tatit as noções de modulação tensiva (ligada à percepção) e modulação fórica (ligada aos sentimentos), sendo que essas modulações é que imprimem o “ritmo” (a velocidade) e o “tom” (disposição emocional) do texto. Tatit faz uso ainda da pesquisa das categorias semânticas e do clássico quadrado semiótico, que também são operados por Barros e Fontanille nas obras acima citadas.

Conforme orientam Diana Barros (2003) e Jacques Fontanille (2011) o nível narrativo da Semiótica estuda os sujeitos da narrativa, suas ações, contratos e transformações ao longo do discurso. Para tanto, faz-se necessário elucidar os três percursos do texto: o da “manipulação”, o da “ação” e o da “sanção”. Tais percursos, assim como as categorias semânticas nem sempre são fáceis de se localizar, especialmente em textos poéticos, como é o caso das músicas de Ernesto Melo. Após a análise no Nível Fundamental (o de busca das categorias semânticas básicas) e no Nível Narrativo os autores (*op cit.*) propõem a análise do nível discursivo, sendo este o nível que mais interessa à Geografia, por ser o que explora as formas como as categorias espaço e tempo são enunciadas. Feitas estas considerações, passa-se às análises.

### ***3.1 Análise semiótica da canção “Exaltação ao Triângulo”***

Já me falou o poeta  
que o teu passado foi glória  
vou recordar tua história  
daquele tempo prá cá,

depois que o tempo  
da boemia passou  
O 5º. BEC chegou  
trazendo os seus generais  
A força do poder da ditadura  
não respeitou minha cultura  
destruiu meus ideais.

Morro do querosene veio abaixo

O Alto do Bode hoje é baixo  
e nem tem Baixa da União  
Madeira-Mamoré só por pirraça  
calou a maria-fumaça  
ferindo o meu coração.

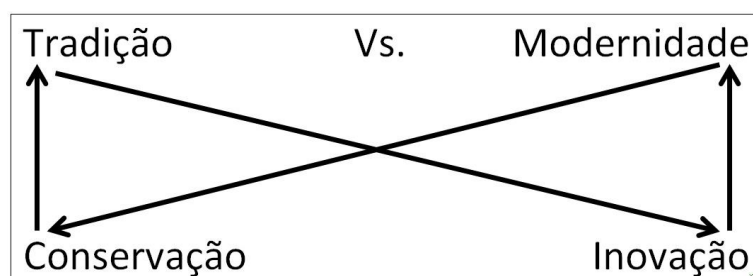
Se o tempo da boemia passou  
Quero que passe o tempo dos generais  
Triângulo, Triângulo,  
quem te viu naquele tempo  
não reconhece jamais  
Hoje até tem desmoronamento  
tem enchentes que tiram teu povo de lá

Quem me dera  
resgatar minha bandeira  
pela Vila Cachoeira  
tirar o progresso de lá.

### **Nível Fundamental**

A categoria semântica que está na base da construção do texto “Exaltação ao Triângulo” é o par Tradição X Modernidade, conforme expresso na figura 01. Esclarece-se que esses termos não possuem valor universal e absoluto, mas textual e contextual. No caso em tela, a Tradição é valorada positivamente por vincular-se a tempo e espaço genuínos, nos quais as pessoas (residentes ou frequentadoras do Bairro Triângulo, em Porto Velho), desenvolviam a boemia como forma de sociabilidade. A Modernidade, expressada como “Progresso” é percebida de forma negativa, por ter sido conduzida de forma ditatorial, sem respeitar a geografia e a cultura do bairro.

**Figura 2:** Quadrado Semiótico – Tradição X Modernidade



Fonte: Tiago Lins de Lima, 2016.

### Nível Narrativo

O poeta aparecer como elemento primordial da narrativa, configurando-se como “autoridade” que possui o saber sobre o passado do Triângulo. Este poeta é o “manipulador” que convence o destinador a relembrar sobre a história do bairro. Ao se propor a ação de relembrar a história “daquele tempo pra cá” esse destinador (actante), sujeito oculto: “eu” assina o contrato simbólico, dando início à aventura.

A forma de “manipulação” utilizada pelo destinador (eu) para tentar convencer o destinatário (Triângulo) de que é preciso “voltar a ser como antes”, no sentido de retomar algumas de suas características e valores sociais é a Provocação, marcada pela apresentação de uma imagem negativa do destinatário: “Morro do querosene veio abaixo/O Alto do Bode hoje é baixo/ e nem tem Baixa da União”. A provocação assume tal proporção que desfigura a própria imagem do Triângulo: “quem te viu naquele tempo não reconhece jamais”. A desfiguração, que o torna irreconhecível a quem o conheceu outrora é fruto do “progresso”, da modernidade instaurada a partir de 1964.

Valores disfóricos também são apresentados ao longo da canção como forma de convencer o destinatário: “A força do poder da ditadura não respeitou minha cultura/destruiu meus ideais” e “Hoje até tem desmoronamento/ tem enchentes que tiram teu povo de lá”. A intensidade passional atinge o clímax nas estrofes 15 a 18: “Madeira-Mamoré só por pirraça/calou a maria-fumaça/ferindo o meu coração”, sendo também o “calar da maria-fumaça” um elemento de disforia.

O percurso da ação envolve a memória: “vou recordar tua história/ daquele tempo pra cá”, a narrativa, que apresenta as transformações espaciais posteriores ao tempo da boemia, ou seja, as ações concernentes ao “tempo dos generais”, a crítica ao

modelo de desenvolvimento imposto, que além de afetar a cultura e os ideais do actante narrador, estabeleceu reconfiguração paisagística, de modo a moldar o bairro aos ideais de modernidade e progresso de seus executores (soldados do 5º BEC) e a esperança de tempos melhores: “Se o tempo da boemia passou/Quero que passe o tempo dos generais!”. A consciência do devir é clara, no entanto, a passagem do tempo pode ser lenta em face da complexidade dos objetivos a serem alcançados: ao que sugere, a harmonização social e com a natureza (o fim das enchentes e dos desmoronamentos que expulsam os moradores do bairro), representada pelo conceito “tradição”.

O Programa Narrativo (PN) apresentado é de Privação, no qual o actante narrador vive a espoliação de sua cultura, de seus ideais e dos referentes físicos que davam suporte à sua identidade e pertencimento: o Morro do Querosene e o Alto do Bode, que foram rebaixados pelos tratores e retro-escavadeiras do 5º Batalhão de Engenharia e Construção e a Baixa da União, que deixou de ser planície e passou a sofrer processos erosivos intensos, com ravinação e deslizamento de massa. No limite, essas intervenções modernizantes, conhecidas como “o progresso” ocasionaram uma disjunção do actante narrador (destinador) com o ambiente do Triângulo, assim como uma disjunção do próprio destinatário com os elementos da natureza. A planificação racional imposta pela lógica modernizante dos militares não comporta a geografia sensível, afetiva, vivenciada pelo destinador, que a recorda com saudade.

Essa nova ordem imposta pelo “progresso” não compreende que esse espaço afetivo, espaço de vida, tem sua lógicas, planos, territórios e elementos sagrados. Desconhece que

Ele comporta referências seguras, centros de referência, pontos de partida que não confundem. [...] Trata-se de uma estrutura qualitativa, em que se distingue [...] uma hierarquia de valores espaciais, uma organização a partir de um ‘centro’ ao qual se retorna sempre, sobre o qual ‘são orientados’

Desse modo, essas intervenções urbanísticas criticadas na música operam desorientação e desestabilização social.

Convém notar, todavia, que o desejo expresso no último verso,

Quem me dera  
resgatar minha bandeira  
pela Vila Cachoeira

tirar o progresso de lá

representa uma renovação da esperança, um “não se dar por vencido”, indicando coexistência com o Programa Narrativo da Competência. Neste o *querer* já é competência que move o sujeito na busca pelo objeto-modal que poderá auxiliá-lo a alcançar seu objetivo.

No que diz respeito à sanção, a pena é o sentimento de culpa e frustração que o destinador carregará consigo por não poder “tirar o progresso de lá: “Quem me dera/ resgatar minha bandeira/ pela Vila Cachoeira/ Tirar o progresso de lá”. Aqui o sancionador é o próprio destinador, que assim como o Triângulo, não conseguiu vencer o destinador maior: o 5º BEC, que tem no texto a função de anti-sujeito. Embora a frustração se faça presente, o actante não se martiriza e não desiste de seu objetivo, pois mantém vivo o *querer*, o desejo de retirar o progresso. Se não é possível *fazer* voltar o tempo e o espaço como eram antes, tendo o actante de conviver com a frustração de sua impotência humana, é notável seu sucesso como poeta-narrador.

### **Nível Discursivo**

A história apresentada na música “Exaltação ao Triângulo” foi modalizada actancialmente como ode, homenagem ao Triângulo, ou como o título mesmo sugere: “exaltação ao Triângulo”.

Já me falou o poeta  
que o teu passado foi glória  
vou recordar tua história  
daquele tempo prá cá,

Exalta-se assim, as glórias do passado, que são sugeridas no texto na media em que os elementos do presente fazem oposição a elas. Ao recordar o passado do Triângulo, o enunciante narra a trajetória temporal do bairro e as modificações que sofreu em suas formas espaciais.

Estruturada textualmente como poema, apresenta narrativa que articula elementos do passado com opiniões e referentes geográficos do presente.

O enunciador não apresenta de forma direta os elementos e valores tradicionais do Triângulo, salvo exceções como a referência genérica ao “tempo da boemia”,

interpretado como valor eufórico, e as referências aos elementos espaciais Alto do Bode, Morro do Querosene, Baixa da União e Madeira-Mamoré. Estes últimos apresentados em relação a seus opostos, ou seja, às ações modernizantes que os alteraram/ destruíram – valores disfóricos.

No mapa da memória do enunciador, tais lugares permanecem vivos, mas na geografia da cidade, foram apagados e substituídos por novos elementos, que representam os interesses, ideais e concepções dos gestores da Ditadura Militar brasileira: a planificação dos terrenos urbanos, a abertura de ruas e rodovias e a destruição de vielas e becos, substituindo-os por espaços abertos e amplos, mais fáceis de serem controlados pelo Estado. Deve-se lembrar que esses arranjos espaciais favoreceriam também o controle da população, contribuindo para a manutenção da ordem, que retroalimentaria o progresso. Com tal objetivo, os afetos e valores atribuídos socialmente a esses espaços, o sentido de lugar que recebiam por seus moradores e freqüentadores assíduos (os boêmios) eram desconhecidos ou mesmo intencionalmente negligenciados pelos militares. O objetivo era modernizar, trazer o progresso e controlar a população, tornando-a dócil ao trabalho e ao cumprimento das leis.

Ao se inaugurar o “tempo dos generais”, simbolizado pela chegada do 5º BEC, a boemia passou a ser considerada inconveniente, pois distrairia as pessoas e consumiria o tempo que deveriam utilizar com a reposição das energias para o trabalho do dia seguinte. A vagabundagem era condenada, o toque de recolher soava às 22 horas e as revistas corporais tornaram-se prática corriqueira. Vivia-se em estado de exceção e uma nova geografia do poder se sobrepôs sobre os espaços urbanos, remodelando-o aos seus interesses.

O tempo dos generais, ao se sobrepor ao tempo da boemia “desconfigura” o espaço e as relações sociais estabelecidas, mata a tradição e impõe novos valores. O tempo de glória, o tempo de alegria foi abolido. Mas como o tempo é passageiro e o tempo bom da boemia passou, espera-se que também o tempo dos generais venha a ser sucedido por outro melhor. Assim, a concepção de tempo que se destaca na música é a do tempo judaico-cristão, em que o futuro trará as recompensas pelo presente de dor.

No que diz respeito ao espaço, as figuras de verticalidade e horizontalidade são fartas no texto. O que era alto se rebaixa pela intervenção do militares e o que era baixo é suprimido ou amalgamado por outros espaços:

Morro do querosene veio abaixo

O Alto do Bode hoje é baixo

e nem tem Baixa da União

As ondulações naturais do relevo cedem à imposição da planificação. A planimetria e a altimetria dos militares deixam a boemia, assim como outros cidadãos sem norte. Os altos e baixos do relevo, moldados ao bel prazer dos militares pode ser comparado ainda ao estado de espírito do enunciador e da sociedade que tinha alguma compreensão do que estava acontecendo: os altos e baixo do humor e da satisfação pessoal em relação às mudanças políticas.

Para alcançar o objeto desejado: “tirar o progresso de lá”, ou seja, restabelecer as antigas formas de sociabilidade, as antigas fronteiras e o reconhecimento da beleza da geologia do bairro o enunciador faz do próprio espaço sua ferramenta. É preciso atravessar o espaço, utilizá-lo como meio: passar pela Vila Cachoeira, resgatando um bandeira que expresse sua identidade e seu ethos, sem as homogeneizações excludentes da bandeira nacional, que naturaliza a todos e impõem uma identidade nacional que desconsidera as diferenças regionais e as diversas formas de pertencimento e identidade.

Quem me dera

resgatar minha bandeira

pela Vila Cachoeira

tirar o progresso de lá.

Quanto à enunciação, um sujeito em primeira pessoa, “eu”, actante narrador e um sujeito em terceira pessoa, Triângulo, que é interpelado pelo primeiro: “Triângulo, Triângulo...”, são debreados da instância de enunciação, marcando dois tempos-espacos distintos: o presente, de onde o actante fala, e o passado, ao qual se reporta.

Diante do exposto depreende-se que uma debreagem enunciativa institui um sujeito, em primeira pessoa, que é o responsável pela emissão dos elementos presentes em sua memória e da crítica social que apresenta como avaliação do processo, após

recuo temporal não determinado com precisão, e uma debreagem enunciativa apresenta o sujeito do fazer e os dados do narrado. Destaca-se que o sujeito do fazer, neste caso, não é pessoa humana, mas sim o bairro Triângulo – *objeto* que sofreu as ações do 5º Batalhão de Engenharia e Construção e dos generais da Ditadura Militar brasileira, mas que, como se sabe, não é inanimado, sendo também *sujeito* capaz de ações mediante seu meio físico e social (as pessoas que nele habitam e/ou trabalham). Este sujeito-bairro, ao passo em que é ator, atuando na história de Porto Velho, é também cenário que sofre com as ações nele produzidos, sendo os fenômenos das enchentes e do deslizamento de massa atribuídos às ações antrópicas.



### ***3.2 Análise semiótica da canção “Arigolândia”***

Um lindo pôr-do-sol  
Beleza igual não se viu  
Arigolândia se esconde naquela curva do Rio

Primeiro veio o nordestino  
Cumprindo o esforço de guerra  
Fazer com as mãos seu destino  
E desbravar nossa terra

Quem não se lembra da bica  
Nas barrancas do belo Madeira  
Testemunha daquele passado  
Com a Santa Elisa a seu lado  
Majestosa castanheira

Arigolândia é feliz  
Nos tempos do chafariz  
Da professora Belinha  
Do quadro negro, do giz  
Odete, Mundinho e Bacú  
Parruda, Gervásio e Dudú  
Fazendo o Aluízio Ferreira

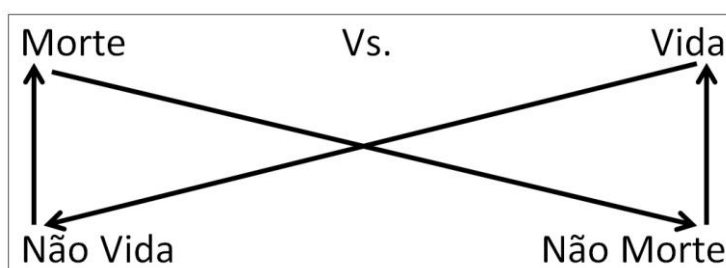
Hoje é a coisa mais bela  
O peixe do Caravela  
O Samba da Castanheira  
A Dona Isaura, a Igreja, a Capela  
E a tradução do ensino  
Desde que eu era menino  
Um templo chamado Carmela

## Nível Fundamental

A oposição semântica central que subjaz ao texto é Morte X Vida, sendo que, com base no texto o sentido da Morte não é negativo e doloroso (disfórico), pois não é vista como fim absoluto. Isto porque apesar da morte sobrevivem os monumentos e a memória daqueles que puderam, por algum meio, conhecer os atores que construíram o bairro e já não estão presentes no mundo dos vivos. Ao passo em que pessoas vão, outras vêm e à medida que espaços e objetos espaciais desaparecem, outros são edificados, expressando a exata dinâmica da vida.

A modulação tensiva é veloz e indica a passagem contínua de um estado a outro (morte – vida, desaparecimento – ressurgimento/reconstrução). Até mesmo valores disfóricos como guerra – relacionada à morte, converte-se em valor eufórico se considerada como cumprimento de um dever ou como parte do destino.

**Figura 3:** Quadrado Semiótico - Morte X Vida



Fonte: Tiago Lins de Lima, 2016.

## Nível Narrativo

Os actantes manifestam-se de modo nebuloso na música “Arigolândia”, exigindo dos neófitos uma segunda leitura. Nesta segunda leitura é possível depreender que o enunciador, sujeito indeterminado é conhecedor da beleza do por do sol possível de ser contemplada do Bairro Arigolândia. A beleza desse por de sol é o atrativo para a ingresso na narrativa. E se o por do sol é tradicionalmente objeto de contemplação – atividade que demanda algum tempo -, o que se faz no bairro não passa de um rápido passeio, uma visita a seus principais conjuntos arquitetônicos, vistos como monumentos do passado.

O “nordestino” sujeito coletivo actante comporta-se como destinatário, mas o discurso mesmo sugere que ele não é único: “Primeiro veio o nordestino/ Cumprir o esforço de guerra”, nos faz pensar que após ele outros atores sociais também vieram formar o bairro Ariglândia e o Estado de Rondônia. O próprio bairro, ao desempenhar ações como “se esconder na curva do rio” e “ser feliz” transcende a condição de objeto para a de sujeito. Estima-se ainda haver um “eu”, de notória competência narrativa que narra a história do bairro como actante, podendo ser identificado como bom conhecedor da história do bairro Arigolândia. Possivelmente um de seus moradores ou frequentadores, por conhecer sua localização: “Arigolândia se esconde/ Naquela curva do Rio”, saber de detalhes como os objetos que fizeram parte de seu passado: a bica, o chafariz, a escultura de Santa Elisa e a castanheira majestosa e verossímil e reconhecer ainda os objetos espaciais contemporâneos, como o Tacacá da Dona Isaura e o restaurante Caravela do Madeira. Esse sujeito expressa ainda a permanência, no presente, de objetos que vem desde o passado, como a escola Carmela Dutra, representada como “templo do conhecimento”, o estádio Aloísio Ferreira, a Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e a Capela de (São Pedro – verificar se é isso mesmo).

Para convencer o sujeito coletivo “nordestino”, o soldado da borracha a praticar a ação o enunciador utiliza da estratégia de manipulação denominada Sedução, na qual atributos como força, coragem, capacidade para desbravar e “escrever seu destino com a próprias mãos” são implícitas do no texto.

Não são claras as estratégias de manipulação utilizadas em relação ao outros sujeitos, mas estima-se que se opere a Tentação com valores eufóricos, como a beleza e a permanência espaço-temporal.

O por do sol de beleza incomparável: “Um lindo pôr-do-sol/Beleza igual não se viu” e o ser a “coisa mais linda que há”: “Hoje é a coisa mais bela” são recompensas que indicam sanções positivas aos sujeitos narrador actante e Arigolândia, respectivamente. A sanção imposta ao nordestino também é positiva, é ele herói de guerra, exemplar no cumprimento de seu dever e exitoso na ação desbravadora do espaço amazônico.

Os enunciatários mostraram-se se em conjunção com a vida que segue: o sol que nasce e se põe todos os dias, o rio que permanece em seu leito, o bairro que se renova com novos edifícios e ao mesmo tempo conserva alguns herdados do passado, como a igreja e a capela, templos religiosos, e a escola Carmela Dutra, templo do saber.

Estamos diante, portanto, de um PN de Conjunção, em que o bairro Arigolândia é dádiva fornecida por seus construtores: os arigós (nordestinos que vieram para a Batalha da Borracha) e os moradores antigos, como a professora Belinha, Odete, Mundinho e Bacú, dentre outros. Se em um primeiro momento (versos três e quatro) nota-se um PN de privação, com objetos ausentes que foram testemunhas da história (a bica, a fonte, a estátua da santa), logo esse PN é substituído pelo de Aquisição, revelando a intensidade de sobreposição dos pares de opostos: vida-morte, ter-não ter, perder-reter.

### **Nível do discurso**

A debreagem actancial enunciativa é a primeira que aparece no texto: “*Naquela curva do rio*”. Indica distância entre o enunciador e o objeto narrado produzindo efeito de objetividade, distanciamento e imparcialidade, mas como o discurso é construído sobre uma estrutura que altera rapidamente a passagem de um estado a outro - que é o seu oposto, imediatamente se nota debreagem enunciativa, que em sua dimensão temporal toma o tempo presente (o agora) como referência e se reporta às pessoas conhecidas do bairro, muitas já ausentes, como se estivessem presentes e próximas no tempo da narrativa, que é o tempo da memória. Ele não diz “Arigolândia era feliz/Nos tempos do chafariz”, mas sim “Arigolândia *é* feliz/Nos tempos do chafariz” porque é este é o tempo da memória que impera no discurso. Na memória tanto o chafariz quanto a felicidade são elementos presentes.

Na narrativa alguns objetos atravessam o tempo, revelando sua constância: “Desde que eu era menino/Um templo chamado Carmela”. A Escola Normal Carmela Dutra, criada pelo Decreto n. 47 de 19 de dezembro de 1947 permanece como uma das mais antigas e tradicionais de Porto Velho. O que se faz nela é considerado pelo enunciador como sagrado: a “tradução do ensino”. E o que é o ensino senão uma tradução de ideias e conceitos para um código acessível aos alunos?

Em um discurso em que está implícita a valorização do conhecimento, a escola é uma forma de templo que coexiste com os demais: a igreja e a capela. Outros foram edificados mais tarde, como o Mirante da Dona Isaura e o Restaurante Caravela do Madeira, sendo as novas belezas do lugar.

Horizontalidade e verticalidade se alternam na configuração do espaço narrativo. O bairro se estende horizontalmente no ponto de curva do Rio Madeira. O Mirante da Dona de Isaura e o Restaurante Caravela do Madeira são contíguos no tempo da produção da música, avizinhandose. O primeiro é popular, um simples bar onde se vendia tacacá e bolinhos de pirarucu, o segundo é elitizado, considerado um restaurante de luxo. Ambos têm a função de mirante, contemplam o por do sol, porque, como diz o ditado “o sol nasce para todos”, e da mesma forma o Rio Madeira, que não faz acepção de pessoas.

Mas também há lugares e objetos que se sobrepõem verticalmente: a bica é substituída pelo chafariz, o quadro negro e o giz pela quadro branco e lousa digital, assim como também as pessoas se sucedem e a vida sucede a morte. Na sucessão de objetos e espaços percebem-se camadas de tempos. O tempo tanto pode ser elemento de deterioração desses objetos e espaços, como pode ser agregador de valor, conferindo-lhe tradição e distinções simbólicas. Tornando-os testemunhas da vida que passa.

### **3.3 Análise Semiótica da Canção “Porto Velho do Guaporé”**

Quem desce a Avenida Sete de Setembro

Ou vai do Balsa até o terminal  
não sabe a terra onde está pisando  
onde é a Feira e o Internacional  
Forró Forrado, só passa quem pode  
no Alto do Bode ou no Hotel Brasil  
Molhar o bico lá no seu Pinheiro  
Na Rua do Coqueiro ou no João Barril.

Onde é a UNIR, era o Porto Velho Hotel;

O Paraíso, onde é a Embratel;  
A Casa Seis, onde é a Capitania;  
e o Moreira também era o nosso céu.  
Onde é o museu, era uma grande pensão;  
onde é o Lacerda, era a Vila Confusão;  
de madrugada, no Zelada,  
um boteco sem calçada,  
na ladeira prá Baixa da União.

Hoje muito tempo já passou,  
Mas não passou o tempo da tradição,

Meu Porto Velho, ponto ou  
porto do velho  
serás sempre a princesinha  
da Madeira-Mamoré;  
Meu Porto Velho, ponto ou  
porto do velho  
serás sempre o Território  
Federal do Guaporé. (bis)

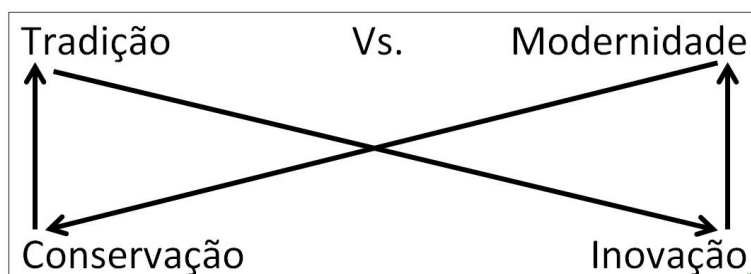
**Nível Fundamental**

A letra da canção acima dispõe de modo implícito a tensão entre Tradição e Modernidade, semelhante à canção “Exaltação ao Triângulo”, analisada anteriormente. Faz-nos pensar que estas categorias semânticas constituem um dos elementos-chave para a compreensão da musicografia de Ernesto Melo, tanto mais que o sema aparece também como ponto forte de sua história de vida registrada a partir de entrevista de H O.

À Tradição aparecem vinculados valores eufóricos como os de permanência: “Hoje muito tempo já passou/Mas *não passou o tempo da tradição*”, e de topofilia: “serás sempre a *princesinha da Madeira-Mamoré*”.

Os valores disfóricos de perda de valores culturais e de desconhecimento são vinculados à Modernidade, uma vez que esta modificou as paisagens urbanas: “Quem desce a Avenida Sete de Setembro/Ou vai do Balsa até o terminal/Não sabe a terra onde está pisando”. Não sabe por que esses espaços se modificaram e contam agora com outros elementos construídos e com usos sociais diferentes dos que eram feitos em tempos anteriores. O desconhecimento “da terra onde se está pisando” leva ao desconhecimento de prazeres e de formas de sociabilidade também ameaçadas. Quem não conhece esta terra não sabe também o que é “Molhar o bico lá no seu Pinheiro/Na Rua do Coqueiro ou no João Barril” ou o que é ter uma noite de diversão, pura e simples, no Bar do Zelada, “um boteco sem calçada”, que existia na região da Baixa da União. Assim, a tensão entre Tradição e Modernidade se faz presente de modo dialético em todo o texto, uma se sobrepondo à outra, sem uma síntese concreta que satisfaça o enunciador.

**Figura 4:** Quadrado Semiótico – Tradição X Modernidade 2



Fonte: Tiago Lins de Lima, 2017

## Nível Narrativo

Os três primeiros versos da música “Porto Velho do Guaporé” estabelecem o contato inicial entre destinador e sujeito. Esse destinador anônimo (geógrafo, historiógrafo, poeta?) tem o poder de lembrar como era o espaço tradicional de Porto Velho antes das modificações que lhe foram impostas pela modernização urbana. Mas seu poder de lembrar é ineficaz se não conseguir *fazer-crer* que o que narra é verdadeiro, se não conseguir fazer o destinatário acreditar no que conta e mudar seu comportamento. Para tentar *fazer-crer* apresenta informações sobre diversos espaços localizados no centro histórico de Porto Velho: espaços pretéritos, que não existem mais e espaços contemporâneos, que mantiveram suas formas arquitetônicas, mas receberam novos usos sociais. Como exemplo do primeiro caso pode-se citar:

*Forró Forrado*, só passa quem pode  
no *Alto do Bode* ou no Hotel Brasil  
Molhar o bico lá no *Seu Pinheiro*  
Na *Rua do Coqueiro* ou no *João Barril*<sup>1</sup>

A força do conhecimento do destinador se revela também nos versos da segunda estrofe transcritos abaixo:

Onde é a *UNIR*, era o Porto Velho Hotel;  
O Paraíso, onde é a *Embratel*;  
A Casa Seis, onde é a *Capitania*;  
[...] Onde é o *museu*, era uma grande pensão;  
onde é o *Lacerda*, era a Vila Confusão<sup>2</sup>;

Seu conhecimento geográfico detalhista é o recurso utilizado para tentar conversar o destinatário.

---

<sup>1</sup> As palavras em itálico indicam lugares de Porto Velho que já não existem.

<sup>2</sup> Aqui os nomes em itálico indicam lugares antigos de Porto Velho, mas que ainda existem, sendo que tais lugares tiveram seu uso social alterado ao longo do tempo: o prédio do Hotel Brasil virou a sede administrativa da Universidade Federal de Rondônia, o prédio da Embratel foi construído sobre uma praça de encontro de jovens solteiros (Paraíso), a Casa Seis deu lugar ao edifício sede da Capitania dos Porto, onde está até hoje, a grande pensão tornou-se o Museu que abriga do acervo da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e do IHGB, o conjunto de casas geminadas denominado Vila Confusão deu espaço para a construção da galeria Lacerda, que abriga lojas e outras empresas de prestação de serviços.



O destinatário é sujeito anônimo e coletivo: “Quem desce a Avenida Sete de Setembro...”, os transeuntes em geral, moradores ou pessoas de passagem pela cidade, sinteticamente falando: o “povo” que não conhece a terra onde está vivendo ou de passagem. “Forasteiros” que não conhecem o lugar. desconhecimento que expressa tanto ignorância em relação ao lugar, quanto possível descaso e falta de afeto em relação a ele.

As duas primeiras estrofes constituem uma unidade provocativa, uma forma de tentação do destinador para transformar o destinatário (sujeito coletivo “povo”) em sujeito actante, mas esse destinatário, assim como as massas urbanas, segue adiante em seu caminho, insensível ao chamado/provocação do enunciador. Este chamado podendo ser considerado, inclusive como um incômodo ou mais um ruído urbano... Trata-se de um caso em que o sujeito se nega a ser actante, levando o destinador a uma espécie de monólogo em que declara seu afeto ao objeto de seu amor, sujeito mudo de sua história: Porto Velho. Cabe destacar ainda que esse amor sentido pelo destinador é um amor platônico a um ser ideal: não é a cidade contemporânea e real, com seus problemas e singularidades que ele ama e exalta, mas a cidade antiga, a cidade em seus primórdios, anterior ainda à criação do Estado de Rondônia, a “Porto Velho do Guaporé”, como o título mesmo afirma.

Como a cidade não é mera forma material, mas o conjunto de pessoas e relações que perpassam seu espaço, a cidade *poematizada* pode ser “confundida” com seu próprio “povo” e aqui vemos novamente esse sujeito coletivo complexo, que se nega as ações almeçadas pelo destinador. Se a cidade da memória é a “princesinha” do coração do destinador, a cidade atual, com sua população “descuidada” da geografia e da história do lugar, é o anti-sujeito, anti-heroína, todavia, a relação que se vive no texto é uma relação de amor, platônico, em um PN de privação, em que o objeto do amor foi espoliado pela dinâmica da modernidade. Sendo esta a forma de relação, a sanção que o destinador/sancionador impõe ao sujeito é do tipo cognitiva, onde não há uma punição, mas a compreensão típica de quem ama. Assim como para um pai a filha será sempre *sua filha*, independente das ações errôneas que esta tenha praticado, para o destinador – que faz o papel, neste texto, de geógrafo, historiógrafo e poeta – a cidade é redimida e ele mantém a imagem idealizada que construiu sobre ela. A última estrofe é uma afirmação dessa imagem e desse amor fiel:

Hoje muito tempo já passou,  
Mas não passou o tempo da tradição,  
Meu Porto Velho, ponto ou  
porto do velho  
serás sempre a princesinha  
da Madeira-Mamoré;  
Meu Porto Velho, ponto ou  
porto do velho  
serás sempre o Território  
Federal do Guaporé.

### **Nível Discursivo**

O discurso de “Porto Velho do Guaporé” configura-se como uma *enunciação enunciada*, ou seja, produz a sensação de que o enunciado está sendo produzido no momento preciso da leitura/ouitiva da canção. O enunciador passeia pela cidade, mostra os lugares e informa sobre o que eram antes de serem o que são no presente.

A debreagem actancial adotada é a do “eu”, e a debreagem espacial presente no discurso é a do “aqui”. Trata-se, portanto, de caso típico de Debreagem Enunciativa, desenvolvida com a intenção de produzir efeito de proximidade entre enunciador e enunciatário.

No que diz respeito ao tempo, presente e passado se intercalam, mostrando que as formas espaciais do “aqui” têm uma profundidade que poucos conhecem; possui camadas de tempos e histórias que foram sobrepostas pela Modernidade. A Universidade Federal de Rondônia, instituição que remonta à ideia de ciência e progresso se sobrepôs ao Hotel Brasil, ocupando seu edifício, a EMBRATEL – Empresa Brasileira de Telecomunicações, que vende serviços de comunicação à distância (telefonia, internet) se sobrepôs ao “Paraíso”, pequena praça onde as moças e rapazes solteiros costumavam se encontrar para desenvolver as relações socioafetivas próprias da idade – relações presenciais e diretas, que não precisavam de mediação tecnológica: “Onde é a UNIR, era o Porto Velho Hotel/O Paraíso, onde é a Embratel”.

A dinâmica da Universidade se sobrepõe à dinâmica do Hotel e a Embratel “destrói” o Paraíso, estimulando novas formas de relação e comunicação. Na sequência,

a Capitania dos Portos, representante da ordem e da regulação náutica se sobrepõe à Casa Seis, antiga casa de comércio popular, e até as habitações populares desaparecem do centro, dando espaço para novas atividades: a grande pensão, localizada na esquina da Avenida Sete de Setembro com a Avenida Farquhar se torna um museu, e a Vila Confusão se torna a Galeria Lacerda:

A Casa Seis, onde é a Capitania;  
[...] Onde é o museu, era uma grande pensão;  
onde é o Lacerda, era a Vila Confusão

O texto narra as transformações urbanas, decorrentes do sema “Modernidade” e como essas transformações incidiram nos usos dos espaços. Os espaços modernos, ao se sobreporem aos tradicionais, afetaram as relações do enunciador acarretando em perdas de valor simbólico profundo, como a perda do “Paraíso” e de seu sinônimo “céu”, mas estes não são objetos de valor espiritual e sim de valor terreno, relacionados ao prazer e à satisfação. Nesse sentido, os espaços de boemia, como os antigos bares, onde se podia beber e conversar também são percebidos como bens ausentes, e essa ausência é registrada ao final das duas primeiras estrofes:

Molhar o bico lá no seu Pinheiro  
Na Rua do Coqueiro ou no João Barril.  
[...]  
de madrugada, no Zelada,  
um boteco sem calçada,  
na ladeira prá Baixa da União.

Para o enunciador a boemia marca o “tempo da tradição”, o tempo pretérito, da Porto Velho antiga, que deve resistir às mudanças.

Modalizada actancialmente como crônica musicada, o texto conduz o leitor a um passeio pelo centro histórico de Porto Velho e mesmo por regiões mais distantes, mas que possuem relação com ele, como a região da Balsa, onde fica o novo porto. Este novo porto, *porto moderno*, implícito na canção, faz oposição ao porto antigo, “porto ou ponto do velho”, ao qual se vinculam valores eufóricos de tradição e afeto.

A figura “porto velho”, que dá nome à capital do Estado de Rondônia, relaciona-se a ideia de segurança: um porto antigo é provavelmente um porto bem conhecido, e o

fato de ser conhecido permite um se mover com maior segurança. O porto é lugar de ancoragem, de regresso, de retorno a terra, como também é ponto de partida para novas aventuras. Segurança e aventura são experiências indispensáveis à vida humana e adquirem valor especial no texto, por contar com a presença simbólica (mítica) de um velho que está *sempre lá*, seja para receber, seja para incentivar a saída. O “velho do porto”, lenda urbana de Porto Velho é um dos mitos fundadores da cidade.

Outra figura que se sobressai na última estrofe é a do “Território Federal do Guaporé”, que foi estabelecido no Governo de Getúlio Vargas por meio do Decreto-Lei n. 5.812, de 13 de setembro de 1943. Esta organização político-administrativa foi criada englobando terras do Amazonas e do Mato Grosso. O Território Federal do Guaporé teve seu nome alterado para “Território Federal de Rondônia”, por meio da Lei n. 2731, sancionada em 18 de Fevereiro de 1956 – governo JK, e em 1981 passou a ser Estado de Rondônia.

Apesar de todas as transformações que Porto Velho viveu em suas formas materiais e espirituais, tornando-se até irreconhecível para alguns, o enunciador atesta seu afeto e a consagra como um lugar de memória, independente do que aconteceu a cidade será sempre o seu porto, seu lugar no mundo, sua segurança, e será sempre a princesinha da Madeira-Mamoré: a cidade mais próspera dentre as que margearam a lendária ferrovia.

### 3.4 Mercado Central, o clipe

Ontem passando à toa no Bar do Zizi  
Como se fosse um filme do velho mercado  
Vi a Casa Colombo  
Como se eu viesse do Mourão & Irmãos  
Do Mário alfaiate, do Saleh Morheb  
Depois do Bichara pela contra-mão (*sic*);

Vi o Ponto Caçula  
Do Pedro Pacheco, depois o João,  
O velho Curica, a Maria Suja,  
Molhei a palavra no Bar do Simão;

Como é bom ver o tempo da boemia  
Passo na barbearia do velho Firmino,  
Normando e Oziel,  
Zé alfaiate, Wilson da “A motorista”,  
Quase que perco de vista  
O pão do Raposo e o Bar do Manel.

Onde era o Cabo? – lá no Mercado Central!  
E o Zé Camacho? – lá no Mercado Central!  
Passando por fora pegava a saltenha  
Do Bar Bacurau;  
Onde era o Degas? – lá no Mercado Central!  
E o Tufic Matny? – em frente ao Mercado Central!

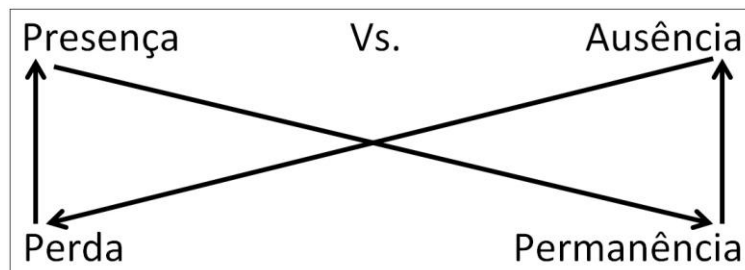
Mas veio o fogo e foi queimando tudo ali  
Veio a ganância e fez um prédio grande ali  
Não ligou pra ninguém, não perguntou pra ninguém  
Nem quis saber da história  
O valor da memória que o Mercado tem (bis)

Foi derrubando um bar aqui e outro ali  
Mas a história do povo renasce de novo  
no Bar do Zizi (bis)

### Nível Fundamental

No texto em análise Presença e Ausência são as categorias centrais que mantêm durante todo o percurso narrativo uma relação de oposição semântica entre si. As categorias Ditadura Vs. Democracia também podem ser identificadas, porém, apenas na quinta e na sexta estrofe e de modo bastante implícito. Diante do exposto, considera-se que o par de opostos que melhor atende ao conjunto da obra é o expresso na Figura 05.

**Figura 5** Quadrado Semiótico - Presença X Ausência



Fonte: Tiago Lins de Lima, 2017.

Na dialética da presença e da ausência o enunciador constrói em sua memória uma trajetória de deslocamento espacial que perpassa o centro histórico de Porto Velho, identificando espaços ausentes, que deixaram de existir ou foram apropriados por outros usos sociais, e espaços que resistem ao tempo e às transformações urbanas, como o caso do Bar do Zizi, único sobrevivente do incêndio (quijá criminoso) que destruiu o Mercado Central.

Trata-se de um texto marcado por fortes elementos emotivos, tanto eufóricos quanto disfóricos. “Como é bom ver o tempo da boemia” indica sentimento positivo e expressa a alegria do enunciador ao vivenciar na memória os lugares e sabores que experimentou na juventude, como o pão do Raposo e a saltenha do Bar Bacurau.

O ápice da disforia é alcançado nos versos:

Mas veio o fogo e foi queimando tudo ali  
Veio a ganância e fez um prédio grande ali  
Não ligou pra ninguém, não perguntou pra ninguém  
Nem quis saber da história  
O valor da memória que o Mercado tem (bis)

Valores eufóricos e disfóricos se sucedem no texto e vinculam-se a um objeto principal, a saber, o Mercado Central.

### **Nível Narrativo**

No nível narrativo nos deparamos com um destinador anônimo, que move o sujeito: observador actante em sua ação de lembrar. Esse destinador, que jamais mostra sua face pode ser chamado de Deus ou de destino e faz o sujeito actante acreditar que as coisas que irá narrar sucederam-se casualmente, sem nenhuma manipulação por parte do destinador. Encontramo-nos diante de uma relação de fé, em que o sujeito aceita de pronto a ser actante e poderá ser recompensado ou não por suas ações, dependendo do seu desempenho.

Há uma relação de conjunção entre os interesses e valores do sujeito actante e os interesses e valores do destinador, sendo que o processo de manipulação se deu por meio da estratégia da tentação – que não aparenta ser o que é em razão da “fé”, da conjunção entre sujeito e destinador.

O sujeito da ação é o “eu”:

Ontem *passando* à toa no Bar do Zizi  
Como se fosse um filme do velho mercado  
Vi a Casa Colombo  
Como se *eu* viesse do Mourão & Irmãos

Quem estava passando pelo Bar do Zizi era o “eu”, e este viu, como em um videoclipe, pessoas físicas e jurídicas que fizeram parte da história de Porto Velho e construíram a geografia de seu antigo centro comercial.

A narrativa é complexa tendo em vista que trabalha com dois PNs, um de Aquisição, por meio do qual o sujeito se sente em conjunção com a cidade presente em sua memória, os lugares que freqüentou e os sabores que ela lhe recorda, e um PN de

Privação, na medida em que o lugar central da memória do sujeito foi espoliado pelos anti-sujeitos, identificados com as figuras do *fogo*, da *ganância* e da *Ditadura Militar*: “Mas veio o *fogo* e foi queimando tudo ali”, “Veio a *ganância* e fez um prédio grande ali”, “Não *ligou* pra ninguém, não *perguntou* pra ninguém”, respectivamente. Em uma mística cristã as três figuras simbolizadas do texto muito se assemelham à visão do Mal, sendo a ganância e a soberba opostos da caridade, que é o valor crucial para a salvação.

Ressalta-se que a figura da Ditadura é implícita na música, mas explícita na entrevista concedida por Ernesto Melo, em que relaciona o incêndio ocorrido em 1966 – e até hoje não esclarecido – com a chegada dos militares ao poder e ao conjunto de transformações urbanísticas que estavam realizando em Porto Velho para torná-la saneada. Espaços populares e que não obedeciam à racionalidade militar, a exemplo do Mercado Central eram considerados inóspitos e, por conseguinte, passíveis de demolição.

No percurso da sanção o anti-sujeito é desmascarado e prevalece a vitória do bem sobre o mal. O eu se mimetiza na coletividade e sua ação é bem sucedida: “A história do povo renasce de novo no Bar do Zizi”.

### **Nível Discursivo**

O discurso configura-se a partir de *debreagem enunciativa*, em que há um *enunciado enunciado*, ou seja um relativo distanciamento do narrado e do vivido ou lembrado: “*Ontem* passando à toa...” Embora o termo “ontem” tanto pode significar um passado próximo, o dia anterior a hoje, como um pretérito absoluto em determinadas obras poéticas.

A *debreagem espacial* se estende horizontalmente pela cidade, sobe e desce as ladeiras da beira do Madeira e em alguns casos produz a sensação de andar pela *contramão*. Os caminhos percorridos são os da memória e o ponto de chegada é o Mercado Central, que ficou destruído por 44 anos, devido a litígio entre o Poder Municipal e interesses privados. Neste cenário de ruínas, consumido pelo fogo, e de disputas judiciais, apenas um comerciante não desistiu de seu direito e não “arredou pé”: o senhor Zizi, proprietário do bar homônimo que atualmente é administrado por sua filha Vera.



A canção foi produzida antes da reinauguração do edifício, que ocorreu em 2010 e rebatizou de “Mercado Cultural”, tornando clara a concepção de cultura dos gestores da época ...

Enunciador e sujeito actante se encontraram ainda em um cenário caótico, vivendo a disjunção entre o passado e o presente, a ausência das casas comerciais e das pessoas que davam vida àquele espaço público. Em meio ao caos, contudo, o Bar do Zizi resistiu, precariamente instalado, cercado de tapumes, em piso de chão batido intercalado com restos de azulejos e cimento queimado do passeio público. Sobrevivente de uma guerra civil-militar permaneceu e permanece como ponto de encontro e de resistência da boemia portovelhense. Sua forma é a de meia lua. Uma meia lua num canto do Mercado, lua crescente na noite da cidade.

No que concerne ao tempo, o texto expressa o tempo da memória, um tempo vivo e significativo, carregado de emoções de lembranças boas. O movimento da memória expresso na composição sugere um videoclipe que se passa na mente do compositor. Nesse videoclipe mental o Bar do Zizi é o lugar de memória que possibilita o desdobramento para o passado, e este desdobramento rumo ao pretérito é um reencontro do sujeito actante com a história e a geografia de sua cidade.

Sinteticamente, a letra retoma um acontecimento da história da cidade, o incêndio que destruiu o Mercado Central, antigo ponto de comércio popular e encontro da boemia local. O incêndio, até hoje não esclarecido, ocorreu em 1966, logo após a chegada dos militares ao poder. Critica ainda a perda de área para empresários da cidade, que, movidos por interesses privados, figurado como *ganância* teriam se apropriado de parte de um espaço que, em sua concepção, deveria ser público (“Veio a ganância e fez um prédio grande ali”), desconsiderando o valor histórico do referido espaço para a população local.

O tema do Mercado Central também aparece na entrevista gravada com Ernesto Melo, sobre o qual esclarece:

Sobre o Mercado Cultural, que era o Mercado Municipal e que eu canto como Mercado Central na minha canção - foi inaugurado em 1950 e pegou fogo em 1964<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> O incêndio ocorreu de fato em 1966, mas a memória tem “licença poética” e não precisa operar com a precisão de datas. A referência a 1964, ano do golpe militar no Brasil pode ser explicada pela forte

Presenciei esse incêndio e só há cinco anos que nos deram esse novo prédio. Até então ele ficou com tapumes, porque a família Tourinho estava em litígio, tanto que eles pegaram a parte de trás, o edifício atrás do Mercado Cultural. Todo aquele quadrado era o Mercado Municipal que eu chamo de Mercado Central... (Ernesto Melo, entrevista concedida a Tiago Lins de Lima, 2015).

O Mercado Central aparece como lugar que catalisa memórias acerca de pessoas conhecidas, com quem o compositor teve a oportunidade de conviver. Ao cantar e narrar sobre esse espaço de uso genuinamente público, constrói uma atmosfera de cores, sons, sabores e odores que alimentam a nostalgia.

O pão do Raposo, a *salteña* do Bar do Bacurau e a cachaça do Bar do Simão, consumida para “molhar a palavra” animavam um cotidiano popular, alegre, boêmio e funcional. É a cidade apresentada em sua forma mais vívida e democrática.

Embora os processos geográficos desenrolados em Porto Velho durante a Ditadura Militar tenham ocasionado radical transformação na paisagem urbana, tornando estranhos espaços antes apreciados como lugares, e apagando marcas da cultura que a precedeu, a manutenção do bar do Zizi é assinalada como símbolo de resistência popular e de renascimento dessa história pública, que está nas ruas, bares, praças e mercados. É o elo que possibilita a conexão entre presente e passado, a retomada da vida boêmia e, mais do que isso, a reconstrução de um tipo de experiência histórica que foi interdita pelos militares, com o apoio da aristocracia local.

O discurso celebra o passado da cidade, monumentalizado pelo Mercado Central, a partir do qual se desdobram referências a pessoas comuns e ao comércio diversificado que ele engendrava. Depreende-se que as relações comerciais vividas na época previam uma maior proximidade entre vendedores e compradores, estes se conheciam pelo nome e tinham, supostamente alguma relação de confiança que transcenderia à lógica do capital.

---

atuação que os militares exerceram em Porto Velho e por estarem vinculados, no imaginário dos moradores mais antigos, como responsáveis por uma série de desmandos ocorridos na cidade, dentre os quais o da destruição do Mercado Central.

### ***3.5 Porto Velho, meu dengo***

Porto Velho, meu dengo  
desde que me entendo,  
tu és o meu caso de amor,  
o teu céu, o teu sol, o teu ar, teu perfume,  
tuas meninas em flor,

O teu verde  
é o mais verde dos verdes,  
Teu luar,  
o mais belo luar,  
Quando se faz serenata  
tua lua de prata  
é um convite pra amar.

Teu rio, o belo Madeira,  
me traz o alimento na palma da mão,  
Tuas matas guardando tuas caças  
que alimentou a minha geração,  
Teu solo, teu rico minério,  
A tua fartura, teus frutos, teus grãos,  
por isso meu peito te encerra  
Eu amo esta terra  
com toda paixão,

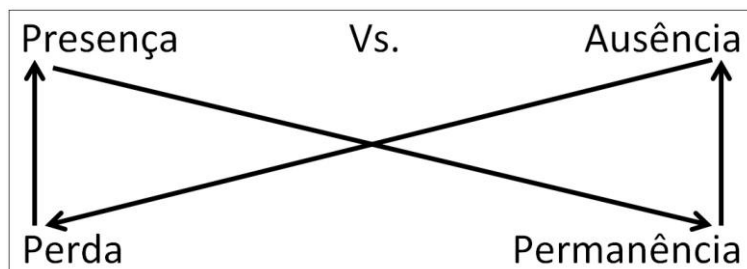
Se eu for cantar Porto Velho,  
te juro meu velho,  
não paro hoje não.

#### **Nível Fundamental**

“Porto Velho, meu dengo” traz uma complexidade adicional para a análise. A oposição semântica não é explícita, mas tão somente inferida mediante acionamento de

outras referências (e nesse caso se considera, sobretudo, o *corpus* documental analisado).

**Figura 6** Quadrado Semiótico - Presença X Ausência



Fonte: Tiago Lins de Lima, 2017.

A ideia que sobressai é a da continuidade. A cidade de Porto Velho atravessa o tempo conservando suas belezas naturais e suas riquezas, e mais do que isso, esses seus atributos são maiores do que os de qualquer outro lugar: “O teu verde é o mais verde dos verdes/ Teu luar, o mais belo luar”, “Teu solo, teu rico minério/ A tua fartura, teus frutos, teus grãos”. Essas características persistem desde longa data: “Desde que me entendo”, desde que o destinatário se sabe gente ele conhece as virtudes dessa terra com a qual criou vínculos de topofilia.

Só é possível suportar ausências, discontinuidades e incompletudes porque o exercício do destinatário é um exercício de crítica. Ele precisa duvidar do que é dito e questionar se de fato as coisas são assim.

Os elementos tensivos que marcam o texto são fóricos e constituem um cenário de abundância, abençoado, quase que encantado: “Teu rio, o belo Madeira, me traz o alimento na palma da mão”, “Tuas matas guardando tuas caças que alimentou a minha geração/Teu solo, teu rico minério/A tua fartura, teus frutos, teus grãos”. Porto Velho é terra próspera e por isso especial, a ponto de o destinatário sentir-se motivado a cantar incessantemente elogios a ela: “Se eu for cantar Porto Velho, te juro meu velho, não paro hoje não”.

### **Nível Narrativo**

O nível narrativo evidencia uma relação de topofilia, de apego sentimental ao lugar percebido já no início pelo título da canção e pelo tom carinhoso que o destinatário

usa para se referir ao objeto de seu amor: “Porto Velho, meu denço”. O texto é construído de modo a deixar explícito esse amor à cidade: “tu és o meu caso de amor”.

Nesta cidade os atributos céu, sol, ar e rio compõem um cenário harmônico que mostra o encantamento do destinador com o objeto amado, a satisfação que não e cansa de elogiá-lo: “Se eu for cantar Porto Velho, te juro meu velho, não paro hoje não”.

Enquanto na primeira estrofe são apresentados elementos paisagísticos de valor estético e sentimental, na terceira aparecem elementos de valor utilitário, como os alimentos (peixe, caça, frutos, grãos) e os minérios (estanho e ouro), que foram importantes elementos da economia local, especialmente até o final da década de 1980.

A primeira e a segunda estrofe ao destacarem elementos naturais, concorrem para a composição de uma paisagem sonora de Porto Velho, em tudo romântica: o ar é perfumado, a lua que ilumina as serenatas é convite para amar, o frescor jovial de seu verde está em harmonia com o frescor de suas meninas, que como flores irão desabrochar.

Na canção há um PN – Programa Narrativo de Aquisição por Doação. Se o destinatário aceitar entrar em conjunção com o objeto oferecido pelo destinador (se aceitar amar Porto Velho) esta lhe será generosa e lhe dará todas as suas benesses.

O discurso em análise conjuga o nível temporal (anterioridade) e espacial (horizontalidades), em que elementos geográficos naturais e construídos se articulam na composição do lugar. Há um observador actante, expresso em primeira pessoa: “Desde que me entendo” e “Se eu for cantar Porto Velho”, que opera uma debragem enunciativa, e um sujeito actante em terceira Pessoa (Porto Velho, que fornece recursos para prover a vida física e simbólica de seus habitantes) e um destinatário (nós, leitores/ouvintes).

A instauração do enunciador (actante-observador) por meio de debragem enunciativa funciona não apenas como um fio condutor que põe em processo as transformações dos PNs, mas também como elemento de integração entre o texto e uma determinada axiologia subjacente (TATIT, 2001, p. 63).

Há uma relação de conjunção entre o destinador actante e seu amor, que em tudo parece lhe corresponder, e talvez por isso não tenha transparecido muita preocupação

desse destinador em tentar convence o destinatário de aceitar a verdade dessa narrativa. A punição que parece haver para os que não aceitarem essa verdade é estar de fora dessa relação amorosa e acolhedora do homem com a terra.

### **Nível Discursivo**

O discurso configura-se a partir de debreagem enunciativa, em que o vivido e o lembrado estão presentes e permanecem ativos na paisagem.

A debreagem espacial se estende horizontal e verticalmente pela cidade, em um movimento do olhar que considera do prisma da horizontalidade, o rio Madeira, a floresta e o solo, com todos os seus atributos: as riquezas naturais e a vida social. Do ponto de vista da verticalidade esse olhar aprecia o céu, o sol e o luar, assim como também elementos etéreos como o ar e o perfume do lugar. Isso porque “Um grande sonhador vive duplamente suas imagens, na terra e no céu. Mas, nessa vida poética das imagens há mais que um simples jogo de dimensões. O devaneio não é geométrico. O sonhador se envolve a fundo” (BACHELARD, 1988, p. 128)

No que concerne ao tempo, o texto expressa um passado que se atualiza e persiste no presente: “Desde que me entendo tu és o meu caso de amor”. Esse amor existe em função das qualidades do objeto amado:

Teu rio, o belo Madeira,  
me traz o alimento na palma da mão,  
Tuas matas guardando tuas caças  
que alimentou a minha geração,  
Teu solo, teu rico minério,  
A tua fartura, teus frutos, teus grãos,  
por isso meu peito te encerra  
Eu amo esta terra  
com toda paixão,

A permanência das virtudes do espaço correlaciona-se à constância do amor.

O discurso celebra Porto Velho, representada como terra fértil, generosa e acolhedora e esta música foi recebida pelo público local como uma espécie de hino,

sempre cantada nas apresentações de Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba em exaltação ao lugar. Ela é a que mais nos faz pensar na relação essencialmente geográfica do homem com a terra, tal qual registrada por Dardel (2011) e que buscaremos explorar em conjunto com as histórias de vida e o discurso do sujeito coletivo, ao final do Capítulo 5.

## **CAPÍTULO 4. AS HISTÓRIAS DE VIDA E O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO**

Esta capítulo reúne as histórias de vida dos músicos integrantes da Fina Flor do Samba que aceitaram participar da pesquisa, seguidas do DSC - Discurso do Sujeito Coletivo, que é uma ferramenta de organização e síntese das informações e da análise semiótica do DSC.

O objetivo deste capítulo é favorecer a compreensão do lugar ocupado por Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba na cidade de Porto Velho – um dos aspectos da problemática do estudo, e subsidiar o alcance dos objetivos, respectivamente: verificar quais lugares cantados/vividos pelos artistas ainda possuem referente físico, e mapeá-los, e verificar, por meio das entrevistas, como a música é interpretada/percebida/apropriada pelos artistas.

Optou-se por apresentar as histórias de vida na íntegra, e no corpo do trabalho, ao invés de apresentá-las nos apêndices, como forma de valorizar os artistas que colaboraram com a pesquisa, assim como respaldar o método utilizado. Por outro lado, o leitor que estiver sem tempo de apreciar cada uma das histórias de vida poderá ler apenas sua síntese, o DSC ou análise semiótica desse discurso coletivo.

### ***4.1 HISTÓRIAS DE VIDA***

#### **4.1.1 HISTÓRIA DE VIDA DE ERNESTO MELO**

Sou Ernesto Oliveira Bento de Melo, nascido em 19 de agosto de 1951, portanto faço daqui a 29 dias 64 anos. Nasci aqui em Porto Velho, minha mãe me teve com a ajuda de parteira. Naquela época a maioria dos partos era assim.

Sou casado com Maria Erenir, minha companheira. Meu pai é Smith Bento de Melo, amazonense de Porto Velho, a senhora minha mãe é Maria Tereza de Oliveira Melo, mato-grossense de Santo Antônio do Madeira, ela é viva ainda, graças a Deus! O meu pai já subiu...



Estamos aqui para falar um pouco do nosso ponto de vista sobre essa terra que é tão nossa, tão querida: Porto Velho.

No meu tempo de menino, Porto Velho, tão provinciana, ia até ali na Rua Joaquim Nabuco com a Sete de Setembro. Para o sul ia até ali onde é o Colégio Dom Bosco hoje. Depois era só um caminho, onde hoje é o Areal, e aqui para o norte, no Carmela Dutra, um pouco mais pra frente onde ficava a estação de rádio da Varing, Cruzeiro, esta era a nossa Porto Velho. A Olaria, esse cinturão...

Essa Porto Velho provinciana tinha os seus bairros, onde os iguais se juntavam, nada forçado, apenas iguais, por exemplo: no Triângulo, que a enchente levou, onde é a feira do produtor, onde é aquele terminal de ônibus, era a Baixa da União. Ali passa um córrego atrás, que hoje é poluído. Logo atrás era o Alto do Bode. Onde é o Posto São Paulo, mais ou menos, era o Morro do Querosene. Lá no Triângulo, Baixa da União, Alto do Bode, Morro do Querosene, ficavam aqueles trabalhadores mais humildes, mão de obra da estrada de ferro Madeira Mamoré. Aqui no Caiari ficava o *staff*. Onde estamos hoje, digamos assim, no *hall* da Casa de Cultura Ivan Marrocos era esta Vila Erse, que está retratada na pintura deste muro. A Vila Erse era também de funcionários da ferrovia.

O Arigolândia, o nome já diz, era o bairro dos arigós. Os arigós eram soldados da borracha que vieram para a Amazônia em um esforço de guerra. O Areal é onde se tirava areia para as construções, na minha infância, na minha juventude, era só um caminho, um lugar de passagem. Já tinha a Rua Campos Sales, mas muito precariamente, o acesso mais utilizado era pela Rua Prudente de Moraes.

O bairro Quilômetro Um leva esse nome porque ali era o Km 1 da BR-029, que hoje é a BR-364. Esse bairro compreendia o espaço ocupado pelo mercado até onde hoje é o bairro Nossa Senhora das Graças, onde tem a Igreja de Nossa Senhora das Graças.

O Olaria, aqui perto do Ipase, também o nome já lhe identifica: era onde estava a Olaria do Território, que fabricava os tijolos para as construções. O bairro Mocambo sempre foi de mascates, de vai-e-vem, de garimpeiros, era uma Torre de Babel. Ali os desiguais se juntavam...

Na Rua Paulo Leal entre as ruas Campos Sales e a Marechal Deodoro, Joaquim Nabuco... Havia um bairro encravado, conhecido como Favela. Favela é onde ficavam os trabalhadores pobres... A gente não tinha táxi, não tinha caminhão, eram só carroceiros, a gente fala em nossa canção “Favela” sobre esse bairro e esses carroceiros, que foram muito importantes para o transporte à época. Depois de ver na faixa do CD onde tem Favela, também tem Caiari, também tem Arigolândia, temos também o Quilometro Um e o Triângulo, a gente retratou, sem querer que seja o retrato definitivo, lógico, ninguém é dono da verdade, até porque a própria história é muito dinâmica, a cada dia se descobrem coisas que desdizem algumas afirmações anteriores.

Naquela ocasião, no final de 1950, no começo de 1960, quando vinha para Porto Velho algum cantor, por exemplo, Cauby Peixoto, Waldick Soriano, Orlando Dias, meu Deus! A gente assistia a esses *shows* no Cine Teatro Resky, porque o Resky, ele tem até camarim e tem uma cortina de veludo de quase três centímetros, maravilhosa, da cor carmim. Dizia Ulisses: “essa cor é escarlate, formidável, muito linda!”.

O Lacerda ainda era na Sete de Setembro, perto de onde é o Itaú, depois é que se mudou. Lá onde é hoje o Cine Lacerda era a Vila Confusão, por que Vila Confusão? Próximo ao Mocambo, ali quem mandava era um negão chamado “Bola Sete”, meu amigo pessoal, que tive o privilégio de conhecer. Era uma pirambeira danada, uma confusão. Dizem que quando o negão chegava lá botava ordem na casa, botava ordem na Vila Confusão que se localizava onde hoje é a Galeria Lacerda. Todos esses bairros a gente canta com o suporte de mestres de minha faculdade, como o Abimael Machado, como Cândido, Victor Hugo. Então a gente canta a nossa história como a gente viu, claro que sempre cabe uma ou outra correção, a gente sempre procura ouvir os mais antigos.

Sobre o Mercado Cultural, que era o Mercado Municipal e que eu canto como Mercado Central na minha canção, foi inaugurado em 1950 e pegou fogo em 1964. Presenciei esse incêndio e só há cinco anos que nos deram esse novo prédio, até então ele ficou com tapumes, porque a família Tourinho estava em litígio, tanto que eles pegaram a parte de trás, o edifício atrás do Mercado Cultural. Todo aquele quadrado era o Mercado Municipal ,que eu chamo de Mercado Central, então a gente canta o Mercado Central, os boxes, as pessoas, os bailes.

Voltando àquela questão, quando vinha pra cá um cantor, para valer a pena, eles tinham de vir com no máximo o violonista ou então só o próprio artista, porque era uma viagem longa e cara. Eles pousavam e dormiam em Brasília ou Cuiabá, para depois vir para Porto Velho. Eram dois dias de viagem e daqui seguiam para Guajará, Manaus e Bolívia. Quem vinha para cá tinha que fazer turnê, não é como hoje que vem e volta na mesma hora.

A gente conheceu muitos artistas. Meu pai gostava muito de música e invariavelmente essas cantatas acabavam lá em casa, na Gonçalves Dias, de frente para a Afonso Pena, Gonçalves Dias, número 163, na casa do Smith Bento de Melo, meu pai, a minha maior honra...

A gente conviveu desde cedo com isso, eu, meu irmão mais velho, o Smith Bento de Melo Filho, meu irmão Edson Oliveira Bento de Melo, que é médico em Manaus, o Enos Oliveira Bento de Melo, que foi servidor do IBAMA, e faleceu recentemente, infelizmente, no final de outubro passado, Ênio Melo, que é Perito Criminal, Advogado, Administrador, toca violão com a gente e minha irmã, apenas uma, Edna Melo Martins que é médica em Manaus. Então, entre eu, o Smith e o Edson, há uma relação muito intensa com a música, em função da nossa história, do exemplo de nosso pai, porque ele tinha um proceder um tanto inusitado... Meu pai falava de São Paulo, do Rio, de Belém, de Manaus, falava nos detalhes: o Beco do Céu, o Beco da Formiga, a rua não sei das quantas. O pai sabe tudo isso, puxa vida!

Naquele tempo não tinha internet, não tinha compra de passagem *on line*. Meu pai chegava de uma viagem e já comprava outra passagem e ficava pagando. Fomos para São Paulo estudar, lá passeávamos bastante: eu, Smith e Edson, meus irmãos e o pessoal daqui de Porto Velho: o “Cibiti”, o Deca, o Sebastião Soares, Ademir Soares, filho do Sebastião, que era amigo do meu pai, da prefeitura, e mais uma trupe. Tínhamos dinheiro para o ônibus. “Vamos para Vila Maria?”, Vila sei lá das quantas, chegávamos lá, tomávamos um sorvete, alguma coisa e na hora de voltar meu pai dizia: “vamos pra casa, opa!” “Vamos pegar o ônibus?” “Não, não, não”. Ele puxava um mapa maior que um jornal e dizia: “olha, a gente tá aqui ó, nós vamos fazer assim, assim, assim para chegar em casa”. Íamos a pé, e assim íamos conhecendo melhor os espaços.

Com isso é que fui entender como ele conhecia tão bem os lugares e falava de Belém com detalhe, do Rio com detalhe, de São Paulo com detalhe. Esse era meu pai.

Minha mãe, sempre caseira, era funcionária da SEPLAM. Hoje mora em Manaus com minha irmã. Tínhamos uma trupe de amigos formidáveis, que se reuniam em nossa casa quando vinham os artistas para cá. Tinha o Jorge Andrade que deu o nome à Escola de Música, o Paulo Santos, primo da minha mãe, violão de primeira qualidade, o cavaquinho do... Depois eu lembro o nome do amigo do cavaquinho. O pandeiro do Caboco, tinha o mestre Louro, no Piston, Sax e Trombone, o Manga Rosa... Para você ter a ideia de como a coisa era efervescente em Porto Velho...

Aqui onde é a UNIR, era o Porto Velho Hotel, eu falo isso em uma canção também. A gente chegou a ter aqui Bienvenido Granda, aquele cantor mexicano de maior expressão, “*el bigode que canta*”, sem guardar proporção nenhuma, ele veio aqui, o mesmo quilate em que alguns anos atrás era o Júlio Iglesias. Ele cantou na varandinha do Porto Velho Hotel. Cantou naquela Porto Velho.

A gente continua com essa proposta de música, sou contador aposentado, meu irmão Ênio Melo, que eu falo na canção, que falei agora pouco faz o violão com a gente e assim temos a Fina Flor do Samba, junto com o Mestre Nei, no cavaco, Padoca, no cavaco e banjo, Nicodemos, no violão sete cordas, Mestre Bosco Paes, no Saxofone, temos Enio Ricardo Cardoso, no Rebolo e Tam-tam, temos o Chiquinho que faz o ritmo, Chiquinho Lobo, temos o José Áureo, que faz o surdo e temos o Aldo Cordeiro, que veio de Belém e juntou-se a nós. O Nicodemos é carioca, o Nei é cearense e militar, mas faz questão de dizer que nasceu no Darci Vargas. Nas vozes tenho comigo o Barney, que é caboclo nosso e o Hudson Mamedes, que veio de Mato Grosso, casou aqui, ficou e está com a gente. Essa é a Fina Flor do Samba, que está no Mercado Cultural há cinco anos, mas já tinha uma vida anterior de apresentações no bar Tábua do Cacique, Clube Ypiranga e no Clube Ferroviário. Já temos um CD solo gravado, que foi novamente reproduzido com uma canção a mais, “Porto Velho, Meu Dengo”, com a qual ganhei o festival do SESC que me levou ao Paraná para uma apresentação, como também muitas canções de carnaval.

Tenho minhas próprias canções, mas procuro absorver aqueles compositores que tratam do mesmo tema e não cantam, como o meu mestre Baima, que eu amo. Baima

não canta, então canto as canções dele, dou crédito porque tem tudo haver com nossa história. Outro é o Silvio Santos, o Zé Catraca do Diário da Amazônia, outro é Mávilô Melo, meu primo, tinha também o “Babá”, Sebastião Aroldo da Silva, que junto com Silvio Santos e o Bainha, para mim formavam a santíssima trindade do samba de Porto Velho. Babá achou de subir um pouco mais cedo... Canto sempre minhas próprias músicas, junto com as do Silvio, do Bainha, do Mávilô, do Piaba, do Humberto Amorim, mas que trata da mesma mensagem.

As pessoas me perguntam: “Por que você só faz música para Porto Velho?” Meu irmão me cobra muito isso. Eu tenho músicas universais, tenho sim, mas tenho tanta facilidade para falar sobre Porto Velho, que esse tema se sobressai inclusive, vamos ver por aí nos jornais, nas entrevistas, “o velho Ernesto Melo”, hoje sim com 64 anos estou caminhando para isso, mas esse “velho” já vem há mais de 30 anos atrás, porque o Silvio Santos, ao me ver cantar aquela Porto Velho antiga, me apresentava como: “Com vocês, o velho Ernesto Melo”. Mesmo eu com 25 anos, já era o “velho Ernesto”. Hoje com 64 anos já fiz jus ao codinome.

O meu primo Mávilô Melo faz composições dum leve só, duas músicas, três músicas. Não consigo fazer isso. Eu levo uma semana, levo uns quinze dias para fazer uma composição, há apenas uma música que fiz de uma só vez, só mudei uma palavra depois. Fui levar uma neta ao médico pediatra, no Hospital Regina Pacis e enquanto minha esposa subia ao consultório com minha neta, fiquei no térreo e aí surgiu “Porto Velho, meu dengo”, a única palavra que mudei é onde encerro, que falo “Porto Velho: se eu for cantar Porto Velho, te juro meu velho não paro hoje não”. Era assim: “se eu for cantar Porto Velho, que é o meu evangelho, não paro hoje não”. Eu só tirei “o evangelho” e botei o “meu velho”. Foi a única música que saiu de uma vez, já o resto, eu tenho que suar atrás delas. Já o Mávilô, é brincadeira! O Bainha, também demora a fazer, o Silvio também. Acho engraçado isso.

Gostamos de cantar Porto Velho, mas temos também canções que abordam outras temáticas, que apresentam questões de luta. Agregado a isso temos a canção “Exaltação ao Triângulo”, na qual a gente fala que chegou o tal do progresso e hoje tem enchente que não tínhamos e a gente acaba dizendo que: ali onde é o fórum Rui Barbosa, hoje é Fuag Darwich... Ali tudo era declive, a gente descia... Do lado do fórum

onde tem uma praça, pegava à direita para a casa de Dona América e de lá descíamos para a Baixa da União, onde hoje é aquela feira do produtor. Me lembro de fazer esse trajeto, essa é uma memória viva que trago comigo. Então a gente fala na canção que:

*Quem me dera*

*Resgatar minha bandeira*

*Pela Vila Cachoeira*

*Tirar o progresso de lá.*

Quando esse “progresso” chegou, começou a fazer mal à nossa história, à nossa cultura. Quando chegou o BEC – Batalhão de Engenharia e Construção, em 1964 para 1965, ele cortou a cidade em várias ruas, atravessou terremos, mudou os nomes... Onde hoje é a Rua Rogério Weber, era a Rua Norte Sul. Onde é a praça havia casas, que o BEC cortou, destruiu quartos, cozinhas... Derrubou tudo para fazer a estrada, a rua que hoje leva o nome do filho do comandante... O “progresso” foi acabando com o Alto do Bode, com o Morro do Querosene, inclusive essas enchentes que acampam naquele local, ali próximo do Tribunal de Justiça podem estar relacionadas a essas intervenções. Ali passavam vários igarapés, que foram só aterrados, não foram canalizados corretamente, e o que ficou para traz ficou... Então façam alguma coisa, ainda que precariamente! É por isso que quando a água vem é muito estrago. A gente sabe por que a gente viveu, conheceu aquele espaço antes.

Sempre tivemos enchentes em Porto Velho, enchentes cíclicas, que o nosso pai falava, que o nosso avô falava. De trinta em trinta anos, de cinquenta e cinquenta anos, mais isso é normal. Vocês são da Geografia, podem até discordar de mim, mas entendo que as enchentes que havia eram normais, ocorriam nas proporções esperadas, eram um fenômeno cíclico, que vinha em tempos quase que certos: daqui a cinquenta anos vem outra igual, esse tipo de coisa... Mas enchente como essa de 2014, que atingiu mais de cinco mil pessoas, nunca houve não.

Ainda ontem, domingo, estava em Humaitá, falando sobre isso. Não sei dizer realmente, mas tenho meu ponto de vista. Se as duas usinas não causaram essa enchente ao menos contribuíram. Ajudaram a acabar com todo o Triângulo, com seus referentes físicos, com seus símbolos, com sua história. Acabou com tudo, foi tudo embora!

Aqui no Darci Vargas, onde tinha aqueles mirantes bonitos, a água levou tudo mesmo, tanto que esse ano até esperou-se que viesse a mesma enchente, agora vai ser sempre assim, pensávamos, mas veio bem menos furiosa, né? Estou na expectativa de como será o amanhã quanto a essa questão. Mas a gente fala sobre o Triângulo nessa forma de contestação, “contestação” talvez não seja a expressão certa, mas a música é uma queixa porque também temos o direito de questionar, de reclamar.

A partir de 1964 tivemos várias intervenções urbanísticas sistemáticas na cidade, e no ano de 1964 tivemos o incêndio do Mercado Central. Justamente no ano em que teve o golpe militar no Brasil... Eu não posso afirmar nada, mas tenho minha concepção, meu jovem... Naquela ocasião tínhamos forças políticas muito poderosas aqui, forças políticas e econômicas, mas se eu fosse dar nomes aos bois agora poderia soar como leviandade, por eu não ter contestado antes... Mas pensem vocês, mestrandos. O Mercado é um espaço público, pertencente ao Estado. Quando que um particular vai se arvorar dono de um espaço público? Não tem jeito! A gestão de prédios históricos é feita pelo serviço de patrimônio da União. Por exemplo: o prédio do Ministério do Trabalho que está lá perto, o prédio do INSS, não é do Ministério do Trabalho, ele está com o Ministério do Trabalho, mas pertence ao patrimônio da União. É ela quem poderá conceder para uso. Se um dia vier um decreto de qualquer presidente extinguindo o TRT, quem manda naquilo lá? Não é meu, não senhor! Ele volta de imediato para o patrimônio da União, ninguém vai lá se arvorar, não! Agora vou ocupar aí? De jeito nenhum! Como é que lá tem aquele prédio: Edifício Rio Madeira? Como? Então é por essas e outras que prefiro me omitir, mas que tenho opinião formada eu tenho, inclusive falo alguma coisa na canção sobre o incêndio do Mercado.

Existe um lugar em Porto Velho muito especial para mim: o Bairro Mocambo, ele é o mais especial de todos. A questão da droga no bairro Mocambo só veio após minha juventude que foi de 60, 65, 66, só veio depois de 1970 para frente. Antes não tinha esse negócio de drogas aqui não. Lá tinha sim boêmio e seresteiro. E prostituta também, por causa dos garimpeiros que vinham naquela época, era época da cassiterita também, não só de ouro, então lá era sempre um bairro boêmio, mas nunca teve esse negócio de droga e de violência que tem hoje.

Não cheguei a morar no Mocambo, nasci e me criei na Rua Gonçalves Dias, em frente à Rua Afonso Pena, que descia para a casa da minha avó, que era na Rua General Osório, separada apenas pelo cemitério. Ali não é o bairro Mocambo, da Osório pra cá não é Mocambo, porque o Mocambo é detrás do cemitério, fica no meio do Areal.

O Mocambo é meu lugar especial e hoje está voltando para lá uma boa garotada, com o Márcio, que dirige o bloco carnavalesco “Até que a noite vire dia”. A gente compõe para eles também, a gente compõe para todos os blocos. O Maracanã também compõe para eles.

O Mocambo começou a se transformar a partir de 1980, com Jorge Teixeira, mas essa transformação não é específica de lá, ocorreu em todo o Estado de Rondônia. Naquela ocasião... Posso até estar errado, mas tinha escola para todo mundo e quando foi o *boom* do Eldorado: “Venha para Rondônia que tem terra” chegavam cinquenta homens por dia, sei lá, mais que isso, então foi se transformando, se instaurou o caos social. Mas não digo que seja só por isso: nossos jovens estão desempregados, nossas crianças sem escola... Vejo que o problema das drogas e da marginalidade é fruto de uma falta de políticas públicas de inserção do jovem. Tem até ideias boas, de deixar a criança o tempo todo no colégio, mas tem algumas medidas inadequadas que precisariam ser revistas. O Código de Defesa da Criança e do Adolescente é maravilhoso, é formidável, mas para a Holanda, para a Inglaterra, para a gente infelizmente não! Tenho um professor na faculdade que também é irmão do Mávilo, meu primo, professor Marcos Melo. Com ele compreendi as dificuldades de um professor de Ensino Médio.

Eu estava na sala de aula e o rapaz pulou o muro para vir com a faca agredir o outro dentro da sala de aula, não pude fazer nada! O que fiz foi fechar o notebook e sair. Amigo, isso aí maltrata a gente, isso é uma ofensa para a moral, porque no meu tempo óh! Poxa vida, no colégio Dom Bosco, Barão dos Solimões tinha até aula de música, a gente tinha até latim. Eu me orgulho do meu Português, mas sei que o devo a meu professor de Latim, Ermes Eduardo Luis, professor Padre Bartolomeu... Tínhamos aula de Francês, Inglês, Latim e ainda se cantava o hino nacional! Os professores eram respeitados. O aluno tinha apenas o direito de estudar, de aprender. No mais, ficava calado...



Esses sentimentos nos foram tirados, né? Vão inventando moda porque, com todo respeito, não poder ter uma profissão de fé, não poder ser católico nem protestante, ter que ser completamente laico é difícil! Tem que ter uma orientação para os mais jovens, poxa vida, tem que ter!

Então é esse “progresso” que veio aqui para a gente. O nosso jovem, antes desse, duas gerações pra trás ou uma geração pra trás, começou a ver a Globo tanto quanto via o filho do seu João. A Rede Globo é carioca e paulista... É muito abrangente, chega a todos os lugares e tem construído referências que não são as nossas, não condizem com o nosso espaço, com as nossas necessidades, com o modo de vida amazônico. Tem criado desejos de consumo de coisas que não são realmente necessárias, tem antecipado experiências... Certas coisas queimaram etapas da juventude. Hoje a polêmica é em relação à questão da homofobia... Tem que se pensar duas vezes antes de se falar qualquer coisa, não se pode nem fazer brincadeira. Amigo meu que é chamado de “negão” há 100 anos agora não posso mais chamar de negão, tenho que dar um tempo porque alguém pode escutar e dar problema.

A questão de novela com criança tratando desrespeitosamente o pai e a mãe, isso aí é uma escola do pior nível! Então tudo isso, na minha concepção, veio em detrimento da juventude local, que passou a raciocinar como o pessoal do Rio de Janeiro e de São Paulo. Mas lá eles têm outra história.

#### **4.1.2 HISTÓRIA DE VIDA DE ÊNIO RICARDO**

Meu nome é Ênio Ricardo, nascido em Porto Velho em 25 de setembro de 1965, e venho de uma família que já brincava de samba desde que me entendo por gente. Minha mãe desfilava em escola de samba, desfilava na Diplomatas do Samba, na época em que o carnaval de Porto Velho realmente valia a pena! Minha mãe participava do Carnaval e, tradicionalmente, todos os filhos participavam. Assim que começávamos a compreender o que era o samba, a gente já participava, e não foi diferente comigo.

Entrei na Escola Diplomatas do Samba quando tinha mais ou menos 13 anos. Comecei a brincar na escola de samba, primeiramente como brincante, posteriormente fui ser ritmista, uns três anos depois fui participar da ala de ritmistas da Diplomatas. Desfilei uns belos quinze anos como ritmista daquela escola. Foi onde aprendi a gostar mais dessa parte de percussão e uni o gosto pelo Carnaval com o gosto pelo samba e pelo pagode.

Além de participarmos da Diplomatas, começamos a participar também de grupos de samba. Particpei de alguns grupos de samba e de pagode na cidade, em destaque o Sambashow, que fazíamos assim... Com um grupo de amigos que gostava de samba e de brincar. Foi muito legal, levamos alegria para muita gente na época, ficamos mais ou menos uns 10 anos nesse grupo. Nesse período, é claro, a roupagem do grupo, vez por outra, mudava, mas a proposta permanecia. Eu, particularmente, permanecia e fui o último, aliás, da composição desse grupo, até que o grupo finalizou de vez.

Depois comecei a participar na Escola de Samba Asfaltão e a participar com o pessoal de pagode, de samba... Fundamos a Quinta da Santa, um evento cultural que se tornou popular aqui em Porto Velho, a gente infelizmente teve de mudar de local, depois de muitos anos no mesmo lugar. Mudou também a direção e a roupagem do evento, mas tive a grata satisfação de participar de seu início, de ter sido um dos fundadores.

Já em 2009 para 2010 fui convidado a participar da Fina Flor do Samba. Primeiramente fui convidado para substituir o nosso amigo Neguinho de Xerém, que era o responsável pelo rebole, o instrumento que toco atualmente. Fui substituindo o Neguinho nas suas ausências: viagens, compromissos de trabalho, até que me veio o

convite para me tornar efetivo no grupo. Isso já faz mais de cinco anos. Sou grato por poder participar dessa banda porque ela me permite viver um tipo de samba e um tipo de experiência que foi muito importante na minha infância e juventude e que está desaparecendo de Porto Velho. Hoje nós não temos mais um samba tradicional, aquela coisa gostosa... E é isso que a gente procura recriar. Estamos lá, cada dia tentando melhorar, cada dia tentando mudar o nosso repertório. Nosso grupo também já foi bem alterado em relação à sua formação inicial, muitas pessoas já saíram, foram embora...

A Fina Flor do Samba nasceu com uma moçada que gostava de se reunir na praça pra brincar de samba e aí veio a ideia do projeto. O projeto inicial tinha uma formação, o grupo em si tinha uma formação... Hoje já deu uma alterada, mas com certeza foi para melhorar, e estamos aí. Trabalhar com Ernesto Melo, que é um dos principais baluartes do nosso samba, não tem descrição, não tem palavras para dizer o quanto é gratificante! Realmente o cara é bom de samba pra caramba, bom de verso, e a gente tem uma confiança muito grande nele.

Na Fina Flor do Samba quem faz as composições é o Ernesto Melo. Um ou outro brinca de fazer composição, mas o letrista, o poeta mesmo é ele. Recentemente fiz uma composição, mas ainda nem apresentei ao grupo porque está sendo trabalhada a harmonia dela. Tá com meu amigo Hud Mamedes, filho do Hudson, ele está trabalhando a harmonia dessa composição, eu já apresentei ela para o Mávil Melo, que também é outro baluarte do nosso samba e um dos melhores compositores que temos em Rondônia. Sou fã do cara, nesse sentido, mas compositores mesmo, como Ernesto Melo, que tem sambas, tem outros ritmos, tem samba de enredo com escola de samba quase todo ano e o samba dele é campeão em quase todo lugar que ele resolve participar, não tem! Ernesto é sem igual, e por enquanto, na formação da Fina Flor do Samba só tem ele como compositor.

Minha relação com o samba começou dentro da família, a gente já tinha uma tradição, a minha mãe já desfilava na escola de samba, a minha avó antes da minha mãe já era fã da escola de samba Diplomatas. Gostavam do samba de rua, do samba de enredo e de escola de samba, especificamente.

Pelo que me recordo, quando fui participar pela primeira vez da escola de samba, ainda era no Danúbio Azul, na Avenida Carlos Gomes com a Tenreiro Aranha,

ou com a Marechal Deodoro, não me recordo bem... Era por ali. O Danúbio era um clube que marcou os meus primeiros anos dentro da escola de samba. Ali foi minha iniciação.

Posteriormente fomos para o CIBEC – Clube dos Civis do 5º BEC. O 5º BEC significa 5º Batalhão de Engenharia e Construção do Exército.

A escola de samba Diplomatas do Samba mudou os ensaios, suas reuniões para o CIBEC e incorporei mesmo a trajetória da escola, da vida ali dentro do samba, ajudando inclusive nos bastidores até que me veio o convite para ser o diretor da escola. Fui diretor de patrimônio, acredito que o diretor mais novo de uma escola de samba em Porto Velho tenha sido eu, não conheço outro, pelo menos no meu tempo não houve outro. Eu tinha, na época em que fui convidado para assumir a diretoria, 20 anos de idade. Mostrei um trabalho razoável, que me deu espaço para permanecer por vários anos. Fui da diretoria executiva, na Diplomatas, depois fui convidado para compor a diretoria da Asfaltão, da qual participei também por um período. Não recordo quanto tempo, mas dei minha contribuição também em alguns desfiles, em alguns carnavais. Em paralelo a isso, sempre estive envolvido com os grupos de roda de samba, participando, brincando...

O samba na nossa família vem de tradição, desde a minha avó pelo menos, e é uma tradição que se perpetua. Minha avó e minha mãe participavam de escola de samba, gostavam de samba, e agora tenho dois filhos, dos quais me orgulho bastante.

Fui casado vinte e dois anos, mas infelizmente, e até por causa do meu relacionamento exagerado com o samba, ocorreu minha separação e na época não tive maturidade suficiente para separar as duas coisas. Nem separei, nem envolvi a minha ex esposa o suficiente para me acompanhar. Sei lá, alguma coisa aconteceu e a gente findou separando, mas assim, quando eu estava casado... Quando nós começamos a namorar, na verdade, eu já a apresentei ao samba e a partir de então ela começou a participar junto comigo, desfilou, foi destaque das escolas de samba.

Quando eu ia tocar em algum evento ela estava presente e tive a satisfação de tocar aqui em Porto Velho com o Neguinho da Beija Flor, por exemplo, e outros cantores de nome nacional e até internacional. Lembro que em uma apresentação a Piná,

que era destaque da Beija Flor do Rio de Janeiro esteve em Porto Velho e a minha esposa estava presente, sambando. Quando terminou o show ela elogiou minha esposa dizendo que ela sambava demais e que era muito legal o jeito dela como sambista, disse ainda que seria uma satisfação se ela pudesse ir para o Rio de Janeiro. Houve um entretenimento entre as duas e foi legal pra caramba, a gente ficou muito feliz com essa ocasião.

Nossos filhos também nos acompanhavam desde pequenos. Eram acostumados a ouvir samba, a ir aos locais onde eu tocava e em casa a gente repetitivamente ouvia samba e outros gêneros, então eles também são apaixonados por música! Os dois chegaram a se envolver, o mais velho, por exemplo, me acompanhou e saiu inclusive tocando cavaquinho na avenida, bem novinho ainda. O Ênio Ricardo Junior e o Eli Fagner, meus filhos, são as duas estrelas da minha vida. O Júnior toca cavaquinho, hoje ele está parado, abandonou um pouquinho, mas vez ou outra converso com ele e ele sempre me fala que tem vontade de tocar, de pegar no instrumento novamente. Ele tem instrumento em casa. O Eli começou revelando habilidade para a percussão, quando pequeno. Quando criança ainda, ele pedia para que eu o ensinasse a tocar percussão, principalmente repique de mão.

Meu irmão tocava repique de mão, fazia parte do grupo, fez parte de alguns grupos dos quais participei. Inclusive, no SambaShow ele era vocalista e percussionista, tocava repique de mão e o meu filho segundo, o Eli, se apaixonou por tocar o repique de mão e aprendeu muito bem. Tocou repique de mão, aprendeu a tocar pandeiro, um pouco de tam-tam. Posteriormente dei um violão de presente para ele e começou a tocar com facilidade. Estava tocando legal, estava tocando bem, até que devido aos estudos, faculdade, o caminho da vida... Se distanciou um pouco. Outra coisa que deve ter contribuído é que eu saí de casa, devido à separação conjugal, aí eles deram um tempinho para essa parte musical, mas vez ou outra se encontravam para formar um grupinho com outros amigos da idade deles que também são apaixonados por música. Não estão hoje ligados a grupos, nem diretamente ao samba, mas tiveram as referências e acredito que manterão a tradição.

Meu neto, que se chama Ênio Ricardo – o meu filho é Ênio Ricardo Júnior, também se amarra em música, e apesar de só ter quatro anos gosta de estar com o

cavaquinho na mão e se Deus quiser- eu já conversei com meu filho- a gente vai iniciar ele em uma escola de música para ele incorporar a música na veia, porque a música é boa demais. Com a música a gente consegue desviar o pensamento de um monte de coisa ruim. A música é hoje onde descarrego a minha bateria, a energia ruim da semana inteira... Todo o estresse que acumulo, quando chega sexta-feira eu o descarrego na apresentação da Fina Flor do Samba, no Mercado Cultural.

Em relação ao SambaShow, grupo musical que durou mais ou menos dez anos, não sei a data precisa de quando nós paramos, até porque nós ficávamos nos encontrando mesmo depois que deixamos de fazer apresentações, ter contratos. Creio que paramos as apresentações formais por volta de 2006, 2007.

Agora me dedico à Fina Flor do Samba, um grupo de excelentes músicos e que tem um perfil de composições que revelam um pouco da história e das lutas do povo de Porto Velho, principalmente da Porto Velho antiga, que a gente conheceu na nossa infância e juventude.

O Ernesto Melo é um cara totalmente apaixonado pela nossa terra e tem a felicidade de ser realmente muito preciso nas composições. Quando retrata Porto Velho, o faz com tanto carinho, com tanto amor, que sensibiliza as pessoas. As composições dele retratam desde Porto Velho quando ele era criança até os dias de hoje, as últimas composições dele falam de Porto Velho atual, mas tem algumas que falam dos tempos antigos e falam do nosso patrimônio, retratam muito bem o nosso patrimônio. A história de Porto Velho é cantada com a clareza de quem conheceu, participou. Quem viveu aquela época tem realmente uma lembrança viva no momento em que ouve algumas músicas do Ernesto. Nós temos aí, por exemplo, “Porto Velho, meu denço”, que é um sucesso! O povo canta, o povo pede, o povo aclama! Principalmente as pessoas daquela época, da nossa época...

A Fina Flor do Samba tem uma formação de músicos de mais idade... Não temos essa garotada jovem, não temos pelo menos por hora. Então, quando Ernesto retrata o patrimônio de Porto Velho, por exemplo, ele retrata lugares... Nossa ferrovia, fala de Guajará-Mirim, fala do antigo palácio, do antigo hotel Porto Velho, os lugares, os prédios, o comércio... A música é uma viagem cultural a Porto Velho antiga, ao passado de nossa cidade.

As composições de Ernesto Melo retratam com tanta clareza que quem não conheceu (eu, por exemplo, não conhecia, não sabia de muita coisa da história de Porto Velho), passa a imaginar. Aí quando você vê fotos daquela época – no Mercado Cultural tem muitas fotos, quadros antigos, é como se você reencontrasse os lugares cantados por Ernesto Melo. As músicas dele nos levam a um passeio pelo passado, é um negócio fenomenal!

Na época da Ditadura Militar eu não era ainda envolvido com coordenação, com direção de escola de samba, mas pelo que me lembro, era uma época em que o samba tinha até mais apoio do que hoje. Hoje nós temos uma dificuldade terrível, se tornou uma dificuldade terrível, dificuldade financeira mesmo para a manutenção dessa cultura, a manutenção dessa cultura popular em si. Porto Velho está dando um péssimo exemplo: já estamos com três, quatro anos sem o carnaval de rua, sem o carnaval popular. Quer dizer, isso traz um desânimo, uma lamentação bastante grande para as pessoas que gostam de se envolver, que gostam de levar alegria para o povo. Hoje nós tiramos do nosso próprio bolso para tocar toda sexta-feira no Mercado Cultural. Muitas vezes temos de pedir a contribuição do público para pagar o aluguel dos equipamentos de som, e se o valor não for suficiente a gente complementa com nossos próprios recursos. Todos têm que ter a sua profissão paralela. Não dá para viver da música. Graças a Deus, na Fina Flor do Samba todo mundo tem trabalho, tem uma formação profissional que permite viver com dignidade e ainda se dedicar ao samba. É simplesmente o amor à camisa, o amor ao samba que nos leva a esse extremo aí.

Aqui nessa residência moro desde que nasci. Vai fazer 50 anos. Assim que nasci minha mãe e minha avó se mudaram para cá, para esse bairro, para esse lugar onde moramos até hoje. Apesar de eu ter saído quando casei... Passei um tempo morando em outros bairros, mas quando separei voltei para cá. Minha mãe nunca saiu daqui, a família em si nunca saiu daqui então é um dos locais dentro de Porto Velho que me traz muita satisfação. O bairro todo nos conhece. Somos tratados como as pessoas mais antigas do bairro, somos as mais respeitadas. Minha mãe é super respeitada até, digamos assim... pelas pessoas mais inconvenientes, que tem em todo local. Todos têm consideração pela minha mãe, pela minha família.

Aqui no nosso Bairro, no Bairro Santa Bárbara, nesse pedaço, todo mundo tem uma consideração diferenciada com minha mãe, com nossa família, e isso para nós é uma satisfação, para mim é uma satisfação. Quando não estou nesse local e nessa cidade me sinto um pouco deslocado.

O Mercado Cultural é outro lugar muito especial para mim, que conheço desde que nasci. Quando eu era menino ia comer salteña lá, e mesmo depois que cresci, e que foi reaberto, continuo passando lá para comer salteña. Passava lá para comer e para vivenciar um momento de música porque já tinha algumas pessoas que iam pra lá para fazer composições, para conversar e jogar conversa fora. Eu não fiz parte dessas rodas de sociabilidade porque era menino, mas nossos pais faziam parte, o pai do Ernesto, o meu pai, senhor Edmundo. O Ernesto até fala dele em uma composição. Meu pai era funcionário da prefeitura.

O Mercado Cultural era um ponto de encontro do pessoal mais antigo. O pessoal parava para tomar uma cerveja depois do expediente e hoje, particularmente, é um local no qual me sinto muito bem, não estando em casa, é lá o meu lugar. Para mim é tudo de bom estar ali, reunido com a moçada da Fina Flor. A alegria e a felicidade que sinto é tamanha que não tem descrição!

Na verdade, quem me convidou pela primeira vez para participar da Fina Flor foi o Oscar Knight, que era um dos componentes da época, também batalhador pelo samba de Porto velho, pessoa que está desde pequeno, desde criança, envolvido com a história do samba de Porto Velho. Foi a primeira pessoa que convidou.

Conversando com Ernesto Melo, viemos a descobrir que o pai dele era amigo do meu pai, que viveu também ali, tiveram uma amizade de boemia, uma amizade legal mesmo, tomavam cerveja juntos... Tanto é que o Ernesto fala numa música dele no Edmundo e eu nem sabia, nem conhecia essa música até ele me apresentar. Ele disse: “Olha, tenho nos meus arquivos uma referência a seu pai, eu falo de seu pai”, e cantou essa música, começou a apresentá-la lá no Mercado, divulgar. O Ernesto tem uma pilha de composições, só que ele não canta todas não, tem um monte de pérolas guardadas. Nem todas ele apresenta ao público. O cara é fantástico!



Lembro que no período de escola, às vezes eu vinha da escola SENAI, onde estudei uma época, e nesse caminho de lá para cá, pela Avenida Farquhar, que é uma das principais e mais antigas ruas de Porto Velho, eu passava pelo Aeroclube – um aeroportozinho dentro da cidade. No centro da cidade tinha um aeroporto e eu passava em frente a ele, descia a ladeira, tinha o Bacurau, tinha o bar do Zizi e nesse daí já estava o pessoal reunido. O bar do Zizi ficava justamente lá no Mercado, e lá já estava o pessoal, normalmente a partir das 16h, 17h, já estava o pessoal com o violão, com um instrumento a mais, brincando de música, muitas vezes fazendo samba e eu me amarrava em ficar ouvindo, em ficar curtindo aquilo ali. Sentava em um banco da praça e ficava ouvindo, ou então pegava o meu suco e ficava lá do lado mesmo deles. Isso para mim também foi muito importante na minha trajetória.

Meu pai não foi músico, mas vivia nesse universo. Era amigo do pai do Ernesto, participava da roda de amigos, de músicos. Eles se reuniam e alguns tocavam violão, tocavam bandolim, cavaquinho, sentavam ali e ele fazia parte do grupo, brincava ali, vivia aqueles momentos junto com a moçada.

O samba tem se expandido em Porto Velho, graças a Deus, mas considero que o principal reduto mesmo continua sendo o Bairro Santa Bárbara. Apesar de a maioria do pessoal antigo ter se mudado, as reuniões são muito frequentes e continuam sendo aqui, no Santa Bárbara. É um bairro muito falado, inclusive dentro dos sambas. A gente tem várias composições que falam desse bairro então acho que se não é o mais importante, é um dos mais importantes para o samba de Porto Velho.

Outro lugar que eu gostava de passar quando era criança ficava ali na Rua Almirante Barroso com a Joaquim Nabuco. Ali havia dois bares, um de cada lado da rua e o pessoal se reunia para fazer samba, era uma beleza! Ali era Santa Bárbara ou Centro, não sei ao certo. A moçada da época se reunia e de lá saiam vários blocos carnavalescos, blocos de sujos... Um lugar que disseminou escolas de samba e era, também, outro ponto onde o pessoal gostava de se reunir.

O Mocambo é outro bairro, outra comunidade que fez brotar a música de Porto Velho. No Mocambo se reuniam muitas pessoas para fazer samba e lá nasceram vários pessoas importantes para o samba e que são seus baluartes. A maioria desses grandes

nomes do samba portovelhense saiu desses redutos: o Santa Bárbara, o Mocambo e o Centro.

O Bairro Caiari... Estava esquecendo do nosso Caiari, que também foi um berço do samba e é bastante retratado nas composições do Ernesto, nas histórias que ele conta. No Caiari também havia muitas pessoas envolvidas com o samba. Bom, já estou ficando sem palavras...

#### **4.1.3 HISTÓRIA DE VIDA DE HERNANDES SALES GUERRA (PADOCA)**

Sou natural de Rio Branco, no Acre e nasci em 13 de janeiro de 1954.

Fui bancário durante 22 anos de minha vida, bancário do Banco do Estado do Acre e como todos sabem, os bancos estaduais tiveram suas vidas interrompidas por vários motivos... Depois disso me apareceu uma oportunidade de trabalho para a qual teria de vir a residir aqui em Porto Velho. Isso foi no ano 2000. Aceitei a proposta e aqui estou.

Minha relação com a música vem desde muito cedo, apesar de nunca ter estudado nada de música, sou leigo, leigo, leigo, mas... Diria assim, que tenho o dom e a facilidade de aprender a tocar instrumentos musicais. Meu pai era músico também, leigo assim como eu, sem formação, mas tocava violão, tocava cavaquinho, e outro tio meu tocava acordeon. Daí eu mesclou tudo, quando era moleque, mais novo, eu tocava um pouco de acordeon, tocava cavaquinho, tocava violão, um pouco de percussão, pandeiro, surdo. Sempre tive muita facilidade para aprender a tocar instrumentos.

Minha relação com o samba começou em Rio Branco a partir da década de 1990, quando alguns grupos foram fundados. Meu irmão participava de grupo musical de samba, mas eu, efetivamente, nunca tinha feito parte de nenhum grupo. Minha participação era indireta, em presença, amizade com a turma, convivência, e nas horas de folga um pagodinho no bar, na época eu bebia ainda uma cervejinha e etc...

Quando aconteceu minha transferência para Porto Velho fiquei um pouco afastado de música, mas há uns quatro anos resolvi retomar a minha participação no samba. Parei de beber e procurei a música para descarregar um pouco dessa energia. Gosto também de música de todos os estilos.

Minha entrada no grupo A Fina Flor do Samba se deu por acaso. O Ney, que era o titular do cavaquinho precisava viajar de férias e me convidou para substituí-lo durante o período em que estivesse ausente. Eu titubeei um pouco, porque não tinha muita segurança a respeito do repertório e aquele negócio todo, mas acabei aceitando o desafio. Quando ele retornou fui convidado para continuar no grupo, porque o cidadão que fazia o banjo à época, por ser militar, havia sido transferido de base, saiu daqui e

parece que iria para o Rio de Janeiro, se não me engano e então fui convidado a participar no grupo e permaneço até hoje. Agradeço a generosidade do Ernesto e ao pessoal que me acolheu com carinho, com respeito. Na Fina Flor do Samba aprendi bastante, desenvolvi mais o cavaquinho, porque eu pegava no instrumento esporadicamente, e com minha entrada no grupo tive que passar a ensaiar sistematicamente e aprender músicas que não conhecia. À medida que você vai ensaiando, vai melhorando a qualidade musical como instrumentista.

A gente lamenta a falta de apoio para o músico local, a falta de suporte para esses artistas, e isso é um problema que existe não só aqui, em Rondônia, mas em todos os estados que conheço, inclusive no Acre. As instituições públicas dificultam demais a apresentação dos talentos locais, mesmo que sejam talentos comprovados, como no nosso caso, aqui em Porto Velho.

Já me sinto rondoniense, já estou aqui há quinze anos e anteriormente já tinha trabalhado no interior, em Vilhena e Cacoal e junta aí mais uns cinco anos, eu já tenho mais de vinte anos de Rondônia, um terço da minha vida! Me sinto daqui, sou natural do Acre, mas Rondônia é minha terra do coração. Apesar disso, preciso reconhecer que tanto lá quanto aqui, as dificuldades em relação ao apoio para a música são muito parecidas, não existe apoio e a falta de apoio é tanta que no Mercado Cultural agora as apresentações da Fina Flor do Samba foram suspensas. Segundo informação que recebemos a empresa de sonorização não estava recebendo o pagamento que era de direito. Ninguém vai trabalhar, fazer investimento em equipamento de som, colocar para trabalhar, equalizar som para músicos tocarem, sem que tenha a devida remuneração para o seu trabalho e a recuperação do seu investimento. Até porque para isso também a empresa tinha de pagar funcionário para efetuar essa sonorização, levar e trazer equipamentos, o desgaste natural dos equipamentos, cabos, fios, autofalante que queima, que se danificam... A gente lamenta muito essa questão!

Com relação à minha vida profissional, sou graduado em Administração de Empresa e trabalho na empresa RECOL Distribuição e Comércio há 15 anos. Sou encarregado da área de licitações e faço esse trabalho há 15 anos. Sou aposentado pelo INSS, mas infelizmente a gente se aposenta e tem de continuar trabalhando, porque o salário que você percebe resultante da sua vida contributiva para o INSS não garante a

manutenção do padrão de vida que você teve até a hora de se aposentar. Um plano de saúde leva um terço do seu salário, aí vêm as contas de água, luz, principalmente, isso leva mais um terço do salário, aí vem medicamentos porque a idade vai avançando e você começa a ter gastos acentuados com remédios, e ainda tem filhos estudando, fazendo faculdade - os meus dois últimos agora: um está se formando em Direito esse ano e o outro começando Administração. É preciso arcar com essas despesas, por isso você tem de continuar trabalhando, o que é o meu caso e de muitos trabalhadores brasileiros.

No meu caso, as lutas do cotidiano são amenizadas pelo samba. Tocar é uma forma de espairecer, de ir além...

O samba tem poucos redutos aqui em Porto Velho. Uma das instituições mais importantes em promover o samba aqui na nossa cidade é a Escola de Samba Asfaltão, uma associação recreativa que estimula muito a sobrevivência, digamos assim, dessa música, desse ritmo que é tão brasileiro, que identifica as nossas raízes culturais. A Asfaltão tem grande influência, mobiliza bastante o samba. Aproveitando gostaria de parabenizar a diretoria da Escola de Samba Asfaltão que ao longo dos anos que moro aqui em Porto Velho, está sempre promovendo algum evento, fazendo alguma atividade correlacionada a esse ritmo de música, a essa cultura tão brasileira. O outro é o próprio Mercado Cultural, nas tradicionais sextas-feiras, com o grupo A Fina Flor do Samba, mesmo antes de ser um dos participantes do grupo eu me fazia presente todas as sextas junto com minha esposa, para a gente curtir um sambinha bom, rever alguns amigos. É um ambiente familiar e muito agradável. O público que vai ao Mercado Cultural é de pessoas com certa estabilidade, de mais idade, pessoas mais maduras, que vão porque gostam realmente de samba e gostam de prestigiar a prata da casa.

Além da Fina Flor do Samba outras pessoas também cultivam essa cultura musical, como o pessoal do Fala Sério, com quem convivo um pouco, e o Marquinhos do Cavaco. Mas essas pessoas também estão sempre migrando, tocam num canto, tocam em outro, e não têm o apoio necessário para que sobrevivam da música.

Faltam espaços para o samba se apresentar e faltam recursos, faltam subsídios públicos para se desenvolver um trabalho com mais qualidade. Um dos poucos lugares que permanecem recebendo os grupos de samba é um espaço privado, o Bar do Vasco.

Lá, todas as quintas-feiras há apresentações. O senhor Cristovam do Nascimento, que é um dos líderes do nosso samba, carioca de nascimento, mas que mora em Porto Velho há muito tempo, convida os músicos, convoca, criou até um grupo no Whatsapp. Ele tem um espírito de liderança muito grande e isso faz com que as quintas-feiras sejam brindadas com rodas de samba lá no Vasco. Nesse período de festas natalinas estamos em recesso, até janeiro, mas o nome do Cristovam merece ser lembrado.

Todos os integrantes do Fala Sério, que é o grupo que conheço e tenho maior número de amigos, têm suas profissões, são funcionários públicos federais, outros têm suas atividades particulares. O Marquinhos do Cavaco... É histórica a luta desse carioca que abraçou a nossa terra. É histórica a luta que ele trava diariamente para poder tentar divulgar o samba de Rondônia. Eu quero aqui deixar gravado meu respeito por esses cidadãos que integram o grupo Fala Sério e também pelo Marquinhos do Cavaco, pela magnitude que ele tem com relação ao samba, ele é um batalhador incansável, está sempre correndo atrás, luta para um lado, corre para outro lado atrás de patrocínio para poder realizar um sonho que ele traz consigo... Espero que um dia ele possa viver exclusivamente de música. Parabéns a essas pessoas, sem desmerecer os demais grupos, pois nós temos vários grupos de pagode, samba, choro...

Há uma transitoriedade muito grande de integrantes nesses grupos, o grupo que se firmou e que conheço há quinze anos é o grupo Fala Sério, sem querer desmerecer os demais.

Queria também deixar registrado minhas felicitações ao Ernesto, ao mestre Bainha, ao Silvio Santos, ao Oscar, Zé Baixinho, Misteira, e que me perdoe alguns que não me ocorreu o nome nesse momento. São essas pessoas que traduzem a nossa Porto Velho antiga, porque é difícil para a gente, em determinados momentos aceitar o progresso... Você fica com aquela imagem na cabeça de que o progresso está tirando coisas que nós tínhamos quando éramos crianças...

Apesar de eu não ter nascido aqui, músicas como as de Ernesto Melo me levam a um sentimento de identificação. Eu transfiro a interpretação das dissertações dessas letras, para o lugar onde nasci e me criei. Mudanças acontecem em todas as cidades, só mudam os nomes dos lugares, mas as transformações ocorrem em todo canto. Entendo perfeitamente o saudosismo desses autores com relação a isso, porque eles estão ali

trazendo à tona situações de vivências das suas infâncias, juventudes, de suas experiências vividas nesses lugares.

Preciso ratificar minha gratidão e meu amor por Rondônia. Sou natural de Rio Branco do Acre, considero Rondônia como a minha segunda cidade natal... Meu lugar favorito em Porto Velho é a minha casa, e acho que a casa é o lugar onde todo mundo gosta de estar, acho que isso é natural. Me sinto melhor em casa do que nos outros lugares, e na medida que a idade vai avançando você vai naturalmente se retraindo mais, gostando de mais privacidade e recolhimento. Por outro lado, há outro lugar, diferente de casa, mas que gosto de estar: o Mercado Cultural. Embora seja um espaço público, as relações que lá desenvolvi são bastante fraternas e calorosas.

Considero importante que existam espaços como aquele, que existam oportunidades de as pessoas se socializarem. O Carnaval, por exemplo, é uma festa importante, apesar de eu, particularmente, não apreciar muito...

Estamos há três anos sem o desfile de Carnaval em Porto Velho, desde que assumiu o novo prefeito que o carnaval vem sendo boicotado sistematicamente, sob uma alegação ou outra. Enfim, parece que no próximo mês de fevereiro vai acontecer o Carnaval... Nunca fui convidado para participar de escola de samba, nunca desfilei em escola de samba em Porto Velho, nem em Rio Branco, também nunca toquei em nenhuma escola de samba, até porque adoro samba, mas não sou muito chegado em Carnaval, entende? Não gosto muito de Carnaval porque é aquela muvuca, aquela confusão e eu não gosto muito. Mas já fui assistir a desfiles na avenida, participo indiretamente, como um cidadão comum. Vou assistir na avenida.

Meu pai tocava junto com um primo da minha mãe, que cantava. Naquela época não tinha esses recursos que nós temos hoje e muitas pessoas talentosas viviam no anonimato, por exemplo, o “Bararu”: foi jogador de futebol lá no Acre, foi jogador da seleção acreana. Alguns jogadores de futebol mais antigos podem se lembrar, se ouvirem o nome dele. O Bararu jogava no Atlético Acreano, cantava e tocava violão. Meu pai tocava violão e cavaquinho, eles todos moravam na mesma rua, e tinha um outro senhor, amazonense, que era irmão dele: um tocava cavaquinho e outro tocava percussão.

Naquela época era muito comum fazer alvorada no aniversário de algum amigo, alguma pessoa conhecida, aquela turma juntava para fazer surpresa e já levava tudo pronto, levava comida, bebida, aquele negócio todo e determinada noite iam lá, cantavam uma música, abriam a porta e faziam aquela festa. Não tinham caixa de amplificação, cantavam e tocavam no gogó mesmo. O negão Bararu tinha um gogó de fazer inveja a qualquer um. Então vem daí, eu era pequeno e via aquilo, acompanhava e naquilo ali a música vai arraigando em você.

Por incrível que pareça só um dos meus filhos toca violão. Tenho cinco filhos, um casal do primeiro relacionamento e os outros três do tempo em que fiquei solteiro, flauteando por aí... Desses cinco, só um tem afinidade com instrumento, os outros gostam de música, mas não como instrumentistas. Minha filha mais velha gosta de MPB, agora os outros, os mais novos... Hoje, como o som que mais rola é o sertanejo, essa contaminação proliferou...

As mudanças vão ocorrendo à medida que as cidades, as comunidades vão se desenvolvendo. Primeiro são comunidades de vilas, depois municípios, cidades e vai por aí. O progresso é essencial, “o tempo não para”, como dizia Cazuzza, e as mudanças são implícitas, não tem jeito, vai mudando e ela vai descaracterizando aquilo que você tinha em mente. Por exemplo, as hidrelétricas trouxeram certa dúvida, pelo menos na minha cabeça, eu não tenho capacidade técnica para falar sobre isso, mas essa dúvida se essa enchente ocorrida em 2013 tem alguma correlação com alguma dessas hidrelétricas. Alguns dizem que sim, outros dizem que não e fica essa dúvida. Por outro lado ela assegura o progresso que é a energia “mais barata”. Nós moramos em Rondônia e acredito que este seja um dos Estados que possui a tarifa de energia mais cara do país, não é brincadeira, por exemplo, na minha casa só moram eu e minha mulher, pagamos uma conta de luz de quase quinhentos reais e nós passamos o dia quase todo fora, porque trabalhamos. Não há justificativa para uma tarifa tão cara. O progresso trás coisas que são para o bem comum do país, mas também traz impactos negativos.

No momento vivenciamos uma crise política que detonou a crise econômica, e que maltrata a população do país inteiro, porque desencadeia vários processos negativos, como a inflação, que desencadeia o desemprego, que desencadeia o desaquecimento da economia e etc. O principal atingido por essas situações é a própria



população. Os novos projetos, os novos ministros vêm sempre tentando reativar o famigerado imposto da CPMF, dizem que é pra saúde, para aquilo e aquilo... e o governo não dá um passo no sentido de diminuir, de enxugar a sua máquina administrativa, trinta e poucos ministérios... sem reduzir despesas, então é isso: fica pesado para o povo.

Voltando à questão do samba, é difícil saber se o trabalho da Fina Flor do Samba terá possibilidades de continuar, se surgirão novos músicos. Primeiramente teria de haver um líder para isso, um líder como o Ernesto é: uma pessoa abnegada e que tem dentro dele esse amor pela cidade onde nasceu. Ele quer mostrar para as pessoas daqui e para as que vêm de fora, sempre faz na abertura dos nossos encontros musicais agradecimento às pessoas que vieram de fora e contribuíram para Porto Velho se transformar no que hoje ela é, sem bairrismo. Esse tipo de liderança é difícil, a juventude, quando vem se despertar para isso, demora muito, e nós somos perecíveis, nós somos mortais e eu não sei... Os músicos que ali tocam, tocam porque gostam de música. Levam seus próprios instrumentos, compram, levam, fazem a manutenção, tudo por conta própria, não tem incentivo, não tem contrapartida de ninguém para que o evento ocorra. Então não sei se essa característica está desperta dentro dessa nova geração de sambistas que está surgindo.

A convivência com Ernesto Melo e a Fina Flor conseguiu me contagiar e fazer sentir o mesmo sentimento de amor à cidade. Quem frequenta o Mercado Cultural e assiste às nossas apresentações observa o amor que Ernesto canta nas suas composições, o amor pela cidade onde ele nasceu, e isso acaba contagiando as outras pessoas. Você pode observar que na Fina Flor do Samba tem pessoas naturais de vários Estados, no meu caso sou do Acre, tem o Hudson que é do Mato Grosso, o Ney que é do Ceará, fora os que são daqui e não me recordo agora. A banda é composta por pelo menos quatro ou cinco músicos de estados diferentes, além dos nativos, e todos estão lá porque se identificaram com o projeto e com essa terra, que nos acolhe, nos ampara. É um lugar pelo qual você desenvolve amor. Não consigo entender uma pessoa que venha de outro Estado, que fica radicada em uma determinada cidade, que a acolhe, dá o pão de cada dia e a pessoa não criar amor por aquele lugar, acho difícil isso ocorrer...

Em relação à nossa dinâmica na Fina Flor do Samba, hoje raramente a gente ensaia. Antes, logo que entrei, há três, quatro anos atrás, os ensaios eram feitos na casa do Ernesto, com certa regularidade e ultimamente vinha sendo feito no bar Vasco da Gama, na Rua Marechal Deodoro, nas proximidades do Hospital Nove de julho. Ensaivávamos a cada quinze dias: uma semana sim e outra não.

A música da Fina Flor do Samba promove a identidade e se desenvolve meio que naturalmente, pela identificação que cada um tem com o estilo e a temática, em função de serem músicas mais antigas e de nós próprios sermos músicos mais experientes... As músicas que tocamos foram das mais rodadas nas emissoras e até hoje ainda são bastante tocadas, e o fato de ouvirmos bastante facilita na hora de tocar, porque daí você já conhece a música, né? Pelo menos no meu caso é assim, não sei ler partitura, não sei ler nada, tenho que ouvir a música para poder “tirar de ouvido”, como diz o linguajar popular. Musicalmente falando: sou analfabeto musical.

A falta de apoio do poder público obrigou-nos a nos afastar do Mercado Cultural, que era o nosso ponto de encontro tradicional, há vários anos. Segundo o Ernesto Melo, em janeiro a gente retorna ao Mercado, com certeza. Mas em função dessa falta de apoio, falta de tudo, não considero o Mercado Cultural um bom espaço, no sentido de estar adequado para atender ao público que deseja prestigiar a música de Porto Velho. A minha mulher não vai ao Mercado Cultural porque não tem condições de usar o banheiro. Os banheiros são muito sujos, não há limpeza, não há manutenção no período noturno, que é o horário em que as apresentações ocorrem.

Aquilo ali é uma falta de respeito, muito embora os maiores culpados sejam alguns frequentadores, que não tem zelo pela coisa pública. Você vê ali no banheiro masculino, tem banheiro para deficiente físico, as pessoas vão lá usam, quebram as coisas, quebram tudo, a própria falta de cultura e de educação da população faz com que alguns patrimônios públicos que são nossos, custeados com nossos recursos, pagos pelos nossos impostos sejam desrespeitados por algumas pessoas. Isso daí é uma coisa que afugenta determinadas pessoas de frequentarem o Mercado Cultural, assim como outros lugares, públicos e privados. Algumas pessoas não têm respeito pelo bem, sendo ele público ou privado, não fazem o uso adequado dos ambientes que são dispostos ao uso da coletividade, ou dos frequentadores daqueles lugares, infelizmente é assim.

Com a paralisação das apresentações no Mercado Cultural, praticamente deixamos de nos apresentar, sejam em espaços públicos, sejam em espaços privados. Fizemos umas três ou quatro apresentações no Bar do Pernambuco, em razão da amizade que o Ernesto nutre pelo amigo dele, o proprietário do ambiente, conhecido como Senhor Pernambuco. Fora isso, nenhuma apresentação em outro lugar, quer público, quer privado.

Nós estamos abertos a convites para abrilhantar qualquer evento, recebemos convites e propostas. Já realizamos apresentação em casamento, em festa de aniversário, em eventos públicos em Guajará-Mirim, enfim, a gente já realizou várias apresentações, para fins públicos e privados e estamos à disposição das pessoas que desejarem ouvir boa música em seus eventos. É só procurar o mestre Ernesto, falar com ele que a gente vai.

Apesar de muita gente admirar o nosso trabalho nunca recebemos apoio financeiro dos admiradores, empresários e personalidades da política local. Em um dado momento, em que houve desencontro entre as pessoas que exploravam o bar do Mercado Central, recebemos um apoio pela revenda da Itaipava, mas durou pouco tempo. Fora isso é muito difícil, não tem patrocinador, os patrocinadores somos nós mesmos: que alugamos os aparelhos de som, que compramos instrumentos, que damos manutenção, que nos deslocamos, que gastamos combustível e fazemos isso porque gostamos de música, essa é que é a real situação, vamos porque gostamos de música.

Durante nossa trajetória percebemos um público fiel, pessoas que vão às nossas apresentações quase toda sexta-feira. Pessoas que, inclusive, se integram, param para cantar uma música com a gente. Em Porto Velho há uma rotatividade grande de pessoas, o tempo vai passando e o público vai se renovando, mas tem gente que vai desde quando começaram as apresentações. São pessoas de uma idade acima dos 30, 35 anos, até por conta do repertório...

O Ernesto faz a apresentação das músicas dele, mas o repertório da Fina Flor do Samba é composto por músicas do Cartola, Wilson das Neves, Elton Medeiros, Roberto Ribeiro, João Nogueira, quer dizer, são artistas que o público mais jovem não conhece, não dá muito valor, não sei se é o termo adequado, mas talvez por não conhecer, não valorize adequadamente. Apresentamos muitos e muitos cantores, como Nelson

Sargento... A gente vai citando nomes de compositores e artistas mais antigos até chegar aos mais recentes, como o Fundo de Quintal, que vai lançar um CD com quarenta anos de história. Então é isso: o repertório da Fina Flor do Samba é mais calcado nesse leque de artistas que mencionei, e em outros que devo ter esquecido agora.

Para finalizar, gostaria que os administradores públicos vissem com bons olhos os projetos culturais, aqueles projetos culturais voltados de fato para o entretenimento da comunidade, da população, e gostaria de parabenizar você pela atitude. Embora você seja um jovem, se preocupar com a realização de um registro que vai ficar por anos e anos aí. O samba de temática regional é uma fatia da cultura do nosso município, quiçá do nosso Estado, que não é olhada assim com profundidade, às vezes é olhada até com desdém, por algumas pessoas naturais da própria cidade de Porto Velho, e como já ouvi falar: “poxa, o Ernesto só canta essas músicas velhas, chatas dele!” Quer dizer, o cara está valorizando a cidade dele, e o outro está falando mal da pessoa, não entende a dimensão do intuito, do propósito, da grandeza que é a exposição da cultura daquele local, daquela localidade... É relevante o que o Ernesto, o Silvio, o Bainha, o Misteira, o Critóvam e outros - que me perdoem não aflorar o nome agora - fazem pela nossa cidade.

Não consigo entender porque ocorre tanta desvalorização da cultura local e porque há tanta diferença de remuneração entre os artistas daqui e os artistas de fora. Essa diferenciação econômica no pagamento dos cachês, a meu ver, está na base da reprodução da desvalorização da cultura e dos expoentes da cultura local, e essa diferenciação é promovida pelo próprio poder público, assim, é o próprio Estado quem promove, ainda que indiretamente, ainda que sem ter a intenção, essa situação difícil que vivemos hoje, no cenário do samba em Porto Velho.

#### 4.1.4 HISTÓRIA DE VIDA DE SIRNEI DA SILVA FERREIRA (BARNEY)

Meu nome é Sirnei, mas sou conhecido como Barney... Sou daqui mesmo, de Porto Velho, morador antigo do bairro São Sebastião, 28, 29 anos morando lá.

Sou filho de um mestre de obras e minha mãe é funcionária pública da prefeitura, é gari. Meu pai está aposentado, minha mãe ainda trabalha. Eu Continuo estudando, não terminei os estudos e geralmente trabalho de carpinteiro, mas devido a problema de saúde e sol quente demais estou trabalhando de vigilante.

Meus pais e meus irmãos são de Rio Branco, Acre, o único nascido em Porto Velho sou eu mesmo, nascido e criado aqui, mas conheço outros cantos por aí...

Sempre trabalhei, trabalho desde pequeno. Casei cedo, já tenho um filho quase maior de idade. Fui casado duas vezes, não deu certo e agora estou solteiro há quase três anos. Sempre gostei do que é bom... Sempre gostei de sair à noite, de ir a samba, pagode, sempre brinquei, desde os quatorze anos, no samba e no pagode, mas com nove anos de idade apreciava mais a coisa do *dance*. Andava muito em danceteria, quando tinha nove, dez anos de idades porque em frente de minha casa morava um rapaz, carpinteiro, que trabalhava com meu pai e acabou virando Dj, o DJ Nino. Ele começou a trabalhar na danceteria *Metropolis* e eu trabalhava com ele, carregando *case* para ele. Por isso conseguia entrar nas casas de *show*, olhar o show com ele.

Um dia ele colocou uma música e comecei a dançar, brincar no quarto dele, eu e o sobrinho dele. Ficamos brincando, dançando, rodopiando enquanto ouvíamos a música e ele colocou apelido na gente. Apelidou o sobrinho dele de Coelho e me apelidou de Barney Mix. Daí surgiu o meu apelido: Barney, quando tinha nove para dez anos, e hoje no samba, no pagode, sou mais conhecido como Barney do que pelo meu nome próprio. É engraçado esse nome, porque faz referência a bar e faz referência a um personagem infantil de desenho americano, mas isso não tem nada haver comigo. Tem haver só o “ney”, cujo som é “nei”, no final do meu nome: Sirnei. O bar não tem nada haver comigo... É engraçado, mas pode acreditar!

Com 14 anos ingressei no pagode, com 16 já comecei a tocar e cantar com o pessoal. Sempre toquei em grupos de pagode, toquei muito em barzinho. Atualmente

toco com o grupo Estação do Samba, que é o meu grupo de pagode e samba, e há um ano e meio, quase dois anos atrás, comecei a frequentar o Mercado Cultural. Comecei a ir e gostar do samba de Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba e quando me dei conta, estava lá todo o final de semana, até que um dia fui convidado pelo Ênio para cantar, só que eu estava apressado... Ele falou para o pessoal que eu brincava um samba, aí conversei com o Ernesto Melo e pedi para fazer duas músicas, mas falei que ia ensaiar primeiro com eles. Fui para o ensaio, ensaiei seis músicas já no primeiro ensaio, na primeira vez que fui brincar com eles o pagode. Eles gostaram, o público também, fiquei brincando no grupo Fina Flor do Samba e estou até agora, já há um ano e meio mais ou menos, mas mantive os outros projetos.

Todo sábado toco com o grupo Estação do Samba e também estou tocando, atualmente, no bar Gela Guela, no bairro Pedrinhas. Agora é uma loja de conveniência, mudou o dono, os frequentadores, mudou tudo e a gente está trabalhando lá agora, todo sábado, com samba. Estou trabalhando de dia, faço um sábado sim, outro não, e às vezes chego atrasado, porque trabalho de dia como vigilante diurno, e lá o samba começa às quatro horas da tarde, aí nem sempre tenho condições de chegar cedo. Só chego a partir das cinco e meia, seis horas da tarde.

Na Estação do Samba somos um grupo de oito pessoas, mas estamos apenas em seis ultimamente. E a gente brinca o samba porque gosta. Dinheiro ninguém ganha. Pouca gente enriquece fazendo música, e não tenho olho grande para essas coisas de riqueza, *status*... O pessoal da Fina Flor do Samba sabe disso. Vou ao samba brincar porque gosto, nunca cobre de ninguém. O pessoal do Estação do Samba cobra cachê, mas eles que resolvem o valor, eu não resolvo nada, só vou lá cantar, levo os instrumentos, vou, toco e canto, mas vou porque gosto, sempre gostei de pagode e de samba.

Antes de tocar no Mercado Cultural, fui lá algumas vezes com o Padoca. Nós íamos assistir às apresentações do Ernesto Melo e a Fina Flor. Passei uns dois meses fazendo isso porque logo que me separei fui morar no Aponiã, próximo ao Padoca. Depois me mudei para longe e parei um pouco de ir. Quando voltei a frequentar foi quando já morava novamente próximo ao centro, e o Padoca já estava tocando com eles, aí disse: “Vou fazer um samba com eles”, mas não sabia que iam me convidar para

fazer parte do grupo. Fui fazer o ensaio, brincar com eles e estou até agora. Já viajamos para Humaitá, *show* do Chico da Silva...

Nosso ponto tradicional de encontro é o Mercado Cultural, mas quando dá algum problema vamos para o bar do Pernambuco, ou para o bar do Vaso, para fazer ensaios ou alguma coisa do tipo. Mas sempre rola um sambinha por fora. Agora que deu uma parada, mas vai reiniciar no mês de janeiro, não sei a data ainda. Para mim está ótimo continuar brincando lá, não sei até quando, até quando der, porque amo samba, pagode, amo fazer as coisas que gosto.

Estou aqui de frente para o rio Madeira, um rio que eu adoro. Gosto também de pescar e caçar. Quando não estou no samba, ou quando falto, pode ficar sabendo que não é porque fiquei doente, é porque fui caçar e pescar. Essas são as únicas coisas que me fazem faltar a um samba, porque de outra forma não falto de jeito nenhum, sempre estou lá curtindo, brincando com o pessoal. Às vezes sinto necessidade de sair um pouco da cidade, de me encontrar com a natureza, ficar em silêncio, só ouvindo o canto da floresta.

Acho que o mais novo integrante da Fina Flor agora é o Henrique. Eu era o mais novo do grupo, mas ele entrou está com uns dois, três meses.

Tenho 35 anos, o Henrique eu não sei, acho que tem 32, é mais novo do que eu. Ele é o pandeirista e o restante já é bem mais antigo no samba, músicos experientes. Para mim está muito bom, não reclamo de nada e sempre que tiver uma viagem para fazer, um samba, um evento a gente faz juntos. “Cola” geral e vamos levando aí!

Tem muitas partes da minha vida, ligadas ao samba que não gosto de lembrar, não gosto de conversar... Para falar a verdade nem lembro bem como comecei no samba... Tinha um amigo meu, o Carlinhos, que morava perto de casa, e acho que foi por meio dele que me aproximei do samba. No meu bairro, o São Sebastião, sempre teve muita festa de quadrilha, festa junina. Gostamos muito de quadrilha lá no bairro São Sebastião, e numa dessas festas vi ele tocando atabaque, gostei daquilo e findei comprando o atabaque dele. Fiquei com esse instrumento até a uns dois anos atrás. Depois o deixei guardado com uma amiga minha. Esse atabaque deve ter na faixa de uns 30 anos. Então acho que comecei brincando com esse atabaque na praça, com esse meu amigo, que era uma pessoa super gente boa, não bebia, não fumava, era um cara

super gente boa mesmo, e foi quem me ensinou a tocar atabaque. Não era o rebolo de hoje ainda, era atabaque.

A partir daí fui ampliando minha relação com o instrumento e com o samba em si, e com 14 anos comecei a brincar pagode, no bairro da Balsa, com um pessoal que ia lá brincar, era conhecido nosso. Comecei a andar com eles e fomos brincando, tocando, tocando, e eles começaram a me chamar para cantar. Um cara que me ajudou muito, que eu lembrei agora, porque eu tinha a voz... Minha voz sempre foi ruim porque eu tinha problema na garganta. Não acho minha voz muito boa, mas um cara me ajudava muito, falava: “Barney, faz assim, assim” e fui aprendendo um pouco de técnica vocal, e estou aprendendo mais com os grupos Estação do Samba e Fina Flor do Samba.

Um cara que me ajudou, me ensinou muito a trabalhar com a voz, fazia aula e tudo, foi o Peter, um amigo meu que hoje está parado, está sem se apresentar, mas canta e toca muito, e tem a voz muito bonita. Ele canta pagode demais, mas já tem uns anos que não o vejo. Está casado, aí saiu do samba e não o vi mais.

Acho que comecei foi por aí, a partir do Carlinhos, que hoje é falecido, faleceu há uns dois anos. Comecei através dele, vendo-o tocar atabaque, brincar. Me interessei, comecei a brincar junto com ele e findei comprando um tam-tam e um atabaque que ele tinha. Esse tam-tam ainda existe, está em Rio Branco, com um amigo meu. Dei esse instrumento de presente para esse meu amigo quando ele foi embora de Porto Velho, e dei o tam-tam também. Era um tam-tam bem antigo, da marca Contemporâneo, um dos primeiros que saiu, bem antigo mesmo! Um instrumento de muita história... Dei de presente porque ele ia embora e me pediu um presente, e como ele toca muito bem, achei que seria um bom presente. Entreguei essa lembrança um dia antes de ele ir embora para Rio Branco, isso tem uns dois, três anos.

Esse tam-tam tem história e está até hoje com ele, lá em Rio Branco. Um tempo atrás ele veio aqui e disse que ainda estava com o instrumento. Um dia ainda vou ter que ir a Rio Branco brincar com ele, fazer um samba. O Padoca sempre vai lá. Eu vou, mas não conheço o pessoal do Terreirão onde o Padoca anda, conheço outro pessoal lá, mas não é do samba, é do pagode. Acho que em fevereiro vou ter que ir a Rio Branco resolver um negócio do meu pai, e vou entrar em contato com o Padoca para ver o pessoal de lá, para gente brincar um samba por lá, brincar um pagode. Tenho muitos



conhecidos lá e também tenho parentes. Minha família por parte de pai é toda de Rio Branco do Acre. Da família de minha mãe também a maioria mora lá, e estou querendo ir para lá agora, para dar uma volta, resolver uns problemas, brincar um samba e rever esse tam-tam, porque esse tam-tam tem muita história para contar. Além de tudo, rever meu amigo “Manoel Galinha”, que toca muito e tá com tempo que não vejo.

Carlinhos, de quem comprei o atabaque e o tam-tam faleceu tem uns dois anos e deixou muita saudade. Era meu amigo de infância, crescemos juntos lá pelo bairro. Ele era agente penitenciário e faleceu de câncer, ele e toda a família dele faleceu dessa mesma doença. Foi um caso muito estranho, que até saiu no jornal. Morreram cinco pessoas da mesma família, ele foi um deles, o último a morrer... A mãe, o pai, um irmão, uma irmã e por último ele. Esse caso foi muito divulgado na mídia, no jornal. Ele era mais velho do que eu, mas era meu amigo de infância, tivemos uma amizade boa, ele morava na frente de casa.

Até hoje tenho muita lembrança boa dele, lembrança de dança de quadrilha. Ele ensinava muita coisa de quadrilha. Dancei muita quadrilha, sempre quando precisava de alguma coisa, alguma letra, alguma piada de quadrilha, procurava o Carlinhos, porque ele era muito cabeça pra essas coisas. Estudava muito, sempre gostou muito do folclore, de samba, pagode, ainda tocou em um grupo, não estou lembrado o nome, formaram um grupo um tempo e tocaram. Ainda fui assistir eles tocarem na igreja, depois me mudei para zona leste, perdi um pouco do contato, e uns sete a oito anos depois que mudei para a zona leste, morreu um irmão dele, aí logo depois morreu a mãe, a irmã, o pai e por último ele, há uns dois, três anos. Era um amigo de infância. Esse amigo foi a minha principal influência musical, talvez minha única influência direta.

Tem um primo da minha mãe, de Rio Branco, que tocava e cantava muito bem, tão bem que o pai dele até foi embora para São Paulo, para tentar colocar ele para cantar. Minha mãe tem até umas fotos antigas, vou procurar ainda para mostrar, ele na beira da Praia da Papoca, em Rio Branco. Esse primo da minha mãe, o Paulo Sérgio, era cantor e compositor, e obteve certo reconhecimento. Era um primo de segundo grau, e que me lembro, o único envolvido profissionalmente com música na família.

Minha mãe tem voz bonita e gosta de cantar, de vez em quando a vejo cantar, mas não entendo nada porque ela canta em castelhano. Ela é de Rio Branco, é brasileira,

mas fala e canta em castelhano porque tem ascendência boliviana e trabalhou muito tempo na Bolívia. Ela fala bem o castelhano, fala e canta, mas das músicas não entendo quase nada...

Morei minha infância toda em Porto Velho. Primeiro no Bairro Pedrinhas, de quando nasci até os dois anos de idade. Depois fomos para o São Sebastião, quando o bairro estava começando: não existia Correios, não existia nada ali. Não existia asfalto, era tudo cascalho. Migrei por vários bairros da cidade. Com 16 anos morei no Costa e Silva, com 17 anos, já casado fui para o São Sebastião Dois, depois para o Esperança da Comunidade, na Zona Leste. Mudava por força das circunstâncias, necessidade de trabalho e coisas assim. Mas eu falava sempre que nunca queria ir para a Zona Leste, que não queria nunca passar daquela Avenida Mamoré... Agora é o inverso, já quero entrar bem mais longe, quero ficar distante desses bairros do centro... Por último morei no Bairro Tiradentes, na Rua Mamoré com a Rua Raimundo Cantuária.

Quanto a instrumentos, toco o tam-tam, tanto no grupo Estação do Samba quanto com Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba. Na Estação do Samba, quando algum dos meninos falta tenho que cantar e tocar. Na Fina Flor é difícil faltar alguém, de vez em quando a gente brinca de cantar, canto umas duas ou três músicas, mas cantar o repertório todo do pessoal, nunca cheguei a cantar não, mas toco, brinco. Toco tam-tam, mas a gente tenta aprender um pouco de todos os instrumentos, para quando faltar alguém a gente tentar suprir, né?

O lugar do samba em Porto Velho é o Mercado Cultural, mas um canto em que eu gostaria que tivesse um samba, no domingo à tarde – e que ia ser uma coisa ótima-, seria na beira do Rio Madeira, na praça Madeira-Mamoré. Ali seria um lugar ótimo para um samba de fim de tarde, num dia de domingo! A partir das quatro horas, montar um samba na beira do rio, na praça Madeira-Mamoré... Não ia ter ponto melhor para fazer samba! Ali é ponto turístico e é muito bonito, por causa do Rio Madeira Fora isso, o Mercado Cultural é o único espaço público que tem samba, que vejo o samba. Aí tem os espaços privados, como o bar do Vasco, na quinta-feira, a gente ensaia na terça para tocar lá na quinta-feira. Na sexta-feira tocamos no Bar do Pernambuco. O pessoal que frequenta lá é um pessoal muito bacana. Mas é preciso reconhecer que não há muitos espaços para o samba em Porto Velho e não há muita divulgação.

Gosto do Mercado Central e dos bares onde toco e encontro os amigos, mas meu lugar favorito em Porto Velho você não vai acreditar! O lugar onde mais gosto de estar, onde fui e vou sempre é um lago, que fica depois da ponte nova, sentido Humaitá. Um lago lindo! Levo minha tarrafa, espinhel e fico por lá, pescando o dia todo. Se ninguém quiser ir comigo, vou sozinho. Gosto muito de estar na beira do Lago Maravilha porque ali nasci e me criei, tarrafeando... Aquele lago é um lugar onde, se eu estiver triste, vou pra lá e esqueço tudo. É o meu refúgio. Já perdi as contas de quantas vezes fui para lá, e foi lá que preendi a tarrafeiar.

Quando pequeno ia lá com meu pai, e foi ele que me ensinou a tarrafeiar. Muitas pessoas iam tarrafeiar, fazia circulo de dez, vinte canoas, aí jogavam a tarrafa e pegavam muito peixe, era muito peixe! Me apaixonei por aquele lago, então minha paixão em Porto Velho é aquele lugar! Um dia vou comprar um sítio lá na beira daquele lago e quando fizer isso não sairei nunca mais de lá.

Também pesco no Rio Madeira, quando sobe peixe. Três, quatro horas da manhã a gente atravessa esse rio de canoa, no remo, pra lá e pra cá, procurando peixe. Se a tarrafa engata a gente mergulha, na água fria da madrugada. Medo todo mundo tem, mas a gente tem de ter fé naquele cara lá de cima e enfrentar a vida, enfrentar os desafios. A única coisa que a gente deve temer é o castigo de Deus... Pescamos muito no Rio Madeira, mas o Lago Maravilha é o meu ponto, é o meu lugar.

Minha mãe sempre se preocupa muito quando vou para o lago e volto tarde. Ela fica louca, acha que lá tem cobra, jacaré, e tem mesmo! Mato jacaré e levo para ela, aí ela endoia de raiva comigo, porque tem medo, mas eu não tenho medo, já me acostumei. Além do mais, amo muito aquele lugar.

Trabalho de vigilante dia sim, dia não, e quando não estou fazendo bico, quando não tem algum trabalho extra para fazer, vou pescar. É isso o que mais gosto de fazer, depois de tocar. No lago Maravilha nunca faltou peixe e acho que nunca vai faltar. Gosto muito de pescar e gosto muito de peixe, sou pior que socó pra peixe! É uma coisa até engraçada o quanto sou doido por peixe!

Em minhas pescarias observei que o Rio Madeira já mudou bastante, praias já desapareceram, como a praia do Belmont. Muitas pedras e cachoeiras foram explodidas para a construção das usinas e tem ainda o trabalho dos garimpeiros. Os garimpeiros

acharam um diamante no valor de uns três a cinco mil Reais, o rapaz falou, e começaram a explodir, um dia cheguei lá e estavam as pedras todas viradas, buraco ao redor do pedral, aquilo ali me deixou muito triste. A cachoeira de Santo Antônio, com a chegada da usina também foi destruída. Eu gostava muito da cachoeira, muito mesmo! Andei muito por lá, à noite, de madrugada, a qualquer hora a gente pescava. Os lugares onde eu mais gostava de pescar eram o Teotônio, Santo Antônio e a praia do Belmont. Esses lugares já não existem mais, pouco antes da enchente vi que colocaram dinamite e explodiram as pedras, ficou um lugar muito feio, desolado. Eles explodiram em busca de diamantes, mas acho que se havia alguma pedrinha de diamante lá ela rolou para o rio e sumiu... Não encontraram nada. A mesma coisa que aconteceu com o Belmont vi acontecer com a Prainha, que ficava antes da usina de Santo Antônio: se tornou só crateras, buracos horríveis deixados pelos garimpeiros. Isso me deixou tão triste!

Essas transformações na natureza de Porto Velho são em parte causadas pelas ações do homem, mas em parte é a própria natureza que se movimenta. Eu acredito que as enchentes não tiveram muita influência das usinas. Muitos culpam as usinas, mas não acho que seja a responsável não. Essa enchente viria, com ou sem usina.

Trabalhei nas usinas, como carpinteiro, duas vezes. Da primeira vez fiquei um ano e seis meses e agora por último trabalhei quatro meses. Não gostei de trabalhar nas usinas porque elas destruíram as duas cachoeiras. Aqui do outro lado a gente ia pescar, tinha um lago atravessando o rio, acima do São Sebastião, que fica logo aqui... Tinha um lago que tinha muito peixe, bicho, caça, e aquilo tudo se acabou. Por mim acho que essa usina poderia ter sido feita abaixo de Porto Velho, mas pensando bem, não tem como porque tem as vilas e ia alagar tudo, mas destruir as cachoeiras foi um impacto muito grande, até para Porto Velho mesmo, porque elas eram pontos turísticos, eram lindas! Para mim, esse foi o impacto das usinas, mas em relação à enchente de 2013, não dá para responsabilizá-las, porque de fato choveu muito e alagou vários lugares, inclusive na Bolívia. Não foi um problema isolado, só de Porto Velho.

Além de peixe e pescaria, gosto de samba! Principalmente se for samba falando de Rondônia, de Porto Velho, do Rio Madeira, dos bairros de nossa cidade. E nesse sentido, ouvir Ernesto Melo e outros compositores que exploram essa temática mais regional e afetiva, me é muito gratificante. Gosto muito quando eles fazem o samba!

A Fina Flor do Samba para mim virou uma família. Ernesto Melo, Zé Áureo, Ênio Melo, Ney, Padoca, que já conhecia antes. Lembro que com o atabaque que comprei do meu amigo brinquei na beira da piscina do Ernesto Melo, quando eu tinha 17, 18 anos. Os filhos dele e eu brincamos um pagode na beira da piscina. Eu trabalhava na prefeitura, naquela época, mas ele não se lembra desse episódio. Brinquei com os filhos dele, conheço os filhos dele desde quando éramos pequenos, mas até uns oito anos atrás não sabia que o Ernesto era compositor, nem cantor, porque eu não frequentava o Mercado Cultural. Nunca me esqueci desse dia na piscina porque a piscina tem um símbolo do Palmeiras desenhado nela, e eu sou palmeirense.

Ernesto ficou assistindo a gente tocar: um pandeiro, um ganzá e um atabaque. Não tinha cavaquinho, nem nada. Ele ficou um bom tempo olhando a gente, sentado na beira da piscina, bebendo. Nós amanhecemos o dia bebendo. Ele não se lembra disso, mas qualquer hora vou perguntar a ele, e quando falar do atabaque do Palmeiras ele vai lembrar, porque ele é vascaíno... Gosto muito de todos os integrantes da Fina Flor do Samba, principalmente do Padoca, que é meu amigo faz tempo. Também já conhecia o Ênio, antes mesmo de participar do grupo Fina Flor. Conheci o Ênio por meio de um amigo, o Dasley, e o Padoca não lembro mais onde o conheci, acho que foi em um pagode, tocando com o Ênio. Há um bom tempo já brincamos juntos por aí. Foi através do Ênio Ricardo que conheci o Padoca, e já conhecia o Ênio há bem mais tempo, não lembro quanto tempo...

O Ernesto é o grande destaque do samba que trata de Porto Velho, e ao lado dele o Bainha, que também é um ótimo compositor. Também o Piaba tem músicas da época do pagode... e sábado passado tive o prazer de encontrá-lo no Pobres do Caiari. Brincamos juntos por lá, era uma confraternização. Ele estava tocando e cantando e eu cheguei com o pessoal do Estação do Samba. Foi bom revê-lo. Ele é um músico excelente. A diferença entre ele e o Ernesto é que o Ernesto é incansável, está sempre produzindo! Há alguns meses estive com ele e ouvi uma música nova que ele fez, lindíssima! Ouvir Ernesto é como passear pelas ruas da cidade, pelos bairros, mergulhar em sua atmosfera. Ernesto, Bainha, Piaba são compositores muito bons. Deve haver outros, também bons, mas não conheço, não tenho intimidade.

Nem sempre é fácil conciliar a vida de músico noturno com a família. Às vezes acontecem desencontros, mas me esforço para ser um bom pai e um bom companheiro. Tenho duas filhas, uma com 16 anos e outra com 14. A segunda fez aniversário quinta-feira passada, dia 17. E tenho também dois meninos, de 11 e 12 anos. Tenho três com a primeira mulher, e um com a segunda, são, portanto, dois casais, e já são todos grandes, o menor tem 11 anos. Brinco que não quero mais filhos, esses já são o bastante! Já perdi duas casas por causa de filhos... Nas separações a casa e os filhos sempre ficam com as mães. Vou construir uma casa na beira do lago Maravilha e esta vai ser só minha, vou por no nome da minha mãe, e não vou perder!

Minha primeira esposa me ajudava a ensaiar samba, tínhamos um bom relacionamento com a música. Naquela época ainda havia as fitas cassete, e quando eu queria pegar a letra de uma música ficava ouvindo, pausando, e ela copiava para mim. Se eu tinha de ir para o trabalho deixava pausado na faixa que queria, pedia pra ela ouvir e quando retornava ela já havia transcrito tudo para mim. Era só eu ouvir e cantar. Se eu não escrever a música e ouvir, não consigo aprender, não consigo cantar. Esse é meu jeito de estudar música...

Já com minha segunda esposa a relação era diferente: ela odiava que eu fosse cantar, tocar. Um ano antes de a gente se separar fomos à casa de uma irmã dela, passamos em frente a um bar onde estavam alguns amigos meus tocando e eles me chamaram para cantar. Descemos, ela tomou um refrigerante e eu cantei duas músicas. Aí ela falou: “Eu nunca tinha visto você cantando, mas você canta muito bem!”.

Cantar e tocar sempre me ajudou nas épocas em que estive desempregado. Tocava com o Xona, com o Ulisses, que toca cavaco e canta. Eles sempre cobravam cachê então eu ganhava com eles, durante a semana ou em final de semana. Quando estava sem emprego, isso me ajudava muito, até hoje ajuda. Às vezes a gente está aperreado, sai tocando por aí e recebe alguma coisa, mas minha esposa não gostava que eu fizesse isso. A separação, contudo, não acho que foi por causa do pagode não, acho que foi por causa de mim mesmo... Não estava mais dando certo e findamos separando, foi só isso, não foi por causa do samba, apesar de ela não gostar...

Estive conversando com o Ernesto Melo sobre minha última esposa, que está doente. Ela fez uns exames e parece que vai ser uma coisa bem mais grave do que

imaginávamos. Conversei com ela e conversei com o Ernesto Melo até, e se for o que estou pensando vou voltar para casa, não para reatar com ela, mas porque a coisa é séria e preciso ajudá-la e ajudar as crianças a passar por isso... Vai ficar ruim pela distância, ruim de ir e vir para o samba, para tocar, mas talvez em fevereiro eu volte para a casa, por causa da doença dela. Voltarei não como marido, mas como um amigo, um companheiro. Ela vai ter de sair do trabalho e vai ficar difícil. Tenho de ir para ajudar a cuidar dela e de meu filho. Tenho um filho com ela e tem um filho dela que criei como se fosse meu, e que infelizmente está preso, fez uma besteira e foi preso, com 18 anos. Vou ter de ajudar ela antes que ela acabe endoidando com isso, e para completar não está mais podendo trabalhar, está com um problema sério de saúde. Dependendo da situação, depois do laudo dos exames, talvez eu volte.

Nenhum dos meus filhos se interessou pela música. O mais novo de vez em quando pegava o cavaquinho, pedia para tocar e ficava brincando, mas não passou disso. Pensava que minha filha mais velha fosse se interessar em aprender a tocar, porque gostava de me ver tocando, mas também nunca comentou nada sobre o assunto.

De toda a minha família os únicos que se envolveram com música foram meu irmão e eu. Meu irmão é pastor em Rio Branco, toca e canta música gospel, toca violão muito bem e canta. Somente nós mesmos. Só que ele é da música gospel. Ficou de vir aqui agora no fim de ano, disse que queria vir ao Mercado Cultural para me ver cantar. Ele ia vir mês passado, mas não deu, agora virá em janeiro, e tomara que a situação do Mercado já esteja resolvida, para que possamos nos apresentar.

Se meu irmão vier, vai ser a minha chance de ter também a minha mãe na plateia. Ela não vem aqui, só vem se ele vier, se ele insistir. É difícil minha mãe sair de casa.

Meu irmão é evangélico desde os 19 anos, e com 19 anos saiu de casa, casou com uma irmã de fé e foi para Rio Branco. Ele é mais velho que eu cinco anos, tem 39 e eu tenho 35. Nossos estilos musicais e estilos de vida são bem diferentes...

Em relação ao samba de escola e a Carnaval de rua, não tenho muita participação. Que me lembre participei apenas da Escola de Samba Armário Grande, quando tinha 18 anos e trabalhava na Prefeitura. Trabalhei na coordenação dessa escola, mas participar, desfilar nunca desfilei.

Recentemente fui convidado para cantar na Escola de Samba Unidos da Zona Leste, a verde e rosa. Fui convidado para sair na avenida cantando o hino da verde e rosa, cujo compositor é o Ernesto Melo e a diretora é a esposa de um dos vocalistas da Fina Flor do Samba, a esposa do Hudson Mamedes. Quem me convidou foi o Paulinho Cachaça e o Sufarni. Não sei quanto tempo tem essa Escola, se tem tradição... Sei apenas que tem ensaiado bastante nos últimos anos, mas como nos últimos anos não teve Carnaval, ela não saiu na avenida. Se eu for participar essa vai ser a primeira vez que saio cantando, que saio como um de seus intérpretes. Ainda estou aprendendo a música, estou gravando na minha mente, para depois gravar na mente dos passistas, dos brincantes, dos jurados...

Estou tocando na Fina Flor do Samba há um ano e quatro meses e durante todo esse tempo percebo um público fiel, que sempre nos acompanha, e percebo também que sempre há pessoas novas. De uns quatro meses para cá, tem muita gente, público nosso que vem da zona leste, do São Sebastião Um, do Nacional, do grupo Estação do Samba, que eu falei que estava fazendo um samba no Mercado Cultural com a Fina Flor do Samba, e estão acompanhando a gente também pelo Whatsapp. Sempre estão na cola da gente. No sábado, lá no Gela Guela, sempre tem um público nosso, que liga: “Barney, tu vai cantar onde?” Do nada aparece o pessoal lá. Não são poucos não, é um bocado, tem mais de vinte pessoas que nos acompanham onde quer que a gente toque. Esse público que nos prestigia no Gela Guela também aprecia a Fina Flor do Samba, no Mercado Cultural. Muitas vezes, quando chegamos para passar o som eles já estão nos esperando. Chegam cedo, é um público fiel, que às vezes leva outras pessoas. E isso é muito bom! Quanto mais aumentar melhor!

O Ernesto também é responsável pelos admiradores que temos, porque o carinho que ele expressa por Porto Velho, o cuidado que ele tem com a história e com a poesia estimula a todos do grupo. É muito bom ouvir falar de Porto Velho, dos bairros, das ruas que ele sempre fala, de bares antigos, de amigos antigos. Ele sempre comenta sobre isso nas músicas, e isso nos estimula a brincar o samba, a cantar as composições dele, e estimula também às pessoas de fora. É muito bom ouvir a Fina Flor tocar. Até o hino de Rondônia fica muito bom, o hino que eu nunca aprendi, nem no Colégio... Agora vou aprender pra cantar junto com eles e vai ficar bem melhor!



Os ensaios da Fina Flor são na terça-feira, mas de um mês, de um mês e meio para cá aconteceu muita coisa: os problemas que o Ernesto Melo teve com a família, o adoecimento dele, o problema do Mercado Cultural, que não estava passando o valor do aluguel do som para o sonoplasta. Por isso os ensaios foram interrompidos, mas acredito que iremos retomar no próximo ano, após as festas natalinas. Nossos ensaios são no bar do Vasco, quase ao lado do Hospital Nove de Julho. Lá perto tem também o bar do Flamengo, onde tem o pagode na quinta-feira, no bairro Olaria.

Os lugares onde a Fina Flor do Samba se apresenta são o Mercado Cultural, o Bar do Vasco e o Bar do Pernambuco. Fora esses lugares há os espaços onde as pessoas convidam ou contratam. A gente já foi brincar no Humaitá e sempre tem viagens para outros municípios, em geral próximos daqui. Participei apenas das duas viagens para Humaitá, no Amazonas, mas sei que houve outras viagens das quais não participei. Durante a semana, contudo, nos apresentamos apenas no Mercado Cultural e no Bar do Pernambuco, mas as apresentações no Mercado Cultural estão temporariamente suspensas.

Nas apresentações normais, durante a semana, a banda não cobra cachê, mas quando se trata de abertura de shows, apresentações pela FUNCULTURAL, aí há um cachezinho. Não sei o valor, porque dessas apresentações não participei, nem o Ernesto. Quando fomos chamados para fazer a abertura do show do Dudu Nobre, pela FUNCULTURAL – em que haveria cachê- eu estava de plantão e o Ernesto estava viajando. Deve haver quando o grupo se apresenta em palco, casamentos, eventos. Nas viagens não houve pagamento de cachê, porque foram só participações. Fomos pelo prazer e ninguém reclamou de nada. Toda vez que nos chamarem em Humaitá a gente irá porque é muito bom estar lá, todos juntos, brincando. Em Humaitá há muitos conhecidos, pessoal gente boa e sempre que formos convidados acredito que vamos comparecer.

Estou há pouco tempo no grupo Fina Flor do Samba e ainda não conheço todas as músicas autorais do grupo, e não sei cantá-las, apesar de apreciar bastante. O vocalista é o Ernesto Melo ou o Hudson Mamedes, eles sabem todas as músicas e são compositores.

Não faço composições, já tentei... Tem algumas músicas que fiz com amigos, em roda de samba, mas a gente nunca quis botar na mídia. Agora fui convidado para gravar uma roda de samba ao vivo e apresentar algumas das composições. Vou colocar uma que fiz com meu amigo Peter. O Peter canta muito e também compõe. Ele sempre vinha com a parte da música, com as notas cifradas, mas não tinha a letra, aí íamos trabalhando em cima da letra, da nota, e inteirávamos a música. Fizemos umas quatro músicas juntos, músicas de pagode, mas o grupo dele também faz axé. Algumas dessas músicas fizemos faz tanto tempo que não lembro mais nem a letra, tínhamos uns 17, 18 anos. Sozinho, nunca fiz nenhuma música e nem tive condições de fazer, porque comecei a trabalhar muito cedo, fui atrás de casamento e não tinha muito tempo para me dedicar à música. A música era uma brincadeira de fim de semana, para desestressar.

Tenho pouco tempo no grupo, mas estabeleci com ele uma relação de amizade muito boa, como se fossemos velhos amigos. Lembra até uma família. É outra família que formei e creio que ninguém tenha problema comigo, assim como não tenho problemas com nenhum dos integrantes. Fui muito bem recebido e todos são muito solícitos um com o outro, se preocupam quando alguém está passando por algum problema.

Vou finalizar falando de mim mesmo agora: trabalho, emprego, para mim esse ano foi um pouco difícil, mas já para o fim do ano melhorou um pouco, fiquei mais tranquilo, mas confesso que estive meio aperreado. Fiquei muito tempo separado, não arrumei ninguém assim... Para querer casar. Agora estou namorando a Jô, uma loirinha linda, e estou bem, estou tranquilo. Para mim o ano está findando quase que perfeito. Perfeito não é para ninguém, mas para mim está bom. Ficou muito melhor depois que conheci a Jô.

Também tenho a excelente companhia da Fina Flor do Samba. Íamos fazer o último show do ano no Bar do Pernambuco, mas não deu. Agora vamos entrar firme em janeiro, recomeçar a ensaiar e acredito que na segunda ou terceira semana de janeiro estejamos de volta no Mercado Cultural, fazendo o melhor do samba para os convidados, amigos, para a população de Porto Velho, que merece ouvir boa música. Retornar ao Mercado Cultural é muito significativo para nós, porque o Mercado é o lugar da Fina Flor. A Fina Flor do Samba se identifica com o Mercado Cultural, o

Ernesto Melo, até onde sei começou tocando em rodinha de samba no meio da praça, aqui em frente ao Mercado. A praça que é uma extensão do Mercado. O Mercado Cultural é o coração da Fina Flor do Samba, é sua marca registrada, assim como a Fina Flor do Samba é o coração do Mercado. Estão bem unidos!

Não sei exatamente o que aconteceu para haver interrupção das apresentações, só soube que foi um problema relacionado ao som. A FUNCULTURAL ficou de conseguir outro som para podermos recomeçar em janeiro, mas não ficamos parados, fomos para o Bar do Pernambuco, e lá também é muito bom, nos sentimos muito acolhidos. O problema é que o espaço é bem pequeno. Em janeiro de 2016 retornaremos para o Mercado Cultural, e aqui é um ponto bem mais tranquilo para se fazer samba e receber as pessoas. É mais acessível, central, né? Aqui no Mercado é mais tranquilo para a gente porque quanto a gente chega não tem de ajeitar nada, o som já está montado. E mais tranquilo para o público, também: o espaço é mais amplo, tem mesa, tem cadeira, tem tudo, tem como ser atendido. Em bar fica mais difícil... Acho que aqui é ponto certo porque é o coração da Fina Flor do Samba.

#### 4.1.5 HISTÓRIA DE VIDA DE ÊNIO MELO

Meu nome é Ênio Oliveira Bento de Melo, portovelhense de nascimento, nascido na Rua Gonçalves Dias, na época número 2131, hoje número 163. Nasci em casa mesmo, no tempo das parteiras...

Sou filho de Smith Bento de Melo e de Maria Teresa de Oliveira Melo. Ela mato-grossense de Santo Antonio do Madeira e ele amazonense de Porto Velho. Na época ainda não existia o Território do Guaporé, que foi formado por terras do Mato Grosso e do Amazonas.

Minha infância toda vivi nessa região central da cidade de Porto Velho. Na época Porto Velho era muito pequena, então minhas referências são o Mercado Central, a Praça Getúlio Vargas, a Praça Marechal Rondon, a Praça Aloísio Ferreira, todos espaços centrais, próximos de casa.

Apreciávamos o cinema, freqüentávamos o Cine Brasil, Cine Lacerda, Cine Resky, a gente assistia aos filmes da época. Cresci nessa região. Tive muito amigos. Na época essa área central era mais residencial, tinha poucos comércios, as casas comerciais eram o Mercado Central e algum outro, uma loja, um barzinho, essas coisas. Era predominantemente residencial, então a gente tinha muitos vizinhos, muito amigos com quem compartilhávamos a infância.

Estudei em vários colégios dentro da cidade, escolinha Domingos Sávio, Barão de Solimões, Dom Bosco, Murilo Braga. Terminei o Segundo Grau na Escola de Primeiro e Segundo Grau Carmela Dutra. Foi uma infância e uma adolescência bastante divertida, bastante rica de experiências. Durante minha infância o que a gente fazia muito era jogar futebol, jogar bola na rua e no campinho do senhor Murilo Amora. Aderbal era o vizinho. Era não, é, porque não morreu, está aí na arena... Ele tinha um quintal extenso então a gente fazia nesse quintal um campinho de futebol. Todos os dias, depois da escola, a gente reunia toda a moçada, todos os nossos amigos e íamos jogar futebol lá, no quintal do Seu Amora. Quando não, na quadra do Barão de Solimões ou na quadra do CEFA, o Comando de Fronteira, que teve muito nomes, já

nem sei como se chama. Mas foi Companhia de Fronteira. Nossa infância toda foi por ali...

A diversão que tínhamos na época era o futebol, brincar com os amigos nesses lugares. Meu pai levava a gente também para assistir futebol. Torcia na época para o Ypiranga, ainda torço. Não existe mais esse time, mas ainda torço para o Ypiranga Esporte Clube, meu time de coração. Meu pai era sócio, foi um dos primeiros sócios do Ypiranga, depois foi sócio do Moto Clube e de outros. Ele era muito ligado a esse tipo de coisas e tinha um timezinho, o Independência, se não me falha a memória, que era dos amigos que trabalhavam com ele. Meu pai trabalhava em jornal, em imprensa. Trabalhou no Alto Madeira, no Guaporé, e em outro cujo nome não me recordo. Formou esse time com os amigos para se divertirem. E meus irmãos e eu íamos juntos, Ernesto até jogava com eles.

Além de gostar de futebol, meu pai gostava de cantar. Era uma pessoa muito musical e penso que isso também nos influenciou. Tanto eu como meus outros irmãos são pessoas ligadas à música. E assim a gente foi crescendo e se desenvolvendo.

Ainda na infância, quando estudei na escolinha do Barão do Solimões, a diversão maior era futebol, depois quando fui fazer o Ginásio - o que seria da quinta a oitava série, hoje segundo ciclo do Ensino Fundamental, fui estudar no Colégio Dom Bosco, e lá conheci o Basquetebol, gostei muito de jogar basquetebol! Praticamente abandonei o futebol, que era para mim um esporte meio pesado: eu era bom de bola, mas era um graveto, muito magro, muito frágil e o pessoal não respeitava muito não, largava a porrada!

Até que me dei bem no basquete, joguei na seleção de Rondônia, fui a vários jogos olímpicos estudantis brasileiros, uns três ou quatro: Brasília, Rio Grande do Sul, esse cantos por aí, aonde a gente foi levando a seleção de Rondônia. Fui capitão da seleção de basquete de Rondônia em um desses jogos. Nessa época já estávamos um pouco maior e começamos a sair, mas era ainda muito restrito. Minha mãe era muito zelosa para com os filhos. Não era nem o papai quem segurava a gente, era a mamãe. Mesmo assim começamos a ter certa liberdade e juntar a turma lá do bairro, lá do centro. O pessoal gostava muito de ir lá pra casa porque tinha o Ernesto, que tocava violão e cantava.

Por influência do Ernesto comecei a me interessar pelo violão. Ele estudava violão com o Jorge Andrade, depois desenvolveu só, e em seguida partiu para o cavaquinho. Eu pegava o violão dele, mas sou canhoto e ele é destro. Começava a tocar violão com as cordas invertidas, e aos poucos aprendi a tirar um sonzinho no violão. Invertia as posições das cordas e terminei até por desenvolver um dedilhado que não vejo ninguém fazer. Um negócio interessante que não vi ainda ninguém fazer, criação minha!

Conforme os anos iam se passando a gente começou a juntar o pessoal, conhecer pessoas de outros bairros, que iam para a nossa casa tocar e ouvir música. Cresceu tanto esse nosso grupo de amigos que decidimos criar uma associação, o Grupo Recreativo Bebo Sim! Tem uma música: “Eu bebo sim e estou vivendo, tem muita gente que não bebe e está morrendo...” Nessa época a gente começou a ter os Carnavais. Os Carnavais em Porto Velho tinham as prévias, em outubro, todo o final de semana tinha a pré-carnavalesca no Ferroviário, no Ypiranga... Hoje não existe mais isso, mas foi bem nessa época que surgiu essa música aí “Eu bebo sim...” que não me recordo quem é nem o autor nem o cantor. Nesse grupo participavam meus irmãos, que já foram desta para melhor, minha irmã Édna, o Basinho, o Amaral, o Heitor, o Maurício, o Dunga, o Gildo, o Helião, e meus primos Gonzaguinha, Bernardo e Moacir. Éramos uma turma grande, mais de 50 moleques e criamos esse Grupo Recreativo Bebo Sim! Fazíamos evento para a gente mesmo!

Certa vez nosso grupo saiu no Carnaval, uma única vez, mas infelizmente não pude participar pelo fato de que estava um tanto quanto gripado, e pelo fato de ter bronquite. A mamãe não me deixou participar, fiquei muito chateado, mas tinha que atendê-la. Esse grupo durou bastante tempo, até que o pessoal foi cada um tomando seu rumo... Chegou a época do Segundo Grau e muitos saíram para estudar fora. Meus irmãos Smith, Ernesto, Édson e Édna estavam estudando em São Paulo e pedi para o papai que queria ir com ele, queria estudar lá também. Fui, mas não me dei muito bem com uma turma lá e acabei retornando. Minha família, uma cunhada minha preferiu que eu retornasse.

Fiz meu Segundo Grau no Colégio Carmela Dutra, aqui em Porto Velho e foi nessa época que comecei a desenvolver um pouco mais do Basquete, que a gente foi

viajar para os jogos olímpicos estudantis, e aí começamos a gostar de tomar uma cachacinha! É engraçado, na época a gente não tinha dinheiro para cerveja, então só dava pra tomar cachaça, caipirinha, batida de limão... Tinha um tal de leite de tigre, leite de onça, não sei que vocês já ouviram falar, era cachaça misturada com leite condensado e um corante qualquer: groselha, uva, para dar um saborzinho qualquer. Tomávamos cachaça e fazíamos festa com violão: bleng, bleng, bleng. Eu era ruim no violão. Agora que estou estudando, estou indo à escola Jorge Andrade para ver se aprendo a fazer a coisa sabendo o que estou fazendo, porque até então eu era empirista, tocava de ouvido. Sou muito bom de ouvido nessa coisa de pegar nota, aprender som, tenho muita facilidade pra isso.

Acabou que aquele grupo que a gente formou só se reunia quando o pessoal vinha de férias. Como disse, a maioria foi estudar fora: Manaus, São Paulo, Recife.

Quando terminei o Segundo Grau também fui estudar fora. Fui para Manaus estudar Engenharia, isso já em 1979, 1980. Fiz o curso de Engenharia Civil e lá conheci minha esposa, a Rosa. Não sei como era nos outros lugares, mas em Manaus havia uma turma que gostava de uma farra! Final de semana era “diretaço”: violão, cerveja e cachaça. O que desse pra beber a gente bebia!

Em Manaus comecei a tocar na noite, com meu irmão Édson. Só parei porque o curso foi ficando mais difícil e precisei me dedicar um pouco mais aos estudos. Parei de tocar na noite, mas não parei de fazer um sonzinho nos finais de semana, com os colegas de faculdade. Nessa época conheci minha esposa. Ela nos acompanhava, gostava também das festas, festas essas que depois prolongávamos, a dois, e resultou na minha filha mais velha, a Ana Carolina, que hoje é médica, graças a Deus. Ana foi fruto dessas noitadas que a gente fazia lá por Manaus na época da faculdade.

Como disse, a música entrou na minha vida por influência do Ernesto, lá pelos meus 15 anos, 16 anos. Pelo fato de ele tocar, ficava o violão lá e eu pegava, tentava aprender, mas depois ele foi embora e fiquei sem violão. Eu pegava violão emprestado! E era difícil porque eram sempre violões para destros. Na época era difícil encontrar alguém canhoto que tocasse. Eu pegava o violão e tocava com as cordas invertidas. Aí em determinada época o Heitor comprou violão, Heitor Falcão de Almeida, e eu pegava emprestado com ele, colocava as cordas do lado esquerdo, para poder usar, mas logo ele

vinha e pedia de volta. Eu tinha que trocar as cordas de novo e ficava aquele negócio... Aí falei: “Deixa as cordas assim mesmo” e desenvolvi uma maneira de tocar que até que agradava as amigas... Aí depois já em Manaus, por influência de um amigo meu, o Luiz Augusto, que é irmão do professor Julio César, da UNIR, eu inverti as cordas. Ele veio de Manaus e ficou um tempo hospedado em nossa casa. A gente se conheceu lá em Manaus, por volta de 1979, 1980. Depois ele veio para cá e mora aqui até hoje e o irmão dele, o Luiz Augusto foi quem me forçou a trocar as cordas... “Não, tem que aprender certo, você vai desenvolver mais”. Depois achei que ele estava certo, tive melhoria em meu desempenho com o violão. Mas não toco essa coisa toda também não, toco só para os amigos mesmo.

Em Manaus tinha Festival Universitário de Música, e participei de quatro edições. Tive a oportunidade de ficar entre os cinco melhores, quatro melhores, em determinado ano. Naquela época, em Manaus, havia incentivo para todo mundo que gostava de música, era um festival que mexia com a cidade toda! Imagine que na época Manaus não era tão grande como é hoje. Devia ter o quê? Uns 600, 700 mil habitantes. Um pouco maior que Porto Velho hoje. O Campus Universitário era ali na área do Coroado, onde tem uma invasão, virou um bairro, então aquilo lá enchia de gente.

Essas experiências foram muito importantes porque me aproximaram da música e despertaram meu interesse a esse respeito. Não sou compositor, mas às vezes me arvorro. Devo ter uma meia dúzia... Três ou quatro músicas. Sempre faço alguma coisinha... Em Manaus eu cantava e tocava, porque o pessoal preferia escutar do que cantar.

Quando voltei para cá, aí passei a tocar, apenas, porque Ernesto já cantava. Fiquei só na parte de execução de música e isso hoje reflete em eu não ter um repertório muito grande. De vez em quando tenho que trazer a letra escrita no papel escrito para me lembrar. Tenho um repertório legal, mas não me recordo da letra por ter deixado de cantar.

Aqui em Porto Velho, com o Ernesto participei de muita coisa, pois ele sempre foi uma pessoa que movimentou muito a cena cultural da cidade. No final dos anos 1980 ele criou o grupo Águas do Madeira, era um grupo de samba, mas como naquela época o pagode estava em alta teve um dedinho de pagode também, foi o primeiro



grupo de pagode que houve na época, depois apareceu o Kizomba, e antes do Kizomba apareceu o Guaporé. O pessoal da Universidade sempre estava com a gente, meu primo Mávelo... A gente tocava pela noite, tocamos em vários municípios, fomos até no Acre tocar. Tocamos em cidades como Rio Branco, Guajará-Mirim e Ji-paraná. O pessoal de Ji-paraná convidava sempre a gente porque gostava do que a gente fazia.

Posso afirmar que a música que a gente fez sempre foi de primeira qualidade! Tocamos as músicas do mais alto escalão da Música Popular Brasileira, e tocamos ainda as composições autorais do Ernesto Melo, que é um compositor conceituado, um compositor de mão cheia, principalmente no que se refere à música de temática regional. Ernesto sempre desenvolveu esse trabalho, mesmo antes de fundarmos A Fina Flor do Samba. Mas de certa forma sempre tivemos com a gente a “fina flor do samba”, ou seja, sambistas de excelente qualidade! Tocavam com a gente Ernesto Melo, Bebeto do pandeiro, um pandeiro da melhor qualidade! O Maracanã, com o surdo - o melhor surdo que já vi tocando! Tinha também o Junior Johnson, o Neguinho, o Zé Baixinho, o Oscar. Esse grupo fez muita coisa por aí! Muito sucesso!

Tocamos por vários anos até que por uma situação meio estranha aí... O grupo se desfez e Ernesto ficou um bom tempo sem tocar, sem cantar, se aparecer. Ficou aborrecido por causa desse episódio que fez com que o grupo se desfizesse. Depois disso a gente fez o Canta Mocambo e um monte de outras coisas. Tocamos em vários locais, em vários projetos do Ernesto. Desenvolvemos muita música aqui em Porto Velho! E Ernesto compôs o que hoje é reconhecido como o hino da cidade: “Porto Velho, meu denço”, e isso é um fato inusitado. Ele compôs a música, compôs a letra, e disse: “Agora vamos harmonizar, vamos por harmonia na música”. Inscrevemo-nos no festival do SESC de 2003, mas faltava a harmonia e um detalhezinho ou outro. Chegou o dia do festival e a gente ainda não tinha preparado a música. Eu rio muito quando me lembro disso! Falei: “Vamos tentar aqui mais uma vez, ver se a gente consegue deixá-la redondinha”, e deu certo! Meia hora antes de fazermos nossa apresentação foi que conseguimos arrumar a música. Aí eu falei: “Ernesto, vamos fazer só mais uma vez, só pra assegurar”, mas ele disse: “Não, não quero mais nem saber!” E a gente fez a apresentação, só com esse “ensaio” e terminou que Ernesto ganhou o festival com essa música: Porto Velho, meu denço! E depois disso, é interessante, a gente não errou mais,

não tem mais dificuldade pra fazer. Fazemos essa música com muita naturalidade! Mas foi um sufoco até colocar ela na forma, do jeito que está hoje. Foi complicado.

Sempre acompanhei meu irmão Ernesto em seus projetos e nos eventos que ele promove e me convida para fazer. Já fizemos jornal, televisão, rádio, e agora temos essa atividade às sextas-feiras, no Mercado Cultural.

Essa história do Mercado Cultural também é interessante! Começou nos bancos da praça aqui em frente, a Praça Getúlio Vargas. Na época eu estava começando o curso de Direito, saía da faculdade já era mais de horas da noite, e Ernesto ficava me esperando aqui, com a turma de amigos dele. Cada um trazia um instrumento, um refrigerante, uma caixinha de cerveja. Era algo entre amigos, sem pretensão de virar uma banda. E era tão bom aquilo que às vezes a gente chegava em casa três, quatro horas da manhã.. Os guardas do Palácio do Governo que gostavam! Era uma brincadeira entre amigos, mas foi tomando vulto e em determinado dia alguém nos pediu para fazermos nosso som em frente ao Bar do Zizi, aqui no Mercado Cultural. Fizemos e depois voltamos para lá, aí o Macumbinha disse: “Rapaz, vocês deviam continuar fazendo ali no Mercado que vai chamar gente, você viu como chamou gente!” Eu fui contra, não queria exatamente por causa disso: o negócio era pra gente brincar, e de repente tomou o tamanho que tomou. Teve uma época que lotava o Mercado, lotava o espaço em frente e até a Praça. Era muita gente e esse evento ficou conhecido no Brasil todo. Pessoas do Rio de Janeiro, do Sudeste e do Nordeste todo mandavam mensagem, diziam que tinham visto e tinham gostado, tinham vindo aqui e tinham gostado. E as pessoas que conheceram por lá mesmo também mandavam mensagem, então ficou um evento conhecido nacionalmente. Ficamos conhecidos como Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba.

O fato de ocuparmos o Mercado Cultural foi bom porque deu uma dinâmica nova a ele. Antes era um estabelecimento pouco frequentado e que fechava às seis, sete horas da noite. Depois que viemos para cá começou a aparecer outros projetos. Teve uma época que o Mercado Cultural abrigava projetos todos os dias, de segunda a segunda, e começou com Ernesto, começou com a gente.

Certa vez uns amigos do Ernesto, de Manaus, estavam de férias aqui, souberam do nosso som e vieram para cá. Ficaram quatro sextas-feiras consecutivas, e assim foi

crescendo a Fina Flor do Samba. Depois o Ernesto criou o grupo Fina Flor do Samba e começou a organizar um pouco melhor a coisa: ensaios regulares, contratação de músicos profissionais, para o saxofone e para a instalação do sistema de som.

Estava indo tudo muito bem, tínhamos um público fiel e eufórico, mas começaram os problemas... Uma vez foram os pombos e andorinhas que tomaram conta do espaço, porque em frente ao Mercado tem a praça, com muitas árvores. Essas aves faziam muita sujeira, muito barulho e exalavam um cheiro horrível! As pessoas começaram a se afastar porque se tornou um lugar inóspito. Depois as aves foram embora, creio que seja sazonal... mas vieram outros problemas. A Administração disse que faria uma reforma e que teríamos de parar de nos apresentar. Suspendemos as apresentações e ficamos esperando a reforma, mas acabou que esta nem aconteceu. Não teve reforma! Essas coisas fizeram nosso público ir se afastando. Hoje estamos recomeçando, o pessoal está retornando ao Mercado. Mas justiça seja feita: há algumas pessoas que nunca deixaram de vir, que nunca deixaram de nos acompanhar! São os nossos amigos e pessoas que gostam do que a gente faz. Muitos são amigos meus, do Ernesto e do Beto Ramos, que está aqui quase desde o começo. Ele é fotógrafo, veio para registrar e acabou fazendo parte do grupo.

Também fizeram parte da Fina Flor os músicos Sérgio Ramos, Bazinho, Maracanã, Ney, Nicodemos, o Neguinho, o Oscar e o irmão dele, cujo nome não me recordo agora. Que mais? Walber do pandeiro, Walber do cavaco... Uma turma boa já passou aqui, e inclusive recebemos visitas especiais de artistas que são amigos do Ernesto, lá do Rio e de São Paulo. O último que veio foi o Jorginho do Império, trazido pelo nosso primo João Dalmo Alves da Silveira. Ele tocou com a gente aqui.

Tocaram com a gente músicos que já foram embora: Adalto Magalha, Dunga, Monarco... Marquinhos, Pequenê, Hudson Mamedes e o filho dele, o Hud também tocaram com a gente. A gente esquece e aí vai lembrando... O Beto César também tocou com a gente, o Padoça e o Ênio Ricardo. Tem muita gente que participou, me desculpem se esqueci alguém.

Esse projeto que estamos desenvolvendo agora é muito importante para o movimento cultural de Porto Velho porque alavancou este espaço aqui. Esse aqui é um

evento que trouxe todos os outros. Antes da Fina Flor, o Mercado era um prédio que fechava às seis horas da tarde...

Infelizmente não temos o apoio dos órgãos municipais e estaduais que deveriam cuidar da cultura. As pessoas que estão nesses órgãos falavam em ajudar, muito falaram, mas pouco fizeram! O Jorjão ajudou um pouquinho na época em que foi da FUNCULTURAL, mas nossos amigos que passaram por aqueles órgãos nunca ajudaram em nada, pelo contrário: atrapalharam! Não vou dizer nomes porque não precisa.

Também fui criador de outros eventos, por exemplo, a Quinta da Santa, na Rua Bolívia. A Quinta da Santa nasceu de uma situação em que estávamos envolvidos eu e meu primo Mávilô, mas o pessoal de lá diz que não, que foi só o Mano. Tentam negar nossa autoria, mas não! Eu é que fui um dos “culpados” de aquilo lá aparecer porque meu primo Mávilô ia para aquele bar na Rua Bolívia com... Com a José de Alencar, eu acho. Ele me ligava: “Eu to aqui, se quiser vir vem, se não quiser não vem!” E eu dizia: “Pô, eu to trabalhando!”. Quando era final de semana ele me ligava direto, até que eu ia para lá, pegava o violão, e a gente ficava até a noite tocando e cantando. Com isso o pessoal começou a aparecer, e quando vimos, já ficava nos esperando, mesmo em dias de semana! Eu trabalhava em horário corrido, tinha facilidade pra chegar mais cedo. Chegava e começava a tocar, e após as 18 horas, quando os demais estavam liberados do trabalho também desciam para lá, para completar o grupo musical. Era aí que eu descansava um pouco do violão. Assim criamos a Quinta da Santa, embora não reconheçam! E teve outras atividades das quais participamos, mas que o pessoal hoje acha que não deve se lembrar da gente... É assim...

Em relação a trabalho, minha formação profissional primeira é de engenheiro civil e atuei bastante como engenheiro. Essa formação me permitiu, por meio de concurso público que me tornasse perito criminal, em 1987. Essa é a minha atividade principal hoje. Desenvolvo a minha parte profissional, por enquanto, nessa área.

Tenho tempo de aposentadoria, logo, logo quero estar me aposentando da função de perito criminal, mas não pretendo parar de trabalhar, ao contrário, pretendo começar uma nova profissão. Considero-me ainda muito novo para parar de trabalhar, tenho 57

anos e não dá de parar com essa idade se não... É preciso ocupar a mente para ter saúde e uma vida longa.

Pretendo atuar na área do Direito, porque tenho formação e tenho o registro da OAB. Não quero mais engenharia. A engenharia me proporcionou muitas coisas, mas acho que já teve seu tempo em minha vida. Quero partir para a área do Direito e quero também me aperfeiçoar no violão de sete cordas.

De uns dois anos para cá estou tentando aprender violão sete cordas. Voltei para a escola de música. Já fui para escola de Música Jorge Andrade três vezes: duas vezes abandonei em razão de prioridades, por exemplo, da primeira vez eu fazia o curso de Administração, na UNIR, e em determinado momento conflitou o horário. Escolhi fazer o curso de Administração porque violão para mim é diversão. Depois voltei para a escola de música e teve outro evento lá, que não recordo, e tive de interromper novamente. Agora voltei e espero terminar. Já estou desenvolvendo, já estou sabendo o que estou fazendo no violão. Mas considero difícil porque durante toda a minha vida de músico amado sempre fui um músico de fazer a base. Tinha um ouvido bom, tirava música com muita facilidade, mas isso fez com que eu praticasse somente a harmonia base. Esqueci de fazer o que se chama Baixaria, muito utilizada na música clássica, esqueci o nome agora, mas é a Baixaria do violão de sete cordas. Hoje tenho muita dificuldade pra soltar os dedos, mas aos poucos estou melhorando. Faço uma Baixaria incipiente, mas que permite a quem entende já reconhecê-la

Tocar só a base prende a sua mão, você não desenvolve a habilidade, a agilidade de fazer um solo, por exemplo. Se eu tivesse feito isso enquanto novo seria muito mais fácil tocar um sete cordas hoje. Mas estou desenvolvendo e considero esse aprendizado muito proveitoso. Tenho material par estudar, faço aulas, mas também estudo sozinho. Estou trabalhando para desenvolver habilidade tanto da mão esquerda quanto da direita.

De vez em quando também canto alguma coisa, gosto de cantar, mas gosto de cantar para mim mesmo. O pessoal fala que canto muito baixo. Tem uns cantores e compositores que admiro: Paulinho da Viola, Cartola, Nelson. São clássicos. Pessoas que o Brasil conhece e por isso toco muito a música deles. Paulinho da Viola, Cartola e Nelson fazem um repertório bem bacana. Esses são os que gosto mais, mas não fico só

nisso. Também toco Djavan, João Bosco, Tom Jobim, Vinícius, Toquinho, Chico Buarque, Caetano, Gil, Milton Nascimento.

Na época em que morava em Manaus Chico, Caetano, Gil, Milton e Gonzaguinha estavam no auge. Foi a época em que o Gonzaguinha surgiu arrebatando! E foi nessa época que comecei também a ouvir Paulinho da Viola e Cartola. Aqui em Porto Velho acho que quem melhor cantou, com um repertório razoável, Paulinho e Cartola fui eu! O pessoal não tocava muito isso. É engraçado, mas também aprendi a tocar o grande Waldick Soriano. Aprendi em Manaus. Manaus é uma cidade *sui generis*. Não conheço cidade igual Manaus, lá tem de tudo, acontece de tudo, e se não acontecer em Manaus não vai acontecer em lugar nenhum do mundo! Lá tocava Waldick e outros cantores de lá, como o Abilio Farias e Chico da Silva, esse último um grande amigo da gente, e que já tocou conosco aqui várias vezes.

Chico da Silva nos acompanhou em um *show* que fizemos em Humaitá. Fomos convidados por um pessoal de Humaitá que gostou tanto do nosso trabalho e ficou tão amigo da gente que somos amigos até hoje! Se deixar eles levam a gente pra lá. O Ernesto vive lá pelas bandas de Humaitá, com os grandes amigos que a gente conquistou.

Em relação à minha vida familiar, sou casado e tenho três filhas maravilhosas: Carol é a mais velha e foi o outro diploma que trouxe de Manaus... Trouxe o diploma de engenheiro e ela, juntamente com Rosa, minha esposa. A Carol é médica. Depois tivemos nossa segunda filha, a Cacá, que é advogada. E a mais novinha tem 16 anos e está fechando esse ano o Segundo Grau, se Deus quiser, e aí vamos ver o que ela vai querer fazer.

Minha família é a Rosa, minhas três filhas, minha mãe e meus dois irmãos: o Édson, que mora em Manaus e o Ernesto, que reside em Porto Velho. Ficamos só em três irmãos, os outros três já foram embora dessa vida. Primeiro foi o Enos, que morava aqui, pouco depois foi o Smith, que morava em São Paulo e por último minha irmã Édna. Partiram. Perdi esses três irmãos no espaço de um ano e foi muito doloroso! Foi uma perda muito grande, mas faz parte da vida e não temos o que fazer. Temos que assimilar, aceitar e tocar pra frente. É preciso, né? Ficamos eu, o Ernesto e o Édson, que mora em Manaus e é médico.

De vez em quando Édson vem para cá fazer uma participação na Fina Flor. É interessante que ele vem com uma turma! Da última vez veio ele e mais três. Um violão sete cordas maravilhoso: o Nérson, um cavaco também maravilhoso, me esqueço o nome, e o Paulinho da Flauta. Uma flauta também muito boa. Fizemos uma apresentação belíssima em um evento que não me recordo agora o que era... Algum evento da cidade que aconteceu aqui. Da mesma forma quando a gente chega a Manaus nos juntamos a eles vira uma festa só! São músicos excepcionais. O Nérson, o do violão sete cordas é uma sumidade! E é uma tranquilidade ele tocando aquele violão dele. Queria ter aquela desenvoltura... Sinta admiração, tenho uma “inveja boa: gostaria de ter a habilidade que ele tem.

Atualmente a Fina Flor do Samba está meio dispersa. Os músicos estão com outras atividades e às vezes não dá de a gente fazer como deseja, mas ainda assim é muito bom! Gosto muito de me encontrar com o grupo às sextas-feiras, no Mercado Cultural. Quem vem não se arrepende!

Esqueci de falar que para mim Porto Velho é o melhor lugar do mundo! Não gosto quando o Ernesto fala: “Aqui a gente não é bairrista”. Eu sou bairrista mesmo! Não abro mão disso aqui, e onde você observar os caras são bairristas. O problema não é ser bairrista, o problema é não saber respeitar a opinião dos outros e não saber reconhecer o valor dos outros lugares. Tem que respeitar!

Tive oportunidade de conhecer outras cidades, outros lugares, mas gosto daqui! As pessoas falam: “Ah, é quente!” para mim é normal, estou aqui a 57 anos. Sinto-me muito bem, não estou com calor. Essa é a temperatura normal em que sempre vivi. Antigamente, até antes de viajar para estudar fora, só conhecia ventilador, o máximo que tínhamos em casa era ventilador! Não sabia o que era ar condicionado, e conseguia dormir com ventilador sem problema algum. Hoje até pra ir pra missa tem que ter ar condicionado, é o costume. Não consigo mais dormir sem o ar condicionado, confesso! Considero o ar condicionado uma comodidade, mas se for preciso ficar sem, é claro que irei me adaptar.

Como sou bairrista fico muito aborrecido quando falam mal daqui. Penso que se você não quer ajudar também não atrapalhe! Não fale mal. “Ah, mas aqui é sujo!” É sujo, sim, mas conheço, mais ou menos, o Brasil e Porto Velho não é tão ruim assim

como pintam. Tem lugares bem piores, mais sujos e mais violentos. Quem fala de Porto Velho não conhece o Brasil! Modéstia à parte, na minha atividade como engenheiro e como perito criminal conheci quase todo o Brasil: todas as capitais e a maioria das cidades importantes. O país todo ninguém vai conhecer, né? Mas conheço grande parte e digo: Porto Velho é uma cidade como poucas! Suas belezas naturais são notáveis, sua diversidade é riquíssima, seu problema é a cambada de vagabundos que vem para cá para governar. É uma cidade muito mal tratada, mas imagine se fosse bem cuidada como as cidades do interior de São Paulo, onde a renda *per capita* é elevada e onde tudo é certinho: calçadas, saneamento, paisagismo. Porto Velho poderia ser assim, mas o problema é a traquinagem desses vagabundos que nos governam. Me desculpem a linguagem, mas pode deixar assim mesmo no meu depoimento, porque é depoimento meu!

O problema de Porto Velho é esse bando de vagabundo que a governa e não preza pelo local em que vive. Mesmo assim é uma cidade bonita! Maltratada sim, mas bonita.

Em relação ao sentimento de topofilia digo-lhe que para mim não há lugar melhor no mundo do que a minha casa. Inclusive gostaria que tivéssemos feito essa entrevista lá em casa porque lá teria o violão, que deveria estar aqui do lado e não está. Se você quisesse escutar a música, eu colocaria pra você ouvir e se você me perguntasse qual a música que mais gosto... Em certo momento da vida a música que mais amei foi João e Maria, do Chico Buarque e Sivuca. Não tem como comparar composição de Pichinguinha, de Paulinho da Viola, de Cartola. Isso não existe, existe a que você mais gosta, a que você mais aprecia em dado momento da vida. Pelo menos entendo assim. Meu lugar, portanto, é a minha casa. Lá me sinto bem e me encontro com as músicas que aprecio.

Em relação aos espaços do samba em Porto Velho, há muitos espaços bons. Ando pouco, não conheço muito porque nos encontramos aqui no Mercado Central, que agora se chama Mercado Cultural; sentimos-nos realizados aqui. O lugar central do samba em Porto Velho é aqui: o Mercado Cultural. E o Mercado Cultural, com a Fina Flor do Samba, é um espelho de Porto Velho para todo o Brasil. Mas há outros espaços também: se você vai ao Caiari tem samba na Casa de Cultura Ivan Marrocos. Tem o Bar



do Calixto, que é tradicional, se você for para a Zona Sul verá que está cheio de lugares novos, com uma molecada nova e boa de instrumento. Tem gente que sabe tocar, tem gente muito boa mesmo! Então tem vários lugares. A música aqui em Porto Velho não se restringe somente ao Mercado Cultural, não! Ele abrange a cidade toda, onde você vai tem nego tocando e tocando bem! E não é só o samba, não: é rock, é MPB, é balada, é tudo. Nos barzinhos da cidade que oferecem música ao vivo, você encontra banda boa e encontra nego sozinho, fazendo voz e violão, nego que é uma autoridade no violão! Quando passo em frente eu paro para escutar, porque é bonito.

A música em Porto Velho, graças a Deus, é muito bonita. No Norte como um todo, é muito bonita. Mesmo em cidades pequenas, sem infraestrutura você encontra, no Norte do Brasil excelente músicos. Guajará-mirim é interessante, você vai passando e encontra uma voz surpreendente, uma violão encantador, lá é fronteira então tem o intercâmbio com os bolivianos. Há toda uma cultura musical andina que atravessa paa Guajará, e os bolivianos são bons pra caramba também!

Porto Velho também tem uma sonoridade muito marcante e diversificada. Tem o Baina e o Silvio Santos, com quem a gente sempre canta junto, toca junto. Tem tanta gente que é difícil ficar falando os nomes.

Minha grande influência musical, que me despertou para a música foi meu irmão Ernesto. Ele foi minha influência direta e contínua. Meu pai era muito musical, muito boêmio, gostava da noite e gostava de cantar. Viajávamos com ele para Manaus e em Manaus havia sempre uns concursos de música: quem canta a música mais antiga, quem canta a música mais curta, e não sei o que... Meu pai levou alguns desses concursos. Certa vez ele cantou a música mais antiga e falei: “Papai, essa música existe?” Existe!” A música realmente existia e ele ganhou um garrafão de vinho, que foi o prêmio do concurso. Ele era muito musical, apesar de não tocar instrumento.

No que se refere a instrumento musical minha influência foi o Ernesto. O Édson também influenciou, mas menos porque foi para São Paulo, se distanciou. O Ernesto foi para São Paulo, mas depois voltou e pude conviver com ele esse tempo todo. Embora não tenha me influenciado tanto, meu irmão Édson tem um repertório formidável! É como o Ernesto, se você colocar o Ernesto pra cantar ele vai cantar música de Donga pra cá, ele conhece tudo! O Édson é do mesmo jeito, só que ficou em São Paulo.

Tanto Ernesto quanto Édson começaram a estudar música com o Jorge Andrade. O Jorge Andrade morava pertinho de casa, vizinho ao hotel Iracema, na ladeira da Gonçalves Dias. Onde é hoje o sindicato dos bancários era o Hotel Iracema, que pertenci a uns amigos da gente, era do pai do Dunga, Seu Tibúrcio e da mãe dele Dona... Me esqueço o nome da mãe dele agora. O Jorge Andrade era casado com a Maria Amélia, que era filha desse casal, e moravam ali perto da gente.

Jorge Andrade todo mundo conhece: um violão de excelência!Hoje a escola de música homônima é uma homenagem do município a ele, pelo excelente trabalho que fez. Ele era professor de música e Ernesto começou a estudar violão com ele, mas Ernesto era uma pessoa que aprendia muito rápido... Desenvolveu rápido e foi pra frente por conta própria. Depois foi tocar o cavaco, e aí foi a época que formamos o grupo musical Águas do Madeira. Eu também tocava cavaco, banjo e violão, mas no violão o principal era o Junior Jonhson. Foi assim que começamos e essas experiências todas constituem o que somos hoje.

#### 4.1.6 HISTÓRIA DE VIDA DE BETO RAMOS

Meu nome artístico é Beto Ramos, mas na verdade me chamo José Carlos Santos de Oliveira. Sou natural de Porto Velho, Rondônia, nascido na maternidade Darcy Vargas. Minha mãe é Maria José dos Santos Ramos e meu pai é Jonildo Ramos. Eu como todo jovem porto-velhense... Na verdade não gosto de me chamar porto-velhense, gosto de me chamar “beiradeiro da canela doída”.

Tenho uma história de vida um tanto quanto tumultuada devido a alguns problemas familiares que tive na infância e na adolescência e acho que por causa disso comecei a escrever... Eu precisava encontrar uma forma de me expressar, e tinha dificuldades em falar... Comecei então a fazer poemas, odes, contos e crônicas e até hoje mantenho isso.

Assim como as pessoas da minha geração também frequentei os banhos de Porto Velho, os igarapés, a beira do rio... Participei de muitas pescarias, no lago do Igarapé Grande, Alberico... E por ser filho único gosto muito da solidão. Para essa entrevista vim quase arrastado porque tenho esse perfil mais calado, mais introspectivo. Gosto muito da solidão, gosto muito da noite, gosto muito do isolamento, porque é na solidão, no silêncio reflexivo que encontro inspiração.

Dentre as coisas que tenho para falar gostaria de dizer que sinto muita saudade da Porto Velho antiga, “provinciana”, como diz Ernesto Melo, a Porto Velho que já não está no nosso convívio. Tenho saudade de quando andávamos nas ruas sem medo, quando conhecíamos todo mundo e não existia toda essa violência. Nós não tínhamos tantos automóveis. Tínhamos pouquíssimos automóveis, mas com o preço do progresso que chega é preciso isso...

Vou falar um pouquinho do que faço: sou fotógrafo, restauro imagens, faço algumas artes, inclusive esse trabalho no Mercado Cultural boa parte fui eu que fiz, assim como outros, em outros lugares. Por algum tempo escrevi também no site Gente de Opinião, tenho uma página lá, ainda sou colunista. Nessa página falo sobre Porto Velho, sobre nossas histórias, nossos personagens. Falo do cotidiano, das coisas que se passaram e das histórias que também ouvi. Aprendi muito com meu avô. Estou aqui no Mercado Cultural, dando essa entrevista, e esse é um lugar muito especial para mim por

que meu avô trabalhou aqui, fez parte dessa história, da história de Porto Velho, assim como da História de Guajará-Mirim e isso me orgulha muito.

Quando comecei a participar da Fina Flor do Samba, nessa fase “Mercado Cultural” me senti muito orgulhoso de frequentar o Mercado porque antes o Bar do Zizi não era isso que tem aqui, era apenas um pequeno bar, depois do fogo, depois da destruição. A destruição ocorreu por que o progresso queria tomar conta...

Fiquei muito orgulhoso de retornar ao Mercado na fase de sua reinauguração, de participar dessa história. Fazendo parte dessa história me aproximei muito de alguns sambistas, de alguns poetas, pessoas do teatro, com as quais convivo no dia a dia, principalmente as pessoas do samba, porque me considero sambista.

Ernesto Melo foi uma pessoa muito importante nesse meu processo pessoal de reencontro com o Mercado e com minhas lembranças familiares, e é uma pessoa muito importante em relação à dimensão pública, de ocupação do espaço pela cultura popular, pelo samba de raiz.

Conheci Ernesto Melo por meio de um amigo. Nós estávamos fazendo fantasia de carnaval para o desfile da Escola de Samba Armário Grande, alguma coisa assim... Durante a madrugada esse amigo falou: “Beto, tenho umas músicas para você ouvir aqui, que além de serem a tua cara fazem parte do cotidiano do qual você sempre conversa”, aí ele colocou o CD do Ernesto, acho que “dois ponto cinco ponto zero”, alguma coisa assim... E isso me fez me aproximar, ouvir e hoje faço parte do grupo, toco, participo desse movimento cultural.

O samba está presente em minha vida desde a juventude. Durante muito tempo participei das escolas de samba, fui campeão pela Castanheira, desfilei pela Diplomatas do Samba, criei alguns blocos de carnaval aqui. Lembro que no final da década de 1970 para 1980 criamos um bloco de carnaval e fiz para ela aquela que talvez tenha sido minha primeira composição. Nós andávamos aqui no Bar do Arara, o pessoal mais antigo com certeza lembra do Bar do Arara... Certa vez fiz um desenho de um estandarte e fiz até uma marchinha de carnaval, uma música. Aquela coisa bem simples ainda, de criança, de adolescente. Eu era adolescente. Naquele época não havia as restrições que há hoje, a proteção à infância e adolescência que temos hoje. A gente podia tudo, a gente bebia tudo, e fiz a marchinha que era mais ou menos assim:

O que a gente foi fazer naquela casinha? (nota do autor: aquela casinha era o Arara!)

A gente foi comprar uma garrafa de oncinha.

E toma-se mais uma, e toma-se mais uma

E toma-se mais uma pra gente ficar...

E quando eu cantava essa parte o pessoal lá atrás respondia: “Ficar bonito!”, “Ficar bacana!”, e ficar isso, e ficar aquilo... Esse foi o primeiro contato meu com o samba, com a rua. Depois disso fomos convivendo, entrando, entrando, participando da bateria de escolas de samba. Toquei na bateria da Castanheiras e da Diplomatas.

Meu pai foi jogador de futebol aqui em Porto Velho, jogou no Cruzeiro, no São Domingos, jogou no Moto Clube, no Vasco da Gama e no Cruzeiro, era conhecidíssimo! Seu apelido era “Buchudo” e foi amigo do Bainha, do Sílvio Santos, do finado Manelão, amigo do Ernesto. Era boêmio, frequentador da noite do Mocambo e de todos esses lugares aí. E me deixou como herança o respeito ao próximo e a honestidade. Herança essa que considero muito preciosa. Mas tivemos muitos problemas, nossa convivência era difícil e não tenho problemas de falar sobre isso. Outras pessoas prefeririam esconder, mas para mim – e com todo o respeito eu tenho pela memória de meu pai – é bom falar. Meu pai teve problema muito sério com alcoolismo e isso me causou muitos problemas na minha infância e adolescência, muito sofrimento. Cresci assombrado pelo fantasma dessa doença, porque o alcoolismo é uma doença. Mas só quando cresci que entendi que era uma doença. Ele era uma pessoa excelente e me deixou a herança da honestidade, saber lidar com as pessoas, saber falar com as pessoas, ser direto, nunca omitir a verdade.

A falta de verdade é um problema no meio artístico e cultural, sobretudo por parte do poder público: a gente convive com promessas que não são cumpridas, com calendários que não são respeitados... Temos dificuldades para fazer um evento, precisa ficar correndo atrás até quase ao ponto da humilhação. Atualmente é muito difícil fazer cultura em Porto Velho!

Penso que minha veia artística veio de minha avó. Minha avó não sabia escrever e não sabia ler, mas recitava poemas decorados. Eu tinha uns quatro, cinco ou seis anos e me lembro dela: “Ah que saudade que sinto da aurora de minha vida, da minha infância querida...” Ela declamava esse e muitos outros poemas. Isso foi legado a mim e hoje posso transferir para o papel as minhas emoções. Gosto muito de escrever, de ver o

cotidiano das pessoas, de observar as esquinas e praças, os clubes, os bate-papos das pessoas. Gosto de ficar atento aos olhos das pessoas por que muitas vezes eu tiro os meus textos dos olhos das pessoas, não tiro das atitudes das pessoas, eu tiro dos olhos das pessoas...

Muitas vezes componho em parceria com os parceiros Ênio Melo e Hermes Ferreira Castelo Branco, Hermes me pergunta: “Pô cara, como é que você fez isso” “É porque às vezes a gente observa os olhos das pessoas, e é nos olhos que a gente vê a alma”. E isso é muito importante para a gente não ser superficial... Minha esposa briga muito comigo porque falo que ainda somos muito colonizados “Rose, nós somos colonizados ainda, você tem que entender isso” “Não é isso, Beto!” Ela argumenta. Preciso ser criativo a ponto de fazer o que vejo e não o que as pessoas querem que eu veja. Esse legado eu preciso deixar para as pessoas no futuro, de saber quem foi fulano, quem foi beltrano, quem foi cicrano, não simplesmente pelo valor artístico que ele tinha. Precisamos saber realmente quem era a pessoa. Buscar... Às vezes você vê a pessoa alegre, sorrindo, cantando, mas a arte só existe se houver tristeza e infelicidade. Se você perguntar para dez, vinte pessoas elas vão dizer isso. Não existe você sentar para fazer um samba quando está muito feliz. Sai uma coisa, desculpe dizer: careta! Gosto muito de sentar, de fazer, de escrever dessa forma.

Falar de mim acho que já falei demais, porque não sou muito chegado a isso. Agora gostaria de falar um pouquinho da minha família. Tenho quatro filhos. Um de meus filhos estuda em São Paulo, faz arquitetura. Tenho uma outra filha que faz arquitetura aqui na FINCA, mas trancou a matrícula porque teve bebê, minha netinha. Agora tenho uma neta, que é tudo na minha vida. A neta se tornou o samba, se tornou a noite, se tornou a bebida, se tornou tudo... E tenho mais dois filhos: a Bia e o Roberto, que trabalham e vão fazer faculdade agora, são pessoas excelentes! A minha filha Bia canta muito e escreve.

Meu filho Lucas fez parte de uma companhia de teatro em São Paulo e agora faz parte de uma companhia nissey, viajou o Brasil todo, ele é artista circense, tem formação circense, trabalha com circo, trabalha com malabaris. Aqui em Porto Velho ele encenou algumas coisas e depois foi para lá. E lá ele casou e resolver fazer arquitetura, está fazendo arquitetura. Parou um pouco com esse lado artístico dele, mas

faz oficinas de violão e malabaris, com os jovens. Parou de se apresentar, mas nos bastidores continua trabalhando.

Em relação ao samba, há o Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba. Não gosto de falar “A fina Flor do Samba” porque considero Ernesto a figura central. Há o Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba é a cozinha... Esse grupo é relacionado ao samba de raiz, de resgate da nossa história, dos nossos artistas, do pessoal que está aí e que não tem mais tanto espaço em Porto Velho hoje, porque o consumismo desenfreado chegou e a gente quase não tem espaço, então a Fina Flor do Samba é isso, é um resgate da nossa história, através das músicas de Ernesto. Particularmente gostaria de deixar um recado para o Ernesto: “Cante mais músicas suas, fale mais histórias suas porque 80% do público vem para lhe ver, vem para lhe ouvir, vem para saber dos seus textos e das suas coisas”.

Por cinco anos me dediquei de corpo e alma à Fina Flor do Samba, durante cinco anos não faltei a uma sexta-feira. Escrevia toda semana, tive brigas ferrenhas com a Prefeitura para manter esse projeto. Nós saímos daqui, fomos para o Pioneiros, voltamos para cá, “Ernesto, nosso lugar é lá, precisamos voltar porque nosso lugar lá”. E estamos aqui.

Em todos os grupos de Porto Velho envolvidos com samba há alguém que passou por Ernesto Melo e a Fina Flor. Sempre tem alguém que frequentou nosso terreiro. E isso é elogiável, quer dizer que esse espelho e essa escada que nós somos valeu a pena e está valendo a pena! Estamos formando pessoas! Tem os Pubs que não frequentam, mas acho legal, tem o grupo do fulano, que tem dois, três integrantes que trabalharam com a gente. Tem gente que cospe no prato que comeu, que diz que não fez parte, mas fez parte sim, veio aqui, o Ernesto deu o maior apoio, e aos trancos e barrancos vai levando esse projeto.

Os músicos precisam de apoio para executar sua arte, e as escolas de samba também necessitam de apoio. Temos um carnaval dependente da prefeitura e dos órgãos municipais e estaduais, precisamos criar nossa liga de escolas de samba para mantê-las como empresa, como é em Manaus, como é em outros Estados. É preciso gerir profissionalmente as escolas de samba. Aqui em Porto Velho o pessoal deixa pra começar a organizar o Carnaval em dezembro, quando na verdade nos outros Estados o

peçoal já está trabalhando desde março. Nós precisamos muito disso. Tenho até uma letra que fiz para o Manelão, para participar do samba de enredo da escola que vai homenageá-lo, mas desisti de apresentá-la porque acho que tem muito paternalismo, tem muita “panela” em Porto Velho... Penso assim e não me importo com quem vai pensar contrário a mim. Quero ser livre para ter liberdade de pensamento, de criação, de crítica...

Sinto que precisamos modificar essa estrutura que, ao mesmo tempo em que é conservadora em suas formas, exclui e deprecia o pessoal das antigas, os músicos mais experientes, que hoje estão idosos. Meu tio é fundador da escola de samba Asfaltão, um dos fundadores. Se chama Zezeca e é um dos fundadores, junto com o pai do Macumbinha, junto com aquela turma lá, que é esquecida... Acho que no período de Carnaval eles deveriam ser homenageados, nos desfiles deveria haver um espaço para a velha guarda, “Essa é a nossa velha guarda! Eles começaram!” Acho que não deveriam estar comprando fantasia, investindo o dinheiro deles, deveria ser o inverso...

Algumas vezes a gente se torna *persona non grata* no meio, por certas opiniões, talvez um tanto antiquadas como as minhas – eu sou considerado careta -, mas em alguns momentos a verdade é essa e a gente precisa dizer. Tem um caso que aconteceu com Ernesto Melo, não vou entrar em detalhe, mas Ernesto foi quase que defenestrado em um desfile: ele ganhou com um samba de enredo, foi o vencedor, e por vaidades ou não sei o que, quase que foi proibido de desfilar, por questão de microfone principal, microfone mais ou menos... Acho que acima de tudo deve existir o respeito! Se participo com o Ernesto defendo o Ernesto, sempre defendi ele em todos os cantos. Quando for preciso ser contra serei contra, evidentemente, não só aqui como em outros lugares. Tenho o direito de dar minha opinião, vivemos numa democracia então a gente tem de respeitar o direito de expressão e de ir e vir das pessoas, temos que respeitar o direito de opinião das pessoas, e ouvir também a opinião das pessoas, pra saber se não tem algo de bom. Se só tiver coisa ruim a gente ignora.

Em razão da falta de apoio do poder público, do descaso público nosso samba aqui anda de muleta! É terrível a situação que passamos! Temos pessoas talentosíssimas como o Bainha, o Silvio Santos, o Ernesto, que é compositor, que em qualquer lugar do Brasil estariam nas escolas de samba das melhores qualidades! Se Bainha estivesse



nascido no Rio de Janeiro estaria na Portela, na Vila Isabel, porque ele é um compositor de primeira e um sambista de primeira, além de ser muito bem humorado. Bainha me contou uma vez que foi para Brasília representar Rondônia num encontro de sambistas e chegando lá ele viu todo mundo de terno de linho - “Poxa, a gente não trouxe, tenho que comprar um” aí ele saiu com a rapaziada para dar uma volta, passou em frente de um estabelecimento comercial e viu um monte de ternos. Se aproximou e falou: “Senhora, quero aquele terno” “A mulher: “Ahn?” “Eu quero aquele terno, mande embrulhar para mim!” e a mulher disse: “Acho que o senhor está enganado...”. Aí ele olhou para o pessoal, para os sambista e disse: “Olhe, acham que porque sou de Rondônia eu sou bobão” e insistiu com a mulher: “Posso comprar aquele terno?” “Não moço, o senhor está numa lavanderia, esses ternos não estão à venda!” Essas histórias do Bainha fazem a gente rir. São coisas que vão ficando na cabeça e a gente vai passando pra frente.

Tenho medo de microfone, de câmera, de multidão, de escada rolante. Vou contar uma história para vocês: a primeira vez na minha vida que andei de escada rolante foi domingo passado. Tenho fobia de escada rolante, mas minha neta me fez andar. Cheguei na beira da escada rolante e parei, aí minha neta pegou na minha mão e disse: “Vovô, o senhor vai subir comigo!” Disse: “não!” “Vô, o senhor é um senhor, vô!”, quer dizer, já está bem grandinho, bem adulto, já deveria ter aprendido. E eu subi todo me tremendo!

Tenho pavor de multidão, tenho pavor de lugar fechado e de microfone. Participo desse grupo, mas ninguém nunca me viu cantando ou falando. Relutei muito para dar essa entrevista justamente por isso. Rose, minha esposa foi quem me convenceu. Rose disse: “Beto, vá lá, Tiago é um cara legal! Ele está fazendo um trabalho de mestrado muito bacana!”. Recebi uns três convites seus para ir ao IFRO, mas a gente fica pensando: o que vou falar? Será que vou falar demais, será que vou falar de menos? Será que vou falar bobeira? E como não sou um cara de falar muito, tenho medo de falar, tenho que ficar procurando palavras na minha cabeça para que não fique aquela coisa que eu acho até que está ficando...

Me expresso melhor com palavras escritas. Em 2015 e 2016 fiz algumas músicas, tem uma aqui que fiz com Ênio Melo que é meu irmão, meu amigo. Não canto, sou péssimo em reconhecer notas, meu ouvido é bom só em conhecer os erros dos

outros, mas os meus não. É mais ou menos assim.. Se chama Janaína, e se refere à filha do doutor Calmon e da Siréia. Fiz com o Ênio, o Ênio é meu parceiro e me chama de Beto Navalhado, é uma canção de nossa parceria:

Janaína me falou, nas águas da emoção  
que o reino encantado fica lá no coração.  
Quando fez sua vigem nos olhos da solidão  
deixou morada em outra vida, nas lágrimas uma canção.  
Janaína me chamou, me leve com sua mão,  
fez saudade com tristeza, é noite de escuridão,  
Janaína, Janaína.

Ai vem o refrão. Essa é uma das músicas de minha parceria com Ênio Melo que pretendemos apresentar em um festival de música que vai ter aí, mas isso aqui está cru, está só o violão e a voz. Fizemos esses dias lá na casa do Ênio, a gente estava tomando umas biritas e falamos: “Vamos fazer uma música para Janaína?”

Às vezes escrevo e envio para ele via whatsapp e ele vai musicando. Tem uma que fiz para a Fina Flor do Samba, acho que o Hudson Mamedes gravou, deixa eu ver se vou conseguir lembrar aqui... Depois eu volto esse assunto porque me falhou a memória, mas eu fiz com o Hudson Mamedes e o Sérgio Ramos, que é uma exaltação à Fina Flor do Samba. Nunca foi gravada e nunca foi cantada pela Fina Flor do Samba, também resolvi esquecer, mas já achei bonito, é uma poesia mais simples assim...

A luz do samba fez brotar  
uma linda flor veio brilhar no terreiro de bambas  
luz dos meus olhos  
a mais linda flor do samba  
nascida na nossa história  
regada na nossa memória  
vem cantar, vem cantar, a mais linda flor do samba

E por aí vai... São quatro passagens e é um samba de exaltação. Um dia ainda vou chegar com o violão aqui e cantar com o Ernesto. Vou levar essa música ao estúdio porque tem que registrar, né? A outra está em processo de registro, a que fiz com o meu primo. Ele conhece uns caras lá no Rio de Janeiro. Tem que registrar a poesia, tem que registrar a melodia, um monte coisas que não entendo. Meu primo é quem está resolvendo.

Disse que tenho fobia de microfone e de multidão, no entanto devo esclarecer que o samba me liberta. Quando subo no palco não sinto medo, me concentro na apresentação, me concentro nos meus amigos que estão ali tocando e procuro não me ater ao público. Na verdade não enxergo muito o público. É como se fizesse uma transição. Que tenham cinco pessoas ou cinco mil fico tranqüilo. Talvez o samba seja para mim uma válvula de escape...

A única vez que me senti nervoso tocando foi num *show* do Toninho Gerais, quando ele veio aqui em Porto Velho. Fiquei no palco próximo a ele e quando ele me olhou assim... Senti um pouquinho de nervoso porque através daquele olhar talvez ele quisesse um pouquinho mais, esperasse um pouquinho mais da nossa performance, mas aí foi um momento. Também penso que a bebida ajude um pouco. Não existe sambista com copo seco! A gente toma duas, toma três e o samba desenrola normalmente...

Já escrevi samba enredo também, mas não cheguei a concorrer, eu sempre escondo. Fiz para a Banda do Vai Quem Quer, mas quando chega na hora tenho pavor de mostrar, to com uma que estava fazendo agorinha:

Sem samba dentro da mala, sem samba  
partindo em busca do sonho  
menino levado, menino malvado cheio de histórias para contar  
sem lua, sem flores na noite  
prisionado no próprio terreiro, menino calado  
menino sem palco  
cheio de histórias para contar  
menino sem mimo, menino sem mimo  
sem sol na pele para queimar  
luz apenas dentro do coração  
eu não sou ladrão de mim mesmo  
por quê iria oferecer o que posso dar sem muitos perceber?  
Sem samba, sem mal, sem lua, sem sol, o que eu posso te oferecer?

É uma passagem, um textinho que fiz e assim vou fazendo essas coisas. Esse aqui é um projeto que estou fazendo: Loucos por Samba, que pretendo montar agora em 2017.

Meu lugar em Porto Velho é a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, o trem, a máquina 18, gosto muito de ir ao mirante e ficar lá de cima observando aquelas

máquinas paradas. Tenho um texto no Gente de Opinião que fala sobre uma viagem que fizemos, os artistas, o pessoal da cultura, e no final não tínhamos maquinista para fazer a máquina andar, então eu gosto muito de ir ali, e gosto de lembrar que andei naquela máquina, vi aquela brasa, que soltava fagulhas e queimava a roupa da gente... Ali é o início de tudo: porque Porto Velho cresceu daqui para lá, e não de lá para cá. E isso a gente tem que lembrar! Ali é o início da nossa história e é, portanto, um local onde gosto de sentar e meditar. Hoje é meio proibido a gente ir lá por causa da violência, a gente corre risco de assalto e outras formas de violência ou constrangimento, mas é um lugar excelente para buscarmos a história e acho que devíamos ter nosso museu ali aberto, deveríamos ter espaço para a população saber mais.

Outro dia fui fazer uma foto de um vagão abandonado e quando entrei com a máquina fotográfica... Eu gosto muito de fotografar em preto e branco, sou muito monocromático... Quando fui fotografar entrou uma senhora, me olhou, pisou algumas coisas que deixaram lá e me perguntou: “Você é daqui?” “Sou” “Eu vim de Sergipe para conhecer isso aqui e sinceramente, to achando uma vergonha isso aqui!” Quer dizer, pra mim que sou beiradeiro da canela doída ouvir aquilo ali foi uma facada no coração. Teve tanto investimento do governo federal, dos royalties das usinas e aquela coisa toda, mas está nessa situação decadente! Mas mesmo assim, o lugar que gosto de ir, de estar é a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, pelo valor simbólico que possui. Não considero tanto as suas formas materiais, que estão se acabando, mas o valor de memória que possui.

Tenho ótimas memórias do trem! Eu andei no trem. Viajei no trem com a minha avó, com meu avô, com meus filhos quando eram pequenos. Memória é você fechar os olhos e aquilo de que você tem saudade não ser mais palpável.

Ernesto Melo e Fina Flor do Samba são conhecidos por seu caráter pedagógico, por ensinarem a história local por meio de seu samba. Mas nos últimos tempos isso tem mudado um pouco.

Ernesto fazia uma homenagem para o seu Zizi, falecido, que era emocionante! Ele chegava no Bar do seu Zizi e cantava, cantava a música do bar do Zizi, as pessoas iam ao delírio porque ele falava desse local aqui, da padaria que tinha perto, de tudo isso que está em nossas memória, na memória de quem viveu Porto Velho, de quem

conheceu esta cidade. E nós perdemos um pouco isso, talvez devido à correria, talvez devido à própria necessidade de renovação. As coisas estão muito difíceis e vivemos uma correria muito grande para conseguir esse espaço, esse som, essas coisas, mas era emocionante esse tipo de coisas.

Teve um encontro da Trinca de Ouro: Ernesto, Bainha e Silvio que foi o máximo, e foi aqui! Bem aqui, no Mercado Cultural, onde estamos! Isso aqui lotou! Não tinha espaço para ninguém! Fizemos a apresentação, Silvio cantou, Bainha cantou os sambas de enredo, que ele é autor, o Ernesto tem música de samba de enredo, Veriana é do Ernesto. Antigamente participavam com a gente o Oscar, fazia parte do nosso time o Oscar, o Karatê, Neguinho Fumaça... Tem um que teve um AVC, o Alemão, preciso até procurar saber dele para ajudá-lo, e tantos outros. A gente tinha um time que era considerado, realmente, a fina flor do samba. Sambistas da melhor qualidade, o pior era eu! Mas com o tempo foi mudando, porque é preciso mudar, as pessoas se abrem para outros espaços...

Considero as mudanças, as novas temáticas, os novos espaços cantados pertinentes, mas gostaria que a gente fizesse durante essas quatro horas de apresentação ao menos uma hora direcionada ao público mais nostálgico e ao que precisa conhecer a história de Porto Velho. Queria muito que a gente fosse aos bairros e trouxesse os estudantes para conhecer o espaço do Mercado e da Ferrovia, e que trouxéssemos também outros artistas para apresentar a eles, que tivéssemos livros e CDs para distribuir. Que pudéssemos dizer; “No Mercado Cultural, em 1966, aconteceu um incêndio...” Nosso poeta, Ernesto Melo vai cantar uma música que é uma interpretação sobre esse fato.

Penso que precisamos fazer um trabalho social. Em Porto Velho tem pessoas que não sabem o que é o Mercado Cultural, que nunca viram, que nunca ouviram falar. Já fiz um trabalho sobre isso. Nesses bairros mais distantes, tem gente que nunca veio a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, tem gente que não sabe o que é praça das Caixas d’água, pensa que é só uma caixa d’água ali e pronto, que o pessoal vai no dia de natal filmar pra deixar aquela mensagem e acabou! Não conhecem a nossa história. Precisamos trabalhar esse viés social. Levar nossa música, fazer *shows* nos bairros, tornar acessível a nossa arte.

Estou com a Fina Flor do Samba desde a primeira formação que se apresentou no Mercado Cultural, junto com Ênio e o Ernesto e percebo que ocorreu variação na quantidade de público, de pessoas e isso se deu em função dos obstáculos que o próprio poder público nos impôs. Desde o começo tem sido difícil, mas os últimos tempos foram terríveis. É grande a nossa luta para conseguir o espaço, para manter as aparelhagens, pagar músico, porque como o Ernesto diz: “Nós tocamos aqui graciosamente”. Cinco anos graciosamente.

Com o passar do tempo, naturalmente, como em qualquer outro lugar, qualquer outro evento, existe um desgaste, e se a gente não modificar, se a gente não mudar a gente fica um tanto ultrapassada. Eu brigo com a questão do repertório, para não sermos repetitivos. Em outra formação ocorreu de vierem falar: “Sexta-feira eu vim aqui e era isso, hoje é isso também!” Não quer dizer que não tenha qualidade, mas fica desgastante a repetição. Além do que, temos de cantar para o público e não para a gente, a gente faz um espetáculo para o público. Nós, enquanto artistas de samba, de teatro, de circo, do que seja temos de fazer um espetáculo para o público, a gente tem que falar a linguagem do público e não posso fazer simplesmente o que me agrada. Temos de ser como um espelho em que o público consegue se ver, consegue se reconhecer, se sentir satisfeito. Com o passar do tempo com certeza teve um desgaste muito grande. Me afastei por dois anos depois que minha netinha nasceu, dei um tempo para tratar de assuntos pessoais, que não vêm ao caso, mas tenho minhas caixa de e-mail entupidas. Muitas pessoas me escrevem dando sugestões e isso quer dizer que estamos sendo apreciados e estamos tendo um retorno de nosso trabalho. Recebemos elogios e sugestões: “Será que não encaixava isso?” Será que aquilo não ficava bacana?”

Acho que nós deveríamos ir aos bairros, uma sexta-feira aqui e outras duas nos bairros, como nas praças do Eldorado, do JK, mas para isso precisamos de apoio. É preciso um projeto que preveja a logística, o deslocamento dos músicos... Nosso foco é aqui, nosso lugar é o Mercado, mas isso não nos impede de transitar por outros espaços. Como diz a canção, o artista tem que estar onde o povo está.

Apesar das adversidades em nossa sextas-feiras temos público fiel! Tem gente que vem desde o primeiro dia! Posso mostrar pra você quem são essas pessoas! Faça sol ou faça chuva, sempre vem nos prestigiar, sentam pelo canto, nunca estão aqui pela

frente. Sempre estão lá pelo canto. Esse pessoal é o pessoal das antigas, da velha guarda, que vem para ouvir o Ernesto, o Ênio, o Torrado, o Bainha.

Talvez nossa principal qualidade esteja nisso: sermos anfitriões de outros bons músicos. Como diz a malandragem: o nosso *filé* esteja nisso. É bom podermos abrir espaço para esse pessoal, sermos o anfitrião desses convidados. Teve uma fase em que o horário de 22 as 23 horas era reservado para os convidados. Vinha o Bainha, vinha o fulano, vinha o sicrano e cantavam sempre nesse horário, aí com o tempo foram tomando espaço, outros deixaram de vir, foram formando outros grupos.

A gente precisa rever o repertório, a harmonia, a percussão, rever o nosso horário e a nossa forma de apresentação para o público. Esse compromisso que a gente precisa ter o público, com o horário... Precisa ter horário! A gente marca 20 horas mas começa 21:30H. Não é crítica, espero que se o Ernesto assistir isso não diga que o Beto está falando bobeira, mas a verdade é essa, as pessoas falam isso. Precisamos de músicos novos, precisamos trazer músicos novos, buscar pessoas novas. Fico muito feliz quando te vejo naquele vídeo tocando, é muito legal! A gente precisa incentivar essas pessoas. Agora tem pessoas e pessoas! Também não pode abrir pra tanta gente porque tem pessoas que chegam e querem só bagunçar, achando que a gente é coroa, teve um que veio me chamar de coroa... Acho que devíamos convidar o grupo de choro do Nicodemos, com a Rose, esposa, e o pandeiro, naquele horário de x a x vamos ter uma apresentação de choro e vamos fazer só o choro, sem a Fina Flor. A Fina flor senta e os caras fazem a apresentação só com os instrumentos necessários ao chorinho. Não precisa ter tudo.

Precisamos convidar outras pessoas, convidar gente do SESC, fazer parcerias com as escolas de música, trazer o pessoal. E precisamos sair também, adentrar os vários espaços. Acho que tem uns três meses que tenho pessoa na minha família em tratamento de câncer e sempre freqüento esses espaços. Penso de fazermos um projeto e levarmos música a essas pessoas, levarmos um lanche, adotar aquelas pessoas que ficam na casa de apoio, muitas vezes aborrecidas, sem ter como sair, sem ter como espárecer. Tenho essas propostas, mas talvez pela correria do dia a dia fui menos ouvido, fui menos lido, o que me magoa muito. Acho devíamos ter esse lado social. Agora alguém deu ideia de arrecadarmos brinquedos... Semana retrasada estive na casa do Ênio Melo e

conversamos sobre irmos ao abrigo Santa Clara, visitar os idosos, conversar, mas não iremos em nome da Fina Flor, iremos por conta própria porque a gente não pode contar com o compromisso de alguns. Outro dia assisti numa reportagem uma velhinha que queria ganhar um tênis porque ela nunca tinha usado um tênis na vida, aí quando ela abriu a caixa... Para a nossa realidade... Fui usar um tênis de marca quando tive 20 anos. Joguei handebol por dez anos, fui goleiro da seleção de handebol do Rio Branco aqui, Beto César foi goleiro de handebol do Carmela Dutra, “Beto César tu é Carimbo pra mim!” Fui goleiro de handebol muito tempo e não tinha tênis. Eu usava um Kichute. Jogava com conga e essas coisas e quando tinha jogo importante eu tinha de pegar tênis emprestado de algum amigo. Só depois que comecei a trabalhar que pude comprar um tênis. Quer dizer, a gente precisa levar apoio a essas pessoas, ir aos bairros, trazer o pessoal aqui, fazer uma serenata lá, integrar as pessoas e os espaços. Espero que em 2017 possamos trabalhar essas questões e se não o fizermos via Fina Flor do Samba vou fazer do mesmo jeito, vou buscar apoio fora. Tenho o apoio de *buffets*, tenho o apoio de muita gente aí, e às vezes a gente não tem muita grana, mas tem credibilidade. A credibilidade que conquistamos nos possibilita realizar essas ações.

Para finalizar, não digo que sou uma pessoa realizada, porque a sempre tem algo a buscar e algo a melhorar. Sou capaz de mudar, sou capaz de melhorar e em 2017 almejo fazer uma exposição de meu trabalho de restauração de fotografias antigas. Já to trabalhando nisso há bastante tempo e gostaria de levar isso para a Casa de Cultura Ivan Marrocos, se não puder lá vou levar para a praça, para rua ou onde for! Também pretendo publicar um livro sobre os bastidores da cultura, sobre aquelas coisas que as pessoas quase nunca sabem, e sei que isso vai mexer com muita gente... Essas são algumas metas que pretendo alcançar e essas realizações me levam a querer buscar mais.

Quero melhorar como pessoa, preciso melhorar e posso melhorar! Essa entrevista já me ajudou a melhorar como pessoa 10% porque me fez refletir e me fez falar! Talvez tenha sido a primeira pessoa para quem eu dei entrevista, porque não gosto muito de falar. Certa vez viajei num ônibus com um rapaz, acho que nós fomos para Vilhena, lado a lado, e não troquei uma palavra com ele, é engraçado! Quando chegou lá em Vilhena ele falou: “Prazer! Legal, eu tava doido pra conversar contigo”, e eu falei: “Porra, cara, eu sou assim, me desculpe!. Ele puxou assunto comigo, mas eu não sabia o



que responder. Melhorar a comunicação é um dos meus objetivos de desenvolvimento pessoal.

Enquanto cidadão meu desejo é que Porto Velho melhore. Como morador, como habitante desta cidade quero muito que ela melhore! Gostaria que houvesse mais investimentos na cultura, até porque já briguei muito por isso aqui, luto ainda ferrenhamente nos bastidores, não dou a cara a tapa, fico sempre por trás, mas luto muito pela cultura, pela música. Se você observar sempre estou por trás eu nunca estou para aparecer, sempre estou ali cutucando, mandando e-mail, nunca para prejudicar as pessoas, sempre para acrescentar alguma coisa, sabe? Por que de paraquedistas nós estamos cheios. De paraquedista está no meio da canela, mas de pessoa que quer de fato construir e manter... Você buscar é uma coisa, agora manter é outra.

Pertenço a Porto Velho e gostaria muito que tivesse mais apoio em questão de espaço, de visibilidade, de divulgação do nosso trabalho. Conheço muita gente talentosa! Tenho uma amiga, a Dara, que teve de sair de Porto Velho e ir para Brasília. Ela se formou em música na faculdade de Brasília e teve que sair daqui porque não tinha espaço para ela. Meu filho foi embora para São Paulo contratado pela Companhia Nissey não sei do quê... Ele estava se apresentando ali na praça quando me disse, “Pai, naquele vôo de uma hora eu vou-me embora” “Pra onde?” perguntei. “Vou pra São Paulo”. “O que acontecer? “Papai eu fiz um teste de teatro e o pessoal me chamou” “Azula! Te manda!” Eu tinha um cordão grossão que eu gostava, botei no pescoço dele e disse: “Pegue! Vá, busque seu sonho. Te mande e não olhe pra trás”. Ele foi embora passou uns três ou quatro anos se apresentando no Brasil inteiro. Tem espaço aqui? Pouquíssimo! Pouquíssimos investimentos, pouquíssimos incentivos.

Espero sinceramente que essa velha guarda conservadora que nós temos aqui, que se acha dominadora, que acha que tudo tem que sair dali muda. Hoje nós vivemos num mundo high-tech onde a tecnologia comanda, cada vez a gente precisa mais estar bem informado e passar informação para as pessoas, o que está acontecendo, levar, buscar, não deu aqui vamos para ali, não precisamos nos ater a determinada opinião. Vamos ter que debater, criar esse tipo de debate, não digo de fóruns porque há tantos fóruns e estamos como estamos, mas precisamos buscar um meio democratizar a cultura

e de assegurar que as pessoas que vivem disso possam viver com dignidade. Vou para o andar de cima um pouquinho realizado!

Em relação ao nosso samba, somos um grupo fechado... A única escola de samba aqui que faz evento durante o ano inteiro é o Asfaltão. Durante o ano inteiro ela mantém as atividades, busca parceria. Eles sabem que o samba é um negócio. Carnaval é empresa, se quer autonomia, se quer sucesso tem que cuidar o ano inteiro. Nós nem sabemos se vamos ter Carnaval e estamos falando do samba. Ninguém tá ouvindo falar... Acho que não vai ter Carnaval, particularmente, acho que não vai ter, só se o novo secretário que vai ser colocado na FUNCULTURAL mudar da água para o vinha...

É preciso apoio de verdade para o samba, para a cultura, para as festas populares. É preciso mais investimentos, mas não só para isso. A sociedade é um todo, tem que investir, então, em todas as áreas. Há pessoas com valor, tem tanta gente com valor escondida aí precisando aparecer. Que a gente busque! Que incentive, dê uma oportunidade! Um incentivo pode ser uma bolsa numa faculdade, pode ser a publicidade um projeto, pode ser uma bolsa na Jorge Andrade, você vai lá fazer o teste de música. Tem pessoas sem acesso a isso primeiramente porque vem de famílias com pouca instrução e com imitações econômicas. Vou ser bem sincero, quando comecei a escrever meu pai achava que eu era gay! Na cabeça dele, na mentalidade antiga dele ser poeta era escrever besteira e era coisa de fresco. Se tivesse ligado para isso eu teria abortado o meu sonho. Amo meus livros, e não é porque aconteceu essas coisas como esses partidos aí que irei desprezar as teorias. Li muito Karl Marx, li e reli, tudo isso eu passei e agora esse covardes ficam aí dizendo que não tem valor, cuspidno no prato que comeram. A minha realidade foi d estudo e de luta! Cresci fazendo isso, fui para as ruas, fui fundador do movimento secundarista daqui de Porto Velho. Fui para rua, levei porrada e tem gente que tava comigo e diz: “Não, isso aí, eu sabia...” Sabia de nada, não. Sabia coisa nenhuma, não! As coisas são dinâmicas, são processuais, essa é a realidade!

Agradeço a oportunidade de oferecer essa entrevista e espero que ajude, mas sei que tenho problema seriíssimo para me expressar, sempre tive. Fiz curso de teatro e era péssimo, foi no teatro que descobri que tinha de escrever, disse: “Tenho que escrever, porque não tem como! A língua trava!” Agradeço a oportunidade. Espero que não tenha

falado demais nem ofendido ninguém, nem tampouco prejudicado o seu documento.  
Espero sinceramente que essa entrevista possa ajudar.

#### 4.1.7 HISTÓRIA DE VIDA DE ORISMILDE MIRANDA (KABEÇA)

O Poeta fez um samba para mim. Quando fiz 50 anos ele cantou esse samba que fala assim:

Orismilde Miranda, Kabeça,  
Juro que sou teu amigo também  
Orismilde Miranda, Kabeça,  
Não és melhor nem és pior que ninguém

Foi uma homenagem muito bonita!

Sou Orismilde Nonato Miranda, conhecido como Kabeça. Nasci no Seringal 70, antigo seringal Rio Branco, de propriedade do André Cantanhede. Com um ano de idade meus pais vieram para a cidade de Porto Velho e foram morar no bairro Mocambo. Por ter me criado naquele bairro, ele se tornou uma referência de minha identidade. Às vezes quando estou fazendo um samba, cantando um samba no Mercado Cultural, quando sou convidado a fazer a minha apresentação Ernesto Melo, o poeta da cidade anuncia: “Agora com vocês: Kabeça do Mocambo!”, então por isso esse meu apelido. Ele conta também uma anedota sobre o meu apelido “Kabeça”, em que me coloca como um líder em quem ele confiava quando descia para o bairro. Diz que quando estava comigo ninguém mexia com ele, eu era o cabeça, né? Uma brincadeira.

O Mocambo é o berço do samba, da boemia, berço de tudo em Porto Velho, mas já foi um lugar meio violento. Era preciso saber entrar e saber sair. Havia regras próprias...

Ali foi o começo de tudo, o primeiro bairro da cidade. Porto Velho era o Mocambo, e ali tinha de tudo, se for entrar em detalhes... Tinha taverna, que a gente chamava taberna, boteco, bodega, eram casas freqüentadas pelos sambistas. Os boêmios da cidade se reuniam ali: Jorge Andrade, Raimundo Padre, o Bananeira, com sua sanfona, e muitos outros cantaram ali. Abdom, aqueles amigos... Então cresci ouvindo aquelas serestas e aqueles sambas.

Meu pai foi uma referência importante para mim também em relação à questão musical. Se hoje gosto de seresta e de samba aprendi com meu pai, aprendi com ele a

gostar, a amar a música, a festa, a noite... E em tudo isso que faço me lembro dele. Ele foi quem me fez gostar disso. Meu pai tocava violão e cantava, e o pai dele também era violeiro. Então acho que herdei isso, está no sangue...Está no sangue eu ser sambista e gostar de cantar. Inclusive, quando canto certas músicas me lembro dele, sinto uma saudade muito grande e até choro.

No tempo de minha infância tinha programa no Osmar Vilhena, os artistas iam se apresentar lá. A maioria dos artistas eram pessoas comuns, pessoas do nosso convívio no Mocambo.

Na minha infância estudei no Colégio Dom Bosco e lá tinha uma banda estilo banda de Rock, mas que tocava vários estilos e uma vez Homero, que era da banda, me ouvindo cantar disse: “Orismilde, você canta bem! Você não quer participar da banda?” Ele me convidou. Era *The Black and White* o nome dessa banda, e era composta por Olavo Bilac, o Homero e outros. No Dom Bosco a gente fazia um evento musical chamado “Manhã de Sol”, e eu cantava. E no Mocambo, nos bares, também a gente já cantava.

Meu irmão tinha um barzinho e a gente fazia uma roda de samba. Chegavam os sambistas profissionais, chegava a galera lá e a gente começava a cantar junto, fazer o nosso samba, ali no Mocambo. E ali fui crescendo, fui crescendo, participando de um grupo de pagode, e aí eu mesmo formei o meu grupo, Ases do Pagode, que foi um grupo que todo mundo... a maioria do pessoal aqui conhece, já ouviu falar. Foi um dos maiores grupos de samba e pagode de Porto Velho, do qual tenho muitas recordações. Recordo-me das músicas do finado Dadá, do finado Genésio, recordo deles, não me esqueço nunca deles, que me acompanharam tantas vezes! Quantas vezes! Cantamos juntos tanto tempo! Depois o Ernesto veio...

Sáímos também na escola de samba, a gente ia para o Clube Imperial ensaiar, porque canto samba enredo também, canto seresta e canto samba. Saí cantando pela avenida. Naquele tempo o desfile de Carnaval era na Avenida Sete de Setembro e o ponto de saída era o Imperial. Éramos o bloco dos bermudas listradas, o Dimbas era o presidente, e eu puxava o samba pelo megafone, um megafone, na avenida. Isso aí são coisas que marcam a vida da gente e que fazem parte da nossa história, da história do samba. Serve para as pessoas saberem como a gente sobrevive com o samba aqui em

Porto Velho. E a gente gosta de Carnaval! E aí foi quando o Poeta me convidou também para fazer parte dessa banda, desse grupo dele: A Fina Flor do Samba.

Todas as sextas-feiras nós nos reunimos no Mercado Central, que agora é Mercado Cultural, e gosto muito de trabalhar com esse grupo, que é um grupo maravilhoso, excelentes músicos, excelentes cantores! Então a gente faz parte disso, dessa história do samba em Porto Velho. Hoje a gente faz parte desse *show*, e o que eu tenho pra falar é muito mais coisas, mas fico sem saber por onde começar...

Vou começar por minha experiência anterior, com o grupo Ases do Pagode. A gente fazia samba no Balneário Coco Gelado, lá onde morreu o Doutor Adelino. Fica na BR, em frente a UNIR, onde o Doutor Adelino faleceu. Adelino também foi um boêmio e apreciava nossas apresentações. Nós tínhamos um público que nos acompanhava. No Meio do Mundo também a gente se apresentava, e era muito bom. E em outros tantos espaços a gente se apresentava.

Joguei bola também, no São Francisco. Sou jogador também! E veja: me criei no Mocambo, comendo manga do cemitério, manga do cemitério! E era o seguinte: a gente chegava ali no cemitério e a gente não lavava nem as mãos, não! A gente derrubava as mangas, sentava nas catacumbas e comia. A gente conhecia até os coveiros e comia peixe junto com eles, no Mocambo.

O Mocambo era o seguinte: era um bairro que todo mundo comentava, falava mal, um lugar estigmatizado, mas também havia pessoas muito boas morando lá. Tem gente muito boa no Mocambo, têm músicos da melhor qualidade, Carlos Sifrônio e tantos outros que apareceram por lá. E o samba continua.

Hoje vejo que a família é muito importante para a transmissão de valores e de conhecimentos. Hoje está nascendo um neto meu, que eu digo que é o orgulho do vovô, e vai ser sambista! Vai ser sambista para dar continuidade a isso que eu gosto! E o samba não vai morrer nunca, não vai morrer nunca, e eu espero que não morra nunca! Estou muito emocionado com esse meu neto que está vindo ao mundo. Ele representa a continuidade desse samba que está em minhas veias.

Não nasci no Mocambo, nasci em seringal, mas cheguei ao Mocambo bebê. E o Mocambo era o seguinte: era só uma rua. O Mocambo era uma rua! O resto eram becos,

pequenas chácaras, um cemitério... Subindo, o Areal, descendo, a Baixa da União. Mas o Mocambo era alegre, era colorido, tinha um time de futebol, uma escola de samba e final de semana tinha festa! O time de futebol era o São Francisco, no qual fui jogador. Havia muita festa. Na minha casa mesmo tinha festa, tinha um salão bem grande, e a gente colocava eletrola, vitrola, disco vinil. A gente colocava o *long play* para tocar e recebia os amigos. Tínhamos o Clube do Jovem.

E com o time de futebol, a gente excursionava, disputava campeonatos fora, uma diversão, né? Íamos para balneários. E toda vez que tinha um evento desses, rolava um samba. Então o Mocambo tinha o samba, tinha a seresta e tinha o futebol também! Esses elementos compunham a sua vida interna, que nem todos conseguiam enxergar. Para quem via de fora, era apenas uma rua, um beco cheio de tabernas.

Lembro que naquela época tinha aquelas mulheres solteiras, as prostitutas, e elas iam para esses bares beber, e aí chegavam os boêmios... Uma delas se chamava Maria Pretinha, a outra, tinha o apelido de Tucandeira. Eram as mais famosas de. Então em cada casa dessas tocava uma seresta, um samba. E tinha lá um músico: Antonio do Violão, que todas as tardes, em frente à casa dele, pegava um alto-falante, pegava o violão e começava a tocar, e entrava noite a dentro. Ele era a noite, envolvia todos com o som de seu violão. O próprio Poeta fez uma música, “Amanhecer no Mocambo”, junto com meu irmão Valcir, meu irmão mais velho, cujo apelido é Jacaré. Eu me sentava em um bar e chegava Raimundo Padre, chegavam Jorge Andrade e tantos outros músicos, e eles amanheciam cantando. E a gente que era mais novo ficava ouvindo, convivendo com os boêmios, os seringueiros, os garimpeiros, as mulheres... Com essa diversidade. O Mocambo era isso, meu amigo: o berço da boemia.

O Mocambo tinha vários espaços, e cada um tinha uma programação diferente. Tinha os lugares de música, os lugares de prostitutas, os lugares de samba, os de seresta. Na nossa casa, desde pequenino eu já dançava seresta, já dançava bolero, e modéstia à parte, danço até bem. Tem vezes em que estou dançando com a minha esposa e chega uma senhora, pede permissão: “Eu posso dançar”. Ela olha, acha engraçado, e me deixa dançar, mas eu não a deixo dançar com ninguém! Mas ninguém a chama para dançar não... Então havia muitas festas em nossa casa.

Havia também uma escola, a São Francisco, que também fazia evento. Eles faziam arraial, quadrilha. Tinha o Arraial do Mocambo e era muito divertido. Havia, portanto, festas familiares, mas no Mocambo, à noite, rolava de tudo... O próprio Poeta fala, quando descia a ladeira de onde ele morava para ir ao Mocambo, ele já encostava na minha aba porque sabia que ali tinha um rei... “Vou me encostar aqui com o Kabeça porque aqui ninguém mexe comigo”. Mas as pessoas se respeitavam, se respeitavam sim, agora não podia aprontar lá! Tinha que saber entrar e saber sair. O pessoal era amigo, e se alguém quisesse participar de coisa errada, o problema era dele. Ninguém forçava. Eu mesmo dei muita sorte por não ter ido para esse lado. Quem me conhece sabe. Mas minha família... Alguns de meus irmãos se envolveram com... São meus irmãos, não vou negar e nunca vou deixar de amá-los, mas reconheço que não tiveram a sorte que tive. Deus me ajudou e eu não fui para esse lado das coisas erradas... Quantas vezes presenciei, vi, mas nunca quis! Nunca aceitei. Sempre digo que foi Deus que me ajudou.

Tenho uma esposa que me acompanha todo esse tempo, nos sambas, nas serestas, está sempre comigo, gosta da música que nem eu gosto. Até o meu amigo Tiago falou: “Vocês tiveram muita sorte, porque além de vocês gostarem as esposas de vocês também gostam, a tua Kabeça, e a do Ernesto, a Dona Ereni”. Até hoje estamos juntos porque elas gostam, entendem o nosso jeito. Então eu me orgulho, não tenho vergonha de ser do Mocambo, de fazer parte dessa história porque essa é a história do samba em Porto Velho.

Eu sou um tipo meio introvertido. Sem querer me comparar, pareço-me com o Paulinho da Viola, que é um sambista mais reservado, não gosta de aparecer, não gosta de mídia. Com o Martinho da Vila, “de vagar, de vagarinho”... Eu sou assim. E muitos me convidam para conhecer lugares novos, para me apresentar, ficam até com raiva de mim. Eu peço desculpas, mas não gosto de sair. E não estou falando de violência, de caos urbano nem nada disso, pra mim todo lugar é tranquilo. Aprendi a entrar e sair de qualquer lugar... É que gosto de ficar em casa, minha casa é meu lugar preferido no mundo, é onde me sinto bem.

Agora se for para tocar, prefiro o Mercado Cultural, lá é o lugar do samba em Porto Velho. Considero o Mercado um lugar porque ali a gente se sente à vontade e



canta o samba do jeito que a gente gosta: um samba raiz, então gosto mais de um samba de raiz e gosto do Mercado Cultural. Por isso convido a todos: toda sexta-feira, a partir das 20 horas vocês estão convidados para ouvir o samba de Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba, no Mercado Cultural!

Estou fazendo o convite porque acredito que no ano que vem lá será um lugar melhor, com mais estrutura para a gente se apresentar, e acredito que vocês vão gostar! O Mercado Cultural é a nossa casa, lugar de sambista, lugar de samba de raiz, e pode participar também! Lá o Poeta Ernesto Melo é quem comanda o *show*, e você é nosso convidado.

Sou casado e tenho três filhos. Dois com a minha esposa, e uma menina que tive antes de conhecer minha esposa. Gostaria muito que meus filhos fossem sambistas, músicos ou que cantassem. Tenho instrumentos, tenho aparelhagens, mas eles não revelaram muita vocação para a música. Naquela época, em que o finado Genésio e o finado Dadá eram vivos era para eu ter aprendido a tocar um instrumento, mas eu preferia incentivar meu filhos, dar a oportunidade a eles. Tentei, pedi para eles dois. Um deles, o mais velho, sabe cantar. De vez em quando, quando é aniversário dele, que a gente está comemorando, chamo-o para vir ao palco, ele canta: “Você vai me matar de rir... fazendo cócegas”, “Balança o saco, balança o saco...”, fica fazendo gozação. Essas são as duas músicas que ele aprendeu. Ele cantava essas músicas quando era criança e hoje ainda canta. Hoje ele está com 40 anos, meu filho número 1: Júnior Polpa.

Meus filhos me deram quatro netos, e o Orgulho do Vovô é o número 4, é o Cauã. Hoje estou fazendo essa música: “Orgulho do vovô”, uma música que é do Zeca Pagodinho: “É bom celebrar a vida, a vida é feita de amor, é a viagem de ida ao ponto final da dor”. Hoje canto isso para ele. Ele é meu neto número quatro. Tenho três netas: a número três, que é irmã dele, se chama Letícia Stéphanie, a número dois é a Ana Júlia, e a número um é a Brenda.

A Letícia gosta de um samba! A Brenda não, ela gosta de Bruno e Marrone: Jóia Rara. “Quando a noite cai é que eu sinto a falta que você me faz”. Eles estão sendo criados ouvindo isso, que nem eu fui com meu pai. E a Letícia, a número dois, gosta desse samba: “Tire o seu sorriso do caminho, eu quero passar com a minha dor, hoje pra

“você...” Vocês estão vendo como é o samba? Como é a música, a gente cantar para as pessoas ouvirem? Isso é muito bom!

A música é o que me faz ser feliz, que me tira do estresse. Se eu entro no meu carro é cantando! Nem ligo o aparelho de som. Vou para a chácara cantando. Canto com prazer, canto com amor. Eu canto porque gosto, tenho o maior prazer de cantar e se não sou o melhor, devido às limitações de minha formação leiga, procuro melhorar, me esforço, procuro fazer sempre mais. E a música é isso!

Meu avô eu não cheguei a conhecer, mas ele tocava violão. O que sei sobre ele foi de ouvir meu pai falar. Meu avô e meu pai não fizeram curso, não freqüentaram escola de música, tocavam de ouvido. Eram músicos que tinham o dom. Têm músicos que têm o dom, como o finado Genésio e o finado Dadá, que eram músicos excelentes e que até hoje guardo na memória. Não me esqueço deles!

De meu pai também não me esqueço. Doente ele cantava duas músicas... Ele cantava um bocado de músicas, mas essas duas me marcaram. Uma o Waldick Soriano canta, que é “Adeus, adeus, adeus”, e a outra é do Orlando Dias, “Debaixo daquela jaqueira, que fica lá no alto majestoso”. Lembro dele no leito, já debilitado e eu chegava: “Oh, meu pai!” Pedia a bênção para ele, ele me abençoava, e eu cantava: “Adeus, adeus...” Me desculpe, fiquei emocionado. “Cinco letras que choram como um soluço de dor”. Me desculpe, essas lembranças me fazem chorar!

Meu pai era perfeccionista, ele nunca fazia elogios porque achava que se elogiasse a gente iria se acomodar. Ele, mesmo doente, me dizia: “Sua voz está cansada, meu filho, não é assim que se canta, é assim: adeus, adeus, adeus...” Ele sempre queria o melhor, e por isso a gente se esforçava tanto. Hoje sou perfeccionista como ele. Procuro fazer o melhor, e meus filhos também são perfeccionistas. Eles herdaram isso da gente. Herdaram do meu pai.

Meu pai nos ensinou a trabalhar e a sermos honestos e humildes. A gente tem de ser humildes. O fundamental para uma pessoa é saber tratar bem as outras pessoas. Nós músicos temos de ter um carinho pelo outro porque vai ser muito bom quando a gente tiver o respeito um pelo outro. Temos de nos respeitar, e hoje estou agradecendo a Deus porque ele está amolecendo ainda mais o meu coração. Quero ser mais paciente com meus amigos, quero tratar melhor do que já trato, eu quero... Aí meu pai dizia que

minha voz estava cansada, e eu ficava rindo assim... para ele. Sabíamos que era uma despedida, uma música de adeus que falava do adeus. E ele começava a cantar com a voz dele debilitada “Adeus, adeus”. Ele estava cansado, eram as suas últimas forças.

São recordações muito boas de meu pai e para manter viva e pública a sua memória, eu loteei minha chácara, fiz duas ruas e coloquei o nome dele: André Ezequiel de Miranda. Meu pai foi seringueiro, garimpeiro, e infelizmente falaram pouco do meu pai aqui. Eu não mereço distinção, fico até grato por você fazer essa entrevista comigo. Não sou compositor, não sou instrumentistas, eu só canto. Meu pai não, ele cantava, tocava e tinha muitas outras virtudes. Nós tínhamos a taberna, a Bodega do André, lá no Mocambo... Quando chegava o trem da Bolívia ele me acordava de manhã cedinho, madrugada, e íamos lá pra a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, que hoje deixaram acabar. Lá nós acolhíamos os imigrantes e os seringueiros que chegavam pra fazer negócios, tratar da saúde, fazer compras... Hoje fico muito triste quando vou ali, porque deixaram acabar. Deveria haver ainda uma linha até a Bolívia. Seria muito bom para Porto Velho e para a gente. Iríamos para lá, levar o samba, brincar, como era de primeiro, que a gente ia a Guajará-Mirim jogar bola, fazer samba, cantar. Porto Velho deixou morrer um espaço que era interessante, cheio de vida.

Quando chegava o trem, com os seringueiros papai e eu já estávamos lá para recebê-los. Acordávamos cedinho e ficávamos recebendo as pessoas e levando-as para o Mocambo, que era perto. A gente ia andando mesmo e o papai bancava... Tempo de política o comício era lá em frente de casa. Papai era uma pessoa que, independente, de a pessoa ter dinheiro ou não para pagá-lo, acolhia, cedia quarto, alimentava. De vez em quando descia para o seringal trabalhar, porque ele foi seringueiro também. O André Cantanhede, que era dono dos seringais... E o papai bancava, ajudava quem vinha e precisa de abrigo. Depois da queda do preço da borracha papai se tornou garimpeiro.

Onde é o Mercado Cultural era um mercado mesmo, e a gente tinha que acordar cedo. Tinha quatro portões. Cada lado daquele era um portão bem grande e de manhã e a tarde abria no horário certo. A gente chegava antes de abrir, ficava esperando, e quando abria era uma correria, mas a gente colocava as cestas de compra, e ninguém mexia não, ali não tinha bagunça, ninguém tirava a cesta do lugar. Você podia por as cestas e tomar o seu mingau tranqüilo. Tinha as pedras, onde cortavam as carnes. Eu me

lembro que meu irmão Moacir, com o Abdom,- o Abdom é músico, ele canta, todo mundo conhece ele pelo apelido de Neguinho da Vaca. O Neguinho faz parte, também, da história de samba e seresta de Porto Velho. Ele e meu irmão eram garotos, papai dava dinheiro para eles comprarem carne, eles entravam na fila, quando recebiam a carne se abaixavam, se aproveitavam que havia muita gente na pedra, se agachavam e fugiam sem pagar, pegavam o dinheiro para eles.

Quando eu era menino também fazia coisas erradas... A gente ficava rodando na feira, tinha aqueles sacos de castanha, de laranja, de farinha, e aí a gente ia pondo no bolso, enchia o bolso de castanha, de farinha, mas a gente não sabia que era errado. Hoje que a gente sabe que é errado, que é pecado, se você tirar um Real é pecado do mesmo jeito se você tirar cinco Reais. Mas naquele tempo as coisas não eram como hoje e a gente não tinha muita noção de certo e errado. Vivíamos meio soltos.

Naquele tempo a gente brigava muito, era no tapa, era no berro, era na porrada, era na mordida. Eu mesmo, quantas vezes fui mordido! Uma vez estava tirando manga no cemitério e vi o Manel da Laura com o Alemão, o Alemão é bem conhecido, ele jogou no Ypiranga. Quando ele me viu falei: “Viche, vai ter porrada!” eu já ficava com medo.

Era assim o Mocambo. A gente brigava, mas não era essa violência que é hoje. Hoje ta muito diferente daquela nossa época. Mas hoje o Mocambo melhorou, é outro bairro! Hoje fazem missa lá. Agora mesmo ia ter uma festa de confraternização, mas aí teve o evento da igreja, que supriu a confraternização que íamos fazer. E de lá sai uma banda, como é o nome? Até o dia amanhecer? Até que a noite vire dia! A banda do Mocambo. O Márcio Jacaré, que é meu sobrinho, é o presidente dessa banda de Carnaval. Então é isso: Mocambo, berço da boemia e do samba.

Naquela época também, no Mocambo tinha o time de futebol São Francisco, que jogava lá na Baixa da União. Raimundo Padre era o goleiro, tinha o Derço, o Tarzan, o Pingo, o Valcir, meu irmão Jacaré... Jogávamos bola na Baixa da União e o futebol era muito bonito, a torcida muito alegre, melhor até do que quando passou a ser profissional. É que nem o samba, tem o Juro por nove que canta esse estilo que é mais para o jovem, a galera mais... e tem os sambistas então o São Francisco jogava bola e tinha festa no Mocambo, e lá tinha uma família, do Chico da Pulga, que tocava violão, o

Assis tocava, ele e o Abdom, ele faleceu, que Deus o tenha. Naquele tempo ele gostava de tocar as músicas do Paulo Sérgio. Eles cantavam fazendo dupla, ele e o Abdom, e eu sei que... Deixa eu ver o que tenho para dizer... Vou continuar cantando, não vou deixar nunca de cantar.

Muitos lugares que conheci em Porto Velho já não existem mais ou se modificaram bastante. Outros só existem na memória e no samba. Quem fala de Porto Velho, em suas letras de samba, é o Bainha, meu mestre, e Ernesto Melo, o poeta da cidade.

Quando a gente ouve as músicas deles a gente faz uma viagem no tempo e no espaço, retornamos em pensamento àqueles lugares antigos em que a gente viveu. Bainha e Ernesto são compositores e intérpretes. O poeta também é músico, toca violão, toca cavaquinho, o Bainha não, o Bainha só canta e compõe . São pessoas por quem tenho o maior carinho e o maior respeito, são meus amigos. Quando essas pessoas me vêem você precisa ver a alegria que ficam, e a alegria que eu fico! Como eles me recebem, abraçam! A gente sabe que aquilo é uma coisa espontânea, é uma coisa pura, e eu gosto disso, eu gosto disso!

Ernesto tem música que fala do Mocambo e fala até o meu nome e de outras pessoas que lá viveram. Ficamos felizes em ouvi-lo porque ele canta a história que a gente viveu. Fizemos parte daquilo.

E o Bainha canta uma música que fala do meu pai e do comércio que ele tinha, a bodega do Raimundo André. Isso pra gente é uma coisa que não tem preço, a gente vê ele cantando a história, falando de tudo da cidade, desse Rio Madeira. “Porto Velho, meu dengo”, que letra bonita. Que inspiração ele teve para fazer essa letra maravilhosa! Compositores maravilhosos! Eu digo: é bom a gente ter amigo, é sempre muito bom a gente ter amigo! Falar de Porto Velho só o Poeta da cidade e Mestre Bainha.

Porto Velho tem ótimos compositores e ótimos músicos. Agora mesmo teve um encontro de músicos da Região Norte, o Hudson, o Padoca... Foi o segundo Encontro, e veio gente de Humaitá, de Rio Branco, de Manaus, de Roraima, do Rio... Sambistas de primeira qualidade! Foi um negócio muito bom, muito bacana! Bons músicos e bons cantores também. O Poeta inclusive foi na terça-feira, que era aniversário do Wagner,

um cantor de Manaus. Foi aniversário dele e comemoramos lá na chácara. Era um almoço, começou cedo e foi até de noite, a gente lá, brincando.

Essa é do Bainha: “Sou da sete de setembro, lá do Km 1...” então você revive aquilo. Porto Velho era só até o KM 1. Hoje nós estamos aqui, na Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, próximos à Sete de Setembro. E naquele tempo tinha o bar do Arara, bar do Zezinho, bar do Zizi, que ele fala nas músicas dele. Tem o hotel ali, perto do Mercado Cultural, Porto Velho Hotel, ele fala das ruas também, dos bairros Triângulo e Mocambo, “Amanhecer no Mocambo”. As casas de barro pintadas de branco, isso era o Mocambo, “mulheres da vida, mulheres vazias, mulheres sem vida, e hoje eu digo Mocambo, a você agora, depois de tudo que passou Mocambo és o meu amor”. E é mesmo.

Nunca tive vergonha de dizer que sou do Mocambo. Cheguei com um ano lá. E ele canta toda essa história. Tem letra que o Ernesto faz que ele canta cada um: Chico Corete, Aguilar, Nega Vanda e tantos outros. Nega Vanda é amiga da gente e está meio doentinha atualmente. Quando ele canta a gente viaja. É um filme que passa e a gente revê ali aquele momento. A gente vive aquilo que ele fala. Então é muito bom o poeta da cidade, Ernesto Melo. Esse faz parte da história.

Em Porto Velho há três lugares do samba que reconheço: um é o Mercado Cultural, que já falei, o outro é a casa de Dona Nazira, onde se reúne o pessoal da Escola de Samba Asfaltão: o Misteira, que é o presidente, Macumbinha, Bainha. Algumas vezes a gente passa por lá e eles estão fazendo samba. É um pessoal muito organizado e é muito bonita aquela amizade que eles têm, é mais família e os amigos.

Outro lugar bom é o Salve Jorge, que tem samba e seresta. De vez enquanto vou lá com a minha patroa e somos chamados para dar uma palhinha. E também tem Beto César, no Mercado Cultural, todos os sábados, a partir das 19 horas. Beto César e seu grupo maravilhoso! Beto César também é um dos baluartes, que tem um trabalho já reconhecido tanto em Porto Velho quanto em outros Estados. É compositor e excelente intérprete também.

No domingo, o lugar do samba é o Café da Manhã do Caiari. Eu nem tomo café em casa, chego lá encontro os conhecidos e ficamos conversando, conversando. O Bodó recebe a gente com carinho. Encontrei o Osanir e outro colega que estudou comigo no

Dom Bosco. Lá tem um mingau delicioso, cuscuz e outras iguarias. A gente toma café, ouve um sambinha e fica lembrando aquele tempo de Dom Bosco, em que a gente estudou lá.

A educação é outra coisa que mudou muito. Hoje o educador é muito desrespeitado, tanto por alunos como pelo Estado. Na minha época a educação era mais rigorosa, eles colocavam a gente de castigo, suspendiam a gente. Tinha o Padre Felinto, a quem tínhamos muito respeito. Hoje não, hoje não se pode fazer nada, o professor é agredido se chamar a atenção do aluno, se der uma nota que ele acha que não merecia. Na nossa época não! Na nossa época a gente tinha o respeito, e se tiver o respeito como tinha, vai ser melhor para a gente viver.

No Dom Bosco a educação era rígida, mas oportunizava também a criatividade dos alunos. Tínhamos as Manhãs de Sol, em que a gente cantava, brincava, se confraternizava em um clima saudável. A escola era como uma segunda casa para a gente. Lá nos ensinavam os valores cristãos, as referências para uma vida em sociedade.

Sou de família humilde, o meu pai separou da minha mãe. Nós ficamos todos com a mamãe e nosso almoço era seguro, era garantido, mas a janta... Não tinha janta não! Aí sobrava como alternativa a manga do Cemitério dos Inocentes. Quando chovia era o seguinte: a gente tinha que tirar a roupa, para não molhar, não sujar, a gente tinha que economizar roupa, né? Era um tempo difícil financeiramente falando. A gente ia nu pegar as mangas do cemitério para se alimentar. Éramos criança e não tínhamos malícia. Ficávamos debaixo da mangueira, a manga caia e iam uns três, quatro em cima pra ver quem conseguia pegar a manga e colocá-la na cesta, como se fosse um jogo, uma competição. A gente ia colocando as mangas na cesta e quando esta estava cheia a levávamos para casa. Era nosso jantar.

Atualmente, algumas pessoas que me conheceram na infância zombam de mim, brincam por causa dessas coisas: comer manga do cemitério, andar nu para não sujar a roupa... Mas eu digo: “Olha, vocês não sabem quantas vezes aquelas mangas mataram nossa fome. Mataram a fome da galera do Mocambo”. Isso veio à tona um dia desses no Café no Caiari, as pessoas vão chegando, chega o Beto César, com seu cavaquinho, chega o Cabo Sena, e a gente fica lá batendo papo, lembrando do passado e cantando samba.

Para mim samba bom é aquele onde a gente pode rever os amigos. Não gosto de ir a um canto onde não conheço ninguém, eu não gosto! Gosto de chegar e ver amigos, rever amigos, sentar e conversar. Isso é sadio, isso que é bom!

Esse Café da Manhã do qual falei ocorre próximo à Caixa, em frente a Casa de Cultura de Ivan Marrocos. A gente faz ali. Agora o que aconteceu: o Carlinhos Maracanã, que era secretário de Cultura, não é mais. Entrou outro secretário e as coisas estão mudando. Na época do Carlinhos fazíamos o café do lado de fora, mas ele deixava o portão da Casa de Cultura aberta, os banheiros abertos, então, se alguém quisesse lavar as mãos, usar o sanitário... A Casa de Cultura Ivan Marrocos acolhia, de certa forma, os sambistas, os passantes, os velhos amigos. Quem quisesse podia chegar. Agora, já não há mais tanto suporte.

O que mais me dói em Porto Velho é a falta de apoio institucional aos projetos que estão dando certo. Aos poucos o apoio, o suporte é cortado, e os grupos que fazem cultura desanimam e interrompem os projetos. Nós fazemos samba toda sexta-feira no Mercado Cultural, mas fazemos com recursos próprios. Não temos o apoio da Prefeitura Municipal, não temos o apoio de ninguém. Somos nós que pagamos o aluguel do som, dos jogos de luzes, não recebemos nada. E você sabe que é caro, que a manutenção ou a substituição de um instrumento musical é caro. Fazemos isso gratuitamente, o ano inteiro, sem receber nada. Nos dizem que não há recursos, mas no final do ano contratam banda de fora, cantor de fora e gastam valores altíssimos. Não sou contra trazerem músicos de fora, pelo contrário! Mas penso que deveríamos receber o suporte necessário e cantarmos juntos, fazermos a abertura ou o encerramento desses *shows*.

Não falo apenas do suporte que nós, a Fina For do Samba gostaríamos de receber, para fazer nosso trabalho com mais comodidade, sem ter de nos preocupar com montar som, com arrecadar dinheiro para pagar as despesas do palco... Estou falando de que o próprio Mercado Cultural deveria receber benfeitorias o ano todo. É um espaço bom, bonito, as famílias podem freqüentar. Lá não tem briga. É um lugar que você pode levar sua esposa, sentar e tomar uma gelada. Mas os banheiros, por exemplo, são sujos. Tinha de ter uma equipe de limpeza à noite.

Em relação às nossas apresentações no Mercado Cultural, nas sextas-feiras, vejo-as como símbolo do esforço do Ernesto Melo. Ele é quem segura. Diante da falta



de apoio e das despesas que contraímos para poder nos apresentar, a gente vai em consideração a ele. Por isso me dói a Prefeitura nunca nos contratar para nenhum *show*. Podia nos chamar para nos apresentarmos juntos, dividir o dinheiro conforme o direito de cada um. Isso precisa ser feito, está na hora!

Os artistas de uma cidade não podem ser desprezados, o poeta de uma cidade não pode ser desprezado. O que não quer dizer que a cultura não deva circular, extrapolar os limites da cidade, e que não deva vir artistas de fora e interagir com os daqui, trazer coisas novas... Hoje me sinto feliz porque fui convidado para dar essa entrevista que me permite contar um pouco da minha história de vida. É bonito saber que ainda existem pessoas interessadas na gente. Por isso eu disse que o samba não vai morrer. Quando estamos desanimando, pessoas como você surgem. Muitas vezes a gente quer parar, “Não, já chega!” Aí aparece você fazendo esse trabalho, falando de samba e isso pra gente é muito bom. Deixa a gente feliz e a gente volta de novo: “Não, a gente não pode parar não!” “Bora, a gente não pode parar não!” “Para não, Kabeça, porque o *show* tem que continuar” O *show* não pode parar, não!

Estou com a idade que estou e acho pouco, quero é mais, eu quero é mais! “Senhor, me dê mais! Quero continuar cantando, quero continuar alegrando o público que vai no Mercado Cultural e nos outros lugares que a gente frequenta”. E eu só quero isso, poxa!

No início havia mais público em nossas apresentações no Mercado Cultural. Sinto que os amigos iam mais e agora está escasseando. Vamos voltar! Vamos fazer do Mercado Cultural uma casa de amigos, como lá no Caiari, domingo de manhã. Vamos lá de novo, vamos voltar tudo de novo, vamos todo mundo participar porque esse é o nosso espaço! E só depende da gente para ser como era, porque quando a gente chegava no Mercado Cultural pra você encontrar uma cadeira... Eu falava com a Vera para ela reservar, se não a gente ficava em pé. Muitas vezes eu ficava em pé para dar a cadeira para minha esposa se sentar. Então vamos voltar, vamos convidar todo mundo, vamos fazer daquilo a nossa casa, vamos, vamos!

Temos a expectativa de que em 2017, com o novo secretário de cultura, o Mercado Cultural e a Fina Flor do Samba recebam uma atenção especial. Estamos com fé e esperamos que melhore. A gente sempre espera que melhore!

Seria bom se Porto Velho seguisse o exemplo de Manaus. Manaus é uma cidade que apóia o músico. Minha irmã, Fátima Miranda foi a Manaus gravar o CD dela. Lá ela recebeu todo o apoio, foi bem recebida. Também tenho o sonho de gravar um CD, deixar essa lembrança para minha família, para as pessoas que gostam de me ouvir cantar, mas aqui não tenho apoio. Gostaria de poder gravar esse CD aqui mesmo. Não queria ter que sair daqui. O município deveria dar um apoio para o samba, para os músicos, em geral.

Há muitas coisas que poderiam ser feitas para valorizar a cultura local e as belezas naturais desta cidade. Esta beira-rio que estamos vendo é uma coisa linda, mas falta melhorar a infraestrutura, falta fazer um paisagismo, valorizar. Já é belo, mas tem de cuidar, tem de investir, tem de zelar. Sou de Porto Velho, não gosto que falem mal de minha cidade. Reconheço os problemas, mas nunca falo mal de Porto Velho, porque amo essa terra! Passeio por outros Estados, aprecio a beleza do Nordeste, mas daqui não me mudo, vou morrer aqui. Vou ser enterrado lá no Cemitério dos Inocentes, lá no Mocambo, onde eu comia manga. Vou ser enterrado lá. Meu pai é enterrado lá, minha mãe, minha família. Já falei para minha esposa e para minha família. E quando eu morrer sei que meus amigos vão dizer que o Kabeça tinha um bom coração.

Que coisa linda esse rio, que coisa linda essa orla. Poderia ser um *point* da cidade, um lugar tão bonito para a gente vir, um local de passeio e de festa. Poderíamos nos apresentar uma semana no Mercado Cultural, outra semana aqui.

Um dos mais sérios problemas de Porto Velho é a falta de apoio institucional para os projetos. Quando estamos tendo sucesso, casa cheia, público assíduo, alguma coisa acontece, não conseguimos nos apresentar aí quebra aquele rotina e o público procura outros ambientes. É preciso que haja o comprometimento da Prefeitura porque não sei até quando Ernesto Melo vai segurar essa bola, porque é difícil. É difícil mesmo!

O Mercado Cultural é um espaço bom, que hoje é conhecido até em outras cidades, outros Estados. Eu mesmo estive em Fortaleza, fui convidado a cantar lá e falei: “Olha, se vocês forem a Porto Velho, visitem o Mercado Cultural. Toda sexta-feira, a partir de 20 horas, tem um grupo lá, a Fina Flor do Samba, que é a fina flor do samba, grupo de primeira qualidade!” Quando a gente vai a lugares a gente fala sobre

isso, a gente divulga. Mas se não tiver o apoio das autoridades fica difícil e se interrompe. Exemplos disso que estou falando é a programação de Natal, a programação de Réveillon, a Expovel... Até a decoração natalina das ruas deixou de acontecer! E isso revolta a gente que é rondoniense. A gente vê municípios menores, com arrecadação de impostos menor, mas que são mais bem organizados e até mais limpos que o nosso. Com isso quero dizer que o descaso público é em geral, não é só em relação ao samba. Minha ênfase é no samba porque o samba é a nossa bandeira, mas sabemos que o descaso é geral. Gostaria de encerrar por aqui porque vou para a chácara e lá eu trabalho!

#### 4.1.8 HISTÓRIA DE VIDA DE WILIAM COIMBRA

Meu nome é Wiliam Coimbra, simpaticamente apelidado pelo grupo A Fina Flor do Samba de Wiliam Simpatia.

Nasci na cidade de Cururupu, no Estado do Maranhão e desde a juventude fazia parte de um grupo musical de lá, chamado “Os Líderes”. Tocávamos em bailes, em festas sociais. Isso lá nos anos setenta, setenta e poucos.

Depois saí dessa cidade e fui para São Luiz estudar. Lá continuei nesse movimento musical, participando de festivais, de *shows* de final de semana. Fizemos apresentações na TV difusora de rádio e televisão do Maranhão, cantando músicas autorais e interpretações de músicas mais conhecidas. Também sou compositor, tenho musicas de MPB, Samba...

Em 1980 me mudei para Porto Velho. Fui militar, mas saí do Exército e vim para cá, para servir na Polícia Militar. Permaneci na PM por dois anos e meio, quando em 1982 passei a ser servidor do INCRA, onde me encontro até hoje.

Minha história com o grupo a Fina Flor do Samba, com o Ernesto, começou em 2009. Morei em Porto Velho de 1980 a 1997, quando fui trabalhar no INCRA da Paraíba. Permaneci por treze anos na Paraíba, mas depois resolvi voltar para Porto Velho. Isso foi em 2009 e foi justamente nessa época que conheci o projeto aqui do Ernesto Melo: A Fina Flor do Samba. Fiz algumas participações, mas por motivo de trabalho e de família tive de me afastar um pouco. Passei dois anos entre idas e vindas a Ji-paraná, pois também realizava trabalhos lá, então tive a necessidade de me afastar do grupo musical. Contudo, o samba falou mais alto e em 2015 retornei a Porto Velho e, progressivamente, à Fina Flor do Samba. Participava em alguns finais de semanas, em outros não, e em 2016 resolvi me dedicar mais a este grupo musical.

Tenho procurado me alinhar com os talentos que fazem parte do grupo, bem como com os que já passaram. São pessoas de alto nível, que cantam, tocam e sabem o que fazem. Músicos muito experientes. Estou buscando melhorar minha participação e me alinhá-la. Ainda não tive a oportunidade de cantar na Fina Flor nenhum samba, nenhuma música de minha autoria, mas em breve estarei apresentando pelo menos um

samba autoral. Não são muitos, tenho uns cinco sambas de autoria própria e qualquer dia desses apresentarei algum.

Sou de uma família pequena. Em janeiro de 2015 perdi minha mãe no Maranhão, em março do mesmo ano perdi meu pai e em junho perdi minha avó materna, então minha família praticamente se acabou. Tenho minha família hoje, minha mulher, duas filhas, mais um casal de filhos do primeiro casamento e minha vida se resume nisso... Já são 36 anos de Rondônia e apesar de ser maranhense não tenho o menor interesse em voltar a morar no Maranhão, principalmente agora que perdi o esteio de minha família que era minha mãe, meu pai e minha avó. Então o que me resta é continuar em Rondônia e até onde for possível continuar fazendo parte da Fina Flor do Samba, juntamente com o Ernesto.

Minha mãe se chamava Nilce dos Santos Coimbra, era mais conhecida por Eli do que pelo próprio nome. Meu pai se chamava Antônio José Ramos Coimbra, a minha avó materna se chamava Sofia Santos, também conhecida como Filó, e meu avô paterno - que é meu grande ídolo - se chamava Esaú Alexandre Coimbra. Já tem 30 anos que ele morreu, mas sua presença é muito grande em minha vida, em minha memória, que é como se tivesse morrido ontem. Sinto ainda muita saudade dele. Ele foi minha grande referência de ser humano, de homem, de pai, de chefe de família...

Tenho vários irmãos por parte de pai, nem sei dizer a quantidade! Tenho filhos: a Jaqueline da Silva Ramos Coimbra, o Jackson Alexandre da Silva Ramos Coimbra, a Maria Fernanda Figueiredo Coimbra e a Alice Helena Figueiredo Coimbra. Minha esposa se chama Fernanda Amaral Figueiredo, é professora e trabalha no setor administrativo do Instituto Federal de Rondônia.

Espero que nessa nova gestão municipal o Mercado Cultural tenha mais incentivo e seja dada mais atenção a nosso projeto, porque não é mais só uma diversão de final de semana, hoje o projeto Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba se tornou um espaço cultural, uma atração cultural e artística local, mas também de conhecimento externo. Então que fique aqui um recado para o novo prefeito, para o secretário de cultura, para que dêem atenção especial ao Mercado Cultural porque isso aqui é um marco de Porto Velho e a gente precisa dar continuidade a esse projeto, expandir essa cultura não só no centro, mas nos bairros. Queremos levar esse projeto aos bairros, levar

essa cultura do samba e incentivar a criançada, os jovens que estão na periferia a ter acesso a esse tipo de cultura, como outras, o pagode e outros estilos musicais.

Na condição de um dos intérpretes do grupo A Fina Flor do Samba, me sinto muito feliz, muito honrado! É muito bom conviver com o grupo e com o Ernesto, que é uma pessoa excelente. Só lamento não termos o apoio do poder público e estarmos com baixa participação social, pois é um projeto cultural de qualidade em um espaço lindo, que é um marco da cidade. Precisamos chamar mais a atenção das pessoas para freqüentarem o Mercado às sextas-feiras, quando fazemos nossa apresentação, pois é um lugar tranquilo, um ambiente saudável, diferente de outros que têm por aí... A maioria das pessoas que vem aqui é adulta e consciente do que quer, do que faz, então aproveito a oportunidade para convidar a todos para prestigiar Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba, todas as sextas-feiras aqui no Mercado Cultural. A partir das 20h a gente começa a se reunir e lá pelas 20h30, 21h a gente começa a tocar samba de raiz e em algum momento a gente faz uma música diferente, mas o foco é o samba de raiz da cultura local. Estão todos convidados!

Compus meu primeiro samba logo que cheguei do Maranhão. Chamei esse samba de “Saudade do Maranhão”. Nessa música exprimi o sentimento de saudade que sentia da minha terra, porque há tempos não ficava tão longe da minha cidade, da minha família e aproveitei esse momento. Foi um grito, um desabafo!

Em outras composições falo de amor, falo de culturas regionais, de problemas sociais... Tem um samba que fiz com um amigo, esse samba se chama “Faço e aconteço para sobreviver”, fiz nos anos 1990, quando a gente convivia com uma inflação desgraçada, vivíamos uma situação de incerteza em relação ao futuro, em relação à situação financeira do país, então a gente fez esse samba que é meio de crítica, faço e aconteço pra sobreviver no mundo cruel em que a gente vive.

Na realidade comecei a cantar aos treze anos de idade, comecei a cantar uma musica de minha autoria, que fiz naquela fase de transição da infância para a adolescência Naquela época havia a chamada “cartinha”, aquela coisa da criança que se apaixona pela primeira vez e escreve uma cartinha para o garoto ou a garota. Me apaixonei por uma colega de escola, era uma paixão platônica, e em razão disso fiz essa música, um tanto infantil, minha primeira música.

Quem me influenciou na música foi meu padrinho, que era músico, tocava tuba. Então de tanto vê-lo tocar aquele instrumento, comecei a sentir curiosidade, querer aprender. Passei a estudar música com uma pessoa, que depois de um tempo veio a ser o maestro do grupo onde eu cantava - o grupo “Os Líderes”. Essa pessoa era o Tenente reformado Antônio, músico exímio que deu aula de música na minha cidade. Foi a partir daí que comecei a me interessar, isso lá em Cururupu.

Depois, quando fui para São Luiz compus outra música: “Sandra”, com a qual participei de um festival promovido pela TV... Rádio e televisão difusora, no qual fui o único intérprete de música autoral. Nesse festival fiquei em segundo lugar. Engraçado que naquela época, na mesa julgadora do festival estavam o Pinduca, cantor de carimbó, do Pará, outro cantor paraense chamado Carlos Santos, e a artista da Globo chamada Eva Todor, além de outros artistas.

Quando terminou o festival o Pinduca e o Carlos Santos me procuraram para comprar essa música chamada Sandra. Queriam comprar para um irmão do Carlos Santos que se chamava Ari Santos, também cantor em Belém, para ele gravar. Só que ele queria entrar como parceiro na composição da música, mas a música estava pronta, aí não aceitei e não vendi. Ficou por isso.

Já residindo em Rondônia compus “Minha Aliança”, e um amigo meu, de Belém a gravou. É uma baladinha meio brega, que tocou algum tempo nas rádios de Belém e do Maranhão. Quem influenciou meu interesse por música foi meu padrinho, hoje também já falecido. Gostava muito de ficar vendo ele tocar tumba!

Em 2009, quando retornei para Rondônia a Fina Flor do Samba estava iniciando esse movimento aqui no Mercado Cultural, vim assistir e aí um amigo meu, o João Carteiro, me Chamou para dar uma palhinha. Conheço o João Carteiro desde os anos 1990. Assim que começou o movimento do pagode, esqueci de falar isso... A gente montou um grupo de pagode aqui em Porto Velho, eu e outros colegas, entre eles o Fernando, que toca cavaquinho aqui de vez em quando com a gente, o João Carteiro, o Chiquinho, que toca vários instrumentos e hoje faz muito chorinho, Gelber, que hoje se encontra em Roraima e o Paulo Sérgio, que hoje se encontra em Manaus.

Tocamos cinco anos nesse grupo de pagode. Tocávamos Raça Negra, Ki-raça, um monte de grupos que influenciaram o pagode naquela época. Então quem me

apresentou foi o João Carteiro, em um dia que vim assistir a apresentação aqui no Mercado. Ele me chamou para cantar uma música, cantei, gostei, fiquei e estou até agora.

Acho que música e o espaço têm uma relação muito especial. A música se apropria, harmoniza, dá uma marca... Em todos os lugares que conheço, a gente chega e tem os espaços determinados para a apresentação da cultura local, por exemplo, lá em João Pessoa tem um espaço chamado Chorinho na Praça, no centro de João Pessoa, próximo ao shopping “Teixeirão”, que é o shopping dos camelôs, muito bem organizado. Aquele espaço é aberto para apresentação de pessoas que compõem, que tocam e que apresentam as coisas locais.

Ano passado estive no Rio de Janeiro e visitei um espaço chamado Gamboa, onde tem um bar, um local lá, também aberto para quem compõe, para quem toca, para quem quer apresentar exatamente sambas que falam daquela cidade, daquela cultura local. Em Manaus vi uma reportagem um dia desses também sobre um espaço reservado para essas pessoas que compõem sobre a temática local. O Ernesto Melo faz isso com muita propriedade aqui em Porto Velho, e merece que o Mercado Cultural seja bem cuidado, para acolher sua obra, assim como a obra de outros.

Estou preparando uma música, não que fale exatamente de alguns locais de Porto Velho, mas que fala da minha vinda para cá, de como a cidade me recebeu, do que a cidade me deu e do meu amor por essa cidade. É uma coisa que ainda estou escrevendo, está ainda bem no início, mas já tem umas quatro estrofes prontas, e em breve vamos mostrar. Considero válido trabalhar com as temáticas locais, regionais e gostaria que outros compositores locais viessem ao Mercado Cultural e apresentassem suas composições, suas músicas, principalmente se elas falam de Porto Velho, se elas falam de Rondônia e da cultura local. É bom divulgar a cultura local, fortalecer seus valores, mantê-la viva...

Em Porto Velho e adjacências conheci muitos espaços bonitos, com os quais desenvolvi uma relação de afetividade, de apreciação estética, lugares lindos em que me senti muito bem! Antes da construção da hidrelétrica de Santo Antônio costumava ir muito à Cachoeira de Santo Antonio, aquele lugar era uma beleza e gostava de ir e



contemplar. Também gostava de visitar a igreja de Santo Antônio. Uma capela pequena, muito aconchegante, que favorece a meditação, a oração...

Nos anos 1980, antes da criação do município de Candeias, também tinha outro lugar que eu adorava ir, para mim era um dos lugares mais bonitos que tinha aqui: a Cachoeira de Samuel, que também foi tomada por uma usina.

Hoje um dos lugares que me fascina e que gosto de ir e ficar por um tempo, contemplando, é a Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Gosto de olhar o rio, principalmente nos meses de agosto e setembro. Observar o por do sol aqui da Estrada de Ferro é um espetáculo único, então esse é um dos lugares onde gosto de estar.

As usinas são uma necessidade do progresso, infelizmente o progresso traz essas coisas... Citei a Cachoeira de Santo Antônio, Teotônio, e a de Samuel, dois bens naturais que foram tomados por duas hidrelétricas, mas há muitos outros bens naturais sendo destruídos. Nos últimos dias a gente viu o Rio Madeira diria que... em estado de alerta, porque durante esses trinta e seis anos que estou aqui em Rondônia nunca vi esse rio tão seco, tão ferido... Isso deveria ser lido pelas autoridades como um sinal, para cuidarem melhor desse rio, antes que seja tarde... Morei por treze anos em João Pessoa, na Paraíba e tive a oportunidade de andar por outros Estados no Nordeste, inclusive visitando alguns trechos do Rio São Francisco. Quando eu fazia um curso de pós graduação em Auditoria Ambiental fui fazer uma visita técnica em um trecho do Rio São Francisco e naquela época chamei a atenção para o estado como aquele rio estava, havia trechos em que a gente tinha a impressão de que a qualquer momento ia cruzá-lo andando. Na época fui criticado por uma colega de curso, que disse que eu estava louco, que o Rio São Francisco jamais ia passar por uma situação dessas, mas poucos dias depois vi uma reportagem dizendo que em alguns locais daquele rio já era possível atravessá-lo a pé!

Tenho a preocupação de que em breve o rio Madeira possa passar por essa situação, porque nesses últimos dois meses andei de carro daqui até a entrada de São Carlos, fui margeando esse rio e vi muitos, muitos trechos totalmente tomados por bancos de areia, e isso é muito grave! Se os governos estadual, federal, sei lá quem de direito, não fizer alguma coisa para salvar esse rio, que ainda é uma das belezas que a gente tem no Estado de Rondônia, ele vai perecer!

Penso que as hidrelétricas tiveram alguma influência nessa situação porque já tínhamos visto outras enchentes, mas não com a proporção da que houve em 2014. Quase todos os anos a gente observa o estado de seca que fica o Rio Madeira, mas não como de uns três anos para cá, então creio que há uma interferência direta dessas obras que estão em curso ao longo do rio Madeira. Tanto a Santo Antônio quanto a Jirau, acho que têm sim haver tanto com a questão da cheia que houve em 2014, quanto a seca que a gente está acompanhando. E agora, mais recentemente, há a retomada do garimpo abaixo da usina, além da ponte. Essa atividade também causa impactos, principalmente na questão desses bancos de areia que se formam ao longo do rio. As dragas do garimpo removem a areia que está no fundo do rio e a trás para cima, o rio está perdendo a força para empurrar essa areia de volta para baixo, então ela vai se acumulando em determinados pontos e vai formando esses bancos de areia que a gente observou muito bem nesses dias.

Não penso em parar com o samba. O samba é uma coisa que gosto, que está em mim, e agora gosto ainda mais porque tenho uma filha de cinco anos, a Maria Fernanda... Ela já mostra uma veia musical interessante, gosta de música, gosta de me acompanhar e canta afinadinho! Quero continuar principalmente para dar algum suporte para ela lá na frente. Nesse ano ela já vai iniciar a escolinha de música e vai fazer balé. O interesse de minha filha pela música é algo que está me renovando, sabe? É muito gratificante ver o interesse da minha filha de cinco anos por música, por cantar, por dançar! Ela é tão ligada à arte que isso me dá mais força para continuar. Não tenho intenção de parar não, gosto do samba, gosto de música em geral e sem preconceitos: samba, MPB, brega. Gosto de música!

Meu maior sonho no momento é ver o grupo A Fina Flor, o projeto Ernesto Melo, totalmente organizado. Porque a gente vive um momento de instabilidade, entra um e quando a coisa está ficando boa, está ficando redondinha a pessoa se afasta, por um motivo ou outro, motivo de trabalho, de família... Meu sonho maior é ver esse grupo afinadinho, a gente tocando, aquele time formado, dando certo e fazendo o samba da melhor qualidade. Independente de eu estar ou não no grupo, quero ver Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba um grupo bem organizado, bem estruturado.

Uma das principais dificuldades, do ponto de vista interno ao grupo diz respeito à falta de tempo para fazer os ensaios que são necessários. Os ensaios são importantes porque dão a possibilidade de renovarmos o repertório, de nos afinarmos melhor. E do ponto de vista externo, pesa sobre a gente a falta de apoio da secretaria municipal de cultura, dos órgãos públicos e de algumas instituições privadas, que tenham interesse em incentivar a cultura, o samba e outros. Mas principalmente, como a gente ocupa um espaço público, gostaríamos que houvesse maior incentivo, maior apoio do órgão público que é responsável pela cultura municipal.

Espero que o novo secretário de cultura olhe com mais carinho, com mais atenção para esse espaço aqui, para o grupo A Fina Flor do Samba, Ernesto Melo, para outros grupos que se apresentam aqui, e que olhe também para os bairros, onde há carências de todos os tipos. Que incentive a cultura nos bairros e que leve esses movimentos para as praças, para que possamos interagir mais com as pessoas dos bairros. Há uns dois ou três meses recebemos visita de pessoas dos bairros Esperança da Comunidade, Tancredo Neves, pessoas que vieram de longe para nos ouvir. As pessoas que podem vêm ao nosso encontro, mas muitas pessoas não têm como vir, então a gente gostaria de fazer diferente: gostaria de ir até elas e levar o nosso som. Para isso necessitamos do apoio da administração pública e das organizações privadas que dispõem de interesse em ajudar, que têm responsabilidade social para levar a cultura aos bairros.

A música para mim, é acima de tudo um momento de lazer e de diversão, mas isso não quer dizer que seja feita descompromissadamente. Ao contrário, somos comprometidos com a qualidade, comprometidos com nosso público e com as questões sociais, mas não trabalho diretamente com música. Minha profissão é outra, não sou cantor ou intérprete profissional. Venho para o Mercado Cultural e vou a alguns lugares que me chamam, para me divertir. Tenho a música como uma coisa que completa minha vida.

Estou me realizando profissionalmente, sou servidor do INCRA e atualmente atuo como coordenador estadual de regularização de terras quilombolas. Vejo meu trabalho como um trabalho necessário para a correção de uma falha do Estado brasileiro para com uma população que tem um direito renegado há mais de 200 anos. Trabalho

como coordenador desse setor dentro do INCRA, no Estado de Rondônia, e me vejo prestando um trabalho social de relevância. O maior presente que tive foi agora, no dia 30 de dezembro de 2016, com a publicação de uma portaria de reconhecimento de uma comunidade quilombola chamada Santa Fé, localizada no município de Costa Marques. O reconhecimento implica em um resgate da dignidade de um povo que vive esquecido a mais de 200 anos. Nessa comunidade hoje não tem ninguém com 100 anos ou mais, mas são remanescentes dos escravos que para lá se deslocaram. A matriarca daquela comunidade tem setenta anos, nasceu ali e desde muito tempo essa comunidade vem lutando pelo reconhecimento desse direito. Um direito negado há mais de dois séculos. Então essa é minha grande realização no momento e creio que até fevereiro ou março o INCRA esteja emitindo o título dessa comunidade. Isso será, para mim, uma grande conquista, uma realização pessoal e profissional que me dará muita alegria, muita satisfação.

A portaria de reconhecimento da comunidade quilombola de Santa Fé, em Costa Marques foi publicada recentemente, mas o processo foi aberto tem quase dez anos, é um tipo de processo que a meu ver deveria correr rápido, até por conta da reparação de um direito adquirido. É um processo muito lento e esse reconhecimento e regularização foi instituído pelo decreto nº 4887/2003, assinado pelo então governo Lula.

Já houve manifestações contrárias a esse decreto e a regularização desses territórios, mas até o momento esse novo governo que está na Presidência da República não se manifestou contrário, ele está mantendo o decreto. Não sei esse ano como vai ser, tendo em vista esse momento econômico de crise que estamos passando, mas felizmente, até o momento não houve nenhuma manifestação contrária, nada que demonstrasse paralisação desse processo, até porque não faz sentido, são direitos assegurados ao povo quilombola desde a constituição de 1988, por isso não vejo nenhum risco de haver um retrocesso.

No Estado de Rondônia temos nove comunidades quilombolas, sendo duas em Costa Marques, duas em São Francisco do Guaporé, duas em Alta Floresta, duas em Pimenteiras do Oeste e uma em São Miguel do Guaporé. A de São Miguel já foi titulada, mas teve falhas que serão corrigidas por esses dias, mas a de Santa Fé é uma conquista em grande parte minha, porque foi um processo que peguei desde o início e

está sendo concluído sem nenhuma falha, nenhum erro. Gostaria até de levar o grupo A Fina Flor do Samba e o Ernesto Melo para a festa de entrega do título, que deve ocorrer em março; não sei a data exata, mas já fiz o convite prévio ao grupo, porque essa é uma vitória que merece ser comemorada!

No campo familiar tenho duas filhotas lindas, que são meu maior motivo de querer viver 200 anos... Quero vê-las crescerem, formadas e realizadas. É só isso que almejo. Na Fina Flor do Samba quero continuar até onde for possível porque gosto do samba e quero ver esse grupo ainda mais fortalecido, sendo considerado o melhor grupo da cidade.

O projeto Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba está em curso há sete anos. Desde então passamos por muitas dificuldades e convivemos com a falta de apoio. Espero que em 2017 possamos continuar e que a nova gestão municipal, que está iniciando, se mostre sensível, também, à cultura. Peço a atenção do novo prefeito, para que se mostre sensível a cultura, e fico na expectativa, porque ele é do ramo educacional, é uma pessoa culta, e fico também na expectativa das ações do novo secretário de cultura, que também é ligado à questão do patrimônio material e imaterial, tem filho ligado à música, dentre outras.

Desejo um ano novo de muita paz, de muito sucesso e realizações. Que tenhamos saúde e vida longa!

#### 4.1.9 HISTÓRIA DE VIDA DE FRANCISCO LOBO

Meu nome é Francisco Lobo, nasci no bairro Mocambo, em 14 de julho de 1964. Deixamos o bairro Mocambo quando meu pai faleceu e fomos morar no bairro Mato Grosso.

Até os nove anos morei no Mocambo. Lembro pouca coisa da minha infância. Outro dia fui até lá para ver se conseguia entrar naquele local, reencontrar a casa onde morava, mas não consegui. Quando você chega ao Mocambo, descendo a Almirante Barroso, que entra no Mocambo, à esquerda tem uma rua que faz um “v”, uma vai para o lado do cemitério e a outra era a que ia para minha casa. Não sei o nome, mas sei que era por ali. Lembro bem que tinha a dona Crélia, o Raimundo, a família Trajano... E lembro que havia festas de boi-bumbá, que aconteciam a noite, mas minha mãe não nos deixava sair a noite, então a gente não participava.

Éramos quatro irmãos, hoje somos apenas três, um faleceu. A partir da morte do meu pai tivemos de sair do Mocambo porque não tínhamos condições de nos manter. Tivemos de “ralar” muito na vida! A mãe criou a gente costurando, o meu irmão e eu íamos lavar, engraxar, fazer saco para vender na feira. Felizmente não desistimos de estudar e concluímos o Segundo Grau. Aos poucos, conforme fomos ficando adultos a vida foi ficando menos árdua...

Eu tinha nove anos quando perdi meu pai, então não o conheci muito bem, mas me recordo que ele gostava muito de sair e como eu era pequeno não podia acompanhá-lo. Ele tinha dois amigos: Adolfo e Josias, que acho que também são falecidos. Lembro deles em casa, juntos, bebendo, tocando. Era aquela farra!

Meu pai era funcionário da navegação, conduzia pequenos barcos no rio, mas o problema da bebida o atrapalhou nesse serviço e em outros aspectos de sua vida, pelo que me contaram...

Procurei por esse dois amigos dele que iam à nossa casa: o Adolfo e o Josias, mas não os encontrei, não encontrei uma foto sequer... Eles gostavam muito de cantar e tocar. Sempre ali, aquela turminha...

Engraçado é que se eu tivesse subido mais um pouquinho no Mocambo daquela época teria conhecido aquela galera boa, tipo o Ernesto, o Senhor Bandeira. Conheci pouca gente, mas estavam todos ali tão pertinho...

Quando papai morreu tive de começar a trabalhar para ajudar em casa, ajudar a sustentar minha família. Trabalhava muito e não tinha muito tempo para passeios e diversão. Somente quando estava terminando o Segundo Grau, na Escola Rio Branco, que era relativamente perto de casa, comecei a me aproximar do samba. Conheci uma rapaziada lá pelo colégio e começamos a fazer roda de samba, um tocava violão, outro pandeiro, outro tam-tam.

Minha infância e minha juventude se resumiam em trabalhar e estudar. Não havia alternativa. Nós precisávamos nos ajudar, eu, meus irmãos e minha mãe. Não tínhamos casa própria, essa foi outra coisa que o velho meu pai ficou nos devendo, mas é coisa da vida... Todo esse tempo fomos vivendo aqui, acolá... A situação só mudou quando chegamos aqui no JK: comprei essa casa aqui, que era de madeira e comprei a casa de minha mãe, logo ali na frente.

Antes de termos nossas casas mudávamos muito. Quando saímos do Mocambo fomos morar no bairro Mato Grosso, depois fomos para perto da Escola John Kennedy, no bairro São Cristóvão, depois fomos morar com meu avô, na Rua Jacy-Paraná, aquela rua por trás da TV Rondônia, e depois, finalmente, viemos para cá. Isso foi depois que concluí o Ensino Médio.

Quando nos mudamos para cá pensei que a distância geográfica me afastaria do samba, mas foi o contrário: aqui que a gente caiu no samba mesmo! Começávamos a tocar e aparecia muita gente! Tocava com o finado Rubão, finado Zé Carlos, que também já partiu... Depois, quando eu estava com 52 anos conheci o Hudson e nunca mais parei de tocar. Há uns três anos atrás entrei para a Fina Flor do Samba, o grupo musical do mestre Ernesto e continuo até hoje. Estou gostando muito de participar porque é uma galera boa, que toca muito!

Em relação à minha vida familiar, sou casado, conheci minha esposa “Josa” aqui no bairro JK. Chegamos aqui em 1987 e em 1992 a conheci. Tivemos dois filhos, o Tiago e a Juliane. Meu filho Tiago hoje tem 24 anos e a Juliane tem 21. Vivemos juntinhos, somos uma família unida pelo samba.

Acredito que a principal influência que recebi para gostar de música veio de meu pai. Gosto de muitos instrumentos musicais, mas o pandeiro é especial para mim, porque era o instrumento que meu pai tocava. O pandeiro me lembra sempre o meu saudoso pai... Pandeiro é o instrumento que mais gosto, contudo, tive um acidente, machuquei meu braço, e em razão disso tenho os movimentos limitados, não consigo evoluir muito no pandeiro. Para mim estar junto do pandeiro é estar relembando meu pai.

Na Fina Flor do Samba temos de conhecer um pouco de todos os instrumentos, saber tocar um pouco de tudo para poder ajudar a equipe na evolução da música. Identifico-me com instrumentos de percussão: rebolo, repique de mão e o surdo, não sei se você já me viu fazer o surdo, mas gosto de um surdinho...

Antes de ingressar na Fina Flor eu tocava com Beto Cezar. Ele me chamava para tocar na parte interna do Mercado Cultural... O Karatê e o Beto gostaram de mim tocando pandeiro. Comecei a tocar nos dois grupos: na sexta-feira, com Ernesto Melo e Fina Flor do Samba, e no sábado com Beto César, mas começou a ficar pesado para mim... Em certo momento tive de tomar uma decisão e optei por ficar na Fina Flor, juntamente com o Ernesto e demais integrantes. O Ênio Ricardo me incentivou bastante e decidi ficar com a Fina Flor do Samba, porque não me era possível conciliar os dois trabalhos: as duas apresentações, os dois ensaios e minha família. Quem me convidou para a Fina Flor do Samba foi o Ênio do tan-tan, que hoje não faz mais parte da equipe.

Não sei até quando esse braço vai aguentar, porque tem dias que ele fica ruim, mas mesmo assim estou lá toda sexta-feira. Meu braço está com problema desde 2003, quando sofri um acidente. Machuquei os braços e as pernas, fiquei seis meses em cadeira de rodas e depois fui para as muletas e fisioterapia. Quando melhorei um pouco, que voltei a caminhar sem ajuda interrompi a fisioterapia, infelizmente não tive disciplina para continuar a fisioterapia e hoje ainda tenho dificuldades nos movimentos. Não consigo correr, por isso brinco que se surgir uma briga eu to dentro! Tenho de estar dentro! Não tenho como correr.

Deixei de brincar o samba em certos lugares onde o pessoal é meio avexado e fiquei só na Fina For, porque o pessoal é mais calmo...



Gosto muito de instrumento de evolução, não gosto de ficar na mesmice. Para mim é importante evoluir dentro da música, claro que nunca fugindo do ritmo.

Depois que tive minha casa sempre recebi os amigos. Vinham para cá o Hudson, o Sérgio... A gente brincava junto aqui. Também brincávamos aqui na esquina do Seu Zé, nosso amigo Seu Zé, que ainda está vivo. Isso até 2003, que foi o ano que me acidentei. Depois do acidente fiz uma pausa, passei por um longo período de readaptação.

A Fina flor do Samba é o primeiro grupo oficial do qual participo. Na Fina Flor a gente veste a camisa mesmo! Antes só tocava em reunião de amigos ou fazia participações esporádicas, quando era convidado. Nos reuníamos em algum local aqui no bairro mesmo, fazíamos festa, feijoada... mas em termos de grupo fixo até então não tinha estado em nenhum. Sempre tive equipamentos de som, aqui coberto está o meu *rack*, e quando tem alguma festinha o pessoal me liga e eu reúno a turma...

Entendo que A Final Flor do Samba é um estilo, é um modo de ser. Seu público é um público mais velho, estabilizado financeiramente e boêmio. É um público diferenciado da molecada mais jovem, que curte um pagode mais corrido. Particularmente, atendo aos dois públicos quando sou chamado.

Uma coisa interessante nas letras do Ernesto Melo é a relação que ele faz dos lugares de Porto Velho. Eu não tenho muitas memórias da Porto Velho Antiga, de como era a cidade na minha infância, mas quando ouço Ernesto consigo imaginar, embora não tenha diretamente me envolvido com esses lugares aos quais ele se refere. Fui subindo, né? Saí do Mocambo para a Zona Leste. Minha relação era mais com o meu bairro, o centro e a Esplanada das Secretarias, onde trabalhava.

O lugar que eu eventualmente freqüentava era a Praça da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, na época muito movimentada. Ia para lá, tomava uma cerveja gelada depois subia e pegava o rumo de casa. Não andava muito por ali porque conhecia pouca gente daquela área, do Caiari e outros bairros centrais. Recordo, todavia, que o Paulão, pai do Paulinho Cachaça tinha um samba na esquina da Avenida Nações Unidas com a Avenida Salgado Filho. Ia lá de vez em quando.

Minha vivência foi mais no bairro São José e depois aqui. Havia um ônibus branco, do governo, que buscava e trazia o pessoal que trabalhava nas secretarias. Eu pegava aquele ônibus todos os dias, e quase não saía, quase não andava pela cidade. Aqui no JK foi onde me desenvolvi, onde construí relações, é onde está minha casa e minha família. Aqui é meu lugar, é meu lar. O lugar que mais gosto de estar e pelo qual mais tenho carinho é a minha casa, o meu bairro, junto à minha família. Agora para me divertir, esporecer gosto de ir ao Mercado Cultural. Pego um moto táxi e desço para lá toda vez que tem algum evento.

Minha casa é um lugar sagrado, sua casa é um lugar sagrado, porque é seu e de sua família. É seu aconchego. Sem o lar você fica sem estabilidade, sem rumo. Já vivi sem um lar, sem uma casa, eu e minha família, minha mãe, meus irmãos, e é ruim demais! Graças a Nossa Senhora, graças a Deus hoje tenho minha casa e se pudesse todo ano faria uma reforma, uma modificação, mas financeiramente a gente não tem condições, faz o que pode porque tem outras obrigações com a família. Estando debaixo de um teto já dá para ser feliz! Nosso local de trabalho também é nossa segunda casa, não tem nem como fugir... É preciso cuidar também do local onde trabalhamos, cuidar do espaço e das relações, para ficar um ambiente confortável para todos.

Em relação aos lugares onde ocorre samba em Porto Velho, hoje há vários. Tem um samba na Jacy-Paraná, aliás, no sábado vou lá brincar com o pessoal da roda: Vacir, Luciano, o próprio Demétrio, que passou a tocar na Fina Flor do Samba e é bem vindo ao grupo! Outro espaço bom lá em cima, na Vila Tupy, é o Salve Jorge. E de vez em quando você andando por aí encontra uma casa. Aqui mesmo, na Rio de Janeiro, indo pela Mamoré, descendo à esquerda tem uma casa também de samba, não estou recordando o nome agora...

Meu local preferido para fazer samba hoje é o Mercado Cultural, um espaço aberto, democrático... Mas que não sei se vai continuar, porque está ficando cada vez mais sucateado.

Todo ano penso em parar como samba, mas não tem jeito, não! Não posso jogar mais bola, antes eu gostava de jogar uma bola, mas depois do acidente não pude mais, aí tive de me segurar pelo samba, para poder extravasar as energias. O samba para mim é um *hobby*, mas às vezes exagero um pouquinho, porque para mim o samba tem que ter

uma cervejinha... Quem bebe não pode extrapolar, tem que ter limites. Eu nunca extrapolo, porque não dirijo mesmo! Então é assim: parar mesmo só Deus sabe quando. Enquanto puder brincar, enquanto estiver vivo para fazer alegria para as pessoas irei fazer.

Sinto-me muito feliz quando estou no palco, acho que é gratificante passar energia boa para as pessoas, e receber, porque no palco a gente dá e recebe. É bom ver o pessoal contente e feliz, dançando; nessas horas é só alegria.

A Fina Flor do samba contribui com as pessoas nesse sentido: de passar uma alegria, uma energia boa. Penso, contudo que, como qualquer grupo precisamos melhorar. Seria bom usar os meios de comunicação para divulgar nosso trabalho, informar sobre o que vai acontecer em cada sexta-feira, quais músicas serão apresentadas. Não tenho muito tempo para ensaiar como grupo, então isso já seria uma forma de eu me preparar durante a semana. Acho que funcionaria, se me passassem quais as músicas serão apresentadas, mesmo sem eu poder ir para os ensaios irei me preparar melhor, irei estudar, treinar em casa. “Será a música A, B”, e quando chegasse a hora eu estaria afinado!

Ajudar o colega também é importante. Quando você erra - você é ser humano, erra por isso - mas o que é importante é ser acolhido, quando sair, errar e voltar, ser acolhido. Vamos ajudar! O samba é sinônimo de alegria, companheirismo, eu vejo dessa forma e sempre procuro melhorar as apresentações. Claro que falta um batedor pra fazer uns caqueados mais... Aquele som que tem no mercado é bonzinho, é só coordenar direitinho.

Outra dificuldade que enfrentamos para executar nosso samba no Mercado Cultural é a falta de apoio do poder público. Mestre Ernesto está tentando de todas as formas para ver se consegue esse apoio e a gente espera que em 2017 aconteça. Nosso projeto tem potencial de valorizar a cultura rondoniense e a cultura do samba.

Tenho grande admiração pelo João Nogueira. Domingo passado assisti, juntamente com meu sobrinho, uma apresentação dele. As músicas, as letras... O cara é um poeta mesmo e nasceu por aqui, pelo Norte. É um ícone do samba em nível nacional. Gosto de Cartola e dos grandes poetas, mas também gosto dos mais recentes, Zeca pagodinho, Jorge Aragão... Todos esses têm músicas muito boas.

Não me sinto completamente realizado no samba porque não tenho tempo para me dedicar como seria preciso. Meu trabalho não me permite me dedicar exclusivamente ao samba. Para ser bom mesmo você tem de dormir e acordar ouvindo. A coisa que eu gostaria mesmo é aprender a cantar, ajudar os intérpretes, mas se for aprender a cantar vou ter de deixar de aprender outras coisas, então não vai dar muito certo... São muitas coisas para conciliar. Fico somente tentando ajudar quem canta, não sei muito, mas o pouquinho que sei dá para ajudar os componentes da banda. Nós nos esforçamos bastante para passar alguma coisa para o público.

Para os sambistas gostaria de deixar a seguinte mensagem: façam esse povo feliz, dêem muita alegria para esse povo, para as pessoas que gostam de brincar, que gostam de alegria. Tem que haver respeito entre o público e os sambistas, o público não pode bagunçar, não pode causar briga e confusão, e os artistas, por sua vez devem fazer um trabalho de qualidade, que leve alegria ao público, que faça eles terem boas recordações daquele momento. Para nossos ouvintes e para os leitores dessa entrevista quero desejar que 2017 seja cheio de prosperidade e melhor que os anos anteriores. Felicidade a todos!

#### **4.1.10 HUDSON MAMEDES**

Sou Hudson Souza Mamedes, nascido em Cuiabá no ano de 1974, no mês de março, filho de relojoeiro e professora.

Meu pai é relojoeiro e também ourives, faz jóias artesanalmente e minha mãe desde os 15 anos lecionava, exercia o magistério, agora está aposentada. Minha família é uma família tradicionalmente cuiabana, família grande, com raízes no lugar e relações duradouras. Poucos saíram de lá: eu e mais uns três da família apenas. Agora consegui trazer mais duas irmãs para morar em Porto Velho...

Cheguei aqui no mês de fevereiro de 1991, para trabalhar. Assim que aqui cheguei comecei a trabalhar como ajudante de montagem de postos de combustíveis e hoje sou técnico especialista na área de montagem de postos de combustíveis e paralelamente, sempre fazendo samba.

Estava naquela coisa da juventude lá em Cuiabá, decidi viajar e acabei parando aqui em Porto Velho, onde criei raízes, me enturmei e no outro ano comecei a namorar uma jovem que se tornou minha esposa. Estamos casados até hoje, constituímos família aqui em Porto Velho e hoje sou muito mais portovelhense do que cuiabano, mas adoro as duas cidades: uma porque é meu local de nascença, e onde vive a maior parte de minha família, e a outra, Porto Velho, porque entrou no meu coração.

Na minha família a veia artística e cultural é muito forte, meus tios todos atuam nessa área de tocar, cantar, nada profissional, mas muito incisivo. Eu era pequeno e me lembro que praticamente todo final de semana havia uma roda de batucada, aqui a gente chama “roda de samba”, lá “batucada, batuqueiros”, e eu cresci por ali vendo meus tios tocarem, minha tia cantando e aquilo foi entrado na veia e acabei seguindo esse rumo do samba.

Em 2000 ingressei na faculdade, na Universidade Federal de Rondônia, fui fazer o curso de Administração, sou administrador e lá conheci o Sergio Ramos. Ele sempre foi um grande companheiro e parceiro de samba lá, por esse movimento da faculdade. A gente sempre tocava junto, ele tem uma visão bem cultural da coisa. Nessa época ele tinha um site chamado Talentos Brasil, onde divulgava todos os segmentos artísticos de Rondônia, fazendo esse trabalho voluntariamente e de coração, viajando e entrevistando artistas em todo o Estado.

Com ele montamos um grupo chamado de “Samba Raiz” e dessa época, que hoje toca com a gente na Fina Flor do Samba temos o Chiquinho, que atuou bastante conosco nos anos 2000, quando éramos o grupo Samba Raiz.

Depois que me formei me dediquei mais ao trabalho e fiquei alguns anos fora do movimento do samba, quando então um dia encontrei novamente o Sergio Ramos e ele me disse que estava fazendo um Samba com Ernesto Melo, no Mercado Cultural. A partir disso comecei a frequentar o Mercado, fui me entrosando com a rapaziada da Fina Flor e hoje estou com cinco anos no projeto Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba.

Nossa luta com o grupo é resgatar a memória do lugar e a memória do samba, tentar mostrar o que é mais de raiz do samba. Temos um método de preparação, mas esse método é muito empírico, muito do improvisado, digamos assim. Fazemos pesquisa sobre música, mas não de forma científica: cada um busca ouvir músicas antigas e

compartilha com o grupo. Estamos sempre fazendo esse trabalho de ouvir muito samba antigo, interpretar os sambas excelentes. Dentre os maiores a gente gosta muito de reproduzir alguma coisa do Cartola, Nelson do Cavaquinho, Nelson Sargento, às vezes eu ainda consigo trazer alguma coisa um pouco mais lá de trás...

É gratificante percebermos que o público de certa forma interage. Já ouvi comentários de pessoas dizendo que acham legal que a gente toca umas músicas que ninguém nunca ouviu, mas uma coisa legal, bacana e parece que essa música é de agora. Eu digo não! Essa música aí é da década de 1950, 1960, é bacana quando a gente consegue passar essa mensagem e ter essa boa receptividade do público.

Como todo grupo temos os nossos problemas, os quais tentamos resolver da melhor forma e o objetivo comum mesmo é a valorização do samba, a gente sabe que é um pouco difícil em uma região onde a cultura originária é indígena e a cultura atual e predominante é de sertão, sertaneja, e a gente tenta expressar essa outra cultura, a cultura do samba. O samba é brasileiro, ele foge a regionalismos. Em todo lugar que se vá, toda cidade do Brasil a gente vai ouvir samba, conhecer alguém que goste de samba, que cante samba, que viva o samba, então isso é muito interessante.

Eu entrei na Fina Flor do Samba no ano de 2011, a convite do Sérgio Ramos. Hoje ele não faz mais parte do grupo, mas não é que não faz parte... Todos que passaram pela Fina Flor do Samba são membros. Mas a vida tem dessas coisas, as pessoas saem para se envolver em outros projetos, volta e meia bate uma saudade e a pessoa retorna, e a cadeira cativa está lá, principalmente para esses que realmente iniciaram esse trabalho bonito com o poeta da cidade. Então ele, por motivos pessoais, trabalho e estudo, está um tempo afastado, um ou dois anos fora, mas volta e meia eles estão aqui com a gente. Então não existe ex-membro da Fina Flor do Samba, uma vez Fina Flor do Samba sempre o será.

Minhas principais referências no samba são meu tio mais velho, irmão da minha mãe, senhor Benedito Cesário, que lá em Cuiabá é carinhosamente reconhecido por “Dito Lataria”, ele é quem sempre foi essa inspiração de voz, possui uma voz magnífica, toca muito violão, então sempre foi esse fomentador da cultura do samba em nossa família. Esse meu tio gosta muito de samba e seresta, é eclético, gostando de vários outros gêneros musicais. Ele foi uma das pessoas que realmente incorporou e

introduziu isso no seio da família e também por ser o irmão mais velho, todos os outros irmãos abraçaram tanto o samba como a MPB em geral, ele foi o grande responsável.

Minha madrinha é a voz feminina da família, todo o final de semana estava nas rodas de batucada, cantando, tocando e sempre incentivando que todos os primos, todos os filhos aprendessem desde pequenos, e já com dois, três anos de idade todos entravam na roda e cantavam uma música, mesmo que fosse uma música curta, mesmo que fosse tocando de brincadeira. Isso foi algo que marcou nossa infância.

A primeira música que aprendi a cantar em público foi a “Quero que volte”, do Luis Airão, creio que foi essa. Depois que aprendi sempre me convidavam: “Hudson, vem pra cá e canta aquela música!” Era muito bacana, e isso realmente fortaleceu meu envolvimento com o samba, marcou-me na alma.

Quem me chamou para Fina Flor foi o Sergio Ramos, e a partir disso fui conhecer o Ernesto Melo, o Beto Ramos, o Zé Áureo, o Ênio Melo, o Basinho, essa galera. Acho que me identifiquei com o grupo porque sua proposta é parecida com o meu projeto de resgatar músicas antigas, de dar visibilidade a outros tempos e temas. E em se tratando do resgate desse tempo pretérito Ernesto Melo é muito feliz com suas letras e músicas, ele nos faz conhecer essa Porto Velho antiga. Ele é muito exitoso porque viveu essa Porto Velho antiga, ele consegue trazer isso nas letras das canções de uma forma magnífica, poética e realmente pra gente que gosta do samba a sonoridade das canções, somada à riqueza das letras faz a gente viajar. Parece que realmente vivemos aquela época. É uma coisa muito interessante, ele faz isso muito bem, como outros: o Silvio Santos também consegue fazer isso, o Bainha... mas a poesia do Ernesto Melo é especial e nos envolve.

A música de Ernesto Melo tem um caráter pedagógico, nos ensina muito, a nós que viemos de fora, que não vivemos a cidade no seu passado de dinâmicas próprias, de relações próprias. Pela música nós compreendemos como a cidade funcionava, como eram seus movimentos e do por que muita coisa é como é hoje. Ele consegue trazer isso nas canções e para nós é um grande aprendizado. Fico muito feliz por estar convivendo e ouvindo essas passagens.

Desde que cheguei a Porto Velho sempre me enturmei com roda de samba e pagode. Tem uma característica muito interessante de Porto Velho, do portovelhense: é

que eles fazem a coisa com maestria, mas eles são um pouco alheios às pessoas de fora. Então como eu disse em 2011 ingressei na Fina Flor, mas cheguei em 1991, quer dizer: só vinte anos depois que o cara conseguiu se enturmar! Senti que o pessoal aqui cria uma barreira para você ser aceito, pelo menos o pessoal dos grupos mais centrais... Então freqüentava “a periferia”, o samba dos bairros mais distantes: JK, Tancredo Neves... Naquela época o Chiquinho, o Francisco Lobo, fez muito samba, foi uma das primeiras pessoas em que a gente chegou realmente a fazer samba aqui, mas era pela periferia... Até mesmo porque eu sempre morei próximo àquelas regiões e era onde a gente conseguia, porque a gente vinha aqui para o centro ouvir o Ernesto Melo, ouvir toda essa galera, mas era difícil poder chegar e entrar...

O Sergio Ramos era a pessoa que circulava nos dois meios, participava dos movimentos culturais todos e foi muito importante para meu ingresso, pois foi ele quem abriu as portas para fazer parte do que hoje são esses grandes nomes do samba aqui de Porto Velho. A galera toda do Asfaltão, o próprio Sílvio Santos, que conheci através do Sérgio Ramos, o Bainha e muitos outros que fazem e são a fortaleza do movimento do samba em Porto Velho.

Hoje considero Porto Velho o meu lugar, a minha terra. Nasci em Cuiabá, mas é aqui que vou morrer, com certeza. Gosto da cidade como um todo, circulo bem por ela, não teria um lugar específico para diferenciar como sendo o mais especial para mim, mas talvez pelo fato de ter começado pela periferia, onde fundamos a escola de samba Unidos da Zona Leste, que fica em um local onde o movimento do samba é bem fraco e a gente tem buscado levar isso pra lá. Tenho conversado com o Ernesto Melo para fortalecer a escola e levar apresentações para lá, porque a Zona Leste possui tudo lá, a população não precisa sair de lá porque hoje lá tem escola, tem banco, tem supermercado, tem tudo, eles precisam ouvir as suas canções, suas poesias, precisam saber mais da sua história.

Circulei muito pela periferia, então onde eu estiver em Porto Velho: zona sul, zona leste, centro, zona norte, para mim está tranquilo, embora sempre tenha morado pela região da zona leste e gosto de morar nessa região, mas circulo pelos quatro cantos de Porto Velho.



Tenho dois filhos, o Hudson Junior que envereda aí por esse lado musical de sambista e a minha filha Anne Pabline. Meu filho está hoje com 22 anos, um homem feito: trabalha, estuda. Minha filha trabalha com a mãe dela na escola, minha esposa possui uma escola de educação infantil e minha filha, que também estuda música auxilia na escola. Ela estudou na escola de música Jorge Andrade um tempo, fez todo o curso de teoria musical, dois anos de bateria, mais seis anos de piano. Lá em casa a única que não teve muita afinidade com a música é a mulher, “não gosta”, mas é no bom sentido, pois a casa fica barulhenta, quando não sou eu é a menina ou o menino, então tem hora que ela pede um pouco de paz: “Pelo amor de Deus! Será que não dá para ficar em silêncio por apenas uma hora?”

É música para todo lado, realmente a música é muito forte lá em casa, mas isso é bacana, minha esposa está sempre para somar e ajudar. Às vezes quando estou atrasado para as apresentações da Fina Flor ela fica me apressando para terminar logo. Ela nos apóia isso inegável, apenas se incomoda um pouco com a bagunça que a gente faz.

Assim como tive influência familiar, acho que também influenciei meus filhos no aspecto musical, às vezes quando tenho amigos em casa eles brincam dizendo que eu era complicado... Quando meus filhos eram pequenos eu os ensinei a ouvir música, então, com quatro, cinco anos, no carro, eles botavam um CD para tocar e de repente eles paravam a música, voltavam, pediam para escutar de novo e perguntavam: “onde está o clarinete aí?”, voltavam a música dez vezes até que a gente acertasse qual a passagem da música era tocada por um clarinete, um piano... E isso era bacana.

Em razão disso, de ouvir de tudo, eles têm um gosto bem diversificado no gênero musical, gostam muito dos sambas antigos e têm a coisa da juventude deles também. O menino é mais voltado para o samba raiz, mas gosta de rock também. A menina também gosta muito disso, mas também tem essa fase dessa geração dela que curte muito funk, muito sertanejo mais antigo, ela gosta muito e viaja muito, volta e meia ela está com um violão tocando. Eles também compõem, o Hudson Junior tem umas dez canções. É bacana a questão da música lá em casa, é forte.

Quanto à escola de samba “Unidos da Zona Leste” não é toda a diretoria que mora na zona leste. Há alguns anos fui convidado para ser intérprete de samba enredo da escola de samba Diplomatas e aí veio a convite do presidente Fabiano e a gente fez o

primeiro ano, que foi 2011 quando justamente já estava por aqui, no Mercado Cultural, foi o ano que fomos campeões pela Diplomatas, e em 2012 foi a vez do Asfaltão vencer. Fiquei lá por um tempo, mas é aquela coisa, a gente sempre pensava em algumas ideias que poderiam ser mais bem trabalhadas e elaboradas pela escola de samba e não conseguíamos, então resolvemos, junto com Gilberto Cantareli, o Santos Sarará - que hoje é o diretor de carnaval da escola de samba da zona leste, o Valber do bandolim, que se apresenta em rodas de samba e de choro fazendo parte da Diplomatas, o Silfarne Silva e o Paulinho Cachaça, fundar uma escola de samba, mas onde? Lá onde não tem samba, na zona leste, então é pra lá que a gente vai.

A diretoria foi formada com essa proposta e esse desafio de incrementar a cultura do samba, de desenvolver e fomentar, porque a Zona leste é um caldeirão cultural, lá você encontra reage, forró, rock e o que a gente sempre percebeu é que havia samba e pagode, mas não era uma coisa muito forte, por isso fomos com essa proposta de fomentar e fortalecer o samba.

Desde quando a Escola de Samba Unidos da Zona Leste foi criada ela ficou sem se apresentar durante os três anos porque não houve o desfile e agora em 2016 foi realizado, nossa escola estreou na avenida, na passarela do samba e infelizmente por ser a primeira vez, muita coisa tem de ser trabalhada e melhorada, mas já foi dado o pontapé inicial e a próxima etapa desse trabalho é trazer a comunidade para dentro da escola e da diretoria, digo isso porque é importante fazer com que eles desenvolvam uma paixão bacana pelo samba e daqui mais alguns anos entregar na mão da comunidade a escola de samba para ver a verde e rosa brilhar nas passarelas de Porto Velho.

A fina Flor tem um público fiel, já está aqui há mais de cinco anos no Mercado Cultural e tem certas pessoas que já estão com a gente realmente desde quando a gente iniciou e são fieis mesmo, vem praticamente toda a sexta feira. Logicamente que a gente vai percebendo a dinâmica da coisa, a variação, tem uma galera que vinha mais em um ano, passam seis, sete meses sem aparecer, depois voltam, o público fica circulando, não é sempre o mesmo, acho que temos umas três faixas de público que circulam durante todo o ano. Tem aqueles que realmente toda a sexta-feira estão aqui, tem os que às vezes ficam sem aparecer quatro ou cinco meses, mas em uma sexta-feira retornam e por aí vai indo, mas temos sim um público fiel, pessoas amigas.

A Fina Flor tem a vantagem de seu público fiel ser composto de amigos, porque sempre tem os bastidores, a hora do intervalo, a gente bate papo um com o outro e acaba que todo mundo se torna amigo, temos um público amigo.

Ficamos sem nos apresentar um tempo no Mercado Cultural... Quem faz cultura aqui em Rondônia, e no Brasil todo de modo geral, fora do eixo Rio-São Paulo-Minas, a faz com investimentos pessoais, tem de vir mais do coração mesmo, porque se você for ficar esperando aquele 100% de apoio que deve existir por parte do poder público ele não vem e quando vem é de forma modesta... Mesmo em Estados como Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais os artistas enfrentam dificuldades e muita gente boa é excluída dos circuitos centrais.

Por dois períodos ficamos sem nos apresentar aqui no Mercado Cultural, a primeiro acho que foi porque houve a transição de um prefeito para outro, a gente sabe que a máquina pública é morosa e ela tem vários outros tipos de demandas, mas eu até creio que isso seja natural do processo político. O movimento como a gente faz: de forma gratuita e pública necessita de autorização do poder público para poder se apresentar aqui. Toda vez que acontece uma mudança de gestão, muda-se um secretário, então a gente tem de estar trabalhando essa questão de continuar a autorização para que a gente funcione no espaço e temos de conversar pessoalmente sobre como vai ser porque existem alguns gastos de som e iluminação. Cachê não há, o grupo vem de forma voluntária, de uma forma muito prazerosa e amorosa, feliz, a gente faz com muita alegria tudo que faz, só que realmente para que tudo aconteça existem umas demandas e o poder público às vezes peca na velocidade das respostas. As respostas não chegam no tempo em que precisamos.

A gente tem de estar fazendo vaquinha para poder fazer o pagamento dessas pequenas despesas que existem, temos de ficar pedindo colaboração do público para ajudar, essas coisas infelizmente acontecem, mas acho que o resultado, que é a cultura, sua valorização, supera todos esses problemas. A gente acaba reclamando muitas vezes, mas a cada final de apresentação cada um vai embora para sua casa com muita alegria e aquela sensação de que o trabalho foi cumprido, de que a cultura foi mostrada, que conseguimos valorizar a nossa música e o nosso samba, mostrando que por mais que

seja na Amazônia, que seja um samba caboclo, a gente tem o nosso valor e a nossa cultura, a gente consegue mostrar isso para o público.

Já aconteceu de fazermos apresentação no SESC, SENAI, em algumas praças, mas nosso ponto, nossa casa é o Mercado Cultural, o lugar onde a gente gosta de estar, de trabalhar e sentimos prazer de realizar nosso trabalho. O Mercado é a nossa casa.

Fui frequentador da Taba do Cacique antes de casar e mesmo depois de casar, para ir tomar uma cervejinha. Realmente lá é um ponto que poderia ser turístico e explorado um pouco mais, é um ambiente que todo o portovelhense, toda pessoa que tem um coração aqui nessa cidade se lembra, não tem como ser de Porto Velho e não ter passado pela Taba. Foi muito interessante e gratificante poder ter estado lá, ter feito uma apresentação naquele bar de tantas histórias, que tem muito haver ou tudo haver com a cara da cidade, foi muito gratificante fazer a apresentação na Taba do Cacique.

Uma coisa interessante sobre os nossos ensaios é que eles não são muito técnicos, são bem informais. Na verdade, para a gente trazer uma música nova, tentar passagem para tirar som e tiragem de som mesmo, de notas musicais, de entrosamento, mas não tem muito aquela coisa pesada, massiva, estressante, então nossos ensaios são bem tranquilos. Antigamente a gente ensaiava toda a terça-feira, mas percebemos que ficava um pouco desgastante. Toda terça-feira ensaiar e toda sexta-feira apresentação, então optamos por fazer os ensaios e uma terça-feira, e na outra não. Ficaram dois ensaios por mês, um em cada quinzena e a gente trabalha de uma forma descontraída e consegue passar o nosso som. Na verdade o nosso ensaio é mais para sentarmos e trocarmos ideia, relaxar e conseguir construir essa musicalidade do grupo de uma forma bem descontraída.

Durante as apresentações o público costuma fazer pedidos de músicas que as vezes não ensaiamos, mas os integrantes do grupo já estão há tempo na estrada e conhecem muita coisa, são grandes feras e acho que é uma vantagem no sentido de que são realmente grandes mestres, a exemplo de Ênio Melo, mestre Bosco no sax ou mestre Nelson, quem tiver, Padoca no cavaco, o Ney... Todos os integrantes são pessoas que conhecem muito de música, conhecem muito de samba.

A gente ouve e já ouviu muita coisa, então não fica difícil quando alguém vem com algum pedido para gente desenvolver essa sensibilidade para poder improvisar e atender aos pedidos realizados pelo público, são músicos muito bons no que fazem.

Sobre o período que ficamos sem nos apresentar no Mercado, como acabo muitas vezes à frente das questões administrativas do grupo, juntamente com Ernesto Melo, que me consulta muito nas decisões que ele vai tomar, eu sabia que não seria definitivo, o poder público estava com dificuldade em movimentar a máquina e organizar, sabia que tão logo se resolvessem as questões da administração pública nós voltaríamos. A gente não entende muito, mas eles têm lá as razões deles.

Para nós é muito estressante quando somos interrompidos por esses problemas com a Prefeitura, porque esse é o nosso momento de descontração, uma espécie de lazer, mas que fazemos com muita responsabilidade, em respeito ao nosso público. No momento em que voltamos, todos retornaram com muito gás, já pensando em melhorar e renovar o repertório, e é assim o trabalho, a galera gosta de se apresentar aqui, gosta muito do que faz aqui no Mercado Cultural. Nesse período afastado deu para a galera também descansar e carregar a bateria, estudar um pouco mais e trazer novidades.

Temos de ver o lado bom e o lado ruim desse processo. O lado ruim é que realmente foi uma coisa não programada, não tivemos como nos planejar, dialogar com o público. Foi uma decisão abrupta. O lado bom é que ganhamos tempo para estudar, buscar novas influências e novo repertório, não planejamos isso, mas foi isso o que aconteceu. Também pudemos descansar um pouco, porque estávamos há anos aqui, todas as sextas-feiras, salvo a sexta-feira santa, que é o único dia que a Fina Flor não se apresenta.

Das duas vezes que aconteceu de interrompermos as apresentações a primeira foi em virtude de troca de gestão de prefeitura, se paralisou com o argumento de estudar a melhor forma de utilização do espaço para atender “todo mundo”, e a segunda foi para uma reforma no prédio.

O mercado cultural absorve vários movimentos artístico-culturais. Houve uma época que de segunda a sábado havia manifestações culturais acontecendo no Mercado, e naquela época cessou para todo mundo. O feito foi ruim para esses movimentos. Muitos não retornaram mais.

Nesse período afastados do Mercado Cultural chegamos a nos apresentar em outros lugares, como no Pioneiros, que é uma casa fechada, paga, depois por algumas vezes no Bar Pernambuco, na Taba do Cacique, mas o que a gente gosta mesmo é dessa coisa da doação, a gente gosta do Mercado porque é uma espaço livre, aberto, público. Quem está passando escuta o som e ali senta, pede um petisco, toma um refrigerante, uma água e na próxima sexta está ali de novo, recomenda aos amigos. Gostamos de que seja gratuito e informal, porque assim é de fato possível esse encontro com o público.

O Mercado é um local estratégico porque fica bem no centro da cidade, quem é de fora e está sempre circulando escuta uma música tocando, encosta e gosta muito, levando o nosso trabalho para fora das divisas do Estado. A gente se sente em casa tocando no Mercado Cultural, mas tocamos sim em vários outros lugares com o mesmo compromisso, mas o Mercado Cultural nos dá muita alegria em desenvolver esse trabalho.

Sempre escutei de tudo, meu tio era o mentor das rodas de batucada e eu cresci vendo-o cantar e participando das rodas de batucada, mas também escutei muito Beatles, muita música mexicana, cubana, escutei MPB em geral, Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil.

Meu pai gostava muito da Jovem Guarda então escutei muito Roberto Carlos, Wilson Simonal, então só tenho a agradecer à minha família porque dentro dessa musicalidade as influências foram diversas, escutei também muita música orquestrada, meu pai gostava muito de música clássica então às vezes pela manhã ele começava escutando Strauss, lá para o meio dia já estava escutando samba, depois de uma hora já estava na Jovem Guarda, quando chegava nas músicas de serestas a gente já sabia que estava na hora de irmos dormir. Domingo lá em casa era muito festivo: minha mãe cozinhando, assegurando que haveria festa: comida, bebida, petiscos, quitutes diversos. Quem chegasse comia e bebia. E meu pai intercalando sons. Começava com o que era mais elitizado até chegar aos gêneros mais populares. Passávamos o domingo escutando de tudo, então a influência que recebi foi diversa. E de certa forma a gente acaba trazendo isso na hora de se apresentar, de tudo que a gente ouviu, passou, fica como uma marca registrada, às vezes um ritmo diferente que a gente consegue dar em uma melodia ou outra é resultado dessa mistura de ritmos na cabeça e isso é ótimo.

Cheguei em Porto Velho em fevereiro de 1991, mas a primeira cidade que desci em Rondônia foi Pimenta Bueno. Fiquei em Pimenta Bueno por vinte dias, tinha um primo que morava lá e hoje reside em Vilhena. Da família somos poucos que saíram de Cuiabá, só eu e esse primo em Rondônia e outro primo em Manaus, o restante não sai de Cuiabá.

Porto Velho tem a característica de acolher quem vem de fora, o povo é bem receptivo e o calor do portovelhense agrada. Em vista das outras capitais, Porto Velho é nova, eu cheguei em um momento em que estava acabando o garimpo, atividade que não deixa a cidade se urbanizar, o dinheiro circula na cidade, mas o clima é de insegurança, se esbarrar em um garimpeiro você pode tomar um tiro, complicado isso. É a existência de um poder paralelo, que você não pode desagradar.

Com o final da época da economia de mineração a cidade foi tomando mais forma, foi se urbanizando, me lembro de quando começaram a asfaltar as ruas: a Avenida Jorge Teixeira, em 1991, metade dela era asfaltada, na Rio Madeira um pequeno trecho apenas possuía asfalto, a Avenida Calama só ia até a Rio Madeira, descendo ali para aquele lado do Quatro de Janeiro, era só barro.

Naquela época era forte o movimento do forró e havia o forro do Gavião, que eu gostava de frequentar aos domingos. Para chegar lá andávamos um trecho na Guaporé que era só lama, íamos atolando. A coisa era complicada e a gente viu a cidade se transformar.

A cidade ainda tem muito que melhorar, ainda precisa de muitos investimentos. Quem vem de fora, que não está acostumado às vezes fica desconfortado por ela não satisfazer às expectativas, mas mesmo assim posso dizer que melhorou muito, está se transformando, urbanizando, está começando a tomar forma de capital. Realmente muito tem de ser feito e creio que meus netos deverão ver uma cidade muito mais bonita. Falta estrutura urbanística, mas a amizade e a acolhida que o povo de Porto Velho compartilha compensa e torna menores as dificuldades encontradas.

## 4.2 O Discurso do Sujeito Coletivo

Com a ferramenta DSC buscamos organizar as informações presentes nas histórias de vida, apresentando, em um discurso único, coletivo, os elementos de concordância e as interpretações sobre o lugar de cada um dos entrevistados que compartilharam conosco suas histórias de vida.

Após o estabelecimento do DSC procedemos à análise discursiva, que assim como a análise da musicografia, pautou-se na epistemologia da semiótica textual/das letras. Antes de apresentarmos essas duas operações, disponibilizamos o quadro 03, que sintetiza as narrativas dos colaboradores em relação à visão sobre a cidade, o lugar do samba e o lugar que ocupam na cidade.

**Quadro 03:** Síntese das entrevistas, 2016

COLABORADOR		VISÃO SOBRE A CIDADE	LUGAR DO SAMBA	LUGARES QUE A FINA FLOR DO SAMBA OCUPA COM SEU SAMBA
1	Ernesto Melo	Porto Velho como vítima do modelo de progresso implantado na Amazônia	Mercado Cultural	Mercado Cultural, cidades do interior do Estado de Rondônia (Rolim de Moura, Ji-paraná, Guajará-mirim), cidades do interior do Amazonas (Humaitá).
2	Ênio Melo	Porto Velho como cidade de belezas incomparáveis e cultura que deve ser valorizada.  Vitima de administrações incompetentes.	Mercado Cultural e outros pontos da cidade	Mercado Cultural, festas particulares
3	Ênio Ricardo	Porto Velho como vítima de administrações incompetentes.	Santa Bárbara, Mocambo e Caiari	Mercado Cultural, festas particulares
4	Francisco Lobo	Porto Velho como cidade pouco vivenciada pelos trabalhadores	Bairro JK  Mercado Cultural e outros pontos da cidade	Mercado Cultural
5	Willian Coimbra	Porto Velho como vítima do modelo de progresso implantado na Amazônia	Mercado Cultural	Mercado Cultural
6	Beto Ramos	Porto Velho como vítima do modelo de progresso	Mercado	Mercado Cultural, festas



		implantado na Amazônia	Cultural	particulares
7	“Kabeça”	Porto Velho como vítima de administrações incompetentes.  Cultura local rica que deve ser valorizada	Mercado Cultural  Caiari  Salve Jorge!	Mercado Cultural, festas particulares
8	“Padoca”	Terra acolhedora. Terra de oportunidade.  Vítima de más gestões	Mercado Cultural	Mercado Cultural, Escola de Samba Asfaltão
9	“Barney”	Porto Velho como cidade de belezas incomparáveis	Mercado Cultural	Mercado Cultural, festas particulares, cidades do interior de Rondônia e do Amazonas
10	Hudson Mamedes	Porto Velho como cidade que tem muito que melhorar do ponto de vista urbanístico	Mercado Cultural	Mercado Cultural, SESC, SENAI, Bares particulares.

**Fonte:** Tiago Lins de Lima, 2017

As análises apresentadas neste sub-tópico referem-se às histórias de vida dos músicos que entrevistamos durante a pesquisa e foram apresentadas conforme a “Forma B” disponibilizada por Fernando Lefèvre, Ana Maria Lefèvre e Jorge Teixeira (2000), na qual analisa-se cada narrativa extraindo delas suas ideias centrais, ancoragens e expressões-chave, identificando o que possuem de equivalente para em seguida redigir o Discurso do Sujeito Coletivo propriamente dito, ou seja, uma narrativa que expressa o discurso e ideologia de todos os discursos individuais dos sujeitos entrevistados.

#### 4.2.1 Discurso de Ernesto Melo

**Ancoragem:** Crítica do tipo de progresso implantado em Porto Velho. Saudosismo.

**Ideia Central:** Porto Velho, embora provinciana, possuía até a década de 1980 uma dinâmica própria, que favorecia relações sociais estáveis e isentas de conflitos graves. Nos bairros familiares e comerciais os iguais se juntavam, e o Mocambo era o bairro de encontro dos desiguais: dos boêmios, seresteiros, garimpeiros, prostitutas e outros trabalhadores. Esse equilíbrio social foi rompido a partir da década de 1980, com a criação do Estado de Rondônia, apresentado pela mídia como o Novo Eldorado. A partir daquela década se instaurou o caos social em Porto Velho, devido ao ingresso de uma

quantidade de pessoas bem como de problemas econômicos e culturais. O crescimento populacional coincidiu com o governo militar, que realizou intervenções profundas na paisagem urbana em nome do progresso e da modernização. Essas intervenções destruíram lugares de memória e podem ainda ter contribuído para desencadear problemas ambientais, como as enchentes do Bairro Triângulo. Atualmente o desemprego e a falta de perspectivas são problemas que podem levar os jovens ao consumo de drogas e práticas violentas. No que diz respeito à cultura, a Rede Globo de Televisão tem incutido novos valores e novos comportamentos, dissonantes dos valores tradicionais da cultura amazônica que asseguram sua suposta estabilidade social. Em relação à sua produção musical Ernesto Melo considera-se um compositor que, na maioria das vezes precisa se esforçar muito para produzir uma música. Tem facilidade para compor sobre Porto Velho, no entanto é capaz, também, de tratar de outros temas, como os de viés político.

#### **Expressões-chave:**

“Essa Porto Velho provinciana tinha os seus bairros, onde os iguais se juntavam, nada forçado, apenas iguais...”

“No final de 1950, no começo de 1960, quando vinha para Porto Velho algum cantor, por exemplo, Cauby Peixoto, Waldick Soriano, Orlando Dias, meu Deus! A gente assistia a esses *shows* no Cine Teatro Resky...”

“Então é esse “progresso” que veio aqui para a gente. O nosso jovem [...] começou a ver a Globo tanto quanto via o filho do seu João... A Globo é carioca e paulista [...] chega a todos os lugares e tem construído referências que não são as nossas.”

“As pessoas me perguntam: ‘Por que você só faz música para Porto Velho?’ [...] tenho músicas universais, tenho sim, mas tenho tanta facilidade para falar sobre Porto Velho, que esse tema se sobressai.

#### **4.2.2 Discurso de Ênio Ricardo**

**Ancoragem:** o samba como tradição familiar.

**Ideia Central:** Sua aproximação ao samba se deu por influência matrilinear: a mãe e a avó participavam da Escola de Samba Diplomatas do Samba, na qual foi introduzido ainda na infância, vindo a se tornar, posteriormente, um de seus diretores. Antes de entrar na Fina Flor do Samba participou de outros grupos de samba e pagode da cidade de Porto Velho, como o SambaShow, onde tocou por uma década. Considera-se gratificado por participar da Fina Flor do Samba, por ser este um grupo de excelentes músicos, que apresenta um samba de raiz que remete à história de Porto Velho. Esse samba é uma viagem cultural a Porto Velho antiga, possibilita ativar a memória de quem a conheceu ou construir uma imagem a seu respeito. O tempo atual é marcado por dificuldades ocasionadas pela falta de apoio à cultura, e isso faz com que não seja possível viver da música. Seus lugares de referência são ligados ao samba: o Bairro Santa Bárbara, o Mocambo, o Caiari e o Mercado Cultural, no Centro da cidade

**Expressões-chave:**

“Minha relação com o samba começou dentro da família, a gente já tinha uma tradição, a minha mãe já desfilava na escola de samba, a minha avó antes da minha mãe já era fã...”

“Agora me dedico à Fina Flor do Samba, um grupo de excelentes músicos e que tem um perfil de composições que revelam um pouco da história e das lutas do povo de Porto Velho, principalmente da Porto Velho antiga...”

“As composições de Ernesto Melo retratam com tanta clareza que quem não conheceu (eu, por exemplo, não conhecia, não sabia de muita coisa da história de Porto Velho), passa a imaginar”.

“O samba tem se expandido em Porto Velho, graças a Deus, mas considero que o principal reduto mesmo continua sendo o Bairro Santa Bárbara. [...] O Mocambo é outro bairro, outra comunidade que fez brotar a música de Porto Velho. [...] Estava esquecendo do nosso Caiari, que também foi um berço do samba...”

**4.2.3 Discurso de Hernandes Sales Guerra (Padoca)**

**Ancoragem:** discurso da necessidade de valorização dos talentos locais.

**Ideia Central:** Natural de Rio Branco, Acre, veio residir em Porto Velho em função de um novo trabalho. Embora aposentado, continua trabalhando para suprir as necessidades pessoais e familiares. Sem nunca ter estudado música, é multi-instrumentista e considera isso um dom especial. Tem Rondônia como sua terra do coração e Porto Velho como sua “segunda cidade natal”, considera pertinente a gratidão ao lugar que o acolheu e a valorização da cultura local, mas lamenta-se da falta de apoio ao samba, que a seu ver é um problema generalizado e que tem como base a diferenciação de remuneração produzida pelo próprio Estado, entre os músicos locais e os de fora. Seu lugar no mundo é a casa onde vive e não considera o Mercado Central um lugar adequado para o samba tendo em vista o estado de conservação em que se encontra, a falta de investimentos do poder público e o mau uso feito por determinados usuários daquele espaço. Entende que o progresso é inevitável, mas que a forma como é conduzido gera alterações que comprometem os referentes físicos da memória e podem ocasionar ainda danos ambientais.

**Expressões-chave:**

“Sou aposentado pelo INSS, mas infelizmente a gente se aposenta e tem de continuar trabalhando...”

“Faltam espaços para o samba se apresentar e faltam recursos, faltam subsídios públicos para se desenvolver um trabalho com mais qualidade”.

“Diria assim, que tenho o dom e a facilidade de aprender a tocar instrumentos musicais”.

“Meu lugar favorito em Porto Velho é a minha casa”.

“O progresso é essencial, “o tempo não para”, como dizia Cazuzza, e as mudanças são implícitas, não tem jeito, vai mudando e ela vai descaracterizando aquilo que você tinha em mente”. Por exemplo, as hidrelétricas trouxeram certa dúvida [...] se essa enchente ocorrida em 2013 tem alguma correlação com alguma dessas hidrelétricas”.

#### 4.2.4 Discurso de Sirnei da Silva Ferreira (Barney)

**Ancoragem:** valor estético das paisagens naturais.

**Ideia Central:** Natural de Porto Velho e de família humilde começou a trabalhar cedo, como carregador de *cases*, ofício que lhe possibilitou, precocemente, o ingresso em casas de *show*, o contato com o samba e a aprendizagem musical. Aprendeu a tocar com amigos, embora a família materna tenha experiências relativamente bem sucedidas com a música. Considera o Mercado Central como o coração do samba em Porto Velho e A Fina Flor do Samba como o coração do Mercado. Embora goste de se apresentar naquele espaço, junto à Fina Flor do Samba, mantém projetos musicais paralelos, e ganha a vida como vigilante. Seu lugar especial na cidade é o Lago Maravilha, lugar onde se criou e aprendeu a pescar. Seus lugares de memória relacionam-se à água e pescarias. Preocupa-o as transformações negativas que as paisagens naturais de Porto Velho vêm sofrendo em função das ações antrópicas.

**Expressões-chave:**

“Sempre trabalhei, trabalho desde pequeno”.

“Tinha um amigo meu, o Carlinhos, que morava perto de casa, e acho que foi por meio dele que me aproximei do samba”.

“Tem um primo da minha mãe, de Rio Branco, que tocava e cantava muito bem [...] Esse primo da minha mãe, o Paulo Sérgio, era cantor e compositor, e obteve certo reconhecimento.

“O Mercado Cultural é o coração da Fina Flor do Samba, é sua marca registrada, assim como a Fina Flor do Samba é o coração do Mercado. Estão bem unidos!”

“O lugar onde mais gosto de estar, onde fui e vou sempre é um lago, que fica depois da ponte nova, sentido Humaitá. Um lago lindo!”

“Em minhas pescarias observei que o Rio Madeira já mudou bastante, praias já desapareceram, como a praia do Belmont. Muitas pedras e cachoeiras foram explodidas para a construção das usinas e tem ainda o trabalho dos garimpeiros”.

#### 4.2.5 Discurso de Ênio Melo

**Ancoragem:** Necessidade de valorização da cultura e dos talentos locais. Exaltação das qualidades estéticas das paisagens naturais de Porto Velho.

**Ideia Central:** Nascido e criado em Porto Velho, atividades como cinema, futebol e basquete marcaram sua infância e adolescência, à qual veio a se somar uma nova paixão: a música. Autodidata, aprendeu a tocar violão observando os irmãos e utilizando de violões emprestados. Somente agora faz curso para aperfeiçoar a atividade. Tem relações de topofilia com a casa onde vive, considera Porto Velho o melhor lugar do mundo e Mercado Cultural como o lugar central do samba em Porto Velho. Entende que a atuação da Fina Flor do Samba no Mercado Cultural tem sido essencial para a dinamização daquele espaço, mas que aquele não é o único reduto do samba em Porto Velho, e que espaços tradicionais convivem com os novos que são abertos a cada dia. Considera-se bairrista, exalta as belezas naturais e culturais e Porto Velho e sente-se indignado com as pessoas de fora que atuam como dirigentes políticos da cidade.

#### **Expressões-chave:**

“Apreciávamos o cinema, freqüentávamos o Cine Brasil, Cine Lacerda, Cine Resky, a gente assistia aos filmes da época”

“A diversão que tínhamos na época era o futebol, brincar com os amigos nesses lugares. Meu pai levava a gente também para assistir futebol”.

“Até que me dei bem no basquete, joguei na seleção de Rondônia, fui a vários jogos olímpicos estudantis brasileiros”.

“A música entrou na minha vida por influência do Ernesto, lá pelos meus 15 anos, 16 anos. Pelo fato de ele tocar, ficava o violão lá e eu pegava, tentava aprender, mas depois ele foi embora e fiquei sem violão. Eu pegava violão emprestado!”

“O lugar central do samba em Porto Velho é aqui: o Mercado Cultural. E o Mercado Cultural, com a Fina Flor do Samba, é um espelho de Porto Velho para todo o Brasil”.

“O fato de ocuparmos o Mercado Cultural foi bom porque deu uma dinâmica nova a ele”.

“Se você vai ao Caiari tem samba na Casa de Cultura Ivan Marrocos. Tem o Bar do Calixto, que é tradicional, se você for para a Zona Sul verá que está cheio de lugares novos, com uma molecada nova e boa de instrumento.

“A música aqui em Porto Velho não se restringe somente ao Mercado Cultural, não! Ele abrange a cidade toda, onde você vai tem nego tocando e tocando bem! E não é só o samba, não: é rock, é MPB, é balada, é tudo”.

“Porto Velho é uma cidade como poucas! Suas belezas naturais são notáveis, sua diversidade é riquíssima, seu problema é a cambada de vagabundos que vem para cá para governar”.

#### **4.2.6 Discurso de Beto Ramos**

**Ancoragem:** Crítica do tipo de progresso implantado em Porto Velho. Saudosismo.

**Ideia Central:** Escritor, fotógrafo e sambista, Beto Ramos não se exime de expressar sua identidade ribeirinha, “beiradeira” e a saudade que sente da Porto Velho antiga, anterior à chegada do “progresso”, na qual havia relações sociais mais humanas. Considera que a veia artística que lhe perpassa seja uma herança da avó. Seu lugar na cidade é a Praça da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, relacionado à formação histórica da cidade. Defende a ideia de que aquele espaço deveria ser utilizado para fins educacionais, de ensino e valorização da história local, ao passo em que também almeja levar o trabalho de Ernesto Melo e Fina Flor do Samba para os bairros de Porto Velho, com esse mesmo intuito pedagógico.

#### **Expressões-chave:**

“[...] não gosto de me chamar porto-velhense, gosto de me chamar ‘beiradeiro da canela doída”.

“[...] sinto muita saudade da Porto Velho antiga, ‘provinciana’, como diz Ernesto Melo, a Porto Velho que já não está no nosso convívio. Tenho saudade de quando andávamos nas ruas sem medo, quando conhecíamos todo mundo e não existia toda essa violência”.

“Penso que minha veia artística veio de minha avó. Minha avó não sabia escrever e não sabia ler, mas recitava poemas decorados”.

“Queria muito que a gente fosse aos bairros e trouxesse os estudantes para conhecer o espaço do Mercado e da Ferrovia, que trouxéssemos também outros artistas para apresentar a eles, e que tivéssemos livros e CDs para distribuir”.

“Precisamos trabalhar esse viés social. Levar nossa música, fazer *shows* nos bairros, tornar acessível a nossa arte”.

#### **4.2.7 Discurso de Orismilde Miranda (Kabeça)**

**Ancoragem:** Necessidade de valorização da cultura e dos talentos locais. Exaltação das qualidades estéticas das paisagens naturais de Porto Velho.

**Ideia Central:** Criado no Mocambo e orgulhoso de ser de lá, apresenta uma viagem pelo bairro que é o berço da boemia e do samba em Porto Velho. Descortina, sem fazer disso uma lamentação, as dificuldades cotidianas que enfrentava na infância, como a carestia alimentar, e mostra, de perto e de dentro um Mocambo vivo, colorido, que tinha samba, seresta, Carnaval, futebol e abrigava em sua vida noturna ampla diversidade social. Um Mocambo de relações complexas e regras próprias. A saudade do pai, que o introduziu no universo do samba é latente e a emoção perpassa a narrativa. Embora nostálgico não espera uma volta ao que era antes e reconhece as transformações positivas que ocorreram no bairro, mas é saudista em relação ao passado da Fina Flor do Samba, quando o grupo contava com um grupo maior de fãs que prestigiava suas apresentações no Mercado Cultural. Considera a falta de apoio do Poder Público uma das maiores barreiras para o desenvolvimento do samba e da cultura local, bem como do descaso frente ao patrimônio natural e edificado de Porto Velho.

**Expressões-chave:**

“O Mocambo era alegre, era colorido, tinha um time de futebol, uma escola de samba e final de semana tinha festa!”

“De meu pai também não me esqueço”.



“Atualmente, algumas pessoas que me conheceram na infância zombam de mim, brincam por causa dessas coisas: comer manga do cemitério, andar nu para não sujar a roupa... Mas eu digo: ‘Olha, vocês não sabem quantas vezes aquelas mangas mataram nossa fome. Mataram a fome da galera do Mocambo’”

“O que mais me dói em Porto Velho é a falta de apoio institucional aos projetos que estão dando certo. Aos poucos o apoio, o suporte é cortado, e os grupos que fazem cultura desanimam e interrompem os projetos”.

“Vamos lá de novo, vamos voltar tudo de novo, vamos todo mundo participar porque esse é o nosso espaço!”

Que coisa linda esse rio, que coisa linda essa orla. Poderia ser um *point* da cidade, um lugar tão bonito para a gente vir, um local de passeio e de festa.

#### **4.2.8 Discurso de Willian Coimbra**

**Ancoragem:** Necessidade de valorização da cultura e dos talentos locais. Preocupação com as paisagens naturais de Porto Velho.

**Ideia Central:** Natural do Maranhão vive em Rondônia há 35 anos, entre idas e vindas em razão de seu trabalho no INCRA. Tem no avô sua principal referência ética e de cuidado familiar, e no padrinho de batismo a influência que o conduziu à música. Intérprete e compositor de composições de destaque, vê a música como uma diversão que deve ser feita com seriedade: compromisso com o público, compromisso com a população que tem menos acesso a essa expressão da cultura e responsabilidade para com a manutenção da cultura local estão entre suas preocupações centrais. Seus lugares preferidos em Porto Velho foram destruídos por usinas hidrelétricas e atualmente tem na Estrada de Ferro Madeira-Mamoré seu lugar de reflexão e contemplação do Rio Madeira, Rio este que lhe preocupa e que considera ferido em função de ações antrópicas como as usinas hidrelétricas e a garimpagem.

**Expressões-chave:**

“Sinto ainda muita saudade dele. Ele foi minha grande referência de ser humano, de homem, de pai, de chefe de família...”

“Quem me influenciou na música foi meu padrinho, que era músico, tocava tuba. Então de tanto vê-lo tocar aquele instrumento, comecei a sentir curiosidade, querer aprender”.

“É bom divulgar a cultura local, fortalecer seus valores, mantê-la viva...”

“Antes da construção da hidrelétrica de Santo Antônio costumava ir muito à Cachoeira de Santo Antonio, aquele lugar era uma beleza e gostava de ir e contemplar”.

“As usinas são uma necessidade do progresso, infelizmente o progresso traz essas coisas... Citei a Cachoeira de Santo Antônio, Teotônio, e a de Samuel, dois bens naturais que foram tomados por duas hidrelétricas, mas há muitos outros bens naturais sendo destruídos”.

“Nos anos 1980, antes da criação do município de Candeias, também tinha outro lugar que eu adorava ir, para mim era um dos lugares mais bonitos que tinha aqui: a Cachoeira de Samuel, que também foi tomada por uma usina”.

“Nos últimos dias a gente viu o Rio Madeira diria que... em estado de alerta, porque durante esses trinta e seis anos que estou aqui em Rondônia nunca vi esse rio tão seco, tão ferido...Se os governos estadual, federal, sei lá quem de direito, não fizer alguma coisa para salvar esse rio, que ainda é uma das belezas que a gente tem no Estado de Rondônia, ele vai perecer!”

“Hoje um dos lugares que me fascina e que gosto de ir e ficar por um tempo, contemplando, é a Estrada de Ferro Madeira Mamoré”.

#### **4.2.9 Discurso de Francisco Lobo**

**Ancoragem:** o samba como alegria e a relação entre sambistas e público como relação de troca de energias.

**Ideia Central:** Com o pai conheceu a alegria da música e desenvolveu um carinho especial pelo pandeiro, instrumento que o recorda do progenitor. Com a morte do pai

enfrentou uma infância e juventude difíceis, que o levou a começar a trabalhar precocemente, sem acesso ao lazer e sem acesso à cidade, bem como a viver em constante deslocamento com sua família, até que a conquista da casa própria trouxe-lhe a estabilidade e equilíbrio almejados. Considera a casa e o bairro onde vive como seu lugar, um lugar sagrado. Percebe o samba como alegria e companheirismo e que em sua apresentação pública há uma relação de troca entre artistas e expectadores. Aprecia o Mercado Central como ponto de encontro do samba e dos amigos, mas reconhece vários outros espaços onde o samba se faz presente em Porto Velho.

### **Expressões-chave:**

“Acredito que a principal influência que recebi para gostar de música veio de meu pai. Gosto de muitos instrumentos musicais, mas o pandeiro é especial para mim, porque era o instrumento que meu pai tocava”.

“O samba é sinônimo de alegria, companheirismo!”

“[...] acho que é gratificante passar energia boa para as pessoas, e receber, porque no palco a gente dá e recebe.”

“Aqui no JK foi onde me desenvolvi, onde construí relações, é onde está minha casa e minha família. Aqui é meu lugar, é meu lar”.

“Minha casa é um lugar sagrado, sua casa é um lugar sagrado, porque é seu e de sua família. É seu aconchego. Sem o lar você fica sem estabilidade, sem rumo. Já vivi sem um lar, sem uma casa [...] e é ruim demais!”

“Meu local preferido para fazer samba hoje é o Mercado Cultural, um espaço aberto, democrático... Mas que não sei se vai continuar, porque está ficando cada vez mais sucateado”.

“Em relação aos lugares onde ocorre samba em Porto Velho, hoje há vários. Tem um samba na Jacy-paraná [...] Outro espaço bom lá em cima, na Vila Tupy, é o Salve Jorge. E de vez em quando você andando por aí encontra uma casa. Aqui mesmo, na Rio de Janeiro, indo pela Mamoré, descendo à esquerda, também tem uma casa de samba”.

#### **4.2.10 Discurso de Hudson Mamedes**

**Ancoragem:** O samba como elemento cultural capaz de construção de um projeto de identidade nacional e superação de regionalismos.

**Ideia Central:** Sua educação musical foi desenvolvida a partir da influência familiar, sobretudo do pai, do tio mais velho e da madrinha. Hudson cresceu em família de tradicional cuiabana, na qual os batuques animavam as festas e finais de semana. A necessidade de trabalho o trouxe a Porto Velho, cidade que aprendeu a amar apesar dos inúmeros problemas encontrados: insegurança e violência urbana, falta de infraestrutura e dificuldade em ser aceito nos principais circuitos do samba em Porto Velho, o que o fez transitar, por muitos anos pelos sambas dos bairros periféricos.

#### **Expressões-chave:**

“Na minha família a veia artística e cultural é muito forte, meus tios todos atuam nessa área de tocar, cantar, nada profissional, mas muito incisivo”

“Minha madrinha é a voz feminina da família, todo o final de semana estava nas rodas de batucada cantando, tocando e sempre incentivando que todos os primos, todos os filhos aprendessem desde pequenos, e já com dois três anos de idade todos entravam na roda e cantavam uma música, mesmo que fosse uma música curta, mesmo que fosse tocando de brincadeira. Isso foi algo que marcou nossa infância”.

“Em vista das outras capitais Porto Velho é nova, eu cheguei em um momento em que estava acabando o garimpo, atividade que não deixa a cidade se urbanizar... Com o final da época de economia de mineração a cidade foi tomando mais forma, foi se urbanizando, me lembro de quando começaram a asfaltar as ruas...”

“Tem uma característica muito interessante de Porto Velho, do portovelhense: é que eles fazem a coisa com maestria, mas eles são um pouco alheios às pessoas de fora. Então como eu disse em 2011 ingressei na Fina Flor, mas cheguei em 1991, quer dizer: só vinte anos depois que o cara conseguiu se enturmar! Senti que o pessoal aqui cria uma barreira para você ser aceito, pelo menos o pessoal dos grupos mais centrais... Então freqüentava “a periferia”, o samba dos bairros mais distantes: JK, Tancredo Neves...”

#### **4.2.11 O Discurso do Sujeito Coletivo “Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba”**

“Em nome do “progresso” Porto Velho tem passado por transformações profundas, que têm afetado sua cultura, as relações sociais e o meio ambiente. Algumas mudanças foram positivas, como o asfaltamento de ruas e sua ampliação, que venceram a lama e melhoraram o fluxo de pessoas. Do ponto de vista cultural, há uma desvalorização dos talentos locais e um tratamento desigual entre os artistas que vêm de fora e os que são a prata da casa. Essa desvalorização se expressa na falta de apoio e na diferença de remunerações.

No que diz respeito às relações sociais vivencia-se relações de desrespeito entre mestres e alunos, desrespeito de filhos em relação aos pais, violência e consumismo. A Rede Globo de Televisão é uma das difusoras desses novos valores e padrões de comportamento e esse processo se intensificou a partir da década de 1970, 1980, com a apresentação de Rondônia como o Novo Eldorado. Antes disso Porto Velho era uma cidade tranqüila, provinciana, mas que possuía uma dinâmica própria e espaços públicos significativos para sua população.

Hoje, a maioria desses espaços, sejam os naturais, sejam os construídos pelo homem estão deteriorados: deixaram acabar a Ferrovia Madeira-Mamoré, o trem que nos conectava com a cultura boliviana e os extrativistas de Guajará-Mirim. O Mercado Cultural, que ficou fechado por mais de 40 anos, recebe poucos investimentos e poderá ficar sucateado. Até o portentoso Rio Madeira tem sofrido com as usinas e a reabertura do garimpo. Em 2014 a cidade sofreu uma grande enchente, influenciada tanto pelas usinas hidrelétricas de Santo Antonio e Jirau, quanto pelo aumento das chuvas. Em seguida apresentou baixa do volume de água e formação de bancos de areia, como notado no trecho rumo a São Carlos.

É preciso que o poder público tome providências urgentes para salvar as riquezas naturais de Porto Velho e faça investimentos para revitalizar o beira-rio e a praça da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, pois são pontos de referência importantíssimos da História de Porto Velho.

O samba é uma herança familiar, o herdamos de nossos pais, mães, avós e até mesmo de padrinho e amigo. O samba é lazer, diversão, válvula de escape da timidez e

do estresse. É alegria e elemento de agregação de amigos. Deve ser feito com responsabilidade social e qualidade técnica. O samba leva alegria e cultura.

O lugar central do Samba em Porto Velho é o Mercado Cultural e este é um lugar que espelha o samba portovelhense para o restante do país. Ernesto Melo, o Poeta da Cidade, é um dos principais responsáveis pela dinamização daquele espaço e pela divulgação da cultura e da história local, por meio de suas composições. Sua obra musical, performatizada pela Fina Flor do Samba têm um potencial pedagógico que precisa ser levado aos bairros e às pessoas que nem sempre tem condições acessá-la... É preciso desenvolver projetos sociais e o samba que produzimos, por ser um samba de raiz, de viés histórico, tem grande potencial para a educação cultural.

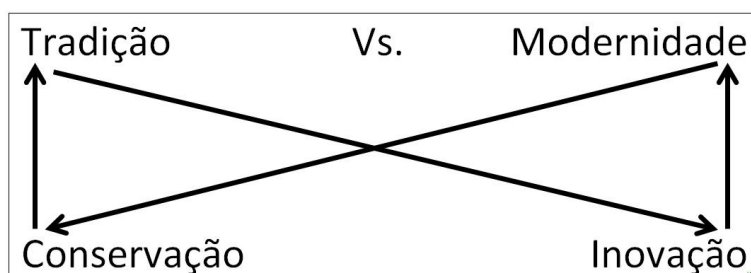
Embora o Mercado Central seja o lugar mais conhecido do samba em Porto Velho, o samba está disperso por vários pontos da cidade: o Mocambo é seu berço. O Santa Bárbara o revitaliza por meio de Dona Nazira, Bainha, Macumbinha e demais integrantes da Escola de Samba Asfaltão. O Caiari nos integra em seu delicioso café da manhã. O Bar do Calixto mantém a tradição e convive com os novos espaços que são abertos. O Bar do Vasco tem como líder o Seu Cristóvão, que há várias décadas nos convoca para o samba. O Bar do Pernambuco é pequeno, mas sempre nos acolhe com carinho. Esses bares nos acolheram quando não pudemos mais nos apresentar no Mercado, foram fundamentais para o samba não morrer. Na Zona Leste surgem novas casas e o público lota os ambientes! A cada dia surgem novos lugares e novos artistas talentosos, por isso o samba vai continuar! A força dos artistas e a força da cultura popular mantém o samba vivo. O poder público é omissivo, não fornece os recursos necessários, e isso impede que os músicos de excelência possam viver da música. Se houvesse suporte, faríamos um trabalho de qualidade muito melhor e que seria conhecido no Brasil todo!”

### ***4.3 Análise Semiótica do Discurso do Sujeito Coletivo***

#### **Nível Fundamental**

O sujeito coletivo enunciador do DSC acima apresentado é cidadão actante, experiente, que detém uma carga de conhecimentos e experiências típicas de quem habita a cidade, vivencia-a de modo afetivo e percebe as mudanças que têm sido impostas sobre suas formas e relações: “Em nome do “progresso” Porto Velho tem passado por transformações profundas, que têm afetado sua cultura, as relações sociais e o meio ambiente”. Tais transformações perpassam as diversas esferas da vida e são associadas a valores disfóricos: “há uma desvalorização dos talentos locais”, “vivencia-se relações de desrespeito entre mestres e alunos, desrespeito de filhos em relação aos pais, violência e consumismo”. Tais transformações expressam a Tradição e a Modernidade como pares de opostos, sendo que ao primeira termo se vinculam valores eufóricos: um tempo onde a cidade era melhor, as relações mais respeitadas e o meio ambiente era conhecido, suas ações previsíveis; e ao segundo se relacionam valores negativos, de destruição da ordem.

**Figura 7:** Quadrado Semiótico Tradição X Modernidade



Fonte: Tiago Lins de Lima, 2016.

Tradição e modernidade são, portanto, as categorias semânticas que estão na base da organização do DSC apresentado, os eixos em torno dos quais a narrativa se sustenta. Tal percepção marca tanto o DSC quando a maior parte das músicas que serão analisadas na sequência a este tópico.

### **Nível Narrativo**

Um olhar detido sobre a narrativa permite perceber seus elementos estruturantes: o destinador, sujeito coletivo, é cidadão residente em Porto Velho. Apresenta-se como sujeito actante: desempenha tanto a função de lembrar quanto a de narrar, e essas duas atividades se entrelaçam, se unem, dando a ilusão de ser uma coisa só, pelo fato de acontecerem praticamente ao mesmo tempo. A narrativa é de desventura.

Gradativamente, a degradação moral e material se mostra pelo discurso. As relações e as formas se deterioram em função das práticas ditas progressistas instaladas na cidade e no Estado de Rondônia. O antissujeito é o progresso, e esse tem muitos avatares, sendo um deles a Rede Globo de Televisão: “No que diz respeito às relações sociais vivenciam-se relações de desrespeito entre mestres e alunos, desrespeito de filhos em relação aos pais, violência e consumismo. A Rede Globo de Televisão é uma das difusoras desses novos valores e padrões de comportamento”.

A narração tem um propósito: convencer o poder público a tomar medidas de mitigação dos impactos sobre o meio natural e o meio construído de Porto Velho. Não há a intenção de retroceder no tempo, não se espera retomar a vida de antes e os valores de outrora, mas espera-se melhorar as qualidades do espaço, torna-lo mais acolhedor e promover a valorização da cultura e dos talentos locais: “É preciso que o poder público tome providências urgentes para salvar as riquezas naturais de Porto Velho e faça investimentos para revitalizar o beira-rio e a praça da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré”.

A forma de “manipulação” utilizada pelo destinador para tentar convencer o destinatário (políticos, sociedade, Academia) é a Provocação, marcada pela apresentação de uma imagem negativa da cidade: “[...] deixaram acabar a Ferrovia Madeira-Mamoré, o trem que nos conectava com a cultura boliviana e os extrativistas de Guajará-Mirim. O Mercado Cultural, que ficou fechado por mais de 40 anos, recebe poucos investimentos e poderá ficar sucateado. Até o portentoso Rio Madeira tem sofrido com as usinas e a reabertura do garimpo”.

A cidade é o objeto do amor do sujeito actante, de modo que tudo o que a afeta negativamente é visto como valor disfórico, e o principal agente dessas ações ou omissão é o próprio poder público: “O poder público é omissor”, constituindo-se em anti-herói, ao lado da “modernidade”. Apesar dos valores disfóricos estarem presentes, valores eufóricos se entropõem a eles, como os lugares que possibilitam a resistência do samba: “Embora o Mercado Central seja o lugar mais conhecido do samba em Porto Velho, o samba está disperso por vários pontos da cidade: o Mocambo é seu berço. O Santa Bárbara o revitaliza por meio de Dona Nazira, Bainha, Macumbinha e demais integrantes da Escola de Samba Asfaltão. O Caiari nos integra em seu delicioso café da



manhã. O Bar do Calixto mantém a tradição e convive com os novos espaços que são abertos. O Bar do Vasco tem como líder o Seu Cristóvão, que há várias décadas nos convoca para o samba. O Bar do Pernambuco é pequeno, mas sempre nos acolhe com carinho”.

O Programa Narrativo (PN) apresentado é de Privação, no qual o actante narrador vive a espoliação de seus lugares de memória, de sua cultura e dos valores morais com os quais congrega. Com base no PN se percebe que houve disjunção entre o narrador e a cidade. Persiste, contudo, o desejo de uma cidade melhor, um desejo possível de se efetivar se o destinatário (poder público) envidar esforços para protegê-la e valorizar seus atributos. Com base no texto, contudo, não se pode afirmar que o destinador tenha aceito, ou aceitará executar a ação, o que o configura como “sujeito não-realizado”, e por não cumprir o papel esperado sofrerá a sansão cognitiva: será desmascarado: “O poder público é omissivo, não fornece os recursos necessários”.

### **Nível Discursivo**

O Discurso do Sujeito Coletivo foi modalizado actancialmente como narrativa crítica, que compara elementos do passado com elementos da atualidade da cidade de Porto Velho. A história narrada tem tons de tragédia e a dissolução dos valores éticos e morais correm ao lado da degradação dos espaços físicos urbanos, ocasionados não pela força do tempo, mas pela má gestão dos políticos.

Expressa certo saudosismo do tempo em que havia relações mais respeitadas entre pais e filhos, professores e alunos e práticas mais conscientes de consumo e uso dos recursos naturais. Lamenta a deterioração de espaços públicos como a praça da Ferrovia Madeira-Mamoré e a orla do Rio Madeira no perímetro do centro urbano. Por outro lado, reconhece e valoriza os elementos que persistem desde o passado e que acolhem o samba e os sambistas: bares e bairros, como o Mocambo e o Caiari, e também pessoas, como Dona Nazira, a matriarca da Escola de Samba Asfaltão, Mestre Bainha, Seu Cristóvão e Seu Calixto, dentre outros. Tais espaços foram fundamentais para a manutenção do sujeito coletivo quando da interdição do Mercado Central:

interdição pelo incêndio, na década de 1960, e interdição por motivo de reforma em 2015<sup>4</sup>.

O sujeito é instituído por uma debreagem enunciativa: sujeito coletivo em primeira pessoa do plural: “vivencia-se”, “herdamos”. Sujeito que se coloca na cena da ação, narra a partir de sua experiência, e por ser coletivo, toma da coletividade sua força para a crítica, iniciando-a de modo imediado.

A temporalidade expressa é uma temporalidade contemporânea, atual, mas que se desdobra rumo ao passado para efetuar a comparação entre os elementos da vida urbana que tem se alterado com a instalação do programa da modernidade na Amazônia. Embora a Amazônia esteja na rota da modernidade desde o período colonial, a modernidade à qual o narrador se refere é mais recente, mas não menos impactante. Refere-se ao processo de expansão da fronteira agrícola do Brasil, realizado a partir da década de 1970, processo este que ocasionou migração desordenada, conflitos agrários e degradação socioambiental. Embora tenha havido maior presença do Estado e de seus aparelhos de governança nesse espaço a partir das décadas de 1970-1980, essa presença não foi suficiente por si só para impedir os impactos negativos. Corresponde a esse mesmo período a dispersão da televisão como meio de comunicação de massa, e da Rede Globo como principal canal televisivo, que veicula conteúdos ideológicos capazes de formar novas opiniões e divulgar novos valores e modos de vida.

No que diz respeito ao espaço, a figura da horizontalidade está presente no discurso: a degradação se espraia pela orla do rio, assim como se amplia a possibilidade de forjar uma nova cultura, a partir do samba. Tais possibilidades aumentam na medida em que cresce o número de casas de show, bares e casas de família que se abrem para acolher o samba, e na medida em que o próprio samba busca condições para sua realização: “ Na Zona Leste surgem novas casas e o público lota os ambientes! A cada dia surgem novos lugares e novos artistas talentosos, por isso o samba vai continuar!” E

---

<sup>4</sup> As histórias de vida e a música “Mercado Central, o clipe” apontam para a complexidade política que marcam esses eventos (incêndio e reforma), sugerindo que o incêndio foi criminoso e que a reforma de 2015 não aconteceu. Tais elementos nos dão base para falarmos, dessa forma, em interdição do espaço do Mercado Cultural. O que também evidencia a disputa de território entre os músicos e os gestores públicos.

ainda, o samba “É alegria e elemento de agregação de amigos. Deve ser feito com responsabilidade social e qualidade técnica. O samba leva alegria e cultura”.

No plano do discurso o samba é o veículo propício para levar essa nova cultura, necessária para a remodelação da cidade e suas formas de vida.

## **CAPÍTULO 5. Uma poética de Porto Velho em Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba**

No capítulo 3 apresentamos a musicografia e a análise semiótica de quatro canções de Ernesto Melo e a Fina For do Samba. No capítulo 4 tornamos públicas as histórias de vida dos integrantes do grupo musical, produzimos a partir delas o discurso do sujeito coletivo e o analisamos da perspectiva da semiótica textual. As análises do corpus documental da pesquisa foram, portanto, realizadas.

Neste capítulo estimamos fazer um apanhado das análises apresentadas nas seções anteriores e ampliá-las, respondendo acerca do problema da pesquisa, do alcance dos objetivos propostos e do lugar, para finalmente responder o que é Porto Velho na obra de Ernesto Melo e nas histórias de vida registradas. Com esta última operação almejamos dar visibilidade a uma poética da cidade.

A musicografia e as histórias de vida se revelaram uma via de mão dupla. As informações que nela trafegam são complementares, se explicam, se expandem, e em alguns momentos se confundem. Esboçam uma dialética entre o interno e o externo, a casa e a rua. Para Bachelard (1988, p. 23).

A casa, na vida homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano.

A rua, por sua vez é espaço aberto e sugere relações urbanas. Pode não ser acolhedora como a casa, mas é importante enquanto ponto de encontro e de vivência de um tipo de experiência que a casa não permite: a experiência da liberdade, da vida pública. A concepção de cidade expressa por Ernesto Melo se coaduna com a Dardel. Para o geógrafo (DARDEL, 2011, p. 28),

A cidade, como realidade geográfica, é a rua. A rua como centro e quadro da vida cotidiana, onde o hom

em é passante, habitante, artesão; elemento constitutivo e permanente. [...] realidade concreta, imediata, que faz do cidadão ‘um homem da rua’, um homem diante dos outros, sob o olhar de outrem, ‘público’, no sentido original da palavra.

Essa vida pública tem aromas próprios: “Cheirava a cachaça/Cheirava a desgraça/Cheirava a mulher” que podem ser apreciados de forma diferente pelos vários cidadãos. Para o poeta, apesar das mazelas sociais, da pobreza e da desorganização esse pode ser também um espaço de topofilia: “Mocambo, és o amor”.

A referência à “mulher”, na estrofe acima, desafia-os a pensar o fenômeno da prostituição a partir do confronto de quadros imagéticos e discursivos, uma vez que

O mundo social é uma realidade caleidoscópica, não podemos imaginar a existência social dos indivíduos reduzida a um único quadro ou dimensão de vida e de experimentação de mundo. Pelo contrário, os quadros que organizam e estruturam a experiência do mundo social são plurais e o indivíduo vê-se na contingência de gerir individualmente essa multiplicidade (COELHO, 2009, p. 6)

Embora não seja intenção deste estudo aprofundar essa discussão, compreende-se que a presença feminina no espaço público (espaço das ruas, dos bares, dos prostíbulos) é tradicionalmente mal vista por elementos representantes de ideologia patriarcal. Esta ideologia reforça, por discursos e atos, a subjugação feminina e a interdição de espaços e experiências para as mulheres. Não é essa a concepção do poeta, que de maneira sensível registra as condições de vida daquelas mulheres portovelhenses: mulheres sofridas, pobres, desvalorizadas. Mulheres a quem a cidadania plena foi negada, restringindo-se a aspectos meramente documentais: registro de nascimento, título eleitoral, certidão de casamento, e em alguns casos, “a carteira amarela” – documento que licenciava a prática da prostituição feminina, evidenciando o conflito do Estado em reprimir e autorizar essa prática social. Para muitas dessas mulheres indicadas na música não restou alternativa a não ser a prostituição como meio de sobrevivência econômica, persistindo a solidão e o vazio dos relacionamentos: “mulheres da vida, mulheres vazias, mulheres sem vida”. Subjaz esse discurso tanto a perspectiva de crítica aos limites do Estado em prover cidadania e oportunidades de trabalho e desenvolvimento pessoas às mulheres pobres, como também o discurso de vitimização dessas mulheres.

Por outro lado, outros quadros discursivos podem ser acionados: a presença dessas mulheres em espaços públicos culturalmente reservados aos homens, sua atuação e postura podem indicar também um ímpeto de subversão às normas e valores sociais do patriarcado e contraposição às interdições e violências, físicas ou simbólicas impetradas contra o gênero feminino.

Essas mulheres podem ser vistas como elementos que desafiam a ordem e a normalidade dos dias, apresentando-se de forma corajosa na cena pública. São mulheres que usam seu corpo como querem, exercem uma sexualidade mais livre do que outras mulheres, se arrumam, se perfumam, se embelezam e saem a público para expressar seu modo de ser. São detentoras de um capital simbólico diferenciado, que ora lhes traz admiração, ora lhes traz repulsa e preconceitos. São mulheres que seduzem, encantam, provocam, incomodam, consolam, riem que existem e se fazem notar.

A imagem da prostituição e das mulheres prostitutas não é estável e tem se alterado ao longo do tempo, ao passo em que também há a sobreposição de interpretações. Coelho (2009) explica que há pelo menos quatro grandes quadros ou matrizes discursivas que incidem sobre esse problema: o Mediático-ficcional, representado pelo cinema, a televisão e a literatura, o Jurídico-legal, que tanto tenta normatizar comportamentos e usos do espaço, como também reproduz concepções e valores cristalizados, o quadro dos Discursos Comuns, que caracteriza-se por crítica à sexualidade vivenciada fora do casamento e do ideal do amor, despreza e culpabiliza prostitutas, ao mesmo tempo em que deseja viver experiências sexuais diferentes, procurando por seus serviços, e o quadro dos Discursos das Ciências Sociais, quadro poroso, que articula tradições de pensamentos variados, ideologias e ação política.

A experiência de vida pública em geral é igualmente necessária e constituinte do sujeito, e há momentos em que ela é buscada ansiosamente: “procuro uma mesa de bar”. Mais do que isso, a vida urbana é um tipo de experiência que constitui o homem contemporâneo: “O homem é moldado na sua conduta, nos seus hábitos, nos seus costumes, suas ideias e seus sentimentos, por esse horizonte artificial que lhe viu nascer, crescer, escolher sua profissão” (DARDEL, 2011, p. 26).

A musicografia é linguagem que tem como tema central a cidade de Porto Velho, *lugar querido*, que nos conduz para uma geografia interior e intimista, que se revela como “caso de amor”. Ou como diria Dardel (2011, p. 5)

A linguagem explora a fronteira entre o mundo material, a ser descrito, o mundo simbólico, que é significado e “Na fronteira entre mundo material,

onde se insere a atividade humana, e o mundo imaginário, abrindo seu conteúdo simbólico à liberdade do espírito, nós reencontramos aqui uma geografia interior, primitiva, em que a espacialidade original e a mobilidade profunda do homem designam as direções, traçam os caminhos para um outro mundo [...]

Nesse sentido, a Porto Velho cantada é muito mais e muito menos que a Porto Velho vivida no cotidiano e é justamente essa fronteira intangível que dá beleza à obra de Ernesto Melo.

O caráter de continuidade é outra característica louvável da obra musical de Ernesto Melo, que segue criativo e dinâmico neste momento de maturidade. Outro ponto de destaque é que extrai do cotidiano e de memórias afetivas a seiva para sua produção artística. Essa vinculação com a história e a geografia vividas é assumida pelo compositor em sua entrevista e mesmo em algumas de suas músicas, como em Canto Novo: “Cantei porque tinha a missão de cantar/Eu tinha que valorizar o que o passado me deu”.

Um das marcas de maior destaque na obra musical em tela é a perseguição obsessiva a temas da história local, mas longe de cantar uma história oficial e sisuda, o poeta leva seus ouvintes e leitores a um passeio pela história periférica, marginal, a história dos bairros humildes e das pessoas comuns, heróis do cotidiano. Pessoas que seriam anônimas, sem voz e sem rosto, ganham nome e corpo na musicografia de Ernesto Melo, que se ergue como baluarte do samba.

Por outro lado, essa história cantada é fortemente vinculada ao espaço. Se passa em lugares concretos, que existem ou existiram na cena urbana de Porto Velho. É uma história espacialmente delimitada, uma história urbana, que trata dos bares, dos clubes e das festas, dos amores e das relações humanas que a cidade enseja e destrói, em sua dinâmica própria de expansão e urbanização.

Também canta lugares virtuais, imaginários, exercitando forças telúricas capazes de resistir ao tempo e à exploração humana, como em “Porto velho, meu dengo”, onde as belezas e virtudes do lugar são perenes e permanecem intocáveis, resistindo aos impactos das ações humanas. Porto Velho dispõe de uma atmosfera própria, sutil e difusa, imperceptível a olhos nus, mas apreendida na poesia. Essa atmosfera cativa e, ao mesmo tempo, estimula movimentos de horizontalidade e verticalidade, de passeio

contemplativo e de superação, fazendo brotar a espessura e a profundidade de sua matéria: o sonho, o desejo.

Nessa dialética entre o real e o irreal dizemos, com Bachelard (1988, p. 17) que uma “verdadeira cura de ritmanálise nos é oferecida pelo poema que tece o real e o irreal, que dinamiza a linguagem pela dupla atividade da significação e da poesia”.

Em alguns momentos esse lugar é aquático e de poderes quase que mágicos: “Seu rio, o belo Madeira, me traz o alimento na palma na mão”. Na poesia, o peixe vai ao encontro do homem sem necessitar da mediação de tecnologias de pesca. Homem e animal se encontram e o primeiro se serve do segundo em uma relação sagrada, colocando-se em comunhão com os seres aquáticos e os seres da floresta.

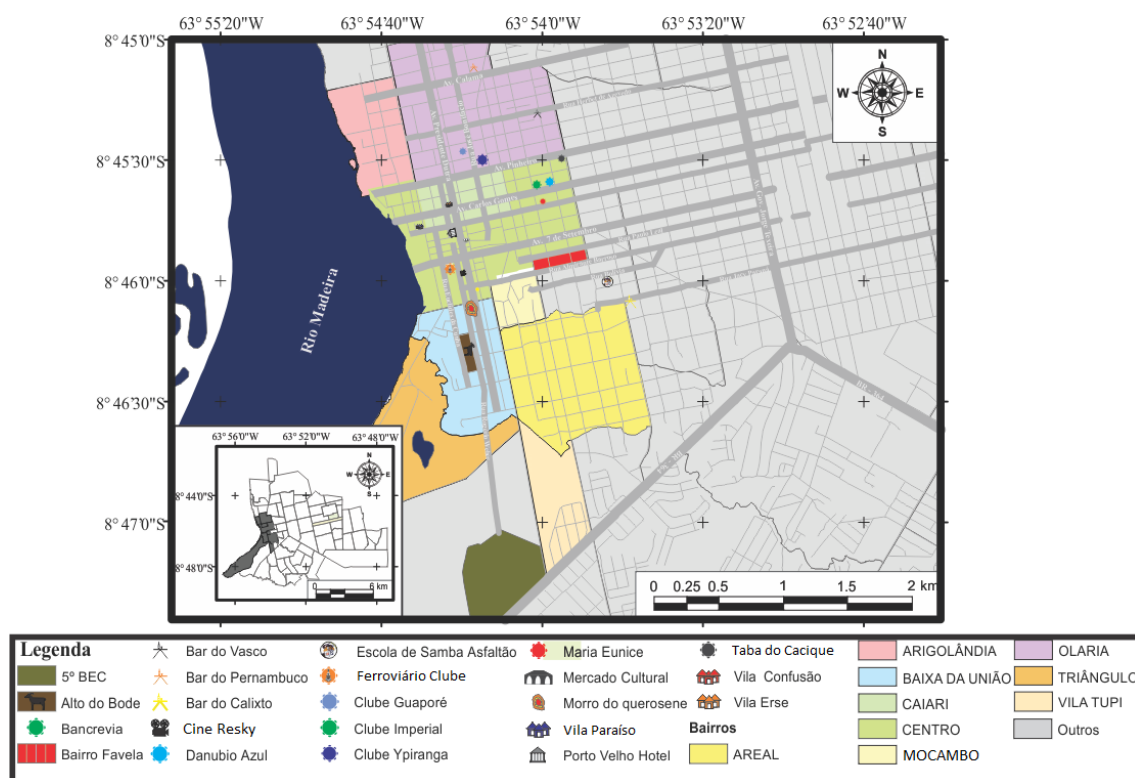
Esta vinculação com o espaço (geográfico, telúrico, aquático) revela a sabedoria de quem se sabe profundamente vinculado a Terra e se sabe chamado a se realizar em sua condição terrestre. Por isso prevalece a figura do boêmio, do poeta, do bamba, do transeunte. Esse espaço cantado/narrado é espaço da imaginação, e como explica Bachelard (1988, p. 18): “O espaço compreendido pela imaginação não pode ficar sendo o espaço indiferente abandonado à medida e reflexão do geômetra. É vivido. E é vivo não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação”.

Essa história cantada, em parte vivida, em parte inventada, recriada pela imaginação, se passa em espaços cujos referentes físicos estão em transformação, devido ao próprio processo de urbanização da cidade de Porto Velho. Nesse espaço móvel, de fronteiras tênues e “guetos” o poeta se desloca com desenvoltura, sobrepondo sua cartografia vivenciada no passado ao novo mapa urbano. É um passeio no tempo e no espaço e demonstra como espaços públicos, muitas vezes degradados pela inação do poder público e de pouco interesse para alguns, é apropriado e transformado em lugar, recebendo valores e cargas afetivas que comovem até mesmo quem não possui ligação com eles.

Dentre os espaços vivenciados e cantados, possuem ainda referentes físicos os seguintes: Mercado Central, Maria Eunice, Tábua do Cacique, Areal, Arigolândia, Baixa da União, Caiari, Centro, Mocambo, Olaria, Triângulo, Vila Tupi e 5º BEC, como podem ser vistos no mapa.



**Figura 8:** Mapa do samba em Porto Velho, 2017.



Fonte: Tiago Lins de Lima, 2016.

Alguns lugares cantados nas canções perderam referência física como os bairros Alto do Bode, Morro do Querosene e Favela, os clubes Bancrevia, Danúbio Azul, Guaporé, Imperial e Ypiranga, as vilas Paraíso e Confusão.

Onde era a Favela cantada na música de igual título hoje se localiza uma das áreas comerciais mais valorizadas da cidade (o perímetro que compreende as lojas Bemol, City Lar, Toca do Coelho, Loja de Revistas Central e Colégio Classe A).

O Alto do Bode localizava-se nas imediações de onde hoje é o terminal urbano de Porto Velho no bairro Baixa da União. O nome se deu pela interpretação popular da sonoridade da língua inglesa falada pelos negros barbadianos, trabalhadores da estrada de ferro.

O Morro do Querosene localizava-se praticamente ao lado do Alto do Bode, sendo também habitado por trabalhadores braçais da manutenção e construção da EFMMM.

A Vila Confusão era comandada pelo sambista Bola Sete, que segundo Ernesto Melo se tratava de um negro forte que botava ordem na confusão do lugar. Ela ficava onde é hoje a galeria Lacerda, na Avenida Sete de Setembro.

A Vila Erse situava-se onde é hoje a Casa de Cultura Ivan Marrocos, no cruzamento entre as avenidas Carlos Gomes e Presidente Dutra. O local abriga um encontro mensal de sambistas e moradores do bairro Caiari, geralmente vinculados ao bloco de carnaval “Pobres do Caiari”.

O mapa acima apresentado cumpre ao objetivo de número 1 da pesquisa, que tratou de investigar quais lugares cantados/vividos pelos artistas ainda possuem referente físico, e mapeá-los.

Esses lugares cartografados são hoje lugares de memória, apresentados como monumentos ao samba em função do tipo de relações que abrigou em seu passado. O lugar que ocuparam, a “terra” onde foram edificados é elemento de identidade, de tomada de consciência, de ação poética e política. Isso porque sua base é a Terra, e esta

[...] como base, é o advento do sujeito, fundamento de toda consciência a despertar a si mesma; anterior a toda objetivação, ela se mescla a toda tomada de consciência, ela é para o homem aquilo que surge no ser, aquilo sobre o qual ele erige todas as suas obras, o solo de seu hábitat, os materiais de sua casa, o objeto de seu penar, aquilo a que ele adapta sua preocupação de construir e de erigir” (DARDEL, 2011, p. 41).

Assim, é compreensível porque o espaço é o elemento base da criação poética de Ernesto Melo e porque o espaço de Porto Velho se converte em lugar, sede de afetividades. Esse lugar aos poucos adquire contornos femininos e passa a ser apresentado como “cidade”.

O DSC evidenciou que o narrador do discurso coletivo apresenta-se como cidadão actante, experiente, que conhece a cidade e a vivencia de modo afetivo. Como cidadão crítico compreende os processos de transformação da cidade, os jogos de poder nos quais está inscrita, os objetivos e lógicas que prevalecem, mas como amante da cidade, sofre as dores de vê-la objetificada para atender a esses interesses, descaracterizada em suas formas, ferida em sua dignidade. A cidade é ser com que se relaciona, mulher e mãe, terra querida que se tem como berço e se quer como túmulo:

Sou de Porto Velho, não gosto que falem mal de minha cidade. Reconheço os problemas, mas nunca falo mal de Porto Velho, porque amo essa terra! Passeio por outros Estados, aprecio a beleza do Nordeste, mas daqui não me

mudo, vou morrer aqui. Vou ser enterrado lá no Cemitério dos Inocentes, lá no Mocambo, onde eu comia manga. Vou ser enterrado lá! (Orismilde Miranda – entrevista concedida a Tiago Lins de Lima, 2017).

Encantos e belezas desse lugar têm se perdido em função de projetos econômicos, como o de construção das usinas hidrelétricas do Rio Madeira,

Em Porto Velho e adjacências conheci muitos espaços bonitos, com os quais desenvolvi uma relação de afetividade, de apreciação estética, lugares lindos em que me senti muito bem! Antes da construção da hidrelétrica de Santo Antônio costumava ir muito à Cachoeira de Santo Antonio, aquele lugar era uma beleza e gostava de ir e contemplar (William Coimbra – entrevista concedida a Tiago Lins de Lima, 2017).

As transformações impostas sobre a cidade expressam o par semântico de opostos Tradição e a Modernidade, sendo que ao primeiro termo se vinculam valores eufóricos: um tempo onde a cidade era melhor, as relações mais respeitadas e o meio ambiente era conhecido e previsível, e ao segundo se relacionam valores negativos, de destruição daquela ordem. A destruição da ordem é desordem e caos, perda de referentes e desafios à identidade.

Quando chegou o BEC – Batalhão de Engenharia e Construção, em 1964 para 1965, ele cortou a cidade em várias ruas, atravessou terrenos, mudou os nomes... Onde hoje é a Rua Rogério Weber, era a Rua Norte Sul. Onde é a praça havia casas, que o BEC cortou, destruiu quartos, cozinhas... Derrubou tudo para fazer a estrada, a rua que hoje leva o nome do filho do comandante... O “progresso” foi acabando com o Alto do Bode, com o Morro do Querosene, inclusive essas enchentes que acampam naquele local, ali próximo do Tribunal de Justiça podem estar relacionadas a essas intervenções.

[...] Então é esse “progresso” que veio aqui para a gente. O nosso jovem, antes desse, duas gerações pra trás ou uma geração pra trás, começou a ver a Globo tanto quanto via o filho do seu João... A Rede Globo é carioca e paulista... É muito abrangente, chega a todos os lugares e tem construído referências que não são as nossas, não condizem com o nosso espaço, com as nossas necessidades, com o modo de vida amazônico. Tem criado desejos de consumo de coisas que não são realmente necessárias, tem antecipado experiências... (Ernesto Melo – Entrevista concedida a Tiago Lins de Lima, 2016).

As “profecias de progresso” trouxeram consigo promessas de desenvolvimento e para que estas pudessem se cumprir (ao menos para alguns) foi preciso perceber a Terra como simples matéria, passível de ser moldada para atender aos interesses humanos. Nesse processo, ela perdeu seu sentido original:

A Terra, como realidade circundante, é destituída de seu papel original; ela não é mais experimentada como presença, e, a partir desse fato, perdeu sua ‘alma’; enfim, ela foi dessacralizada, pronta para uma concepção objetiva e material por parte do homem (DARDEL, 2011, p. 67)

Os usos políticos do espaço são denunciados tanto na musicografia quanto no DSC como elementos de descaracterização e impactos ambientais negativos:

Morro do querosene veio abaixo  
O Alto do Bode hoje é baixo  
e nem tem Baixa da União  
Madeira-Mamoré só por pirraça  
calou a maria-fumaça  
ferindo o meu coração (Exaltação ao Triângulo, Ernesto Melo)

As alterações no relevo são apontadas por Ernesto Melo, em sua entrevista, como um dos fatores possíveis para as enchentes que o Triângulo sofre anualmente.

Outros impactos ambientais são problematizados por Sirnei:

Em minhas pescarias observei que o Rio Madeira já mudou bastante, praias já desapareceram, como a praia do Belmont. Muitas pedras e cachoeiras foram explodidas para a construção das usinas e tem ainda o trabalho dos garimpeiros. [...] A cachoeira de Santo Antônio, com a chegada da usina também foi destruída. Eu gostava muito da cachoeira, muito mesmo! Andei muito por lá, à noite, de madrugada, a qualquer hora a gente pescava. Os lugares onde eu mais gostava de pescar eram o Teotônio, Santo Antônio e a praia do Belmont. Esses lugares já não existem mais, pouco antes da enchente vi que colocaram dinamite e explodiram as pedras, ficou um lugar muito feio, desolado. Eles explodiram em busca de diamantes, mas acho que se havia alguma pedrinha de diamante lá ela rolou para o rio e sumiu... Não encontraram nada. A mesma coisa que aconteceu com o Belmont vi acontecer com a Prainha, que ficava antes da usina de Santo Antônio: se tornou só crateras, buracos horríveis deixados pelos garimpeiros. Isso me deixou tão triste! (Sirnei da Silva Ferreira. Entrevista concedida a Tiago Lins de Lima, 2015).

Esses impactos causam grande comoção às pessoas do lugar, que mantinham uma relação cotidiana e intensa com esses lugares. No caso de Sirnei, essa relação é ecológica: ele se alimentava dos peixes pescados no rio ou no lago e lá encontrava o refúgio para seus devaneios, tristezas e meditações. Agora que esses espaços foram destruídos, a desolação do ambiente se reflete também no rosto do homem. Só quem viveu tal tipo de relação e desenvolveu tal tipo de topofilia pode compreender a tristeza relatada e expressa no rosto do músico Sirnei.

A maioria dos lugares de vida dos músicos foi destruída ou fortemente descaracterizada. Diante disso, é uma necessidade de sobrevivência psicológica cantá-los, dimensioná-los em imagem poética, fazê-los existir no sonho, na memória. E nesse sentido, o samba é o recurso que cadencia a imaginação poética sobre esses lugares. É o

elemento que promove o movimento dialético na extensão entre o interno e o externo, o vivido e o lembrado, o real e o desejado. O samba, assim como o sonho é a matéria-prima da criação poética de Ernesto Melo, e mais do que isso, é ele que mune os artistas com a força de resiliência e continuação.

As relações estabelecidas entre os músicos do grupo e o samba são variadas e complementares. O samba é visto como forma de ampliação ou obtenção de renda, como meio para extravasar o estresse, como necessidade criativa, como forma de educação cultural, como resistência popular, como podemos observar nos excertos das histórias de vida:

Cantar e tocar sempre me ajudou nas épocas em que estive desempregado. [...] Quando estava sem emprego, isso me ajudava muito, até hoje ajuda. Às vezes a gente está aperreado, sai tocando por aí e recebe alguma coisa... (Sirnei da Silva Ferreira. Entrevista concedida a Tiago Lins de Lima, 2015).

Com a música a gente consegue desviar o pensamento de um monte de coisa ruim. A música é hoje onde descarrego a minha bateria, a energia ruim da semana inteira... Todo o estresse que acumulo, quando chega sexta-feira eu o descarrego na apresentação da Fina Flor do Samba, no Mercado Cultural (Ênio Ricardo. Entrevista concedida a Tiago Lins de Lima, 2016).

É preciso desenvolver projetos sociais e o samba que produzimos, por ser um samba de raiz, de viés histórico, tem grande potencial para a educação cultural (Francisco Lobo. Entrevista concedida a Tiago Lins de Lima, 2016).

Porto Velho ocupa lugar central na obra de Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba, e Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba ocupam lugar de destaque na cena musical urbana desta cidade, sendo bastante apreciada por seus fãs. No entanto, o grupo sente que o poder público é omissivo em apoiar suas atividades e prefere utilizar recursos públicos para trazer artistas e grupos de fora, quando poderia investir na melhoria das condições de desenvolvimento dos artistas locais.

Os objetivos propostos foram alcançados, uma vez que a diversidade e qualidade do *corpus documental* deram base tanto para o mapeamento dos lugares do samba (registrado na figura 7) quanto para a percepção das formas como a música é percebida e apropriada pelos músicos entrevistados.

O trabalho disponibiliza informações inéditas e vasto material de caráter qualitativo, capaz de contribuir para a compreensão do samba em Porto Velho, assim como para a compreensão de como Porto Velho é dimensionada poeticamente por Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba. É estudo recomendado para estudiosos da Geografia Cultural e da História de Porto Velho, mas também para o leitor comum, que se interesse genericamente por samba.

Para trabalhos posteriores recomenda-se analisar a circulação das composições entre os vários sambistas e os vários grupos de samba da cidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba presenteiam-nos com uma obra musicalmente agradável e instigadora do ponto de vista geográfico, uma vez que os processos de transformação espacial desenvolvidos na cidade Porto Velho são tema recorrente em sua musicografia. O grupo é formado por músicos de etnias, idades, profissões e condições socioeconômicas variadas. O talento musical e a topofilia por Porto Velho é o que possuem em comum. Tais habilidades e sentimentos se expressam em uma poética da cidade.

A obra de Ernesto Melo faz um diálogo com a História e a Geografia, não em suas versões acadêmicas, mas em suas versões populares e empíricas. A geografia expressa nas canções do sambista é uma geografia concreta, vivida e que expressa a admiração do homem pela terra, bem como sua frustração quando vê seu espaço de vida destruído ou modificado até quase não ser possível seu reconhecimento. A história cantada é, sobretudo, a das pessoas comuns, trabalhadores humildes, amores perdidos, prostitutas e boêmios. Os eventos musicados não são os grandes eventos, mas a vida cotidiana, provinciana, oprimida, e que se reinventa a cada dia. Ernesto considera esta vida provinciana “pura poesia” e vê beleza onde a maioria só enxerga desordem e pobreza. Canta o Mocambo, a Favela, a Olaria, os botecos onde é possível tomar cachaça e se esquecer da dor.

Neste trabalho buscamos compreender a relação entre lugar e memória estabelecida na obra do grupo musical Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba. Compreendemos que, embora a problemática das transformações espaciais seja um dos

temas de maior recorrência na obra, a maioria desses espaços é concebida tanto na musicografia quanto nos discursos dos entrevistados como *lugar*, a categoria de análise geográfica que aponta para relações afetivas, de pertencimento e identidade. As experiências vivenciadas nesses espaços e as avaliações realizadas posteriormente, em relação a eles e ao tipo de vida que se levava foram decisivas para que fossem considerados como tal.

As transformações nas formas naturais e nas formas construídas foram relacionadas, tanto na musicografia quanto no DSC como resultantes da “modernidade” e do “progresso”. Esses dois elementos são vistos como inevitáveis, e em alguns casos, até como irreversíveis. Pesam sobre eles uma crítica que se desdobra em duas vias: uma aponta para os danos ambientais decorrentes de seus processos, e a outra para a descaracterização dos espaços e das formas de vida tradicionais, com destaque para a sociabilidade boêmia. A segunda via encontrou maior aderência nas músicas, e a primeira, nas histórias de vida dos colaboradores. Ainda assim, é possível afirmar que impactos socioambientais são mencionados nos dois conjuntos documentais, como as alagações do Triângulo, por exemplo.

O trabalho analítico nos possibilitou confirmar a hipótese de que a música produzida por Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba é uma forma de edificar como “monumentos da memória” (NORA, 1993) os lugares de Porto Velho que foram marcantes nas experiências individuais e coletivas do grupo.

Os lugares de memória de maior destaque para o grupo são o Mercado Central e a praça da ferrovia Madeira-Mamoré, em Porto Velho. O primeiro foi inaugurado oficialmente em 1950 (embora já existisse antes disso) e pegou fogo em 1966, sendo este episódio relacionado no imaginário popular com a ação dos próprios militares, que realizavam à época um conjunto de obras para a “modernização” da cidade de Porto Velho, visando a maior eficiência no controle social.

As relações de topofilia registradas foram várias. Há os que consideram como lugar a casa onde vivem, a casa materna, espaços naturais, como o Lago Maravilha e até mesmo espaços públicos como o Mercado Central.

O lugar considerado como principal reduto do samba em Porto Velho foi o Mercado Cultural, e este foi territorializado por Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba,

que lhe conferiram maior dinâmica e agregação social. Embora o samba tenha encontrado no Mercado Cultural um bom espaço para se apresentar, faltam recursos e infraestrutura. Não há um palco fixo, nem sistema de iluminação adequado e a aparelhagem de som é, na maioria das vezes, paga pelos próprios músicos e pelo público que se dispõe a contribuir com a “caixinha”. O descaso para com o Mercado, em particular, e o samba em geral, é visto de modo negativo pelos integrantes da Fina Flor do Samba e se destaca no DSC. É considerado um obstáculo à profissionalização e a excelência. Mas não só o samba e o Mercado Cultural são vistos como bens negligenciados pelo poder público: a própria cidade é percebida como vítima de ações ou inações dessa ordem. A paixão pela cidade e a defesa de seus interesses se confunde, em raros momentos, com bairrismo e estereótipos em relação às pessoas que vieram de fora, mas não é esta a ideia passada pela obra de Ernesto Melo, que reconhece a pluralidade étnica na formação de Porto Velho e do Estado de Rondônia.

Apesar das dificuldades o samba se horizontaliza pela cidade, sem deixar de ocorrer em seus espaços mais tradicionais: os bairros Mocambo, Caiari e Santa Bárbara. Bares como o do Vasco, o do Pernambuco e do Calixto conservam a tradição de abrigar rodas de samba, e quando as portas do poder público se fecham, a desses bares permanecem abertas.

O samba é resistência popular e é a forma encontrada por Ernesto Melo e a Fina Flor do Samba para edificar os lugares que são caros às suas memórias, lugares que de alguma forma os constituem como sujeitos. Se os processos de urbanização tendem a descaracterizar e mesmo destruir determinados lugares, o samba os consagra e mantém vivos, como monumentos da memória. Quem quiser conhecer sobre a geografia e a história de Porto Velho pode utilizar a musicografia de Ernesto Melo como guia e terá uma leitura alternativa, sensível e rica em detalhes da cidade passada e da cidade contemporânea. Nesse sentido, pode-se afirmar que a obra em análise é em grande parte biográfica e expressa um conhecimento geográfico empírico de quem caminhou pela cidade, viveu na cidade, palmilhou suas ruas e becos, conheceu as noites e os dias de seus bairros e é testemunha de suas transformações.

Esperamos que este trabalho contribua com a ampliação do conhecimento geográfico na sua dimensão local, cultural e sensível, bem como para a valorização do



samba e o reconhecimento da sofisticada obra de Ernesto Melo, que muito bem se expressa em termos e ritmos populares.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, G. C. C. de; REIS JUNIOR, D. F. da C. As representações sociais no espaço geográfico. **Geo Temas**, Rio Grande do Norte, Brasil, v 2, n. . 1, p. 87-98, jan./jun., 2012.

ALMEIDA SILVA, A. Territorialidades, identidades e marcadores territoriais Kawahib da Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau em Rondônia. 1. ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2015. v. 1. 308p .

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Tradução de Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Abril, 1988. (Coleção Os pensadores).

BARBOSA, X. C. **Território e saúde: políticas públicas de combate à dengue em Porto Velho/RO, 1999-2013**. Tese de doutoramento. Curitiba: UFPR, 2015.

BARBOSA, F. H. **Experiência e memória: a palavra cantada e a palavra contada de um nordestino na Amazônia**. Tese, Universidade de São Paulo-USP, Departamento de História, Doutorado em História Social, 2001.

BONOMI, A. **Fenomenologia e estruturalismo**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BUTTNER, A. **Aprendendo o dinamismo do mundo vivido**. In: Perspectivas da Geografia. Antonio Carlos Cristofolletti (org.). São Paulo, Difel, p.165-193. 1985.

CAETANO, A. O Samba no Ensino de Geografia. **Ensaio de Geografia**, v. 3, n. 5, p. 90-106, 2014.

CARLOS, A. F. A. O lugar no/do mundo. São Paulo: FFLCH, 2007. Disponível em: < [http://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/O\\_lugar\\_no\\_do\\_mundo.pdf](http://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/O_lugar_no_do_mundo.pdf) >. [acesso em 09/01/2017].

\_\_\_\_\_, A. F. O lugar: mundialização e fragmentação. In: SANTOS, Milton *et al.* (orgs.). **O novo mapa do mundo: fim de século e globalização**. São Paulo: HUCITEC, 15-22, 1993.

CASSIRER, E. **Ensaio sobre o homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CASTRO, D. de. **Heitor Villa-Lobos: a Espacialidade na Alma Brasileira**. Dissertação de Mestrado dirigida por Roberto Lobato Corrêa. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

\_\_\_\_\_, D. de. Geografia e música: a dupla face de uma relação. **Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro n. 26, p.7-18, Jul/Dez, 2009.

CLAVAL, P. Do Olhar do Geógrafo a Geografia Como Estudo do Olhar dos Outros. Conferência Proferida no IV Simpósio Nacional Espaço e Cultura. Rio de Janeiro: UERJ . Outubro de 2004.

\_\_\_\_\_, P. Reflexões sobre a geografia cultural no Brasil. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 7-29, Ago/Dez, 1999.

\_\_\_\_\_, P. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: EDUSC, 1999.

COELHO, B. Olhar os quadros que nos enquadram a visão: perspectivas teóricas sobre a prostituição e as prostitutas. **CIES e-Working Papers**, 2009.

CORRÊA, R. L. **Carl Sauer e a Escola de Berkeley: Uma Apreciação**. In Matrizes da Geografia Cultural, org. Z. Rosendahl e R.L. Corrêa. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001.

\_\_\_\_\_, R. L.; ROSENDAHL, Zeny. A geografia cultural no Brasil. **Revista da ANPEGE**, v. 2, n. 2, p. 97-102, 2005.

\_\_\_\_\_, R. L. **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

\_\_\_\_\_, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Cinema, Música e Espaço**. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

\_\_\_\_\_, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Geografia, literatura e música popular: uma bibliografia**. Disponível em: <<http://www.nepec.com.br/biliolobat2.htm>>. [acesso em 09/01/2016].

\_\_\_\_\_, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Espaço e cultura**: Pluralidade temática. EdUERJ, 2008.

\_\_\_\_\_, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). Introdução à Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). Matrizes da Geografia Cultural. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

\_\_\_\_\_, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). Geografia Cultural – Um Século (3). Rio de Janeiro, EDUERJ, 2002.

\_\_\_\_\_, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). Paisagens, textos e identidades. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

CORREIA, M. A. **Representação e ensino, a música nas aulas de geografia**: razão e emoção nas representações geográficas. Dissertação de Mestrado dirigida por Salete Kozel. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2009. Disponível em <http://tinyurl.com/3e8ltoz>>. [Acesso em 15/11/2015].

COSGROVE, D. Geografia Cultural do Milênio. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (org): Manifestações da Cultura no Espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, pp.17-46, 1999.

\_\_\_\_\_, D. **Mundos de significados**: geografia cultural e imaginação. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Geografia cultural: um século (II). Tradução de Tânia Shepherd. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2000. p. 33-60.

COSTA, H. **Na Cadência do Samba**. Rio de Janeiro: Novas Direções, 2000.

COSTA, J. C. **Segregação espacial e música eletrônica**: a cena cultural de Salvador e Camaçar. Dissertação de Mestrado dirigida por Maria Auxiliadora. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2010.

CRISTOFOLETTI, A. As características da nova geografia. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, p. 71-101, 1982.

DARDEL, E. **O Homem e a Terra**: a natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DARTIGUES, A. **O que é fenomenologia**. São Paulo: Moraes, 1992.

- DOZENA, A. **As territorialidades do samba na cidade de São Paulo**. 2010. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- DUNCAN, J. **Place**. In: JOHNSTON, R. J. et al. *The dictionary of human Geography*, Oxford: Blackwell Publishers, 1994.
- \_\_\_\_\_, J. O supraorgânico na Geografia Cultural americana. **Espaço e Cultura**, 13, 2002.
- ENTRIKIN, J. N. Place and region. In: **Progress in Geography**, 21 (12): 263-8,1997.
- FERNANDES, D. "E fez-se o samba": Condicionantes intelectuais da música popular no Brasil. **Latin American Music Review**, v. 32, n. 1, p. 39-58, 2011.
- FERREIRA, L. F. Acepções recentes sobre o conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano V, n" 9, pp. 65-83, jul./dez., 2000.
- FRANÇA, M. C. **Pequenos centros paulistas de função religiosa**. Universidade de São Paulo, Instituto de Geografia, 1975.
- FRANGELLI, P. A geografia da religião no Brasil: intelectuais pioneiros, propostas e metodologias de estudo. **Espaço e Cultura** - UERJ, Rio de Janeiro, N. 31, P.40-65, Jan./Jun., E-ISSN 2317-4161, 2012.
- FURTADO, E. L. M. **A influência do banco mundial nas políticas educacionais**. Revista científica eletrônica de pedagogia. Garça –São Paulo. Ano VI. n. 12. jul./dez.2008.
- GIL FILHO, S. F. Espaço de representação: uma categoria chave para a análise cultural em geografia. **I-Encontro Sul-Brasileiro de Geografia**, 2003.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice/ Revista dos Tribunais, 1990.
- HARVEY, D. From space to place and back again. In: **Justice, nature and the geography of difference**. Oxford: Blackwell, 291-326, 1996.
- HEIDEGGER, M. **Os problemas fundamentais da fenomenologia**. Ed. Vozes, 2012.
- HOLZER, W. O lugar na geografia humanista. **Revista Território**. Rio de Janeiro. Ano IV, n. 7. p.67-78.jul./dez. 1999.

- HALL, S. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- HUSSERL, E.; MORÃO, A. **A Ideia da Fenomenologia**. Rio de Janeiro: Edição 70, 1990.
- KOZEL, S. *et al.* (orgs.). **Da Percepção & Cognição à Representação. Reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Margem, Curitiba: NEER, 2007;
- \_\_\_\_\_, S. Representação do espaço sob a ótica dos conceitos: mundo vivido e dialogismo. In: **Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos: Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças - Espaço de Socialização de Coletivos**. Porto Alegre, 2010.
- LEFEBVRE, H. **La presencia y la ausencia: contribución a la teoría de la representaciones**. México: Fondo de Cultura Economica, 1983.
- LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C; TEIXEIRA, J. J. V. **O Discurso do Sujeito Coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa**. Caxias do Sul: EDUCS, 2000.
- LIMA, A.; KOZEL, S. Lugar e mapa mental: uma análise possível. **Geografia** - v. 18, n. 1, jan./jun. 2009 – Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Geociências. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/> Acesso em 12/05/2015.
- LIMA, T. L.; SILVA, J. C. Geografia e música: uma análise geográfica em Porto Velho. **Anais do XVIII Encontro Nacional de Geógrafos**, São Luiz, 2016.
- LIRA NETO. **Uma História do Samba: as origens**. Vol 1. São Paulo: Cia da Letras, 2017
- MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial. O homem unidimensional**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1966.
- MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2005.
- MERRIFIELD, A. **Place and space: a Lefebvrian reconciliation**. Trans. Br. Inst. Geogr. N.S. 18,516-31, 1993.

- MIKESELL, M. **Tradition and Innovation in Cultural Geography**. Annals Assoc. Amer. Geogr. 68(1), 1-16, 1978.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Proj. História*, São Paulo, (10), dez, 1993.
- OAKES, T. Place and the paradox of modernity. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 87, n. 3, p. 509-531, 1997.
- POLLAK, M. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- RATTS, A. J. As etnias e os outros: as espacialidades dos encontros/confrontos. **Revista Espaço e Cultura**, p. 77-88, 2004.
- REUTER, Y. A Análise da Narrativa: o texto, a ficção e a narração. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.
- RISÉRIO, A. **Caymmi: uma utopia de lugar**. COPENE, 1993.
- PANITZ, L. M. Por uma Geografia da música: um panorama mundial e vinte anos de pesquisas no Brasil. **Para Onde!?**, v. 6, n. 2, p. 1-10, 2012.
- PINTO, S. R. M. **Na roda de samba eu sou bacharel: análise de 21 canções de Noel Rosa**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2011.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- \_\_\_\_\_, M. *et al.* (orgs.). **O novo mapa do mundo: fim de século e globalização**. São Paulo: HUCITEC, 15-22, 1993.
- SCHAFFER, R. M. A afinação do mundo. São Paulo: **UNESP**, v. 38, 2001.
- SERPA, A. (org.). **Espaços culturais – vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- SILVA, M. G. S. N. **O espaço ribeirinho**. São Paulo: Terceira Margem, v. 2, 2000.
- SILVA, *et al.* **Uma viagem ao mundo dos Pykahu – Parintintin**. São Paulo: Paco, 2017.
- SILVA, J. C. **Cuniã: mito e lugar**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH/USP, 1994.

SILVA, G. H. de A. **O espaço vivido da cantoria nordestina em Porto Velho-RO.** Porto Velho: PPGG, 2009.

SILVA, J. C.; KOZEL, S.; GIL FILHO, S. F. FILIZOLA, R. (Orgs.). Expedição Amazônica: Desvendando espaço e representações dos festejos em comunidades amazônicas - **A festa do boi-bumbá: um ato de fé.** 01. ed. Curitiba: SK, 2009. v. 01. 345p .

SILVA, J. C.; KOZEL, S.; GIL FILHO, S. F. (Org.). **Cultura Espaço e Representação:** Mundos em Transformação. 1. ed. Curitiba: SK, 2009. v. 1.

SILVA, J. C.; KOZEL, S. (Org.) ; GIL FILHO, S. F. (Org.). Da Percepção e Cognição à Representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista. 01. ed. Curitiba: Terceira Margem, 2007. v. 01.

VON SIMSON, O. R. de M. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. **Arquivos Fontes e Novas Tecnologias: questões para a história da educação.** Campinas: Autores Associados, p. 63-74, 2000.

SOUZA, M.I.S. **Os empresários e a educação:** o IPES e a política educacional após 1964. Petrópolis: Vozes, 1981.

TATIT, L. **Análise semiótica através das letras.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

\_\_\_\_\_, L. **Musicando a semiótica:** ensaios. São Paulo: Annablume, 2010.

TORRES, M. A; KOZEL, S. Paisagens Sonoras: possíveis caminhos aos estudos culturais em geografia. **Raega-O Espaço Geográfico em Análise,** v. 20, 2010.

TUAN, Y-Fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente, (Tradução de Livia de Oliveira) Londrina: Eduel, 2012.

\_\_\_\_\_, Y-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

\_\_\_\_\_, Yi-Fu. Place: an experiential perspective. **Geographical Review,** p. 151-165, 1975.

\_\_\_\_\_, Yi-Fu. Space, time, place: a humanistic frame. **Timing space and spacing time,** v. 1, p. 7-16, 1978.



TROTTA, F. **O samba e suas fronteiras**: “Pagode romântico” e “samba de raiz” nos anos 1990. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

VIANNA, H. **O mistério do samba**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.:Ed. UFRJ, 2002.

VILA, M. **Kizombas, andanças e festanças**. 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.